

Claude Piron

O Desafio das Línguas



Da má gestão ao bom senso

Copyright © Claude Piron
Tradução e adaptação: Ismael Ávila

Capa: Nações Unidas (Genebra) (foto: Benoit Newton)

Piron, Claude

O Desafio das Línguas: da má gestão ao bom senso
Claude Piron / Tradução e adaptação de Ismael M. A. Ávila. –
Campinas, SP.
Terceira edição revisada e atualizada: setembro de 2024.

Título original: *Le défi des langues: du gâchis au bon sens*. (1994)

ISBN 2-7384-2432-5

Título da primeira edição brasileira: O desafio das línguas: da má gestão ao bom senso. (2002)

ISBN 85-7113-160-0

1. Comunicação internacional 2. Comunicação linguística 3. Tradução e interpretação 4. Linguagem e línguas 5. Línguas internacionais
I. Título.

CDD-400

Índices para catálogo sistemático:

1. Línguas e linguagem 400

Apresentação

Para enfrentar os inúmeros problemas causados pela barreira das línguas, nossa sociedade se vale de paliativos que levam a resultados de precária qualidade. O autor, com uma sólida e bem documentada argumentação, aborda a questão da comunicação linguística internacional como um consultor incumbido de reorganizar uma empresa mal gerida, que busca determinar os pontos de desperdício e ineficiência, e compara, em termos da eficácia, justiça e comodidade, as diversas soluções empregadas para superar a barreira das línguas. A obra nos revela o interesse ignorado de uma proposta cujos atributos permitiriam melhorar sensivelmente a situação, preservando a riqueza linguística de um mundo no qual a maior parte dos povos tem dificuldade em proteger seus valores face à pressão cultural anglo-saxônica.

Sobre o autor

Claude Piron foi psicólogo, psicoterapeuta, poliglota e professor de línguas, inclusive na Universidade de Genebra. Em sua corajosa abordagem da questão da linguagem e da comunicação internacional, Piron adotou uma análise multidisciplinar que parte da perspectiva de quem vivenciou, durante muitos anos e nos quatro cantos do mundo, as diversas dificuldades e limitações das soluções utilizadas para vencer a barreira das línguas, tanto nos serviços linguísticos da ONU e da OMS, onde trabalhou como tradutor e revisor, quanto em várias outras partes do mundo, inclusive em campos de refugiados, onde atuou como voluntário. Piron é autor de muitos artigos sobre o tema, e seus pontos de vista são condensados nesta obra, originalmente publicada na França em 1994.

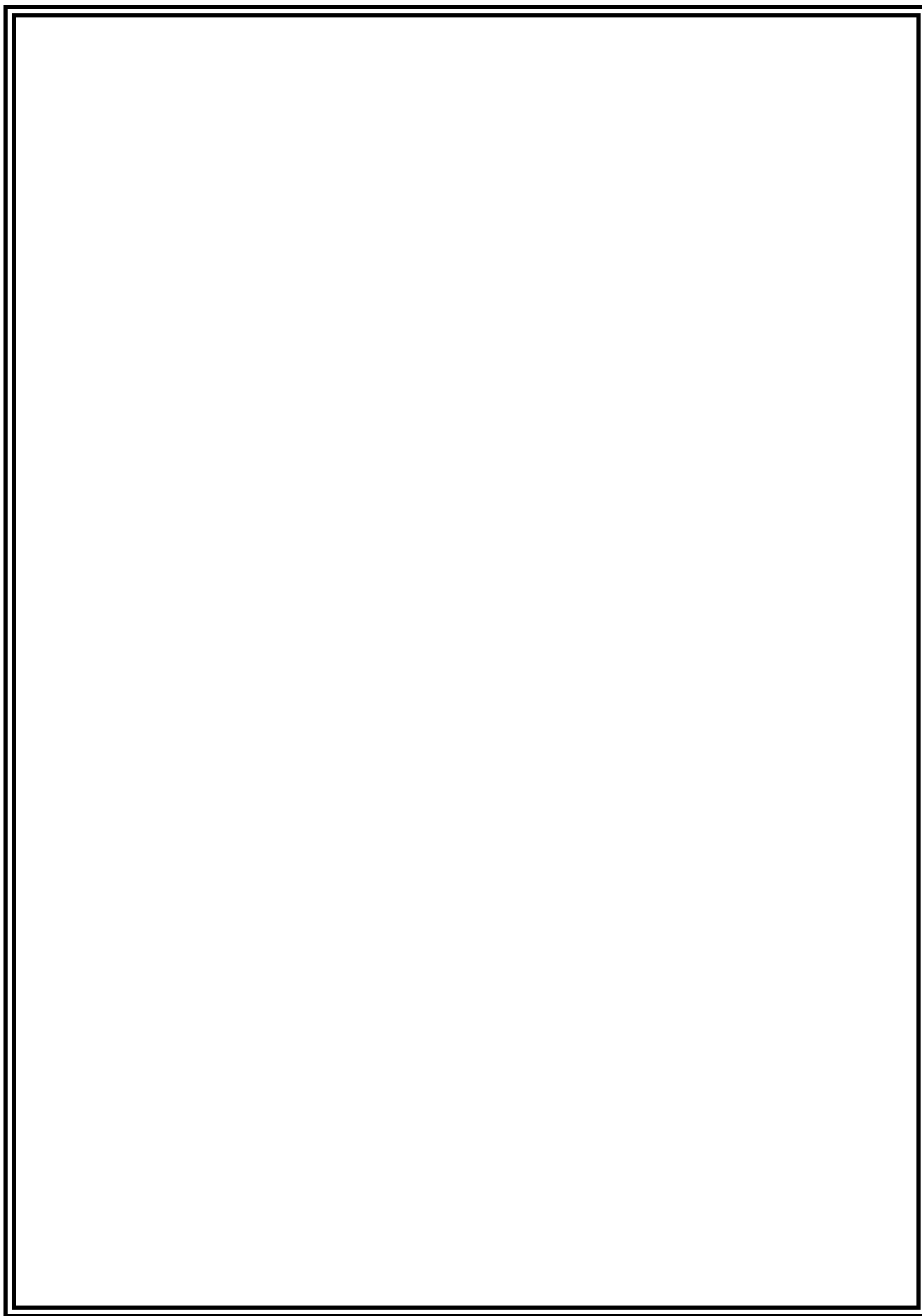
Sobre esta edição

As edições eletrônicas da obra, em tradução para o português brasileiro, são enriquecidas com ilustrações que dão ao leitor um retrato ainda mais nítido dos problemas decorrentes da má gestão da comunicação internacional.

Esta reedição marca o trigésimo aniversário da obra original, e tem por objetivo atualizar o texto ao novo padrão ortográfico e corrigir erros e inconsistências das traduções anteriores.

Esperamos ter conseguido aprimorar o texto, tornando-o mais legível e claro. Somos gratos a todos aqueles que fizeram críticas construtivas à primeira edição em português, cujo único mérito talvez tenha sido o fato de existir, dada a dificuldade de se traduzir e adaptar uma obra desta natureza.

O tradutor



Sumário

A comunicação linguística internacional: uma gestão patológica?	1
Interlúdio	5
O problema	9
Mitos e realidades	32
Mais difícil do que se diz	46
Tentativas de solução	62
Língua, sistema nervoso e psiquismo humano	86
Uma solução que merece ser considerada	109
Segundo interlúdio	133
A resistência: elemento normal de toda neurose	137
Alguns exemplos de racionalizações	158
Pessoas, em suma, perfeitamente normais	174
Um projeto piloto	192
Algumas propostas razoáveis	208

Capítulo 1

A comunicação linguística internacional: uma gestão patológica?

Se um indivíduo escolhe sem razão um modo de ação inutilmente penoso, gasta uma fortuna para adquirir aquilo que está gratuitamente à sua disposição, recusa a priori informar-se sobre os meios eficazes de atingir seu objetivo e foge a toda reflexão sobre sua maneira de agir, diremos coloquialmente que algo em seu comportamento não bate muito bem. Se, além disso, sua predileção por esforços desencorajadores e processos complicados leva a um resultado medíocre, ao passo que um vizinho obtém resultados de excelente qualidade por um método simples e agradável, fácil de adotar de pronto, não hesitaremos mais em falar de masoquismo. Nós não pensamos nisso nem um pouco, mas a organização da comunicação linguística internacional faz jus ao mesmo diagnóstico. Ela é patológica.

Essa afirmação pode parecer presunçosa. Contudo, ela se baseia na análise da realidade. O leitor se dará conta dela caso se prontifique a acompanhar o presente trabalho. Todas as indicações lhe serão fornecidas para que ele possa verificar os fatos por si mesmo.

Existem muitos pontos em comum entre a organização atual da comunicação linguística e o modo de gestão da economia que conduziu o ex-bloco soviético à falência. Consideremos por exemplo o seguinte depoimento:

“Nós construímos em Zeran uma fábrica de automóveis e investimos um capital enorme na empresa. Vimos surgir ali uma nova planta que, a um custo tal que desafia toda imaginação, produz um número insignificante de veículos, os quais consomem quantidades assustadoras de combustível.”¹

Essa avaliação, manifestada por Gomułka em 1956, ainda podia aplicar-se trinta e três anos mais tarde às fábricas Trabant, na Alemanha Oriental, e a inúmeras empresas de países comunistas. Pode-se descrever em termos análogos a maneira na qual a comunicação é atualmente organizada entre os países e os povos:

“Nós organizamos ao redor do mundo um ensino escolar de línguas no qual nós investimos, ano após ano, capitais enormes. Vimos surgir um sistema de ensino que, a um custo que desafia toda imaginação, produz um número insignificante de políglotas. A comunicação internacional em muitas situações não funciona; onde ela funciona (de maneira medíocre), ela consome montantes assustadores, injetados na tradução, na interpretação simultânea, no secretariado multilíngue e na reprodução de obras e documentos em dezenas e dezenas de línguas.”

¹ Władysław Gomułka, Discurso proferido na Oitava Sessão Plenária do Comitê Central do POUP, Varsóvia: Polônia, 1956, p. 5.

Ora, o estudo comparativo dos meios postos em prática para superar a barreira das línguas revela possibilidades inexploradas. Existe em particular um sistema que garante uma relação eficácia/custo digna das empresas mais produtivas. Mas os Estados evitam informar suas populações acerca dele. Má vontade? Incompetência? Política deliberada? Medo de realidades renovadoras? Ou pura e simplesmente uma neurose? A título de hipótese de trabalho, optaremos por esta última possibilidade. E visto que ela trata de uma entidade socio-patológica bem precisa, nós lhe daremos um nome. Nós a chamaremos *síndrome de Babel*.

A história da Torre de Babel mostra os homens dividindo-se em grupos fechados, incapazes de comunicar entre si. Essa ruptura de pontes evoca certos quadros psicopatológicos. Citemos um caso real: o do senhor N., hospitalizado num estabelecimento psiquiátrico. Totalmente ensimesmado, ele não se comunicava com ninguém. Entretanto ele falava. Ocorria-lhe mesmo cantar estranhos queixumes, infinitamente tristes. Ele também escrevia. Preenchia cadernos com um texto hermético, ao longo de todo um dia. Mas a língua na qual ele falava, salmodiava e escrevia era uma língua só dele, uma língua que ele havia inventado. Não se tratava de um estrangeiro: antes de se tornar inválido, ele falava um francês totalmente normal. Mas ele foi se isolando cada vez mais. Quanto mais penetrava em seu universo, menos dialogava. Ele forjou sua própria língua, distanciou-se do mundo. Talvez tivesse sido possível salvá-lo entrando em seu jogo, mas naquele estabelecimento ninguém tinha tempo para isso. Sua ficha, contendo um diagnóstico de esquizofrenia, deve estar mofando em algum porão.

Não nos enganemos. Não há nada de patológico em inventar uma linguagem. É até mesmo uma atividade criativa que pode trazer satisfações profundas, como descobrem inúmeras crianças. A doença mental não aparece a não ser que, além disso, haja uma recusa em se falar uma linguagem compreensível aos demais. Então cessam as relações, não se recebe mais o ar exterior, e ocorre um fechamento dentro de um universo enclausurado e obtuso. É um pouco como perder a alma. Porque o ser humano é um ser de relações.

Uma patologia de tal ordem causa danos em escala mundial, herdeira, sem dúvida, de um passado distante demais para ser conhecido. Pode-se presumir que no começo se tratava com frequência de sistemas de defesa perfeitamente justificáveis. O Outro, o de-fora-da-tribo, era o inimigo potencial. Era necessário evitar que ele compreendesse o que se tramava. Então se começou a empregar uma linguagem diferente, uma linguagem secreta, servindo de barreira protetora. Esse processo de criação linguística, além do mais, nunca cessou: antes de passarem ao domínio público, as gírias são linguagens de delinquentes destinadas a limitar a compreensão somente aos iniciados.

Em outros casos, ao que parece, não foi um mecanismo de defesa, mas uma consequência de um isolamento geográfico. Separados do resto do mundo por um rio, uma cadeia de montanhas, uma floresta, ou tão somente pela distância, nossos ancestrais aperfeiçoaram sua linguagem própria, única. Junto com nossa cultura, nossos cantos, nossas danças, nossa poesia, nossos costumes, nossas festas, ela constitui um todo harmonioso, frequentemente cheio de esplendores inigualáveis, que fez com que fôssemos o que somos, muito diferentes das pessoas que vivem do outro lado da fronteira linguística.

Enquanto estamos isolados, essa evolução é perfeitamente sã. É a maravilha da criatividade humana que se manifesta. Os milhares de línguas que a humanidade criou são como os milhares de artes culinárias, como todos os sutis aromas de diferentes vinhos, como todos os tipos de moradias, os trajes típicos, os contos, os estilos musicais. A diversidade das

produções linguísticas é tão magnífica quanto a diversidade das flores, das frutas, das paisagens. Não há nada de mórbido nisso.

A doença mental não apareceu até que se estabeleceram contatos entre comunidades separadas, até que estes se tornaram de tal forma intensos e frequentes que toda a vida se organizou em torno deles, de sorte que as relações se tornaram indispensáveis. A doença mental reside, como no velho senhor N., no medo de comunicar-se, enquanto que, como veremos na sequência do texto, é fácil de se fazê-lo.

O caráter patológico do funcionamento da sociedade aparecerá mais claramente se fizermos uma comparação². Imagine a situação seguinte. Três pessoas, estabelecidas uma em Londres, outra em Paris, e a terceira em Berlim, têm para discutir um assunto confidencial da mais alta importância. Uma secretária sugere a um dos três um encontro em Bruxelas, mas, para sua grande surpresa, as pessoas presentes não demoram a ridicularizá-la e a impor-lhe o silêncio: “Cale-se! Nós não levamos em conta nenhuma solução que não seja séria. Você ainda acredita em Papai Noel?” A jovem desiste consternada, aquietando-se em seu lugar. E, contrariando todo bom senso, o parisiense viaja para Montevideú, o londrino parte para Washington e o berlinense para Pequim. A discussão se dá por telefone, de seus respectivos hotéis. A comunicação não é excelente, custa caro, e terá representado para os envolvidos despesas consideráveis e uma perda de tempo que teria sido fácil de evitar. Visto que não havia qualquer razão para escolher aquelas capitais em lugar de uma cidade europeia, e que suas longas viagens, longe de proporcionarem prazer, complicaram-lhes a vida, foi aberrante proceder daquela maneira, principalmente se considerarmos que a solução consistindo em se encontrarem numa mesma cidade, relativamente próxima, jamais foi considerada! Esse caso hipotético parece tão inverossímil que ninguém o crê possível. Tal é, contudo, o comportamento de nossa sociedade no campo da comunicação lingüística.

Eis aqui três cientistas, um finlandês, um tcheco e um ruandês, que participaram de uma pesquisa em comum coordenada por uma instituição especializada da ONU. Quando eles se encontram em Genebra para confrontar seus resultados, verifica-se que o finlandês passou oito anos de sua escolaridade, à razão de cinco horas por semana, para aprender um inglês que ele domina mal. O tcheco consagrou um tempo ainda mais considerável a se debater com os idiomas alemão e russo. Quanto ao ruandês, ele despendeu uma fantástica energia para assimilar a língua francesa, com todas aquelas sutilezas que suscitam tantas perguntas sem resposta aos alunos estrangeiros.

No momento em que esses três especialistas reúnem-se na sede de sua organização, suas 1200 a 1500 horas de língua, às quais se deve somar o tempo gasto em casa para fazer os exercícios ou para memorizar vocabulários e regras de gramática, revelam-se totalmente inúteis. Para que eles possam comunicar-se, serão necessários seis intérpretes e um técnico, cujas formações terão custado também elas à sociedade um número desmesurado de horas de ensino. Tudo isso se torna caro: 840 francos suíços, ou seja, mais de 550 dólares, por intérprete por dia: mais de 3.300 dólares por dia para nada mais que a remuneração dos intérpretes, à qual é necessário acrescentar a do técnico e, se há documentos a traduzir, tradutores e digitadores, além das despesas administrativas (eletricidade, horas-extras, papel, etc.). Ora, para um investimento tão impressionante, os resultados são mais que medíocres.

²Eu reproduzo em seguida a comparação que utilizei em “Um caso espantoso de masoquismo social”, *Action et Pensée*, 1991, nº 19, pp. 51-53.

Os parceiros estão longe de dominar perfeitamente as línguas que utilizam. Eles falam num microfone e escutam uma voz diferente daquela de seu verdadeiro interlocutor. A comunicação é de uma eficácia limitada, por falta de um nível técnico apropriado no âmbito dos profissionais linguísticos. Os relatórios de pesquisa tiveram que ser traduzidos com custos altíssimos e agora trazem alguns contrassensos. Na pausa do café, no jantar ou se quiserem fazer alguma atividade externa, esses especialistas nada podem dizer um ao outro: as trocas limitam-se a gestos e a onomatopeias. Eles estão limitados a se comportarem como deficientes, vítimas de um ictus cerebral, ou como surdos-mudos que não aprenderam a linguagem de sinais. Esse sistema, muito desagradável para aqueles que o vivenciam diretamente, reproduz-se constantemente por toda a superfície do globo, e isso custa uma fortuna às populações do mundo inteiro.

Será que tal comportamento, que no caso dos três primeiros poderia ser considerado patológico, deixa de sê-lo no caso destes três últimos? É claro, eles próprios, como pessoas, podem ser os mais sãos dos seres que já viveram na face da Terra, mentalmente falando. A doença não se situa no nível de suas pessoas. Mas o que dizer de no nível da sociedade?

Quando se desconfia que as coisas numa empresa não vão tão bem quanto deveriam, chama-se um consultor que se ocupa de estudar toda a organização das atividades, de forma a detectar os desperdícios de energia, os pontos de estrangulamento, os desvios inúteis, os maus funcionamentos. Esperam-se dele propostas concretas: como proceder para obter melhores resultados a menores custos, num clima mais simpático para todos?

Nada nos impede de exercer tal função no domínio das línguas. Vejamos como se apresenta a comunicação linguística no mundo de hoje. A primeira questão que se coloca é saber se há realmente um problema. Pode ser que a maneira como as coisas foram acima apresentadas distorça sensivelmente a realidade. Se há problema, observemos o que é feito para resolvê-lo, contorná-lo ou paliá-lo de uma forma ou de outra. Se descobirmos que diversas soluções são efetivamente aplicadas, uma aqui, outra ali, nós poderemos estudá-las em campo, na prática. Nós faremos em relação a elas uma pergunta fundamental: como elas se comparam umas em relação às outras, qual é seu rendimento respectivo em relação a seu custo? Mas será impróprio nos limitarmos simplesmente ao ponto de vista material: nós abordaremos igualmente a situação sob o ângulo da satisfação psicológica, das vantagens ou inconvenientes culturais, da justiça, do aspecto humano da comunicação.

Talvez, ao final desta pesquisa, tenhamos descoberto que tudo vai muito bem, como no melhor dos mundos; assim, nós pura e simplesmente reconheceremos o fato. Nossa expedição não terá sido, entretanto, inútil. Se a caça ao tesouro não tiver sucesso, pelo menos a viagem nos terá ensinado alguma coisa.

Mas nós talvez venhamos a constatar que um dado sistema permite reduzir sensivelmente os custos e aumentar em grande medida a eficácia das trocas, respondendo de fato melhor que os métodos usuais às aspirações psicológicas e culturais das pessoas chamadas a se comunicar de uma entidade linguística a outra. Nós teremos então o dever de descrevê-lo, colocando as cartas na mesa. E nós tentaremos compreender por que, se essa fórmula existe, nossas autoridades agem como se ela não existisse.

Interlúdio

Certos leitores desejam sem dúvida lançar-se imediatamente na leitura exploratória. Esses podem passar diretamente ao Capítulo 2. Mas antes de mergulhar em tal empreitada, outros necessitam de um instante de reflexão, de meditação, de pausa. Ou de cultura. Eles talvez queiram reler o texto bíblico sobre Babel e tomar ciência de alguns comentários muito diversos obtidos a seu respeito.

Essa narrativa é provavelmente o documento mais antigo que nós poderíamos encontrar para avaliar que ideia os homens poderiam fazer da diversidade linguística, na Antiguidade. Ei-la:

“A torre de Babel. A terra inteira utilizava a mesma língua e as mesmas palavras. Ora, deslocando-se para o oriente, os homens descobriram uma planície na terra de Shinar e ali habitaram. Disseram um ao outro: "Vamos! Façamos tijolos e cozinhe-los ao forno". Os tijolos lhes serviram de pedras e o betume lhes serviu de argamassa. "Vamos — disseram — construamos para nós uma cidade e uma torre cujo cume atinja o céu. Conquistemos para nós um nome, a fim de não sermos dispersados sobre toda a superfície da terra".

O Senhor desceu para ver a cidade e a torre que os filhos de Adão construíam. "Ah, disse o Senhor, todos eles são um povo só e uma língua só, e é esta a sua primeira obra! Agora, nada do que projetarem fazer lhes será inacessível! Vamos, desçamos e confundamos a língua deles, que não se entendam mais entre si! " Dali, o Senhor os dispersou sobre toda a superfície da terra, e eles cessaram de construir a cidade. Por isso, foi dado a ela o nome de Babel (“confusão”), pois foi ali que o Senhor confundiu a língua de toda a terra, e foi dali que o Senhor dispersou os homens sobre toda a superfície da Terra. ”³

Pode ser interessante ver o que a leitura desse texto sugeriu a seis diferentes pessoas que por ele se interessaram profundamente. Cada um com sua ideia fixa aborda o assunto segundo o ângulo que corresponde à sua mentalidade, cada um aparenta estar mais ou menos enclausurado em seu universo mental. Mas mesmo que não concordemos com elas, ou se suas ideias nos parecerem aberrantes, poderemos encontrar em seus comentários algumas linhas de reflexão.

Um psicanalista: “A torre de Babel? Ela está vinculada ao complexo de Édipo. A ereção de uma torre... vocês percebem imediatamente em que isso se baseia. O menino quer atingir o (sétimo) céu, que seu pai conhece com sua mãe. A confusão é o que ele sente quando se imagina apanhado por seu pai em flagrante delito. As línguas unidas representam a união com a mãe, como uma alusão ao primeiro estado da libido, o estado oral, aquele do prazer da

³Gênese, 11, 1-9, Tradução ecumênica da Bíblia.

mamada. A tradução faz perder algo, porque a palavra “língua”, “idioma”, se diz em hebraico *safa*, isto é, literalmente “lábio”. O menino tem o sentimento de merecer uma punição terrível por haver ousado desejar tomar o lugar de seu pai. Dentro de seu mundo de fantasias, ele vê o pai impondo a separação dos “lábios” (em português: das línguas). Daí por diante, a ereção da torre deve interromper-se. No fundo, a história de Babel liga-se às fantasias de castração. Se tentarmos erigir uma torre para chegar ao prazer do céu... *zzzuic!* “Ele” a condena, porque somos condenáveis. Talvez por isso as meninas sejam mais fortes em línguas que os meninos. Elas não se sentem rivais de um pai perigosamente poderoso.”

Um marxista: “O mito de Babel revela o poder da união e o medo que dela têm aqueles que se apossaram do poder e se colocaram acima dos outros. O “Senhor” representa aqui as classes exploradoras que entram em pânico ao verem que a união das classes exploradas ameaça provocar uma reviravolta do poder. Como é a união que se deve temer, as classes dirigentes criam a confusão. Por meio de suas manipulações e sua desinformação, elas impedem as forças libertadoras de se unirem. A linguagem faz parte da superestrutura, é uma arma, como o mostra a função de discriminação social que exercem a ortografia na França, as diferenças de pronúncia na Inglaterra, o uso das línguas no mundo. Será por acaso que aqueles que sabem inglês em nosso país não pertencem nunca, por assim dizer, à classe operária, ao proletariado? O mito bíblico é uma manipulação destinada a manter as forças produtivas em sua resignação, embaixo, com uma ameaça: se vocês tentarem chegar ao nível dirigente, eu semearei a confusão em suas fileiras; vocês se sentirão ridículos.”

Um teólogo: “Deus, simbolizado pelo Céu, chama a Si o homem. Ora, Deus é amor, simplicidade, afeição, compreensão, união com respeito às diferenças. O homem tem uma vocação que o impulsiona sempre para mais alto, mas ele não saberá realizá-la dentro de um espírito de orgulho ou de rivalidade (os comentaristas consideram geralmente que os homens querem atingir o Céu, não para descobrir Deus e agir com ele num clima de afeição recíproca, mas para tomar seu lugar). Se o homem deixa-se levar por suas tentações, ele perverte sua vocação e introduz a discórdia, pois Deus é concórdia. O erro é também, claro, o desejo de atingir o estatuto divino no domínio das aparências, das coisas, do ter, enquanto que a verdadeira realização do homem se situa no domínio do ser.”

Um capitalista: “Essa narrativa expõe sob forma mítica o absurdo que há em querer conduzir os homens ao paraíso na terra, como quiseram fazer os comunistas. Se nós nos lançarmos num empreendimento ambicioso sem estudo prévio, sem análise da relação custo/eficácia, chega um momento em que é forçoso fazer marcha à ré: a incompreensão e as desavenças instalam-se entre aqueles que investiram seus recursos ou suas competências e aqueles que pensaram poder ignorar as leis da realidade. O céu não é um teto que uma torre poderia atingir. A União Soviética de ontem ilustra esse mito: ela pretendeu levar as pessoas ao frutuoso porvir sem levar em conta realidades humanas e econômicas. Resultado: o tecido social rasgou-se. Os habitantes daquele ex-país não falam mais a mesma língua e a construção parou, numa inacreditável confusão.”

Um analista junguiano: “A história da Torre de Babel é um roteiro que se pode passar dentro de cada um de nós. Ela põe em cena em um fundo histórico um drama individual: a alienação psíquica. A comunicação cessa de passar entre o Eu e uma parte da personalidade que, rejeitada pelo Eu consciente, é desse momento em diante um Outro, cujas ideias, reações,

desejos, passados para as sombras, tornam-se incompreensíveis: estranhos e estrangeiros. O que provocou isso foi o desejo que teve o Eu de ser grandioso. A realização de si exige o encontro com o Outro-em-nós, a escuta daquilo que ele tenta nos dizer, em profundidade; por exemplo, se o intelecto quer tudo governar, o sujeito cessará de compreender bem as coisas, porque o pensamento não fala a mesma língua que o sentimento.”

Um taoista: “A história de Babel é incompleta, porque ela só mostra o primeiro tempo. Há sempre dois tempos: o da divisão e o da união. A divisão em partes que se opõem e, a seguir, a união em uma harmonia mais rica que a situação precedente. Se o polegar não tivesse se separado dos outros dedos, nós não pegaríamos os objetos tão bem. Se não houvesse o tempo da divisão, no qual a água separa-se da terra para subir ao céu, nós não poderíamos viver, porque não haveria nada além de um imenso pântano. Mas após o tempo da divisão vem o tempo da união: a chuva cai, une-se à terra, fecunda-a; o polegar une-se ao indicador para pegar com destreza. Depois virá uma nova separação que permitirá a união seguinte. Poder-se-ia dizer a mesma coisa do homem e da mulher. Para que a criança nasça, é necessário que os órgãos sejam bem diferenciados, que cada sexo aprenda a linguagem de seu próprio corpo. Em seguida vem o tempo da união, da harmonização em que cada um adapta a linguagem de seu corpo àquela do outro. Se a história da torre de Babel termina com um fracasso, é porque os homens se detiveram na fase da divisão, sem compreender que ela tinha sua função – enriquecer diferenciando – mas que era necessário ultrapassá-la. Seria também necessário que eles compreendessem que a alegria não reside na grandeza (uma torre gigantesca) mas na harmonia (uma cidade e jardins criados por pessoas bem diferentes, mas com talentos complementares).”

*

É divertido ver a que ponto a mesma narrativa pode suscitar reações diferentes, mas pode ser que haja uma lição a tirar dessas divergências: o problema da comunicação linguística de um povo a outro seria mais complexo do que imaginamos à primeira vista. Uma neurose é sempre uma rede de nós em que fios bem diversos estão embaraçados. Por que a síndrome de Babel seria a exceção? A ideia do capitalista (empreender um estudo de eficácia/custo) não é de se desconsiderar, mas aquela do marxista segundo a qual a língua serve para introduzir discriminações sociais merece também ser levada em consideração. Orgulho e rivalidades têm certamente seu lugar no nó que nós tentaremos desatar. Quanto à ideia de que nossa reflexão possa estar viciada por comoções infantis... o fato é que no domínio das línguas as posições são com frequência passionais, definidas *a priori*, imbricadas no sentimento de identidade. Será que isso ocorre porque somos joguetes de resistências mobilizadas em nossa profundidade por afetos inconscientes? Como explicar de outra forma que o desenvolvimento extremamente intenso da vida internacional que se seguiu ao fim da segunda guerra mundial, com a fundação de um número impressionante de instituições internacionais de todos os níveis e de todas as ordens, nunca levou a um estudo comparativo do conjunto de meios utilizados por homens para romper a barreira das línguas? Nós teremos a oportunidade de voltar a esse ponto.



Figura 1: A Construção da Torre de Babel, de Pieter Brueghel, 1563.

Capítulo 2

O problema

2.1 Aspectos qualitativos

A opinião corrente: é sempre possível virar-se

A comunicação linguística cria realmente problemas? A questão merece ser levantada, pois, se para alguns as dificuldades linguísticas são de uma evidência irritante, isso está longe de ser o caso para a maior parte da população. Uma pesquisa rápida revela que a maioria de nossos contemporâneos não tem a impressão de que isso seja algo tão grave assim.

É compreensível. O cidadão médio tem pouco contato com o estrangeiro. Ele não se pergunta como a informação chega ao seu jornal favorito. Que as notícias possam ser selecionadas em função da língua das grandes agências, lhe é totalmente indiferente. Quando ele viaja ao exterior, ele consegue virar-se, nem que seja por gestos ou com a ajuda de algumas palavras em inglês que ele arranha; ele não tem assim nada além de contatos extremamente superficiais, mas por que desejaria ele algo mais? Seus filhos seguem um programa escolar normal e a ideia de que o ensino de línguas pudesse ser organizado de outra forma não lhe vem ao espírito. Que a televisão lhe apresente *Dallas*, *Dynasty*, *Santa Helena* e uma enorme proporção de produções dos Estados Unidos, não lhe faz ficar com a pulga atrás da orelha: por que querer que seja diferente se as pessoas estão contentes? E qual é a relação com as línguas? Quanto aos outros níveis, relações entre grandes instituições, entre nações, entre cientistas, ou mesmo, entre atletas de diferentes países por ocasião dos Jogos Olímpicos, tudo isso se situa fora de seu universo pessoal. Os problemas de língua que se colocam nesse nível não são resolvidos por profissionais? Há tradutores que se ocupam dessas coisas. “E, além disso,” nos diz ele, “com o inglês a gente se vira no mundo inteiro”. Ele próprio não é capaz de manter uma verdadeira conversação nessa língua, mas não tem dúvida de que as pessoas que precisam são capazes de fazê-lo e que tudo se passa muito bem. Em outras palavras, não há com o que se preocupar.

2.1.1 Comunicação entre pessoas comuns: frequência da deficiência linguística

A realidade: solidão

Mas eis que, viajando na República ex-iugoslava da Macedônia, uma das pessoas que na nossa pesquisa assim responderam, um jovem de 23 anos, encontra-se envolvido num acidente de automóvel. Seu estado exige algumas semanas de hospitalização, em Skoplje. Ele tem por vizinho, na cama ao lado, um operário de 25 anos, rapaz de fisionomia simpática com o qual ele gostaria de conversar. Infelizmente, é impossível, aquele homem só fala macedônio e servo-croata. A enfermeira é gentil e gostaria de saber como nosso jovem francês se sente. Mas ele se limita a onomatopeias, gestos, expressões faciais. É claro, isso já é alguma coisa, uma certa comunicação se estabelece: é incrível o que um olhar pode dizer! Mas frequentemente era necessário exprimir fatos precisos: “Minha dor está assim, é uma pontada que acontece toda vez que eu ...”. Ora, aquela charmosa pessoa, que, além do croata, do esloveno, do macedônio, fala albanês, alemão e italiano, não entende nada do francês de nosso paciente, nem de suas poucas palavras em inglês, que em todo caso não lhe permitiriam

explicar o que ele sente com a precisão desejável. Aquele homem vive de maneira aguda a limitação linguística. Ele está na mesma situação que a vítima de um ataque cerebral que, apesar de estar perfeitamente consciente daquilo que quer dizer, não consegue exprimir-se. É desesperador. Não há visitas, porque a família e os amigos encontram-se no outro extremo da Europa. A solidão pesa quando não se tem nada para fazer durante todo o dia e ninguém com quem falar...

Frustrações

E depois, eis uma senhora que, por ocasião da pesquisa, respondeu que não havia qualquer problema de língua no mundo. Ela mora em uma daquelas cidades que, na época em que Ceaușescu ameaçou destruir uma série de vilarejos, adotaram uma localidade romena para tentar salvá-la. Ceaușescu morreu, a Romênia fez sua singular revolução, contatos enfim se estabeleceram com o vilarejo em questão e uma delegação romena foi convidada pela cidade daquela senhora. A visita é anunciada para dentro de dez dias: umas trinta pessoas que tocarão música, cantarão, dançarão para agradecer seus padrinhos ocidentais. Elas serão, é claro, hospedadas nas casas dos moradores.

Quando elas chegam, percebe-se que nenhuma fala inglês e que somente três sabem um francês rudimentar. A recepção é calorosa. Mas que quebra-cabeça! O menor problema material suscita uma avalanche de gesticulações, de mímicas, às vezes desenhos... e segue sem solução. Impossível saber o que elas querem, fazer compreender a elas o que propõem os moradores. Certamente, por outro lado, não é o fim do mundo. Mas que fadiga para o sistema nervoso! E que frustrações! Os jovens que tentaram discutir política perderam seu tempo. Não se vai muito longe com gestos e expressões faciais para comparar o monopólio estatal com a economia de mercado, ou narrar detalhadas experiências pessoais a respeito dos métodos da polícia política. Também aqui, dois grupos de população encontraram-se encerrados na deficiência linguística. A deficiência impede a realização do desejo ou da vontade: sabemos o que queremos dizer, estamos decididos a dizê-lo, mas somos como que acometidos por uma surdo-mudez, sem termos aprendido a linguagem de sinais.

A alguns quilômetros dali, é um grupo folclórico tcheco que foi convidado. Mesma situação. Mesma vivência repetida da limitação linguística. No grupo todo, só um fala um pouco de inglês, dois falam o alemão. O encontro vai se fazer pelos olhos, apertos de mão, gestos, nem sempre compreendidos de povo a povo... “Tinha-se a impressão de que a gente teria tido um monte de coisas para dizer-se. Eles eram tão simpáticos! Era enervante estar lá com inúmeras ideias ou questões na cabeça, e nenhum meio de fazer sair uma só frase!” Em cada família hospedeira é o mesmo refrão. A frustração foi imensa. Porque eles pertencem a dois povos diferentes e porque não se levam a sério os problemas linguísticos, nossos contemporâneos encontram-se na clássica situação da pessoa portadora de deficiência: a facilidade desapareceu, a riqueza de expressão se foi, tudo o que se pode fazer é virar-se como possível, com meios muito primitivos.

Eis aqui um outro exemplo, extraído de um jornal de Genebra:

“Na semana passada, duas dezenas de jovens russos, com idades de 14 a 19 anos, vindos de Krasnodar, puseram os pés pela primeira vez em terras suíças, recebidos por uma delegação de jovens de Genebra. Duas semanas de visitas intensas ... (...) É o conhecimento mútuo entre os grupos, com uma reserva, todavia: os visitantes

lamentam falar tão mal as línguas estrangeiras, pois que a comunicação permanece limitada.”⁴

Não há então problemas de língua? Com o inglês é sempre possível virar-se? E se isso fosse um mito?

No último verão, eu estava sentado num terraço ensolarado em Savognin, vilarejo de montanha na rota do desfiladeiro do Julier. Na mesa vizinha, um rapaz e uma moça. Suas camisetas idênticas denunciavam que eles haviam participado da mesma competição em *mountain bike*. A conversação entre esses dois desportistas era atrozmente difícil. Tratava-se, contudo, de dois jovens visivelmente sadios, em forma, de posse de suas faculdades. Mas a ausência de uma mesma língua realmente dominada os forçava a comportarem-se como deficientes: suas ideias eram trocadas num francês capenga, mutilado, cheio de reformulações, circunlocuções e gestos expressivos. O rapaz era holandês e a moça era suíça-alemã. Aqueles vestígios de francês escolar, agramatical e de uma pobreza lexical digna de dó aparentemente era a única língua que eles tinham em comum. Se, como correntemente se diz, com o inglês não há problema língua, por que aqueles dois estavam condenados àquela comunicação primitiva e frustrante, tão longe – isso se percebia em seus rostos – do que desejava sua simpatia recíproca?

Passemos a uma situação mais trágica. Dois jovens ortopedistas suíços, Elio Erriquez e Emanuel Christen, trabalhavam para a Cruz Vermelha em Sídon, no Líbano, quando foram feitos reféns em 6 de outubro de 1989. “Nós vivemos como mortos vivos, totalmente separados do mundo exterior”, dirá um deles quando da libertação, após mais de 300 dias de aprisionamento. Felizmente, dirá você, eles permaneceram juntos durante todo seu cativeiro. Sim, mas um era francófono, o outro suíço-alemão. Um de seus maiores sofrimentos, contarão eles no retorno a seu país, foi a impossibilidade de comunicarem-se entre si. Foi preciso que um guardião árabe lhes providenciasse um dicionário alemão-francês para que eles pudessem progressivamente chegar a compreenderem-se mais ou menos.

Por que então Elio Erriquez e Emanuel Christen não se falaram em inglês? E o jovem acidentado de Skoplje, o que esperava ele para explicar-se nessa língua com seu vizinho, com a enfermeira, com o médico? E os grupos romeno e tcheco, por que eles não se viravam em inglês com os habitantes que os acolhiam tão gentilmente? E os alunos de Genebra e Krasnodar, por que tiveram eles problemas de comunicação, se é possível quebrar o galho, sempre e em qualquer lugar, com o inglês? A ideia de que os problemas de língua podem ser facilmente resolvidos, seja pela grande difusão do inglês, seja pela eletrônica, seja pelo ensino, nada tem a ver com a realidade. É um mito. Como veremos no Capítulo 3, esse mito não se limita ao cidadão comum; ele é também encontrado no nível mais elevado.

Vulnerabilidade, brigas, injustiças, acidentes

A falta de domínio de línguas faz particularmente sofrer quando é necessário defender-se numa língua mal dominada. Um norte-americano de uns quarenta anos trabalhava em Genebra havia sete anos e, sendo capaz de virar-se bem em francês, associou-se a um clube de tênis. Um dia, quando ocupava uma das quadras com seu filho, ele foi verbalmente agredido por uma senhora, fora de si, aparentemente porque ele não havia reservado o local segundo as regras. Escutemo-lo narrar sua experiência:

⁴ *Le Courier*, 9 de julho de 1990, p. 9.

“O regulamento prevê que se a quadra não está ocupada dez minutos após a hora reservada, outro sócio do clube tem o direito de jogar lá. Eu estou certo de que eu estava em meu direito, pois essa senhora e sua colega de jogo chegaram com uns bons quinze minutos de atraso. Posteriormente, informei-me e meu direito foi confirmado. Mas ela fulminava com uma tal volubilidade e uma tal veemência num francês tão perfeitamente dominado que eu não sabia o que responder. Ela conseguiu até mesmo indignar contra mim algumas outras pessoas que lá se encontravam. Eu me sentia bestificado, eu era o estrangeiro, o assustador norte-americano. Eu sabia que ela estava errada e que eu tinha razão. Mas as palavras não me vinham em francês. Acabei por ceder, foi a solução mais simples. Ainda ressoa em meus ouvidos o comentário de meu filho: ‘Se fosse em nosso país, nós teríamos continuado a jogar, porque você a teria posto em seu lugar em inglês’.”

“Nenhum problema de língua”, é o que se diz correntemente; “com o inglês... com os tradutores...” Realmente. A Europa ocidental está prestes a fazer face a um afluxo inédito de refugiados. Na Suíça, como em toda parte, eles desembarcam de aviões às centenas. A administração, sobrecarregada por esse afluxo que ultrapassa de muito longe todas as previsões, não soube onde instalar uma das últimas chegadas de sessenta solicitantes de asilo. O gerente de um hotel vizinho de minha residência aceitou abrigá-los. Constatando que a maioria estava vestida com camisas de verão e outros com camisetas, ao passo que a temperatura externa girava em torno de 0°C (era janeiro), uma ajuda benevolente foi pedida aos vizinhos, amigos e conhecidos para recolher vestimentas adaptadas às condições locais.

Se não houvesse problemas de língua em nosso feliz planeta, graças ao inglês, à interpretação simultânea ou a alguma outra solução milagrosa, teria bastado reunir os refugiados numa sala e o coordenador da generosidade ambiente lhes teria dirigido a palavra: “Eis aqui como nós vamos organizar a repartição das roupas que recolhemos para vocês...” Não é o que se faz numa universidade, no exército ou num canteiro de obras? Mas na ocasião, se havia entre os provenientes do Sri-Lanka um homem que compreendia o inglês podendo transmitir a mensagem em tâmil, entre os africanos havia um certo conhecimento de inglês ou francês, essas felizes condições não existiam para os outros dois terços da assembleia. Para estes, teriam sido necessários intérpretes de curdo, servo-croata, albanês, pachto, etc. Nenhuma forma de comunicação estava disponível entre, de uma parte, esses refugiados, e, de outra parte, os dois responsáveis, que, não obstante, eram distintos políglotas. A impossibilidade de organizar a repartição das roupas suscitou uma briga: não se logrando compreender, os refugiados saíram na mão. O diretor do hotel, homem paciente e generoso, de excelente compostura até aquele instante, sentiu subir à cabeça compulsões racistas as mais assassinas...

Eu próprio precisei lidar, no final dos anos 90, com um grupo de refugiados da ex-Iugoslávia. Todos os adultos tinham tido seis anos de russo, alemão ou inglês numa média de quatro horas por semana. Eu me faço entender relativamente bem nessas línguas. Mas a comunicação com aquelas pessoas era incrivelmente frustrante. Elas precisavam de alguns minutos para expressar uma ideia que teria levado dois segundos em sua língua materna, e com frequência elas não conseguiam. Para uma mãe de Osjek compreender a mensagem “O casaco para seu garoto estará disponível na próxima semana” foram gastos cinco minutos, pois ela não se lembrava das palavras adequadas e nós tivemos que usar toda sorte de recursos para chegar aos conceitos necessários com o pequeno vocabulário que ela conseguiu reter a despeito do enorme investimento no aprendizado de línguas que ela havia feito na escola.

Ao menos, eventualmente, nós conseguíamos dar um jeito de nos entendermos. Mas e quando nos deparamos com uma senhora idosa que só falava albanês, e que passava por uma crise histérica, e nos demos conta de que o que ela expressava era uma saturação de pânico, angústia, confusão, desespero, e sabíamos que era possível ajudá-la, de que estávamos treinados nas técnicas disponíveis para acalmá-la, mas nada podíamos fazer por não entendermos nem um simples detalhe da história que ela precisava contar, dos sentimentos que ela tinha de comunicar para retomar seu equilíbrio?

A má comunicação linguística pode ter consequências bem mais trágicas. Por exemplo, o dramático acidente que ocorreu no início de janeiro de 1993 em Roissy com um bimotor alemão Dash 8 seria devido a um mau entendimento das mensagens emitidas pela torre de controle. Segundo as mesmas fontes,

“Uma boa parte dos acidentes de aviação teria por causa essencial a utilização do rádio que assegura as ligações entre o solo e o avião. Pois, a despeito de uma língua comum – o inglês – ocorre muito frequentemente que os interlocutores se compreendem mal, devido a nada mais que ao fato de uma má pronúncia.”⁵

A síndrome de Babel é uma estrutura sociopatológica inconsciente que é organizada, da maneira clássica dos tratos neuróticos, para resistir à sua elucidação. Como veremos no Capítulo 8, ela leva a nossa sociedade a pôr em prática toda sorte de táticas para negar os problemas causados pela escolha das línguas de comunicação. A citação que acabou de ser apresentada oferece um bom exemplo disso: enquanto as catástrofes se devem em muito à má compreensão do inglês, o autor declara sem titubear que a causa essencial é o uso do rádio!

Como veremos na sequência, a fonética do inglês é particularmente mal adaptada às necessidades da comunicação internacional. A análise dos fatos é assim bem mais elucidativa a esse respeito:

“Um estudo de prevenção de acidentes feito pela Boeing demonstrou que, na década de 1982-1991, a comunicação errada entre piloto e controlador de voo contribuiu com pelo menos 11% dos acidentes fatais em todo o mundo.”⁶

Diversas tragédias surgem porque uma mensagem de importância vital não é passada, não porque o interessado não compreenda a língua, mas porque ele ignora o sentido de certas formas familiares ou de gíria. Quantos turistas viajando nos Estados Unidos são capazes de ter o reflexo esperado no instante em que uma voz autoritária lhes lança o monossílabo *Freeze!* (literalmente: “congele”)? Um japonês de dezesseis anos pagou com a própria vida por essa incompreensão em abril de 1993. Ele passeava inocentemente, à noite, nos arredores de uma propriedade estritamente vigiada. Um guarda de segurança, achando seus movimentos ambíguos a ponto de tomá-lo por um vagabundo, gritou-lhe: “*Freeze!*” (“Pare e não se mexa mais, tal qual um bloco de gelo”). O adolescente, que se virava bem em inglês normal, não compreendeu aquela ordem em forma de gíria e prosseguiu seu caminho. O guarda atirou...

2.1.2. Comunicação com as autoridades ou instâncias oficiais

Alguns ocidentais acreditam que podem tudo em sua relação com os habitantes do Terceiro Mundo. A limitação linguística de suas vítimas é uma considerável garantia. Foi assim que um suíço-alemão aliciou nas Filipinas toda uma série de menores dos quais ele fez objetos sexuais, para si próprio e para outros apreciadores em sua rede de conhecidos. O homem recolhia

⁵ *Sciences et Avenir*, fevereiro de 1993.

⁶ David Crystal, *English as a Global Language*, Cambridge: University Press, 1997, p.101.

esses adolescentes nas ruas de Manila fazendo reluzir diante deles a possibilidade de uma vida tranquila no conforto de um país rico, onde lhes prometia adotá-los legalmente e proporcionar-lhes estudo. Assim foi, por exemplo, com o jovem E.B., aliciado aos 14 anos. Tendo sofrido sevícias sexuais e diversas violências, o adolescente acreditou que estava salvo quando a polícia veio fazer uma averiguação. Infelizmente, os policiais suíços nada entenderam de suas queixas, formuladas numa espécie de *pidgin English* que serve de língua franca entre ocidentais e filipinos das classes sociais mais desfavorecidas. Essa língua apresenta muitas características fonéticas e gramaticais que a tornam incompreensível a um ocidental capaz de compreender o inglês padrão, o que, de qualquer maneira, não seria de se esperar dos policiais de um vilarejo. O “mestre” do escravo sexual pôde, então, se safar dando às falas do adolescente uma interpretação no mínimo tendenciosa: ele sabia, com razão, que sua vítima não podia verificar o sentido de suas palavras. Bem mais tarde, o jovem E. B. conseguiu fugir, mas inúmeros sofrimentos e humilhações lhe teriam sido poupados se ele tivesse podido contar com o apoio imediato da polícia. Só que, pensando bem, como ele poderia conseguir isso se estava limitado linguisticamente?

Em todos os casos apresentados acima, a deficiência linguística manifesta-se por meio da frustração ou do sofrimento para um ou alguns indivíduos. Mas ocorre que dificuldades de compreensão resultem em verdadeiras monstruosidades, cujas vítimas se contam aos milhares:

“Sabiam vocês que o bombardeio de Hiroshima foi provocado por um erro de tradução? Trata-se do verbo *mokusatsu* pronunciado pelo primeiro ministro japonês Suzuki diante dos jornalistas da imprensa internacional depois que seu país tomou conhecimento do ultimato dos Estados Unidos exigindo sua rendição. (...) [Os jornalistas interpretaram a palavra como significando que o ministro japonês se detinha num silêncio de desprezo]. Suzuki, por sua vez, simplesmente quis dizer que tomava nota da ameaça e se reservava o tempo da reflexão. Breve, os aparatos de teletexto repercutiram ao redor de todo o mundo a versão de desprezo, e os norte-americanos furiosos jogaram sobre Hiroshima a primeira bomba atômica da história.”⁷

2.1.3. Comunicação nos grupos internacionais privados

Outros casos não têm nada de dramático, mas testemunham uma injustiça insidiosa a respeito da qual nossos contemporâneos são tão pouco conscientes. A televisão holandesa apresentou uma série de programas em que se entrevistava, a cada noite de sexta-feira, o prefeito de uma cidade do país. Assim que chegou a vez do Sr. Winkel, prefeito de Noordwijkerhout, a entrevista foi em grande medida levada para o tema das línguas, pois os acasos da existência sensibilizaram aquele magistrado em relação aos problemas da comunicação interpovos. Tendo o apresentador do programa, Gerrit den Braber, afirmado que a vasta difusão do inglês havia eliminado o problema, o Sr. Winkel destacou um ponto interessante:

“Mesmo se tivermos aprendido bem o inglês, como é frequentemente o caso na Holanda, hesitamos em tomar a palavra num grupo multinacional que utiliza essa língua, porque, nessa situação, temos medo: medo de não dizer exatamente aquilo que desejávamos, medo de cometer erros, medo de um sotaque considerado ridículo, medo de não estar bastante à vontade numa língua estrangeira para responder à altura a um anglo-saxão com toda a força que seria necessária...”⁸

⁷Marc Lacaze, *Des mots, des mots*, Le Nouveau Quotidien, maio de 1993.

⁸ Televisão holandesa, Rede AVRO, 3 de agosto de 1990, 20h45.

O Sr. Winkel tem razão. A tomada da palavra pode ser função da língua. Ocorreu-me representar uma associação internacional, em Genebra, por ocasião de um encontro de ONGs com relações oficiais com a ONU. Algo em torno de trezentas entidades mundiais estavam representadas naquela vasta assembleia: grandes federações sindicais, federações esportivas, uniões profissionais, organizações religiosas, humanitárias ou científicas, havia de tudo. Os debates deveriam desenrolar-se em duas línguas, inglês e francês, com interpretação simultânea. Eu assinalo, de passagem, o comentário desenganado de meu vizinho africano: “Minha organização não é de maneira alguma rica, fez-se todo o sacrifício para que eu a representasse aqui, mas eu não posso participar, eu não consigo acompanhar o que se passa, a interpretação francesa é ruim demais”. De minha parte, dei-me ao trabalho de anotar a língua de cada intervenção e a língua materna de cada orador; 92% das intervenções eram em inglês e 87% dos que intervinham eram de língua materna inglesa.

Nós supostamente deveríamos representar o mundo. As pessoas que pagam suas cotizações a sua associação nacional, a qual por sua vez cotiza a uma federação mundial ou “regional” (no sentido de agrupar vários países de uma mesma região do globo) eram as mais variadas: enfermeiras filipinas, artesãos congolezes, futebolistas brasileiros, sindicalistas malaaios, engenheiros egípcios, músicos húngaros. Por intermédio de nossas organizações, representávamos uma fantástica parte da população mundial. Mas essa imensa diversidade não aparecia. Dir-se-ia que estávamos em um clube anglo-saxão. Norte-americanos, ingleses, irlandeses e australianos batiam bola segundo um modo de discussão típico de sua mentalidade. Quando eu chamei a atenção desse fato à minha vizinha da direita, ela me respondeu secamente: “A maior parte das associações se faz representar por alguma pessoa de língua inglesa para ter certeza de defender bem seus interesses.” Eu então salientei que a Associação dos Juristas Árabes ou a Federação dos Técnicos de Laboratório da África Francófona não tinham, por definição, nenhum anglo-saxão em suas fileiras; ela então me olhou como se eu fosse um inseto asqueroso.

O leitor que acha normal que as enfermeiras das Filipinas ou da Indonésia, os futebolistas brasileiros ou croatas, os sindicalistas islandeses ou somalis deleguem seus poderes, na prática, aos representantes de uma só cultura, a anglo-saxônica, pode fechar este livro. Falta à sua sensibilidade aquilo que permitiria compreender a riqueza que a diversidade cultural do mundo representa, falta à sua inteligência perceber que é um sistema de castas o que aí se introduz, dissimuladamente, sem dizê-lo: alguns seres humanos são detentores do poder não porque fizeram por merecer, não porque são melhores que seus colegas, não porque são mais inteligentes ou mais aptos a negociar, mas porque eles nasceram do lado certo da barreira: lá onde se fala inglês.

Veremos no Capítulo 4 por que não pode ser de outra forma. Esse sistema injusto persistirá tanto quanto evitarmos retomar o problema em sua base. Não é senão por meio do estudo detalhado do funcionamento da expressão linguística e da passagem em revista a todos métodos usados pelos homens para compreenderem-se apesar da barreira das línguas que se resgatará um sistema humano, democrático e razoável de comunicação internacional.

2.1.4. Comunicação linguística nas relações entre Estados

O problema que nós examinamos apresenta numerosos aspectos. A seção na qual ele foi há pouco tratado reunia associações privadas. Essas não são ricas o bastante para arcarem com a tradução e interpretação simultânea em toda uma série de línguas. Os Estados, por sua vez, frequentemente reticentes em liberar recursos em favor de atividades concretas em benefício real das populações, não percebem quaisquer limitações financeiras desde que se

trate de permitir a seus representantes comunicarem-se uns com os outros. Eles não se contentam com o bordão: “Com o inglês é possível virar-se em qualquer lugar do mundo”. Eles sabem, com razão, que se trata de um mito.

Os planos em que se desenrola essa comunicação são numerosos demais para serem citados aqui. Há a União Europeia, com sua Comissão, seu Parlamento, seus Secretariados. Há o Conselho da Europa. Há a OCDE, a CSCE (Conferência sobre a Segurança e a Colaboração na Europa) e a União da Europa Ocidental. Com a evolução da Europa do Leste, as instituições europeias provavelmente vão multiplicar-se. Tradução, interpretação simultânea, digitação de documentos nas diversas línguas, impressão em x idiomas das luxuosas revistas de todos esses organismos vão conhecer um novo impulso...

Se passarmos do âmbito europeu ao mundial, a lista prolonga-se sensivelmente. Há a ONU, a Unesco, a FAO, a AIEA, a OMS, a OIT, a UIT, o GATT, a Unicef assim como em outras áreas, a OPEP e a Interpol. Ao lado dessas organizações grandes, regularmente citadas nos jornais, há outras pequenas, discretas, das quais quase não se fala, como a União Postal Universal, a Organização Meteorológica Mundial, o Centro do Comércio Internacional, a Organização Mundial da Propriedade Intelectual, a Organização Intergovernamental para as Migrações, etc. Cada um desses organismos tem sua coorte de tradutores e de intérpretes permanentes, e cada um constantemente apela para tradutores ou intérpretes independentes, recrutados temporariamente para um trabalho especial, uma conferência, ou mesmo para trabalharem no domicílio.

As organizações europeias e as mundiais estão longe de representar o conjunto da vida institucional internacional. Cada continente contribui com seu pequeno sistema. Os africanos financiam a comunicação linguística na Organização da Unidade Africana, os contribuintes das Américas na Organização dos Estados Americanos, e assim por diante.

Se ao menos a comunicação funcionasse...

Todos sabem que os inúmeros organismos internacionais utilizam abundantemente a tradução escrita e a interpretação simultânea dos intercâmbios orais. Mas é raro que se pergunte sobre os aspectos qualitativos desse tipo de comunicação. Muito frequentemente, a qualidade da interpretação situa-se bem abaixo do mínimo aceitável. O intérprete não tem tempo de encontrar a expressão da qual ele necessitaria ou ele compreendeu mal o orador. Daí vem uma certa perda da mensagem quando as condições são ótimas. Ora, com frequência, elas não o são. Por exemplo, o orador tem um sotaque tal que é impossível acompanhar o que ele diz. Ou se trata de uma área técnica com a qual o intérprete não está à vontade, apesar de ter feito de tudo para documentar-se. Para poder interpretar de forma correta, ele deveria conhecer a fundo a especialidade da qual se trata, mas se esse fosse o caso, ele estaria entre os especialistas que debatem, e não em sua cabine.

Se existem excelentes intérpretes, cuja arte parece prodigiosa, a proporção de intérpretes medíocres é considerável. Ora, a partir de um certo limiar de má qualidade, a comunicação simplesmente não funciona. Isso pode produzir-se mesmo quando o orador tem um sotaque compreensível e não se trata de um assunto técnico; e não há nada de surpreendente nisso: as próprias condições da interpretação simultânea são um desafio ao funcionamento cerebral normal.

Eu certa vez acompanhei nos fones de ouvido a interpretação em francês de um discurso do Secretário geral das Nações Unidas tendo sob os olhos o texto original (tratava-se de um discurso distribuído pelo Serviço de informação da ONU sob a cota SG/SM/376). Os contrassensos foram tão numerosos que não há como apresentá-los aqui em sua totalida-

de, mas a pequena amostra que segue dará ao leitor uma ideia do grau de deformação ao qual pode levar uma má interpretação simultânea.

Após ter indicado que uma meia dúzia de Estados já possuía armas nucleares, o Secretário Geral das Nações Unidas acrescentou: “*and two dozen or more have the ability to join their ranks soon unless they can be persuaded not to do so*”, o que significa: “e duas dúzias, ou mais, seriam capazes de juntar-se a eles a não ser que se consiga dissuadi-los disso”. Para os ouvintes ligados à cabine francesa, essa frase tornou-se: “e duas dúzias de países utilizarão essa arma nuclear exceto se se tiver a possibilidade de fazer o contrário”.

A frase “*old and new conflicts continue to plague our planet*” (“Conflitos, velhos ou novos, continuam a castigar nosso planeta”) tornou-se: “Há novos conflitos que estão a passar pelo mundo”, enquanto que “*Nations go it alone in contravention of the Charter, and often only return to the United Nations when all other efforts to deal with their problems have failed*” (“As nações agem isoladamente, contrariamente ao que prevê a Carta, e, em muitos casos, não retornam às Nações Unidas a não ser quando todos os outros esforços envidados para resolver seus problemas revelaram-se infrutíferos”) transformou-se em: “As nações vão ao encontro da Carta e todos os esforços das Nações Unidas falharam nessa área.” O intérprete havia ficado com um atraso considerável em relação ao Secretário Geral e, sem dúvida (mas por que então?), ele não estava com o texto diante dos olhos. Por fim, deu-se que a última frase do discurso, “*When you go back to your homes, carry with you the message that love and duty to one’s country are not lessened by love and care for the wider world – a wider world of all people living together in peace with one another as good neighbours*” (“Quando vocês retornarem para suas casas, transmitam a seguinte mensagem: o amor e os deveres que cada um tem para com seu país nada perdem quando se experimenta o amor e a solicitude para com o vasto mundo, um vasto mundo onde todos os povos possam viver juntos, em paz uns com os outros como bons vizinhos”) deu lugar em francês ao comovente encurtado que segue: “E essa ajuda não é minimizada pelo amor que nós temos para viver em paz uns com os outros”. Essa amostra nada tem de excepcional. Ora, a interpretação simultânea, que custa caro, não faz sentido a não ser que a mensagem seja passada. Muito frequentemente, a mensagem é perdida. O dinheiro é gasto inutilmente.

Discriminação

A grande maioria das organizações internacionais tem um regime linguístico discriminatório. Alguns representantes têm o direito de exprimirem-se em sua língua materna, outros devem exprimir-se numa língua estrangeira. Tal é a prática corrente na ONU e em todas as instituições a ela ligadas. As instituições europeias, por outro lado, tentam evitar as desigualdades adotando o princípio do tratamento igual de todas as línguas dos países membros. Mas, na prática, esse princípio não é sempre fácil de aplicar. As suscetibilidades estão às vezes expostas: os falantes das “pequenas línguas” veem com maus olhos a tendência de as “grandes línguas” outorgarem-se um lugar preponderante:

“A Comissão decidiu escrever uma carta oficial de protesto ao Presidente do Parlamento Europeu, Egon Klepsch, contra a decisão do Bureau incumbido de realizar uma reunião na Grécia. O Bureau decidiu que somente cinco línguas se beneficiarão dos serviços de interpretação e de tradução durante essa reunião, que deve realizar-se na ilha de Chios de 2 a 4 de junho de 1993. A comissão estima que essa decisão viola os artigos 79 e 123 do Regulamento interno do Parlamento Europeu. O comissário Jaak Vandemeulebroucke (Arc, B) declarou: “O Bureau não tem o direito de modificar o Regulamento do Parlamento. Se a tradução não é

possível em mais do que cinco línguas, por que não escolher o holandês, o português, o grego, o espanhol e o dinamarquês renunciando ao francês, ao alemão, ao italiano e ao inglês? Nós somos todos iguais. Seriam algumas línguas mais iguais do que outras? ” O Presidente da Comissão, Sr. Antoni Gutierrez Diaz, obteve um apoio irrestrito da Comissão a favor dessa carta.”⁹

A reação dessa Comissão testemunha o importante lugar que ocupam os valores democráticos na mentalidade europeia. Mas, com a ampliação da UE, o princípio da igualdade não poderá ser mantido para sempre: às onze línguas oficiais nos anos noventa foram em 2004 adicionadas outras nove, e três outras, búlgaro, irlandês e romeno, foram oficializadas em 2007. A multiplicação dos problemas de ordem prática causados pelo emprego de tantas línguas em pé de igualdade faz suar frio os funcionários europeus incumbidos de organizá-lo.

2.1.5. Tradução não-institucional: problemas de qualidade

Instruções de uso

A tradução conhece um impulso inédito no mundo econômico e comercial. Por exemplo, muitas caixas de queijo trazem a inscrição “queijo francês em pasta mole” em cinco ou seis línguas. O comprador de um barbeador elétrico ou de um aparelho de som recebe instruções de uso ainda mais multilíngues. O mínimo que se pode dizer, quando se observam objetos dos dias de hoje, é que a multiplicidade das línguas se faz sentir. Também no plano da produção e do consumo, nós podemos responder afirmativamente à nossa primeira pergunta: há um problema de línguas no mundo, não é verdade que o conhecimento generalizado do inglês basta para resolvê-lo.

Uma das primeiras constatações que fazemos no momento em que se tentamos ir ao fundo das coisas é que as deformações de mensagem encontradas na interpretação simultânea dos discursos também se encontram no âmbito da tradução comercial. Existem na Suíça duas grandes sociedades cooperativas que abarcam uma enorme fatia do mercado tanto de alimentação e têxteis quanto de artigos de consumo cotidiano. São elas a Migros e a Coop. Para evitar que me acusem de favoritismo ou de difamação premeditada, tomarei um exemplo de cada uma. Não dispondo de tempo para proceder a uma pesquisa com todo o rigor científico, eu me limitei a examinar de perto as instruções de uso de objetos que eu adquiri para minha família e que se encontram em minha casa.

Um deles, comprado na Coop, é um secador de cabelos (Rotel, tipo U 80.4). Na caixa de papelão, um aviso em diversas línguas. O inglês diz: “*Attention: Do not use while bathing or showering and do not immerse the appliance in water*” (Literalmente: “Atenção: Não utilizar ao banhar-se na banheira ou no chuveiro e não imergir o aparelho em água”). Os italianos têm direito à mesma coisa, descontada a ducha: “*Attenzione: Non usare l'apparecchio nel bagno, non immergerlo nell'acqua*”, ainda que se possa compreender esse texto, segundo o uso atual da língua de Dante, como significando: “não utilizar o aparelho no banheiro”. Como quer que seja, se, para os anglo-saxões, é a imersão que é considerada perigosa, para as pessoas de língua alemã ou francesa, o risco começa antes: “*Vorsicht! Dieses Gerät nicht in der Badewanne, Dusche oder über mit Wasser gefüllten Wasch-becken benutzen*” dito em alemão, o que corresponde ao francês: “*Attention: Ne pas utiliser l'appareil dans la baignoire, la douche ou sur le lavabo rempli d'eau.*” (“Atenção: Não uti-

⁹Comissão da política regional, da organização do território e das relações com os poderes regionais e locais, Sessões de 24 e 25 de março de 1993.

lizar o aparelho na banheira, na ducha ou em cima do lavabo cheio d'água. ") O alemão diz "por sobre o lavabo", mas esta pequena divergência pode ser negligenciada na prática. A pergunta é inevitável: o mesmo aparelho é mais perigoso para um povo do que para outro?

O aparelho comprado na Migros é uma máquina de café Miostar MI 75. A prudência induz o comprador a ler as advertências de segurança, na página 7 das instruções de uso. "*Ne jamais remplir l'appareil avec de l'eau **chaude!*** " ("**Nunca** encher o aparelho com água quente! ") diz a instrução em francês, com duas palavras em negrito e um ponto de exclamação, para bem fazer entender que é importante. Mas como não se perturbar quando se percebe o texto italiano diante dos olhos? "*Non versare acqua fredda nel recipiente*", diz ele, o que significa: "Não derramar água fria no recipiente". Qual é a verdadeira advertência de segurança?

Literatura, cinema, jornalismo

Nas traduções de livros, de romances em particular, encontram-se constantemente passagens que, mal traduzidas, impedem a comunicação de passar. Por exemplo, o livro de Liv Ullmann, *Décisions* (Paris: Stock, 1985) contém na página 196 a frase seguinte: "Na única loja daquela comunidade, a metade das prateleiras está cheia de fórmulas de leite". Passemos por essa comunidade, que de fato é uma cidadezinha, um pequeno vilarejo. Mas o que são essas estranhas fórmulas que enchem as prateleiras? Trata-se simplesmente de leite em pó (em inglês, formula).

Na versão francesa do romance de Hammond Innes *O homem de Levkas*, publicada por Albin Michel, um dos personagens queixa-se das selvas concretas onde se amontoa uma boa parte da população. O tradutor, trabalhando com pressa sem dúvida, não se deu conta de que *concrete*, em inglês, quer dizer "concreta", certamente, mas também "concreto" (de cimento). No caso, é nas selvas de concreto, isto é, cidades-dormitório feitas de prédios todos semelhantes, onde vivem os habitantes dos quais se trata.

Certos erros de tradução são extremamente frequentes nos romances traduzidos do inglês. É o caso, por exemplo, de *paved road*, quase sempre traduzida por "estrada de paralelepípedos" enquanto que se trata de fato de estrada asfaltada.

Encontram-se as mesmas discrepâncias nas dublagens de filme. Em *Mary Poppins*, os atores cantam repetidas vezes um refrão em que se faz referência àquilo que ajuda a medicina a correr. Não sejamos malvados com o tradutor: era necessário que as palavras francesas fossem adaptadas à melodia original, e que os lábios dos personagens não apresentassem uma excessiva falta de sincronia em relação às palavras pronunciadas. Isso não evita que *ajudar a medicina a correr* seja uma expressão bastante bizarra. Tem-se a impressão de que se trata de provocar o desaparecimento do corpo médico. De fato, a expressão utilizada quer dizer: "que ajuda a engolir a pílula, a fazer passar o medicamento".

Um outro exemplo nos é fornecido pelo *Pai-Nosso* que é pronunciado pelo Cristo em *Jesus de Nazaré*, de Zeffirelli. A frase "mas livre-nos" do mal tornou-se "livre-nos da tristeza". Contrassenso enorme! O mal moral e a tristeza de que se padece, são duas coisas totalmente diferentes. A dublagem cometeu aí um erro grave. Um erro que poderia passar num filme policial é inadmissível num filme de temática religiosa, política ou filosófica se mexe numa noção central das convicções expostas.

Não conseguiríamos acabar de citar os casos nos quais a tradução, tal como ela é organizada em nossa sociedade, transmite uma mensagem diferente da que foi emitida. A palavra inglesa *poverty*, que quer dizer "miséria", é tão frequentemente traduzida por pobreza

nos despachos das agências de notícia que a distinção feita antigamente entre esses dois estados enfraquece-se rapidamente. Para mim, “viver na miséria” e “viver na pobreza” são coisas diferentes, mas talvez eu esteja com relação a isso sendo traído por minha idade. Eu imagino que os jovens que leem regularmente que tantas pessoas no Terceiro Mundo, nos Estados Unidos ou na Rússia vivem abaixo da “linha da pobreza” acabaram por compreender, graças ao contexto, que esse *poverty threshold* marcava o limite daquilo que, há tempos, chamava-se miséria.

Outro exemplo clássico: num despacho de agência reproduzido na maioria dos jornais de 25 de agosto de 1986 e referente a um espião russo trabalhando na ONU, podia-se ler: “Ele era oficial de assuntos científicos” e “Zakharov havia chegado aos Estados Unidos em dezembro de 1982 como oficial cientista”. No espírito do leitor francófono, esse homem devia ter parte ligada ao exército, visto que ele era oficial. Na verdade, tratava-se de uma má tradução do inglês *officer*, pessoa que trabalha em um *office*, isto é, um escritório: Zakharov era simplesmente um funcionário administrativo.

Esse tipo de erro evidentemente não é limitado aos originais em inglês. O termo russo *mezharodnyj*, “interétnico”, é frequentemente traduzido por “internacional” (*mezdu-narodnyj*), como, por exemplo, num despacho datado de 21 de março de 1990 e relativo à situação na Lituânia: “O Movimento internacional pró-soviético, representando a população russa (...)”.

Terminemos essa breve amostra por uma menção apresentada na capa de uma publicação oficial alemã que é editada em várias línguas: *Veröffentlichung frei – Belege erbeten. Free of charge – reprints requested. Publication libre – Prière d’envoyer des exemplaires justificatifs*¹⁰. O francês não é muito claro: o que é uma publicação livre? Reportar-se ao inglês não resolve o problema, pois se trata de um sentido falso: *free of charge* quer dizer gratuito, enquanto que a expressão alemã significa na verdade “reprodução autorizada”...

Decididamente, não é verdade que os problemas de língua sejam uma invenção de espíritos desgostosos e doentios, e que graças ao inglês por um lado, e, por outro lado, à tradução dos textos e à interpretação dos discursos, tudo são flores num universo em que a barreira das línguas não mais existe. Problemas há. Os bilhões que as nações despejam no ensino escolar de línguas não os solucionam. Não mais do que os milhões pagos por contribuintes e consumidores para os serviços linguísticos ou para as agências de tradução e de interpretação. Não há dúvida: é plenamente justificável o nosso trabalho de consultores no estudo de uma possível reorganização de um sistema que deixa muito a desejar. Mas, antes de prosseguir, vamos dar uma olhadinha nos custos do sistema atual.

2.2 Aspectos econômicos

É extremamente difícil avaliar os custos que o multilinguismo impõe à nossa sociedade. Nenhum estudo global verdadeiramente completo foi publicado sobre esse assunto, sendo que a quase totalidade dos estudos disponíveis limita-se aos custos diretos.

Para dizer a verdade, seria muito difícil ser completo, visto que os problemas linguísticos ocorrem a todo instante e são de uma grande diversidade. Quanto custou, em abril de 1992, a obrigação de retirar das livrarias, de forma catastrófica, a primeira versão do Tratado de Maastricht, cujo conteúdo diferia de uma língua para outra, para retomar o trabalho do zero e fazer reimprimir o texto? Como apreciar o custo de um erro feito por uma faxineira marroquina

¹⁰*IN Press*, (Inter Naciones, Kennedyallee 91-103, D-5300 Bonn 2), 1992, 3/4.

ou portuguesa que entendeu mal suas instruções? Quem calculará o tempo perdido no trâmite dos arquivos dos refugiados e das pessoas em busca de asilo político em razão das complicações da comunicação? O que custará à sociedade, ao final, a impossibilidade de dispensar o tratamento psicoterápico do qual ele necessitaria um adolescente vindo de Sarajevo, por falta de um terapeuta capaz de compreender o servo-croata? Como recensar todas as negociações internacionais entre parceiros comerciais, sobretudo de PME (Pequenas e Médias Empresas), pertencentes a países tão diversos? Que desperdícios a diversidade de línguas provoca na África, na Índia, na Nova Guiné? Como inventariar todos os encontros interculturais (é raro que um congresso internacional de médicos, de historiadores, ou de jogadores de xadrez se passe em uma só língua)? É impossível destacar todos os custos e as complicações imputáveis à diversidade linguística. As considerações seguintes não são nada mais do que a parte emersa de um iceberg cuja massa escondida ninguém é capaz de avaliar.

Tarifas de base para tradutores e intérpretes independentes

Em Genebra, cidade onde, em vista do pequeno número de habitantes, a prestação de serviços linguísticos ocupa uma parte anormalmente elevada da atividade econômica, a tarifa proposta aos tradutores pelas agências de tradução era em 1993 da ordem de 200 francos suíços cada mil palavras (cerca de uma página e meia datilografada com espaçamento simples entre linhas; equivalendo essa quantia a 117 dólares⁸). A tarifa aplicada para a interpretação simultânea, não considerando os gastos de viagens, das horas-extras e outros adicionais variando de um contrato a outro é de 840 francos suíços por dia (US\$560). Se a sessão se realiza em uma outra cidade que não aquela em que reside o intérprete, acrescentam-se 270 francos (US\$180) por dia de ausência de seu domicílio.

Os custos podem sofrer aumentos bruscos. A primeira versão do manuscrito da presente obra foi preparada em março de 1991. A remuneração de um intérprete independente contratado em Genebra era então de 750 francos suíços por dia. No mês seguinte, eu recebi uma proposta de contratação para fazer a interpretação simultânea no congresso europeu dos Verdes (partidos ecologistas) de 1 a 2 de junho de 1991, em Zurique. A remuneração estava então fixada em 840 francos suíços por dia, ou seja, US\$ 1.120 para os dois dias pela taxa de câmbio da época. O contrato compreendia, além disso, e como sempre em casos semelhantes, indenizações e reembolsos de despesas, de forma que o total final era de 3.034 francos suíços, ou seja, US\$ 2.020. É claro, é normal que me reembolsem as despesas, mas basta que eu abra mão da primeira classe para a viagem de trem e que eu me contente com refeições razoáveis para elevar minha remuneração efetiva, para esses dois dias, a 2.734 francos suíços, isto é, mais de US\$ 1.650. Para dois dias de trabalho, não é esse valor um pouco exagerado?

Custo dos serviços linguísticos institucionais

A União Europeia emprega em torno de 3.000 tradutores e 700 intérpretes-funcionários, além de 2.500 intérpretes independentes. Em 1989, ela gastou para seus serviços linguísticos 1,4 bilhão de Euros, ou seja, cerca de 1,6 bilhão de dólares⁹. Ainda na União Europeia, cada palavra escrita fica em 36 centavos de dólar; esse custo dobrou em dez anos. Ora, lá se traduzem 3.600.000 palavras *por dia*. A tradução de documentos (abstraindo-se a interpretação oral

⁸ Cotação em abril de 2001 (N.T.).

⁹ Mario von Baratta e Jan Ulrich Clauss, *Internationale Organisationen* (Frankfurt über Main: Fischer, 1991), p. 146.

utilizada nas reuniões) absorve então *cotidianamente* 1,2 milhão de dólares. Esses montantes não representam mais do que uma estimativa extremamente prudente¹⁰.

As cifras precitadas causarão vertigem se lembrarmos que elas devem conhecer num prazo relativamente curto uma considerável elevação: a União utilizava até 2004 somente 11 línguas, mas, como visto acima, até 2007 foi necessário acrescentar 13 novas línguas. Ora, acrescentar uma língua é muito mais do que utilizar um idioma suplementar. Cada acréscimo exerce um efeito multiplicador: se não são necessários mais do que três intérpretes quando se empregam duas línguas, são necessários seis quando se passa a três línguas, 21 se as línguas utilizadas são sete, e centenas quando se chega a 24 línguas. O que vale para a interpretação simultânea vale também para a tradução de documentos, como destaca um relatório da ONU:

“Uma organização utilizando sete línguas deve poder assegurar a tradução para as 42 combinações de línguas, ao que se deve acrescentar a tradução ocasional a partir de outros idiomas”.¹¹

No sistema das Nações Unidas, o custo de uma única tradução simultânea (dessa vez, excluindo a tradução de documentos) elevou-se para o exercício 1984-85 a 78,1 milhões de dólares¹². E a análise do orçamento da Organização das Nações Unidas – ONU somente, excluídas as instituições especializadas que a ela se ligam e que têm, cada uma, seu orçamento independente – permite situar o custo global dos serviços linguísticos da Organização, para o exercício de 1992-93, em 300 milhões de dólares; (essa cifra embute uma estimativa dos serviços linguísticos dos escritórios regionais e dos diversos órgãos para os quais eu não tive acesso às cifras exatas).

As despesas assim inscritas nos orçamentos estão longe de representar a totalidade dos custos imputáveis ao funcionamento multilíngue, pois praticamente sempre se trata de gastos de pessoal. Ora, um serviço linguístico custa muito mais caro do que somente os efetivos de tradutores e de intérpretes. A repartição do trabalho implica um certo número de secretárias. Cada serviço linguístico tem sua biblioteca, com dicionários técnicos, obras de referência, obras de base sobre cada assunto em cada uma das línguas. Muitas organizações, por exemplo a ONU, têm um serviço de referências: cada texto a traduzir passa primeiro por uma referenciadora que o lê, destaca as citações, busca sua tradução oficial e reenvia o documento ao tradutor, frequentemente com outros relatórios tratando do mesmo assunto, nas duas línguas, para que ele possa melhor compreender do que se trata e ter uma base de terminologia.

Como o trabalho das referenciadoras está longe de resolver os problemas causados pelos termos técnicos, todas as organizações têm um serviço de terminologia.

Quanto mais pessoal há, maior a necessidade de lugar para as bibliotecas e arquivos, é necessário mais espaço, e mais aumentam os gastos gerais: pessoal encarregado de separar os documentos e encaminhá-los de um escritório a outro ou sistema pneumático de transmissão, aparelhos de ditar, papel, máquinas de escrever ou editores de texto, aquecimento, eletricidade, serviço de estacionamento e de elevadores, gastos de telefone e de correio, gastos de impressão, etc. Tudo isso implica um trabalho suplementar para os serviços de contabilidade, de seguro-saúde, de assistência social, de recrutamento. Muitas organizações têm um serviço permanente que se ocupa exclusivamente do recrutamento do pessoal temporário de conferência, pois elas

¹⁰ Roman Rollnick, “Word mountains are costing us a fortune”, *The European*, 22 de dezembro de 1991, p. 6.

¹¹ Documento JIU/REP/80/7, par. 37.

¹² Corpo Comum de Inspeção, *Gestion des services d’interprétation du système des Nations Unies* (Genebra: ONU, 1986, documento JIU/REP/86/5), p. 7.

sempre utilizam um grande número de intérpretes independentes, contratados para uma dada reunião. Se os tradutores independentes são menos numerosos, ainda assim eles são recrutados para cada grande encontro internacional, da mesma forma como se convocam redatores de atas de sessão multilíngues que trabalham a título independente (quer dizer, na conferência; o grande público ignora a existência dessa categoria profissional; quem sabe, por exemplo, que a Interpol recruta para suas reuniões redatores independentes de atas, obrigatoriamente políglotas?).

Quase todas as organizações têm um serviço de traduções externas. Trata-se de textos confiados a pessoas que trabalham no domicílio. Por exemplo, um pequeno e pouco conhecido órgão das Nações Unidas, o Centro do Comércio Internacional, publica uma revista trimestral, o *Fórum do Comércio Internacional*, cujas versões francesa e espanhola são inteiramente produzidas por tradutores independentes que trabalham em seus domicílios. A remuneração do tradutor externo é de cerca de 4.700 francos suíços por número (US\$2.740).

Deslocamentos

Como as reuniões realizam-se aqui e acolá, uma conta exata dos custos do multilinguismo deve levar em consideração todos os gastos de viagem e de estada, e o custo do pessoal que organiza os deslocamentos. Se o russo e o chinês são línguas oficiais de uma conferência realizada em outra parte que não na sede da organização, isso pode implicar um avião inteiro de frete para transportar os dicionários, as obras de referência, os documentos de base, as máquinas de escrever russas e os computadores, impressoras ou máquinas de composição necessários para produzir os textos chineses. Quando há uma conferência fora da Sede, um adicional diário deve ser pago a cada tradutor, intérprete, redator de atas, datilógrafo, técnico de interpretação, secretário, etc., para cobrir gastos de hotel e de restaurante.

Quando a OMS organizou em Alma-Ata (atualmente Almaty), no Cazaquistão, uma importante conferência sobre os “Cuidados primários de saúde”, ela teve que efetuar um deslocamento impressionante. Todas as máquinas de escrever francesas, espanholas e inglesas vieram de avião desde Genebra, da mesma maneira que incontáveis caixas de dicionários, livros de referência, arquivos e outros documentos, assim como aparelhos de ditado. É de se duvidar que na contabilidade os gastos correspondentes tenham sido inscritos na área referente à “Comunicação Linguística”. Entretanto, sem o multilinguismo, eles não teriam existido.

As instituições europeias devem fazer face a gastos análogos. As idas e vindas do Parlamento Europeu entre Estrasburgo e Bruxelas teriam custado 80 milhões de dólares em 1992. Essa cifra não inclui os documentos que transitam por Luxemburgo para lá serem traduzidos e impressos (“os papéis concebidos em Bruxelas são traduzidos no Grão-Ducado, que abriga 3.400 funcionários do secretariado do Parlamento”¹³). A viagem tem lugar duas vezes por mês: mais de cem toneladas de papéis em inúmeras línguas são transportadas pela Danzas. “Às vezes, em todas essas viagens, um malote é perdido: a sessão parlamentar é então interrompida, durante o tempo que se leve para reencontrar o malote viajante e em seguida tornar disponíveis a todos os grupos linguísticos os textos em sua língua”¹³: essas horas perdidas devem igualmente ser inscritas nas despesas do multilinguismo.

Material

Em todas as burocracias internacionais os gastos de papel são enormes. Todas efetuam a tradução em dois tempos. O tradutor dita um primeiro esboço, relê o esboço, corrige-se, em seguida o texto passa por um revisor que corrige e melhora a tradução (é a única maneira de evitar contrassensos perigosos). Isso significa que cada página deve ser digitada duas vezes, às

¹³ Laurent Fontaine, “Le coût de la bougeotte”, *L’instant*, 24-30 de outubro de 1991, pp. 18-19.

vezes três, se o tradutor se corrigiu muito. Por razões misteriosas, os tradutores resistiram durante muito tempo à introdução dos computadores, que representam, sem dúvida, uma grande economia de papel. A maior parte recusa-se a digitar. O custo de amortização das máquinas de ditado, o custo das fitas cassete e dos artigos de papelaria nunca figurou em centros de custo distintos quando concernia ao pessoal linguístico. Ora, uma organização que utiliza 24 línguas de trabalho utiliza no mínimo 48 vezes mais papel e nitidamente mais material de papelaria do que uma organização unilíngue. Uma parte dos gastos ocasionados pelo multilinguismo é então escondida, nos orçamentos, do lado do economato.

Desvios para a tradução de créditos destinados a outras atribuições

O incidente a seguir é representativo de um outro aspecto da dificuldade que há em orçar o multilinguismo.

Um dia, eu me encontro no secretariado do serviço de tradução de uma organização internacional quando chega um chefe de serviço com um documento de uma centena de páginas do qual ele pede, com urgência, a tradução para as diversas línguas de trabalho. Quando lhe respondem que, por estar a equipe linguística sobrecarregada, é impossível atendê-lo dentro do prazo exigido. “Mas vocês não podem contratar pessoal temporário, ou então fazer o trabalho externamente? ”, perguntou ele. – “Sim”, lhe respondem, “contanto que você encontre o dinheiro necessário”. – “Então não há problema”, replica o chefe de serviço, todo contente, “o projeto dispõe de um orçamento de tantos milhares de dólares, a gente usa uma parte desses recursos para pagar os tradutores”. Na verdade, não há problema. A não ser pelo fato de que quando os representantes dos países aprovaram o orçamento da organização, eles aprovaram o projeto, uma atividade concreta, em campo, destinada a ajudar pessoas que dela necessitam. Para tomar exemplos fictícios, digamos que eles acreditaram estar empregando recursos para a “Organização das telecomunicações em Djagawa”, os “Trabalhos de saneamento da região de São Ípsilon” ou a “Ajuda à produção de manuais escolares em Laghistani”. Na verdade, destinaram sem saber um adicional para o serviço de tradução.

Eu comecei o parágrafo precedente por “Um dia” porque é uma lembrança precisa que me voltou à memória. Eu revejo o escritório, os secretários, o céu cinzento pela janela. Mas eu tenho conhecimento de numerosos casos desse gênero para poder garantir que não se trata de um fato isolado. Devemos ficar com raiva dos envolvidos? A ideia de que isso que eles fazem é desonesto não lhes vem ao espírito. Eles estão presos nas engrenagens, nas situações inextricáveis. Eles são cúmplices, certamente, mas são também vítimas da síndrome de Babel.

Dois relatos cheios de informações

Se é impossível fornecer uma avaliação aceitável daquilo que custa à sociedade o sistema de comunicação linguística atualmente em uso, pelo menos pode-se dizer que se trata de montantes astronômicos. As poucas citações que seguem, partindo de inspetores da ONU, testemunham abundantemente esse fato. Os documentos dos quais elas foram extraídas não são recentes, mas a situação não melhorou desde então, muito pelo contrário. Consultemos, de início, o relatório de C. E. King, A. S. Bryntsev e F. D. Sohm intitulado *Incidências do emprego*

de novas línguas nos organismos das Nações Unidas.¹⁵ Ao lermos esse documento, ele parece uma ladainha:

“As despesas dos serviços linguísticos dos organismos das Nações Unidas são muito pesadas” (par. 22);

“Uma das pequenas instituições estima que se não houvesse mais do que uma língua de trabalho em vez de cinco, o montante total de seu orçamento ordinário não representaria mais do que 30 a 40% do montante atual em razão da supressão de todos os custos linguísticos, tanto diretos quanto indiretos” (par. 24);

“Os inspetores estão surpreendidos pela complexidade e pelo custo elevado da prestação de serviços multilíngues descritos no presente relatório” (par. 115);

“Os serviços linguísticos atualmente fornecidos ou em vias de sê-lo na ONU ou em outras organizações visadas pelo presente estudo constituem uma carga extremamente pesada” (*ibid.*).

O quadro que figura na página 10 desse documento indica a parte do orçamento absorvida pelos serviços linguísticos em cada uma das organizações ligadas às Nações Unidas. Lá vemos que 11% do orçamento da Unesco são devorados por Babel. Essa proporção atinge 22,6% na União Internacional das Telecomunicações, 26,8% na Organização da Aviação Civil Internacional e 23% na Organização Intergovernamental Consultiva da Navegação Marítima. Essas proporções parecem consideráveis, mas as Nações Unidas e as outras organizações mundiais são extremamente moderadas em relação às instituições europeias. No Parlamento Europeu e no Comitê Econômico e Social, “o custo do plurilinguismo não estaria longe dos $\frac{3}{4}$ [do orçamento] no mínimo”, explica um euro-deputado.¹⁶ Essa porcentagem atordoante é plausível se considerarmos que “as despesas de tradução representam mais de 60% do orçamento de funcionamento do Parlamento Europeu”.¹⁷ Na verdade, se 60% do orçamento perdem-se na tradução dos documentos, não há nada de anormal no fato de que a interpretação das intervenções durante as sessões adicione 15% a esse número. Para dizer a verdade, isso parece assustadoramente pouco.

Para situar corretamente essas proporções, não se pode esquecer que os serviços linguísticos não trazem nada de novo. Não há construção, não há estudo, não há análise, não há contribuição real à vida. Eles nada fazem além de transmitir, com perdas. Trata-se a cada vez de montantes que, se fossem encarados de outra maneira (como veremos na sequência do texto), serviriam a atividades concretas, em real benefício das populações.

O que quer que seja, o estudo dos inspetores da ONU contém muitas informações que atestam a realidade bem concreta das dificuldades ligadas à gestão da comunicação linguística em nossa sociedade, por exemplo:

¹⁵ Genebra: Corpo comum de inspeção, 1977, documento A/32/237.

¹⁶ Jean E. Humblet, “Le problème des langues dans les organisations internationales”. *Revue Internationale des sciences sociales*, 1984 XXXVI, 1, pp. 155-156

¹⁷ Gérard Mermet, *Euroscopie* (Paris: Larousse, 1991), p. 166.

“O rearranjo das salas de conferência da Sede da ONU com vistas a garantir a interpretação árabe custou 1.295.000 dólares, a maior parte usada na instalação dos circuitos de sala”¹⁸

A União Europeia dispõe de salas equipadas para vinte e cinco línguas? Se esse não é o caso, quanto custarão as instalações necessárias para servir a uma União ampliada?

Por outro lado,

“Uma grande instituição revelou que sempre foi difícil encontrar pessoal linguístico qualificado em número suficiente, mas que nesses últimos anos, com a multiplicação constante das reuniões em todas as organizações e a falta de coordenação entre estas, o problema muitas vezes foi saber como se poderia encontrar quantidade suficiente de intérpretes ou de tradutores de conferência, independentemente da qualidade deles”.¹⁹

As pessoas que imaginam que o inglês resolve o problema não tardariam a perder suas ilusões se elas folhassem esses documentos. No relatório sobre a tradução, intitulado *Evaluation of the Translation Process in the United Nations System*, pode-se ler, por exemplo:

“Às preocupações que suscita a falta de tradutores disponíveis para recrutamento pelos serviços linguísticos junta-se uma outra preocupação: no mundo inteiro, os diplomados das universidades não são mais linguisticamente tão competentes como no passado”.²⁰

É interessante constatar que, como sempre no caso de uma neurose, um certo nevoeiro impede conhecer a realidade:

“As organizações possuem poucos dados sobre os resultados, a eficácia e o impacto de seus serviços de tradução” (par. 125).

“É raro que o objetivo fundamental dos serviços linguísticos dos organismos das Nações Unidas tenha sido claramente exprimido, analisado ou definido” (*ibid.*).

“Os Inspetores estimam que é absolutamente necessário estudar com mais atenção e de forma permanente a eficácia dos serviços de tradução. A eficácia da tradução, em relação a seu custo, deixa muito a desejar” (par. 127).

Na verdade, esse estudo, julgado “absolutamente necessário”, nunca foi empreendido.

Babel: um vampiro?

Com frequência, as doenças consomem. Elas absorvem as forças vitais e não deixam mais energia para as atividades agradáveis ou úteis. Elas são como a máfia que desvia para seus próprios fins somas monstruosas, num egoísmo absoluto. A síndrome de Babel age da mesma forma. Ela faz perder o senso de proporção e de justiça. Eis aqui um exemplo.

Em 1975, a Vigésima Oitava Assembleia mundial da Saúde, órgão legislativo da OMS, decidiu conferir o estatuto de línguas de trabalho ao árabe e ao chinês. A partir daquele dia, os

¹⁸ Documento A/32/237, par. 99.

¹⁹ *Ibid.*, par 89.

²⁰ Genebra: Corpo comum de inspeção, 1980, documento JIU/REP/80/7. par. 43.

delegados tiveram então o direito de exprimirem-se nessas línguas ou de utilizá-las para apresentar suas proposições escritas. Quanto às intervenções pronunciadas nas outras línguas na assembleia ou no conselho executivo, foi desde então necessário traduzi-las em chinês e em árabe, assim como toda a documentação requerida para essas reuniões, o que representa uma quantidade impressionante de papel.

O Secretariado da Organização era contrário a essa decisão: ele sabia que se tratava de um afago feito a um grupo de países, mas que aquilo não mais faria do que complicar as coisas. No documento preparado para ajudar os Estados a tomar sua decisão, ele explicava que a adoção dessas novas línguas custaria por ano, para começar, cinco milhões de dólares.²¹ Mas os representantes dos países não deram ouvidos às advertências do Secretariado: eles votaram galhardamente a favor da reestruturação proposta. Isso não os impediu de, alguns dias depois, ao se pronunciarem sobre o orçamento que lhes fora proposto, descartar, por *falta de recursos*, um conjunto de projetos realistas, bem estudados, destinados a melhorar a saúde na África subsaariana e que não exigiam ao todo mais do que 4,2 milhões de dólares.²² Eu cito a África porque eu calculei o total dos projetos recusados àquela região do globo, mas muitos outros países sofreram com a decisão de aumentar o número de línguas de trabalho. Cinco milhões de dólares por ano, *para começar*, são destinados aos serviços linguísticos, mas se recusam, por falta de verbas, pedidos de crédito muito modestos, como os seguintes: Malásia – reabilitação de deficientes físicos, 130.500 dólares; Birmânia – luta contra a hanseníase, 83.000 dólares; Bangladesh – formação de assistentes médicos, 148.200 dólares; República Dominicana – medidas de saneamento básico, 26.000 dólares.²³ Na mesma assembleia, Sir John Wilson, presidente da Organização Mundial Contra a Cegueira, proferiu um emocionante discurso em defesa de milhões de crianças condenadas à cegueira caso não tivessem sua doença tratada, uma vez que os remédios existem e são de baixo custo. A maior responsável pela cegueira nessas crianças, explicou ele, é a xerofthalmia; ora, proteger contra essa doença não custa mais do que 12 centavos de dólar por criança por ano.²⁴ Por mais emocionante que essa intervenção possa ter sido, ela não tocou os corações. Os representantes dos Estados permaneceram impassíveis. Para aquilo não havia dinheiro...

Ninguém exigiu um estudo de custo/eficácia para determinar se o aumento de peso dos serviços linguísticos tinha qualquer justificativa. Ninguém se espantou com o fato de que se pudessem desbloquear em alguns minutos cinco milhões de dólares para traduzir tudo em mais duas línguas, mas que não se dispunha de dinheiro para impedir milhares de crianças de ficarem cegas. Que a falta de medicamentos, de cuidados ou de ação preventiva se concretize na prática em uma enorme soma de sofrimentos individuais, isso era totalmente indiferente às pessoas presentes. Nenhum jornalista, aliás, denunciou essa maneira profundamente desumana de conceber as prioridades.

É claro, era inadmissível que uma organização mundial só utilizasse línguas europeias. Adotar o chinês e o árabe era um gesto simbólico para com o mundo não-europeu. Um gesto altamente simpático, pois ele significa: “Vocês existem, nós os reconhecemos e manifestamos a

²¹ Organização Mundial da Saúde, Vigésima oitava Assembleia, *Emprego do árabe e do chinês como línguas de trabalho na Assembleia Mundial da Saúde e no Conselho Executivo: Relatório do Diretor Geral*, documento A28/50, 15 de maio de 1975, p. 3.

²² *Actes officiels de l’OMS: Projet de Programme et de Budget*, n° 223, apêndice 5.

²³ *Ibid.*

²⁴ OMS, *Comunicado de imprensa WHA/7*, 20 de maio de 1975.

consideração que temos por vocês”. Para povos que se sentem esquecidos, desprezados, isso é de uma importância capital. Mas era necessário fazer pagar por esse gesto o preço da morte das pessoas que não terão a água tratada da qual necessitam ou os medicamentos que as salvariam? Além do mais, porque, como nós veremos na sequência, existem outros meios de respeitar a justiça e a diversidade cultural do mundo.

O caso de créditos que se revelam misteriosamente disponíveis para tudo traduzir em árabe e chinês na OMS, enquanto que não estão mais disponíveis quando se trata de atividades concretas para as quais a instituição foi criada, não é mais do que um exemplo entre tantos outros. Pode-se dizer que a organização da comunicação linguística no mundo de hoje desvia da função normal uma fantástica parte do dinheiro produzido por aqueles que trabalham e do qual necessitam aqueles para quem uma ajuda da sociedade seria indispensável.

Pode-se dizer que, em vista daquilo que é desviado para fins armamentistas, o custo das línguas é ridículo. Duas considerações podem ser formuladas em relação a essa observação. Por um lado, a corrida armamentista tem também ela todas as características de uma doença mental que afeta a sociedade; não é pelo fato de um doente ser acometido de duas doenças simultâneas que se faz necessário abandonar o tratamento de pelo menos uma das duas. Por que não começar pela doença mais simples, aquela para a qual existe um remédio testado (nós voltaremos a isso)? Por outro lado, mesmo que tenham um raciocínio temerário, as pessoas que nos dotam de armamentos assombrosamente caros têm ao menos a desculpa de que fazem isso em nossa defesa. Se um ditador psicopata armado até os dentes ameaça destruir o planeta, ou semear a morte e a destruição entre os povos que ele odeia, é compreensível que estejamos prontos a impedi-lo. Ainda que isso custe muito caro e mesmo que possam ser discutíveis alguns aspectos desse raciocínio, é uma questão de nossa sobrevivência, a qual vale bem um certo investimento.

Mas quando se deu aos árabes e chineses o presente linguístico citado acima, não havia nenhum perigo de morte, nenhum risco de destruição. E, de fato, não se fez senão agravar a injustiça. Por que para os árabes e chineses e não para os afeganes e japoneses, para os etíopes e brasileiros? Todos os povos cuja língua não é utilizada perderam por conta daquela decisão, porque alguns de seus adversários potenciais estão desde então mais bem armados para negociar e defender suas ideias. A ironia é que os países prejudicados por essa perda de poder ainda tiveram que pagar por ela. A contribuição do Japão ou do Brasil para o orçamento da Organização não diminuiu porque se privilegiaram adversários potenciais. As populações da maioria dos países continuam assim a pagar ainda mais impostos para que seus governos estejam menos bem posicionados na disputa pelas decisões.

Eu citei a OMS porque eu tinha em mãos os documentos, mas esse aumento no número de línguas utilizadas, com direcionamento para os serviços linguísticos de recursos supostamente destinados a melhor organizar o mundo, ocorreu em praticamente todas as organizações de âmbito mundial. Na União Europeia, não houve extensão: todas as línguas dos Estados membros são línguas de trabalho desde o início.

Alguns pontos de comparação

Uma característica do comportamento neurótico consiste em isolar um elemento de seu contexto no momento em que ele ameaça revelar a presença de uma patologia. Essa característica encontra-se no caso de que tratamos. Os montantes relacionados nos orçamentos linguísticos praticamente nunca se situaram em conjunto. Ora, não se pode julgar sem que seja por comparação.

De acordo com a ONU, 40.000 crianças *por dia* morrem de diarreia ou outras doenças causadas pela ingestão de água que não atende às normas de higiene. Um anúncio publicado pela Unicef nos dá uma ideia do que se poderia fazer se os recursos disponíveis fossem geridos inteligentemente:

“As doenças diarreicas representam a principal causa de óbitos entre as crianças menores de cinco anos, no mundo inteiro. Ora, o que mata geralmente não é a diarreia propriamente dita, mas a desidratação que ela acarreta, uma desidratação tão intensa que o organismo da criança não mais produz lágrimas quando ela deveria chorar. Existe, contudo, um remédio (...). Um saquinho de TRO (terapia por reidratação oral), suficiente para salvar uma criança da morte não custa mais do que 12 centavos de dólar. Mas esse nada mais é do que um exemplo do preço irrisório da sobrevivência para as crianças do Terceiro Mundo. Por 17 centavos, nós podemos produzir a vacina que salvará uma criança da morte pela rubéola. A proteção contra a tuberculose fica em 5 centavos por criança. E 10 centavos bastam para vacinar uma criança contra a difteria, o tétano e a coqueluche.”²⁵ (Lembremos que a União Europeia paga 36 centavos por *palavra* traduzida e que ela traduz entre 3 e 4 milhões de palavras por dia).

Outro exemplo: 600 francos suíços (350 dólares) bastam para alimentar durante um mês 70 crianças abandonadas, recolhidas num orfanato no Vietnã.²⁶ É o custo de 1200 palavras traduzidas nas instâncias europeias de Bruxelas: duas páginas com espaço simples.

Ou ainda, consideremos esse amargo relato de um médico francês que luta contra as doenças no Laos:

“Um programa eficaz de luta contra o paludismo não custaria mais de 800.000 dólares por ano. Mas não há dinheiro para financiar as ações necessárias. Simplesmente não há dinheiro. Não há dinheiro para pagar o pessoal, para adquirir material, para comprar gasolina. Simplesmente não há dinheiro.”²⁷

O contraste é espantoso entre, de um lado, o alto custo da tradução e da interpretação e, do outro lado, o baixo custo de uma ação de solidariedade humana que não se consegue concretizar por falta de dinheiro. Por exemplo, a luta contra a desnutrição não custa mais do que 10 dólares *por ano* e por criança¹¹: é o preço de 27 palavras de um documento da UE. Que belo mundo o nosso: um bilhão de adultos não sabe ler; 1,5 bilhão não tem acesso a saúde; 1,75 bilhão não tem água potável, uma pessoa em cada cinco vive na miséria absoluta, 100 milhões de crianças não vão nunca à escola; 200 milhões quase não vão. “Onde encontrar o dinheiro para remediar esses males? ”, pergunta o despacho da Info-Sud de onde esses números foram tirados. A neurose defende-se bem: a síndrome de Babel bloqueia toda relação entre orçamentos linguísticos e a organização de uma sociedade com face humana.

²⁵ *Time*, 26 de novembro de 1990, p. 15.

²⁶ Associação Grão de Arroz, publicação “Faites-le savoir”, Primeiro programa da Rádio Suíço-francesa, 31 de março de 1992, 7h 50.

²⁷ Stan Sesser, “Forgotten country”, *The New Yorker*, 20 de agosto de 1990, p. 64.

¹¹ Despacho do Info-Sud, *L'Echo illustré*, 6 de outubro de 1990, p.7.

A página seguinte traz algumas imagens que mostram o contraste entre o luxo das grandes organizações internacionais e a miséria dos refugiados em diversas partes do mundo. Além de desviarem recursos que poderiam atenuar os sofrimentos dos mais necessitados, as soluções para a comunicação nas dispendiosas burocracias multilíngues não são aplicáveis nas mais graves situações reais de penúria, sejam elas decorrentes de guerras, catástrofes climáticas ou naturais. Quando se tenta socorrer ou ajudar refugiados em lugares remotos, não é possível recorrer à interpretação simultânea e a complexos serviços de tradução. O recurso às línguas ocidentais raramente soluciona o problema, pois na maioria das vezes essas populações só falam suas línguas locais.



Figura 2: Refugiados – Afeganistão, Tanzânia, Ruanda e Sudão (© Sebastião Salgado)



Figura 3: Alto: Parlamento Europeu (Estrasburgo): fachada e cabines de interpretação (fotos: Hermann Beun e Michoslaw); abaixo: ONU (Nova Iorque) fachada e plenário (fotos: I Like)

Capítulo 3

Mitos e realidades

Como vimos, o problema apresenta-se sob diversas formas, segundo os protagonistas e o plano no qual aparece a necessidade de comunicação:

- Os interessados não conseguem dizer uns aos outros o que gostariam;
- A mensagem é transmitida, mas à custa de uma considerável quantidade de frustrações, enervamentos ou sofrimentos;
- A comunicação é quase perfeita, mas isso custou um enorme investimento de tempo e esforço por parte de alguns dos participantes (a questão de um sistema mais rentável merece ser estudada);
- Há injustiça: uns recebem a mensagem perfeitamente, os outros, mal ou pessimamente (situação frequente em certos encontros internacionais, em que as pessoas de língua inglesa, e às vezes francesa, gozam de um privilégio injustificado com relação ao comum dos mortais; situação igualmente frequente nas relações entre uma autoridade local e um indivíduo de nacionalidade estrangeira: trabalhador imigrante, refugiado, viajante, posto pela própria situação em uma posição de inferioridade);
- A mensagem recebida apresenta em relação à mensagem emitida uma discrepância suficiente para que haja, de fato, engano;
- A transmissão da mensagem custa uma quantia excessiva, de sorte que a multiplicação das situações de multilinguismo acaba por desviar fantásticas somas daquilo que seria sua destinação normal numa organização inteligente do mundo (em outras palavras, a relação eficácia/custo atinge com muita frequência proporções eticamente inaceitáveis).

Tendo constatado tudo isso, nós estamos na situação do médico que registrou os sinais: há febre. Mas, para tratar o doente, é necessário saber o que provoca o estado febril. Trata-se de uma gripe, de uma meningite, de uma crise de paludismo? O tratamento diferirá em função do diagnóstico. Não se pode saber como proceder para sanar a situação sem questionar as causas.

Substituir a realidade por um mito: tendência natural do espírito humano

As causas são complexas e múltiplas, mas a principal talvez seja que, ao contrário do que as aparências sugerem, é muito difícil imaginar o que é realmente uma língua. Ao acreditarem, como qualquer um, que a comunicação linguística funciona bem, ou que, em todo caso, não há nada a fazer para melhorá-la, nossos representantes, bem como nossos informadores, evitam mergulhar no estudo do caso. Não saberíamos como repreendê-los: eles têm mais o que fazer. Mas o resultado dessa omissão é que a informação de que eles dispõem, assim como a do cidadão comum, está cheia de lacunas graves. A percepção do problema como um todo fica distorcida porque a maioria dos interessados ignora sua ignorância.

Na verdade, uma das particularidades do espírito humano é que ele não suporta furos no tecido de seus conhecimentos. A natureza tem horror ao vazio, diz um velho ditado. Assim ocorre com a nossa necessidade de saber. As crianças, por exemplo, podem dar a impressão de

estar conscientes de sua ignorância, uma vez que elas nos encham de perguntas. Elas são mais astuciosas do que se pensa e o psicólogo Jean Piaget pôs em evidência mecanismos ocultos das técnicas que elas utilizam para substituir um saber real por um saber imaginário. Por exemplo, 80% das crianças de 5 anos às quais se pergunta: “O que é que existiu primeiro, a cidade de Genebra ou o lago?” não respondem “eu não sei”, o que corresponderia por vezes à verdade e à reputação de inocência delas, mas “a cidade, é claro”. Se lhes é perguntado por quê, elas explicam que sendo o lago formado por água que escorre pelas pias, banheiras e lavabos, seria absurdo imaginar que ele tenha estado lá antes de a cidade existir. Lógico, com certeza. Mas totalmente à margem da realidade.

Os adultos não são diferentes. Isso é menos perceptível, porque eles sabem das coisas bem. Mas quando eles não sabem, eles substituem sua ignorância por uma opinião. E eles não distinguem muito bem a opinião do conhecimento, sobretudo quando há uma decisão a tomar. No domínio das línguas isso é o que se passa em 90% dos casos. É muito difícil fazer-se uma ideia justa do que seja uma língua, porque esta é um fenômeno muito mais complexo do que parece à primeira vista.

Um dia, por ocasião de um congresso consagrado à tradução por computador, eu conversei com um jovem americano que tinha à sua disposição um orçamento de alguns milhões de dólares para implementar um sistema informatizado que permitiria traduzir do inglês para o chinês e vice-versa. Ele tinha noções bastante boas de chinês e sabia bem sua língua materna, mas nos dois casos seu conhecimento era puramente instintivo, irrefletido. Não tendo jamais feito tradução profissionalmente, ele não tinha mais do que uma vaga ideia dos processos mentais os quais a compreensão implica. Quando eu mostrei a ele que seus programas teriam que se desdobrar para traduzir uma frase chinesa como *zhè yú bu chī le*, que pode tanto querer dizer “esse peixe não come mais” como também “esse peixe, não se pode mais comê-lo”, ele caiu das nuvens. Ele nunca havia tomado consciência da existência desse tipo de problema. Sua surpresa foi muito maior ainda quando eu lhe apresentei dezenas de casos de ambiguidade em sua própria língua. Eu lhe perguntei, por exemplo, como seu computador iria distinguir se *Chinese cabbage soup*, em um dado texto, designaria uma sopa de repolho preparada segundo uma receita chinesa, ou um caldo a base dessa específica verdura que é o repolho chinês. Ele ficou boquiaberto. Confesso que eu também. Mal consigo entender que alguém possa trabalhar durante meses e meses com a informatização da tradução sem descobrir a existência desses problemas, que são o arroz com feijão dos tradutores profissionais.

Eis aqui um outro fato que ilustra bem a que ponto é frequente a má compreensão da natureza da linguagem. Nós estamos na Mondolingua, o salão das línguas e das culturas, que se realiza a cada ano em Genebra. Percorrendo essa exposição em 4 de maio de 1991 eu avisto um stand que propõe aos curiosos divertirem-se fazendo traduzir por computador as frases que lhes passam pela cabeça. A julgar pelos cartazes e prospectos, trata-se de material sério, daí porque a escolha de minha primeira frase: *In such a case, you can make a very good case for wooden cases*, “Em um caso assim, pode-se produzir uma argumentação bem convincente em favor das caixas de madeira”. Eu esclareço que não se trata de uma invenção, mas de uma condensação de uma frase mais longa tirada dos dizeres em uma embalagem que eu havia revisado algum tempo atrás e a qual me chamara a atenção por ver a palavra inglesa *case* aparecer em dose tripla na mesma frase cada vez com um diferente sentido. Eu então digito essas poucas palavras. O computador responde-me polidamente para esperar alguns instantes. Quando a tradução por fim

aparece na tela, eu não acredito em meus olhos: *Num caso tal você pode fazer um caso muito bom para casos inexpressivos.* ”

O responsável explica-me que, certas vezes, o computador comete erros, e aconselha que eu me ponha no “modo interativo”, para que a tela possa pedir-me os detalhes dos quais o aparelho pode vir a precisar. Bom, por que não? Pode ser divertido dialogar com um computador para chegar a uma boa tradução. Eu me ponho então no modo interativo e proponho uma frase ambígua tirada igualmente de um texto real: *He was sorting out food rations and chewing gum*, que tanto pode significar “ele separava rações e goma de mascar”, quanto “ele separava rações mascando goma”. Decepção! O computador não percebeu que deveria fazer uma pergunta a respeito do valor gramatical do *-ing* de *chewing*. Em lugar de “interagir” comigo, ele forneceu a seguinte frase: *Ele separava fora rações de alimento e mastigando a gengiva.*

Longe de mim a ideia de fazer desses lamentáveis resultados o produto típico de toda tradução informatizada! Existem sistemas muito mais refinados, que teriam dado conta dos problemas. O que eu quero mostrar, no estágio atual de nossa exploração, é que muita gente não tem nenhuma ideia do que é uma língua. Nem a direção da firma que oferecia aquele programa, nem os programadores que nele trabalharam tinham uma ideia precisa do problema que eles atacavam. Um dicionário informatizado que não leva em conta o fato de que *case* tem vários significados, entre os quais “caso” e “caixa”, um programa que negligencia as múltiplas funções da terminação *-ing*, uma das mais correntes em inglês, não podem ter sido produzidos senão por pessoas que nada compreenderam do funcionamento linguístico. Deve ser enorme a dose de inconsciência para que se ouse apresentar esse produto numa exposição.

É por não conseguirem conceber o que é uma língua que muitas pessoas que pedem uma tradução técnica dizem sorrindo: “Não tente compreender, contente-se em traduzir!” Isso talvez fosse possível a partir de línguas de uma extrema precisão, cujos termos fossem todos unívocos. Mas essa língua não existe em nosso planeta. Mesmo o francês, que tem a reputação de ser claro, pode ser terrivelmente ambíguo. A palavra *important* significa tanto “grande” quanto “que tem consequências de grande alcance”. A palavra *affaire* pode designar, conforme o contexto, um empreendimento, uma transação, um conjunto de fatos ou o objeto de um debate judiciário. Nessas condições, como se poderia traduzir *affaire importante* sem compreender o conjunto do texto? Como traduzir, sem compreender, um título como *Plus d'impôts!*? Será que ele anuncia um aumento ou uma redução de impostos? Dizer que a segunda hipótese é extremamente improvável é apelar a um julgamento, e assim à compreensão.

Compreender a natureza da linguagem é mais difícil do que parece numa primeira abordagem. Eis porque tanta gente se ilude gravemente, em particular, sobre a possibilidade real de aprender uma língua estrangeira.

Dominar o russo em três meses

“O que você acha? Quanto tempo é preciso dedicar a cada lição? ”, pergunta uma simpática senhora ao empregado da livraria mostrando-lhe *O russo em 90 lições*. O vendedor pega o livro nas mãos, avalia rapidamente o peso, dá uma abridinha aqui e ali, e responde, com o rosto resplandecente de competência: “Oh, bastam uma hora ou 45 minutos por lição. Eu recomendo fazer uma lição por dia, se você tiver tempo suficiente.” A senhora dispõe de todo o tempo sugerido. Ela então paga, encantada: “Formidável, em três meses eu saberei russo!” E ela se vai, dirigindo ao empregado seu sorriso mais radiante.

Alguns dirão que nesse caso não se trata de uma opinião, mas de enganação deliberada da parte de um vendedor que, sem o menor escrúpulo, diz o que for necessário para vender mais um livro? Talvez. Mas as ideias desse tipo estão muito difundidas.

Pobre senhora! Eu estava na loja e quase intervim. Será que foi maldade minha? Todavia eu não tive coragem de destruir seu entusiasmo. Eu teria sem dúvida sido obrigado a explicar-lhe meu caso: “Desde a infância me é dito que eu tenho um dom para línguas, e é verdade que aprendi um certo número delas. O russo, eu comecei estudando sozinho ao longo de dois anos, e depois, durante meus primeiros estudos universitários, fiz mais quatro anos à razão de quatro horas por semana. Após isso, inscrevi-me no que na época se chamava, na Universidade de Genebra, a Escola de Intérpretes (hoje em dia Escola de Tradução e Interpretação). Lá, dez horas semanais de russo foram-me dispensadas durante um ano universitário. Eu em seguida trabalhei em um escritório de pesquisa onde fui encarregado da exploração de fontes soviéticas: eu lia russo o dia inteiro. Tendo me tornado tradutor na ONU, em Nova Iorque, traduzi milhares de páginas naquela língua. Como eu também era redator de atas, ouvi centenas de discursos ou intervenções na língua de Puchkin. E após essas horas incontáveis (eu não ousou fazer a conta, pois isso seria desencorajador demais), quando me ocorre ler um texto de Soljenitsin ou o *Pravda*, há passagens inteiras que eu não compreendo: o dicionário me é indispensável.”

Alguns leitores pensarão talvez que eu não seja justo comigo mesmo, que eu tenho a ostentação da falsa modéstia, e que após tudo aquilo, eu certamente sei russo. De forma alguma, e eu tenho uma referência: o francês. Eu não sei francês de forma total e ocorre-me de consultar o dicionário em minha língua materna. Mas não há comparação. Quando eu falo francês, eu não cometo mais erros do que o francófono médio. O texto que escrevo agora, não teria necessidade de que fosse relido para que se me corrigisse a linguagem. É claro, eu o submeterei a minha esposa e a algum outro amigo talvez, que me aconselharão substituir tal fórmula por tal outra, mais clara e bela, mas não haverá daqueles erros grosseiros como os que cometo em russo. Se, para imitar os economistas, convencionássemos que meu conhecimento do francês representa o índice 100, eu acredito poder dizer honestamente que meu conhecimento do russo deve situar-se por volta de 65. Eu não tenho em russo nem domínio pleno, nem destreza, nem mesmo passivamente, exceto em um número restrito de assuntos cujo vocabulário me é familiar.

O poder da palavra

Visto que eu acabo de confessar ter aprendido várias línguas, eu posso dar outros exemplos. No que se refere à aprendizagem inicial, eu fiz mais inglês do que russo. Quando eu era tradutor, traduzi mais do inglês que do russo. Ouvi, em sessão, talvez dez vezes mais inglês do que russo. Vivi cinco anos nos Estados Unidos, e para lá retornei em diversas ocasiões. Cheguei mesmo a lecionar por duas vezes no âmbito dos cursos de verão da San Francisco State University. Leio tanto inglês quanto francês, senão mais. Publiquei um certo número de artigos na língua de Shakespeare. Em resumo, minha familiaridade com o inglês é tal que eu deveria saber essa língua. E eu a sei, até um certo ponto. Em relação ao índice 100 há pouco mencionado, eu me colocaria ao redor de 78. O que significa que eu não sei realmente inglês.

Numa conversa com um anglo-saxão, eu nunca estou em igualdade com meu parceiro. Se devo exprimir uma emoção, ou defender-me, eu endureço o que queria dizer, ou gaguejo como nunca faço em francês; acontece também de eu utilizar uma linguagem excessivamente vulgar ou solene que não corresponde à mensagem que quero transmitir, num tom que me parece admissível e que seria o meu se eu falasse em francês. Em minha língua, minhas frases

organizam-se por si mesmas como eu desejo. Não em inglês. Por certo, eu não pretendo ter em francês o tom justo, a frase que se deve dizer, em todas as situações. Ocorre-me também, em minha língua materna, ser excessivamente duro ou mole, cometer erros de gramática ou procurar minhas palavras. Mas isso nunca é consequência de um desconhecimento da língua, deve-se sempre à interferência de meu estado afetivo ou nervoso (fadiga, por exemplo). Em inglês é totalmente diferente: as palavras escondem-se porque elas estão menos disponíveis, meu sotaque torna-se estrangeiro, sobretudo se o assunto me interessa profundamente, porque a necessidade de exprimir algo vital tendo que fazer uma ginástica com a boca é um luxo nessas circunstâncias, e a gramática fica incorreta na medida em que me concentro no conteúdo, sem que sobre energia para a forma. Assim, num momento em que seria capital ter um perfeito domínio do instrumento linguístico, eu abandono nuances essenciais, cometo erros que fazem rir meu interlocutor exatamente no instante em que eu teria que impressioná-lo, e minha pronúncia transforma-me num personagem diferente daquele que sou, ridículo, talvez, quando seria importante ser levado a sério.

Eu disse, há pouco, que tinha publicado um certo número de textos em inglês. Foi para dar uma ideia da quantidade de exercícios que eu fiz naquela língua. Mas o que eu não disse é que jamais pude publicar um texto sem fazê-lo ser relido por um anglo-saxão. E nunca ocorreu de ele não achar duas ou três correções a fazer por página.

Deve-se concluir disso que aqueles que me consideraram particularmente dotado para as línguas cometeram um erro grosseiro, que, em suma, eu não devo ser tão dotado assim? É possível. Mas eu sempre *gostei* de línguas. Eu as aprendi com um imenso prazer. Eu sempre fui, não somente o primeiro da turma nessas matérias, mas, sem contestação, o aluno mais motivado. Ora, as pesquisas feitas sobre a psicopedagogia das línguas concluem com uma notável unanimidade que o principal fator que favorece a aquisição de uma língua estrangeira é a motivação do aluno.

Talvez alguns leitores digam a si mesmos que eu sou perfeccionista, que minha ambição intelectual é desmesurada. O índice de 78 já é de causar inveja. Por que não me satisfazer com ele? Nós retornaremos em breve a esta questão, fundamental. No estágio atual, nós podemos nos contentar com uma resposta condensada: isso não me basta, por preocupação com equidade e por espírito esportivo. Uma negociação é como uma partida. Quem aceitaria uma partida de xadrez em que um dos jogadores pudesse explorar 100% das possibilidades de jogo enquanto que seu adversário não tivesse o direito de usar mais do que 78% das regras jogando a seu favor? Numa troca de ideias com um interlocutor anglo-saxão, por que devo eu deixá-lo *x* passos de vantagem? Se ele é menos hábil que eu, eu não me oporei, isso seria equivalente aos handicaps previstos em diferentes esportes para jogadores menos avançados. Mas se, independentemente das questões de línguas, ele já é mais forte do que eu, não é o cúmulo que eu tenha que suportar, além disso, uma limitação linguística? O que têm os anglo-saxões de melhor que nós, que lhes justifique tal privilégio em tantas situações?

O fato é que em inglês eu estou menos à vontade do que em francês. Eu nem sempre percebo isso. Mas ao fim de um dia em que eu falei o tempo todo em inglês, eu estou mais cansado que ao final de um dia comparável no qual eu falei minha língua materna.

Além disso, a linguagem encerra um poder que não deve ser subestimado. Seja, por exemplo, uma colisão entre uma motocicleta e um carro. Felizmente, ela se passa na cidade, o carro ia lentamente e não há feridos. O motociclista, que não havia respeitado a preferência de quem vem à direita, destruiu a porta do carro. Quando a condutora sai do veículo, comovida

pelo acidente, o jovem motociclista não hesita um só segundo. Ela mal tem tempo de se recompor e ele já a enche de ofensas: “Você comprou sua carteira de motorista na feira? Olhar se vem alguém seria pedir muito para você? Pessoas são mortas em plena rua desse jeito! Assassina!” E ele foge diante da multidão confusa. Ele maneja tão bem o poder da palavra que desapareceu sem que quem quer que fosse tivesse anotado o número de sua placa. Ele estava visivelmente errado, mas seu seguro de responsabilidade civil não poderá ser acionado. A senhora terá que arcar com os prejuízos. Porque ele soube falar...

Levando em conta tais realidades, não seria necessário visar, em todos os intercâmbios entre seres humanos, aquilo que é óbvio e consensual em esportes de competição: colocar os participantes em pé de igualdade? O poder da palavra é importante demais para que seja normal a um povo uma vantagem nesse terreno.

Toda relação humana estrutura-se. A relação não-neurótica entre adultos é aquela que se estrutura no plano da igualdade. É raro encontrá-la nas relações entre pessoas de línguas diferentes; aqui, um dos participantes é automaticamente colocado na posição paterna – daquele que sabe, daquele que pode – o outro na posição da criança, que não consegue a não ser mediante um certo esforço. Ter dificuldades em exprimir-se, buscar as palavras, cometer erros, é fazer papel de criança, inferior. (Com certas pessoas, a vaidade intervém e elas se esforçam em mostrar à sociedade que são crianças brilhantes, alunos fortes em línguas; essas não são as menos ridículas, quando nem elas mesmas têm a menor ideia do efeito que produzem). Poder usar sua língua materna numa relação com uma pessoa de outra origem é assumir o papel paterno: a gente sente ao longo de toda a troca que poderia dar lições. Mesmo se, como ocorre com frequência, os participantes não estão conscientes dessas estruturas, a relação entre desiguais linguísticos não é uma relação sã.

Entre as ideias falsas sobre as línguas é então necessário relevar a ideia inexata segundo a qual a maneira de se exprimir tem pouca importância. A esse respeito, a frequência da expressão *virar-se*, nas conversas sobre o assunto em questão, merece ser sublinhada. “Com o inglês”, dizem, “a gente se vira em qualquer lugar do mundo”. É curioso que não se reflita mais sobre o que essa expressão implica. Quem nada mais faz do que se virar é como um atamancador diante de um profissional. Não se discute que é melhor virar-se do que nem disso ser capaz. Mas se é possível fazer melhor, por que não fazer? Voltaremos a tratar disso.

Um sutil condicionamento

No momento, notemos que de tanto verem títulos como *O inglês sem esforço*, *O espanhol em três meses*, *O russo é uma língua fácil* (autêntico!), as pessoas deixem-se enganar. A mesma distorção da realidade encontra-se em propagandas como: “*Para saber inglês: três meses no Instituto..., bem no coração de Londres*”, ou “*Qual dessas 34 línguas você gostaria de falar? Escolha a língua que você gostaria de falar em três meses*” (entre essas línguas, o hindi, o japonês, o russo, o cantonês...).¹ Esses textos transmitem uma mensagem apresentada como tão evidente que ela retira de suas vítimas qualquer vontade de verificar do que realmente se trata. As pessoas em sua maioria são assim levadas a acreditar que o domínio de uma língua estrangeira está ao alcance da mão. O que prova esta pergunta, feita outro dia por uma cabeleireira: “Eu preciso aprender inglês em dois meses. O que você me recomenda?” Imagina-se que basta dispor-se a fazê-lo. Ora, isso é inteiramente falso.

¹ Publicidade do Linguaphone, *Construire*, nº 15, 14 de abril de 1993, p. 21.

“Com a ajuda dos programas Linguaphone você aprende a falar uma língua estrangeira – com um excelente sotaque – em menos de 12 semanas. Basta uma meia hora de exercício por dia, quer dizer, menos de 90 horas ao todo”, diz o texto sobre as 34 línguas cujas duas frases astuciosas foram citadas acima. Essa formulação faz pensar que ao final de 90 horas a pessoa terá um certo domínio no idioma em questão. Uma propaganda que apareceu numa revista britânica proclama a mesma mensagem: “*You can be confident in FRENCH, SPANISH, GERMAN or ITALIAN in 3 ½ weeks*” (“Você pode sentir-se seguro de seu francês, espanhol, alemão ou italiano em três semanas e meia”).¹² De fato, para poder virar-se numa língua estrangeira, é necessário saber utilizar mais ou menos corretamente um mínimo de 3000 palavras e compreender mais de 5000. Não se chegará a isso em 100 horas a não ser que se adquiram 30 palavras por hora, ou seja, uma palavra a cada dois minutos, cada palavra devendo ser definitivamente fixada na memória para que o conhecimento seja operacional. Nenhum cérebro humano é capaz de tal desempenho. Esse cálculo basta para demonstrar o caráter desonesto de propagandas desse tipo. Isso é, contudo, tão elementar a ponto de ser ridículo: por um lado ele não leva em conta nem a fonética (quanto tempo é necessário para assimilar os fonemas ingleses que não existem em nossa língua?), nem a gramática, nem as diferenças no campo semântico, nem as expressões idiomáticas, que representam uma parte considerável do que é necessário saber para poder utilizar uma língua estrangeira; por outro lado, ele negligencia o fato de que para poder utilizar uma língua é necessário ter os conhecimentos transformados em *reflexos*, o que exige incontáveis repetições.

As manipulações psicológicas abundam no comércio das línguas. “**VOCÊ NÃO TEM MAIS DESCULPA SE VOCÊ NÃO SABE INGLÊS**” grita um cartaz em letras garrafais que enfeita um dos stands da Mondolingua, o Salão das Línguas e das Culturas anteriormente mencionado. Claramente: se você não sabe inglês, você é anormal, apresse-se em comprar nosso método em videocassete para juntar-se ao grupo das pessoas normais. Certos visitantes imobilizam-se por alguns instantes, hipnotizados por essa acusação, os outros prosseguem sua lenta deambulação. Mas todos vieram para olhar e todos olham. Queiram eles ou não, o texto imprime-se em seus psiquismos, produzindo o efeito de sugestão sobre o qual se funda toda publicidade. Uma manipulação a mais impedirá assim o público de abordar com seriedade os problemas da comunicação linguística. A ideia de que saber inglês é a norma é apresentada como incontestável, com seu corolário, não explicitado: saber inglês é possível. Se, a despeito de todo o material aperfeiçoado que lhe oferecemos, você ainda ousa não saber essa língua, você é incorrigível, digno de desprezo: é pior que anormal, você é culpado. *Você não tem desculpa.*

Eis como nossa sociedade manipula os psiquismos. Ela toca mecanismos afetivos inconscientes. Quem lê aquele texto, mesmo que de relance, não sente nada de especial. Mas no fundo de seu ser, fizeram vibrar seu medo (totalmente natural) de ser diferente, culpado, excluído. O medo inibe o questionamento, para o qual de qualquer modo o tom autoritário da sentença não deixa nenhum espaço. O que você poderia dizer em sua defesa é de antemão descartado: você não tem mais desculpa.

Manipulados dessa maneira, reconduzidos à condição de crianças postas em seu devido lugar pela pessoa-grande-que-sabe-tudo, como ousaríamos questionar se a frase em questão tem

Figura 4: Falar inglês ou chinês em oito semanas... realidade ou enganação?

¹²² *Business Life*, maio de 1993, página 65.



ou não alguma relação com a realidade? É claro, por si só, ela teria pouco efeito. Mas a mesma mensagem é repetida em todos os tons. Aquela frase nada mais faz do que explicitá-la da maneira mais brutal possível. Juntamente com suas congêneres, ela tem o mesmo efeito de um vírus num computador. Ela corrompe o jogo normal dos encadeamentos lógicos da reflexão. Ela inocula ou reforça o vírus babélico. A neurose coletiva consolida assim suas posições.

A síndrome de Babel defende-se bem. Olhe em torno de você: as pessoas normais, que penam para utilizar uma língua estrangeira colocam-se na defensiva. Elas sentem-se inferiores. Elas vivenciam como se fosse um defeito aquilo que é a condição normal do ser humano no mundo tal como ele está atualmente organizado. Escute-as, nos casos em que um contato com o estrangeiro as faz sentir a defasagem entre os dois interlocutores: “Desculpe-me eu falo inglês muito mal” ou “Diga a ele para desculpar-me, mas eu não consegui aprender nenhuma língua estrangeira”. Nós nos desculpamos por sermos normais! É o cúmulo. Por que não deveria ser o outro a se desculpar? Com que direito espera ele que falemos sua língua?

Mitos e ensino escolar

O discurso sobre as línguas na escola veicula também sua parte de mitos. “O ensino de línguas”, dizia um Ministro da Educação, “compreende o acesso a uma cultura, e para as línguas estrangeiras, a uma civilização”.¹³ Isso é o mesmo que acreditar que a realidade corresponde aos desejos. Como se poderia ter acesso a uma cultura ou a uma civilização enquanto que, nos diz um pedagogo, especialista na matéria:

“No nível do vestibular, um jovem em cada cem consegue exprimir-se corretamente numa língua estrangeira. Quanto a uma segunda língua, o resultado final nos planos da cultura e da elocução raramente ultrapassa o nível da balbúcia”,¹⁴

Opinião corroborada alguns anos mais tarde em um relatório oficial:

“Nossos alunos são, em 99%, incapazes de fazer uma frase por si mesmos, incapazes de ler um artigo de jornal, incapazes de conversar com um amigo de sua idade na língua dele”.¹⁵

Se essas citações parecem ao leitor muito antigas, que ele me permita apresentar-lhe uma mais recente:

“O inglês é mais predominante do que nunca entre as línguas estrangeiras estudadas nos colégios. Surpresa: a despeito dos esforços feitos, os desempenhos dos alunos não são melhores hoje do que em meados dos anos 80. (...) Desde meados dos anos 80, a competência dos alunos não progrediu em inglês e em alemão, exceto na escrita (...). Em inglês, estudantes do primeiro e do segundo graus dominam menos as conjugações dos verbos irregulares, por exemplo.”¹⁶

Existe uma estranha defasagem entre professores de línguas de um lado, e pais e alunos do outro. Os professores sabem com razão que os alunos não atingirão mais do que um nível medíocre. Mas pais e alunos imaginam que são levados a um verdadeiro conhecimento da língua estudada. Por outro lado, as declarações dos sucessivos ministros sobre o aspecto cultural do ensino de línguas são ainda mais assombrosas se considerarmos as escolhas dos alunos (isto é, dos pais, na maioria dos casos). Se são considerações de ordem cultural que dirigem o ensino das línguas, como explicar as porcentagens delas? Na França, 93% “escolheram” o inglês em 1993, contra 82% dez anos antes. Apresenta a cultura anglo-saxã um interesse superior às outras *numa tal proporção*? O seu interesse cresceu a esse ponto em uma década? Não há paralelismo entre o lugar respectivo das culturas na civilização humana e seu lugar no ensino de línguas.

A verdade é que se o inglês é tão frequentemente ensinado, isso se dá porque os pais assim desejam. E eles não o desejam por amor à cultura anglo-saxã. Eles assim desejam porque querem dotar seus filhos de um meio de serem bem-sucedidos na vida e o inglês lhes parece aumentar as chances de atingir essa meta. O acesso a uma cultura ou a uma civilização

¹³ Resposta do Senhor Ministro da Educação Nacional ao Senhor Deputado Philippe Marchand (n° 8531, 8 de fevereiro de 1982).

¹⁴ Henri Roger, “Dire la vérité”, *Le Monde*, 31 de maio de 1979, p. 2.

¹⁵ Relatório Bertaux, *Le Monde de l'éducation*, outubro de 1982.

¹⁶ Artigo não assinado. “Les élèves misent sur le plus utile mais le niveau stagne. **Langues: l'anglais toujours plus fort**”, *Ouest-France*, 7 de janeiro de 1993, página 3.

estrangeiras praticamente só se produz no nível universitário, sobretudo para o pequeno número de jovens que fazem estudo de letras. As ideias que a população faz sobre o ensino de línguas e aquelas que os ministros proclamam com respeito à cultura são, também elas, mitos.

Mitos relativos às capacidades individuais

Tomar seus desejos por realidade é um fenômeno corrente na área que estudamos. “Pedrinho é muito bom em línguas, ele exercita bastante seu alemão; três semanas na Alemanha e ele falará fluentemente”, dizem, por exemplo, os pais. O menino escuta isso. Ele não tem nenhuma razão para duvidar das palavras de seu pai ou de sua mãe. Quando ele retorna da Alemanha ele aprendeu bastante, é verdade. Mas está decepcionado: ele sabe que está bem longe do nível que lhe haviam feito sedutoramente acreditar.

Não nos é fácil situar de forma realista nossa competência em línguas. O ser humano resiste em descobrir que se encontra abaixo do nível desejado; além do mais, ele se vira consideravelmente bem a ponto de não perceber sua inferioridade. Além disso, os anglo-saxões são particularmente muito espertos. Tendo compreendido que teriam tudo a ganhar se falássemos sua língua, eles demonstram a maior tolerância em relação à maneira como os estrangeiros a massacram. Com a premeditação aliada à boa educação, eles não hesitarão em dizer: “Você fala inglês perfeitamente”. O interessado acha-se o máximo, encantado por ter sido incluído no clube da elite. O “mas não, você está exagerando” que ele pronuncia não é nada além de um joguinho ditado pelas conveniências. É preciso ter o jeito modesto, ora bolas! Mas ele não duvida um só instante de que eles disseram a mais pura verdade, como em poucas vezes igual. Encarar o fato de que o “perfeitamente” deles faz igualmente parte do rito seria desagradável. Elogios são raros demais para que não desfrutemos bem dos que ocasionalmente recebemos.

Muitas pessoas que se vêem elogiar daquela maneira situam-se em torno do nível 35 ou 40 em relação ao índice 100 (que corresponde ao domínio do inglês que tem o anglófono médio). É claro, o britânico ou o norte-americano que adula assim seu interlocutor não é um completo mentiroso: em comparação com 80% dos estrangeiros que tentam se virar em inglês, e que se situam no nível 10 ou 15, ele está nitidamente acima. Mas podemos muito bem imaginar falarmos inglês de modo quase perfeito sem termos qualquer ideia dos disparates que cometemos, das nuances que perdemos, do aspecto bizarro da maneira na qual nos exprimimos, dos mal-entendidos que provocamos. Ou do fato de que compreendemos obliquamente o que nos é dito. Um mínimo de pesquisa permite constatar que uma porcentagem elevada das pessoas que acreditam sinceramente não ter qualquer problema em inglês, é incapaz de compreender o sentido real de expressões como *The wish that might make right* ou *Being an English major, I was prepared for tragedy*. Na primeira elas percebem alguma coisa como “o desejo que a lei do mais forte se aplique”, “o anseio de que a razão do mais forte seja sempre a melhor”, literalmente “o desejo de que o poder crie o direito, ou defina quem tem razão” (*might* aqui é substantivo significando “poder” e *make* um subjuntivo). Na segunda, elas compreendem “sendo um major no exército inglês, eu estava preparado para as tragédias”, enquanto que ela quer dizer “por ser o inglês a minha principal área de estudo, eu estava apto para a dramaturgia”. Inúmeras pessoas convencidas de que sabem perfeitamente inglês ignoram que um *Soviet expert* é muito mais frequentemente “um especialista (americano, europeu ou outro) sobre a União Soviética”, um “soviétólogo”, do que um “especialista soviético”. A inconsciência do erro não suprime de modo algum o erro.

A discrepância entre a impressão subjetiva de possuir uma língua e a realidade apareceu nitidamente por ocasião de uma pesquisa realizada em seis países da Europa ocidental. Na França, 20% das pessoas entrevistadas classificaram-se na categoria “sabe perfeitamente o inglês”. O teste revelou que só 3% podiam realmente pretender um bom conhecimento daquela língua.¹⁷

Se o domínio do inglês estivesse acessível aos não-anglófonos, há um lugar onde, mais do que em qualquer outro, nós poderíamos verificá-lo: no aeroporto. No dia 3 de fevereiro de 1989, eu aterrissava no aeroporto Charles de Gaulle, vindo de Genebra. De fato, eu seguia para Nantes, onde havia sido convidado, por ocasião do Festival do Livro, a apresentar um colóquio sobre o tema “O inglês abastarda-se, é necessário protegê-lo”. Eu tinha a meu lado uma britânica, professora de inglês. No momento em que a tripulação distribuiu para todos os passageiros um cartão trilingue, ela deu uma olhadela nele e exclamou: “Mas que algaravia é essa?” O texto inglês começava assim:

“The arrival hall at Paris had to be temporarily internationalized. In order to facilitate the immigration control where you will be guided by our ground staff, we kindly ask you to present this “Easy Exit Card” to the immigration officer at the gate specially arranged for our passengers from Geneva. Your luggage you will find as usually in the domestic area...”

A primeira frase era para aquela inglesa totalmente ininteligível (de fato, nos era informado que os voos de Genebra pousavam excepcionalmente, em razão de obras, no setor internacional, enquanto que normalmente eles se assemelham a voos domésticos franceses). A segunda quase fazia rir, porque a forma polida havia sido mal colocada: nos era pedido com bondade para apresentar o cartão ao controle de fronteira, em vez de nos pedir para ter a bondade de fazer esse gesto. Quanto à terceira, que nos explicava que nós poderíamos retirar nossas bagagens como de costume na área de vôos domésticos, ela estava estranhamente distorcida sem razão compreensível. Teria bastado dizer: *you will find your luggage as usual in the domestic area*. O resto estava de acordo.

Em muitas firmas, sobretudo se se trata de PME, as pessoas chamadas a realizar uma tradução estão inconscientes de seu nível linguístico. O inglês de um bom número de documentos traduzidos no continente europeu ou nos países do Terceiro Mundo causa sobre o leitor anglófono o mesmo efeito que o texto seguinte sobre o leitor em nossa língua. Trata-se de instruções de uso que acompanham bolas de futebol importadas da Índia:

*“As direções seguintes garantem o não corrimento do ar e manterão a vesícula de esvaziar. Segure a caixa da bolota em sua forma própria e redonda. Sacuda-a para evitar a dobradura da vesícula. Segure o nariz com o dedo. Mergulhe o inflador antes da inflagem começa. Insira bem o zy inflador. Segure bem o inflador na direção zig-zag. Bombeie.”*¹⁸

Mas para que criticar mais? As últimas dúvidas relativas ao conhecimento generalizado do inglês serão varridas pelo texto seguinte – uma citação dentro de uma citação

¹⁷ Detalhamentos e apresentação gráfica dos resultados sob o título “English spoken” em *La Meuse* de 5 de setembro de 1992.

¹⁸ Citado em BT2 (*Bibliothèque de Travail – Second degré*), Publicações da Escola Moderna Francesa, maio de 1993, n° 257, p. 3.

– que emana de fontes apresentando todas as garantias de seriedade desejáveis. A pesquisa em questão havia sido pedida por uma firma que contava tirar proveito do desenvolvimento da televisão por satélite para fazer publicidade no conjunto da Europa. Antes de emitir textos publicitários em inglês destinados a todos os europeus, era necessário verificar que porção da população poderia compreendê-los.

“Extraí-se de uma recente pesquisa que a “proporção de pessoas capazes de *compreender* corretamente o inglês [na Europa ocidental] situa-se sensivelmente abaixo de nossas previsões mais pessimistas visto que ela se limita a uns 6% da população”¹⁹; ora, (...) a proporção de pessoas capazes de *utilizar ativamente* a língua é bem menor ainda. Que sentido há em se falar de uma Europa unida se um grupo representativo de europeus reunidos por acaso em um mesmo local não tem a menor esperança de poder explicar seus pontos de vista respectivos sobre qualquer assunto que seja, a não ser, talvez, o interesse que haveria em achar-se a saída dali? ”²⁰ (Destaques meus).

Se queremos fazer honestamente o papel de consultores estudando a organização da comunicação linguística internacional, temos o dever de denunciar a falsidade das ideias vigentes e dos belos discursos anglófilos. Sublinhemos então que 94% dos europeus ocidentais não compreendem o inglês como seria necessário para uma comunicação humana digna deste nome. Uma porcentagem maior (96%? 97%?) não é capaz de se fazer entender com facilidade nessa pretensa língua internacional. Ora, a Europa ocidental é a região do mundo que mais possui “privilegiados linguísticos” de dois tipos. Por um lado, é lá que se encontram mais pessoas possuindo os meios de pagarem, para si ou para seus filhos, os intercâmbios culturais²¹, sem os quais o domínio da língua de Shakespeare é impossível para a maior parte da população. Por outro lado, é lá que vivem os povos cujas línguas mais se aproximam do inglês, de forma que uma boa parte do esforço empregado para adquirir aquela língua lhes é poupada desde o nascimento. Mas mesmo essa magnífica dádiva, que dá injustamente uma considerável vantagem a 5,5% dos habitantes do planeta, não basta para levar a grande maioria deles ao nível desejável para curar esse pedaço do mundo da síndrome de Babel.

Como explicar tais discrepâncias entre as ideias correntes e a realidade?

Percebe-se: os mitos ocupam um lugar considerável nas ideias sobre as línguas. Por quê? Há para isso duas razões principais. Antes de tudo, nossa primeira aprendizagem linguística foi aquela de nossa língua materna. Como ela se deu inconscientemente, nós não temos noção da enormidade do trabalho que realizaram nossos neurônios. Todavia, nosso cérebro completou mais de um milhão de operações de programação, de colocação na memória e de reforço de reflexos antes que nós atingíssemos a idade de seis anos, idade na qual nossa linguagem está ainda bem distante da norma. Se, no decurso de nossa escolaridade ou na idade adulta, nós

¹⁹ Udo Van de Sandt, “Access: an Exclusive Study of Lintas Worldwide” [Relatório de pesquisa sobre o conhecimento do inglês], *Iniciativa* (Lintas World-wide Media News Bulletin), Londres: Lintas Worldwide, 1989, janeiro, pp. 1-2.

²⁰ Mark Fettes, “Europe’s Babylon: Towards a single European Language?” *History of European Ideas*, 1991, 13, n° 3, pp. 201-202.

²¹ A expressão original francesa *Séjours Linguistiques* (estadias lingüísticas) representa melhor a realidade do que a expressão ‘intercâmbios culturais’, usual no Brasil, visto que na maioria das vezes não existe uma contrapartida de absorção cultural por parte dos hospedeiros nos países anglo-saxões. (N.T.)

quisermos adquirir uma língua estrangeira, o número de operações que nosso sistema nervoso deverá realizar não será menor, o que explica a impossibilidade de chegar a um nível correto com menos de dez mil horas de estudo e de *drill*, como veremos no capítulo seguinte. A realidade é tão desencorajadora que nós preferimos os mitos: “para aprender uma língua basta dispor-se a isso”; “meu inglês é totalmente satisfatório”, etc.

Por fim, o ser humano recusa-se a encarar sua impotência. É comum que ministros, educadores e editorialistas lancem apelos vibrantes a favor do ensino de línguas. “É necessário um ensino de línguas objetivo, dinâmico, personalizado (...). Na Europa que se constrói a cada dia, o conhecimento das línguas estrangeiras torna-se primordial. ”, diz, por exemplo, René Splingard, diretor da Academia das Línguas Europeias (Liège).²² Como todas as pessoas que se exprimem nesse mesmo sentido, ele negligencia um único ponto: é isso possível? Ora, o estudo neuropsicológico dos aprendizados linguísticos, o inventário do número de unidades a transformar em reflexos para dominar qualquer idioma ocidental e a análise dos resultados dos diversos métodos aplicados no ensino das línguas mostram que o domínio de uma língua estrangeira está fora do alcance da maioria da população. Quanto tempo será ainda necessário para que o habitual *basta que* seja substituído por uma análise realista das possibilidades? Ninguém pode dizê-lo. Mas o tempo que levarmos para ousar encarar a impotência humana nesse domínio é o tempo em que vamos nos acalantar com ilusões.

Quanto a nós, que assumimos a tarefa de consultores chamados a analisar a gestão da comunicação linguística internacional a fim de encontrar soluções ótimas, nós nos preparamos para aprofundar a análise. Os mitos são tranquilizantes que nada resolvem. Tendo denunciado seu caráter falacioso, é agora necessário colocar o dedo na ferida, apontando a realidade.

²² *L'instant*, 25 de março de 1993, p. 86.

Capítulo 4

Mais difícil do que se diz

Por que as línguas são tão difíceis?

Como nós acabamos de ver, há uma enorme resistência em se encarar o fato de que as línguas são terrivelmente difíceis, tão difíceis que – com uma única exceção, da qual nós trataremos na sequência – os estrangeiros não chegam praticamente nunca no nível das pessoas cujo idioma estudado é a língua materna. Nós conhecemos todas aquelas pessoas que vivem em nosso país há vinte anos e que, apesar dessa “imersão total”, mantêm seu sotaque estrangeiro e continuam a cometer erros grosseiros. Essa profunda dificuldade torna vãos todos os esforços desesperados empregados na busca do método milagroso. Quando, no nível ministerial ou em alguma instância pedagógica, as pesquisas sobre o nível em línguas levam a uma constatação de fracasso, os interessados recusam-se a encarar o fato de que, sendo as línguas o que são, é impossível chegar-se a outra coisa que não o fracasso. Culpam-se os professores ou o método. Modifica-se assim o ensino, ao sabor das modas. Abandona-se o velho método sistemático com memorização de vocabulário e aprendizagem progressiva da gramática para lançar-se no método direto. Depois se passa ao audiovisual. Em seguida ao ensino programado. Depois à imersão total. Depois à sugestopédia.

Em geral, os métodos que convêm a certos alunos não convêm a outros, de sorte que a alteração de método tem por único efeito modificar a classificação dos alunos. O 1% de alunos que, sem intercâmbio cultural, consegue exprimir-se numa língua estrangeira quando chega ao vestibular, continuará sempre em 1%. A diferença é que Paulo, que só se dava bem com o método sistemático, cedeu lugar a Júlio, para quem o método direto convém mais, porque uma série de acasos faz com que sua memória seja estruturada de uma outra maneira.

Os germânicos: um caso à parte

Nesse debate, invoca-se com frequência a experiência estrangeira, mas se isola o fator “país” do conjunto dos elementos em jogo. Por que os jovens holandeses, os jovens alemães e os jovens escandinavos têm, em inglês, um nível bem superior ao dos nossos jovens? Seria preciso começar comparando-se o número de horas, que pode variar sensivelmente de um sistema escolar para outro. Mas uma outra razão salta aos olhos a partir do momento em que se aborda o problema sem preconceitos e sem querer a todo custo achar culpados. Os únicos países onde o nível geral do inglês é bastante bom, superior àquele do resto do mundo, são os países germânicos: Holanda, parte flamenga da Bélgica, Alemanha, Áustria, Suíça alemã, países escandinavos. Em outras palavras, países nos quais a língua materna dos alunos é muito próxima, em suas bases mais fundamentais, daquela de Shakespeare.

Os latinos não se dão conta disso imediatamente porque o inglês contém tal quantidade de palavras de origem francesa que ele não tem um ar assim tão germânico. Mas essa camada linguística, advinda da invasão normanda, permaneceu sempre superficial. Por um lado, não é aí que os alunos tropeçam. Por outro lado, os povos germânicos assimilaram também uma considerável quantidade de raízes latinas, o que lhes torna o inglês muito menos estrangeiro do que para nós.

É mais fácil para um pequeno holandês que diz *ik kom*, “eu venho”, ou para um alemãozinho que diz *ich komme* passar ao inglês *I come* do que é para uma de nossas crianças. A diferença entre o holandês *de man moet zingen* ou o alemão *der Mann muss singen* e o inglês *the man must sing* é muito mais tênue do que a diferença entre cada uma dessas frases e o francês *l’homme doit chanter* (o homem deve cantar). Uma de nossas crianças que queira exprimir a frase “meu irmão é livre” deve fazer seu influxo nervoso percorrer um caminho mais longo, para chegar ao inglês *my brother is free*, do que o pequeno holandês (*mijn broeder is vrij*) ou o alemãozinho (*mein Bruder ist frei*).

O leitor poderá talvez pensar que esses exemplos não são representativos do conjunto e que há casos em que o inglês está mais próximo de nossa língua. É verdade. Mas, antes de tudo, esses casos não dizem respeito ao aspecto mais fundamental da língua, seu espírito, sua maneira de ser estruturada. E são as estruturas que favorecem a familiaridade, bem mais do que a origem das palavras. Por exemplo, existe em inglês um verbo, *outgrow*, que significa livrar-se de uma coisa ao crescer, que, pelo simples fato de desenvolver-se, supera-se o problema. Dir-se-á por exemplo de uma criança a qual se espera ver um dia *outgrow* sua mania de limpar o nariz em público. O francês que descobre essa noção deve fazer todo um trabalho para conseguir discerni-la, compreendê-la por completo, porque nada análogo existe em sua língua. Ao alemão bastará transpor. *Herauswachsen* não se parece com *outgrow*. Mas esta palavra não levanta para ele qualquer dificuldade, pois *heraus* corresponde em geral a *out* (“por fora”, “para fora”) e *wachsen* é a maneira normal de traduzir “crescer” (inglês *grow*).

Além disso, a porção de elementos de origem latina nas línguas germânicas modernas é infinitamente maior do que a porção de elementos de origem germânica nas línguas românicas. É verdade que as três palavras que constituem a denominação inglesa *United Nations Organization* estão muito próximas do francês *Organisation des Nations Unies*. Mas na expressão holandesa *Organisatie des Verenigde Naties* e alemã *Organisation der Vereinigten Nationen* já se encontram dois dos três elementos latinos. Nesse exemplo, a ordem das palavras inglesas parece totalmente normal a um germânico ao passo que ela vai de encontro aos hábitos franceses. Por certo, a ordem das palavras não é paralela neste caso específico, mas a estrutura consistindo de dar a um conceito um tipo de função adjetiva ao colocá-lo antes de um substantivo faz parte dos reflexos correntes nos povos germânicos. *World Health Organization* e *Weltgesundheitsorganisation* são estruturadas exatamente da mesma maneira, enquanto que o francês *Organisation mondiale de la santé* (Organização Mundial da Saúde) ordena os conceitos segundo uma fórmula diferente. O fato de que o alemão escreve tudo em uma só palavra enquanto que o inglês separa os elementos não é nada mais do que uma convenção de ortografia que não torna a língua inglesa menos próxima ao jovem alemão.

Para um escandinavo, um holandês ou um alemão, aprender inglês é quase como passar a um outro dialeto de sua própria língua. Para um latino, esse não é absolutamente o caso, mesmo que os elementos de origem latina sejam muito numerosos em inglês.

E, contudo, apesar dessas condições extremamente favoráveis, a situação real é menos brilhante do que o que se deixa geralmente ouvir. O depoimento a seguir, dado por um falante nativo de inglês, especialista em línguas e que vive na Holanda, recoloca as coisas em seu lugar:

“Toda pessoa ao chegar à Holanda não demora a perceber a pressão que exerce o inglês na vida cotidiana: televisão, rádio, publicações de todos os tipos asseguram-lhe uma presença em todos os lares e mesmo nos pátios de recreação; os

publicitários recorrem a ele para tornar suas mensagens mais persuasivas; os jornalistas refugiam-se nele quando suas fontes na língua materna não se mostram à altura. Algumas pessoas chegam a ponto de manifestar a opinião de que o idioma do país cederá o lugar ao inglês, como língua nacional, num prazo de duas gerações. Mas para o anglófono que observa de fora a situação, tudo aquilo parece bem superficial. O conhecimento do inglês por parte dos holandeses é muito mais passivo do que ativo na maioria dos casos: ele permite compreender os filmes e os textos, mas não os produzir. Assim mesmo, na maioria das vezes, ele não tem profundidade: ele não ultrapassa nunca a ‘fina camada’ da qual nos fala Steiner. Os grupos musicais holandeses frequentemente cantam em inglês, mas nenhum grupo de teatro encena nessa língua, e os escritores (é óbvio!) nunca a utilizam. As vendas em língua holandesa de um livro lançado em inglês ultrapassam, de muito longe, as do original.”²³

Tempo necessário para atingir o domínio de uma língua estrangeira

Há várias décadas, o inglês é a língua escolhida por 80% a 90% dos estudantes da Europa ocidental. Ora, 94% das pessoas testadas nessa região do mundo são incapazes de compreender corretamente um texto normal nessa língua. Nós estudaremos no Capítulo 6 (Língua, sistema nervoso e psiquismo humano) as razões neuro-psicológicas desse fenômeno. Por enquanto, não será sem dúvida inútil dar algumas indicações sobre o tempo necessário, em média, para atingir um determinado nível numa dada língua. Os exemplos seguintes são representativos²⁴:

- Começamos por Pedro, seis anos. Seus enunciados contêm uma abundância de formas tais como: *eu fazi, se ela queresse, eu trazi, uma cavala* (égua), *a brinquedaria* (loja de brinquedos)²⁵. Ele, contudo, viveu na “imersão total”, como diz o jargão dos intercâmbios, mais de vinte mil horas. Caso especial? De forma alguma. Com uma criança norte-americana da mesma idade, descobrimos formas tais como *I comed* (em lugar de *I came*), *foots* (em lugar de *feet*), *it’s mines* (em vez de *it’s mine*), *when he’ll go* (em vez de *when he goes*). Vinte mil horas não bastam para ensinar o uso correto. Seria incorreto atribuir esses erros à pouca idade dos sujeitos. De fato, nenhum dos erros denota imaturidade da inteligência, muito pelo contrário: a criança é mais lógica do que a língua oficial. Os erros representam unicamente a não-inserção ou a instabilidade em suas estruturas nervosas de reflexos condicionados a atender exigências irracionais.
- Patrícia é estudante de inglês. Com um ano passado numa universidade britânica ela retorna profundamente decepcionada: “Eu nunca estarei em igualdade com os anglo-saxões. Na última vez que fiz uma apresentação, o professor chamou a atenção para uns sessenta erros.” A maioria desses erros deve-se ao acento tônico, mas esses não são deslizes considerados menos irritantes por um anglo-saxão: eles colocam Patrícia numa

²³ Mark Fettes, “Europe’s Babylon: Towards a single European Language?” *History of European Ideas*, 13, 1991, n° 3, pp. 206.

²⁴ Eu reproduzo na passagem seguinte, com algumas modificações, dados apresentados em “Et si l’on prenait les handicaps linguistiques au sérieux?”, *La Revue Générale*, junho de 1993, pp. 57-70.

²⁵ Os exemplos originais: *je boivais, si elle voudrait, il s’asseye, une chevale* (jument), *la jouetterie* (magasin de jouets). (N.T.)

posição de inferioridade. Quando somamos suas horas de curso, de estudo individual, de prática, de imersão total na vida cotidiana, chegamos a 4152.

- Patrícia estava decepcionada com seu nível de conhecimento ativo da língua, mas e quanto à simples compreensão junto às pessoas que como ela tiveram entre 3000 e 5000 horas de inglês? Encontra-se nelas uma compreensão bastante boa dos textos, da ordem de 80%. É ainda assim longe de ser sensacional, tendo em vista a magnitude do investimento em tempo e energia. No momento em que eu peço a trinta pessoas nesse nível para comentarem uma foto de Keystone publicada na imprensa no dia 3 de novembro de 1990 e que reproduzia a capa do jornal *The Sun*, com, em letras enormes, as palavras *UP YOURS DELORS*, ninguém compreende o que aquilo quer dizer. (É provável que em muitas redações de jornais não se tenha entendido melhor: aquela foto foi publicada em jornais respeitáveis que teriam pensado duas vezes antes de publicar em letras tão grandes: “Delors, vá tomar...”). Os erros de compreensão ainda são relativamente frequentes nesse tipo de assunto. Por exemplo, a maioria não duvida que *paved street* não significa “*rue pavée*” (rua de paralelepípedos) e ficam muito surpresos quando descobrem que *government* quer geralmente dizer outra coisa que não “*gouvernement*” (governo).
- M. H., suíço-alemão, é chefe em um banco. Ele sabe exprimir-se em francês, mas... “*On était de l’opinion que c’était nécessaire à faire baisser les nouvelles taux hypothécaires*” (A gente era da opinião que era preciso a fazer baixar os novos taxas hipotecários), diz por exemplo, e o resto vai pelo mesmo caminho. Se somarmos todos seus momentos de estudo e de prática de francês, aí compreendido um estágio de um ano em um país francófono, obtemos um total de 9.602 horas.
- Consideremos agora cinco pessoas que viveram ao menos um ano nos Estados Unidos, leem regularmente imprensa daquele país e cuja duração total de contato com o inglês (curso e prática) situa-se entre cinco mil e doze mil horas. Quando lhes submeto o artigo “The Campaign Nears Decision by Default” publicado no nº 43 (26 de outubro de 1992) da *Time* (p.22), constato que dos 50 membros de frase que ele contém, só são plenamente compreendidos 44, ou seja, 88%. As passagens não compreendidas diferem segundo os assuntos, com exceção da seguinte, hermética para todos: *Quayle was a far cry from the vacuos dolt so often portrayed. He mounted a sharply focused, though overly glib and often shrill, attack, repeatedly taunting Gore about “pulling a Clinton” – that is, waffling.*
- Seja por fim um grupo de sete altos chefes de multinacionais: um francês, um italiano, um sueco, um argentino. Eles se exprimem num inglês perfeito. A pesquisa revela que todos eles fizeram entre três e seis anos universitários em um país anglo-saxão, a maioria em “Business Schools”. Para aquele cujos estudos foram os mais curtos, o número de horas de contato com o inglês, desde a infância, eleva-se a 15.300. A média é de cerca de 17.000.

De fato, podem-se distinguir vários limiares de capacidade linguística. Para poder virar-se nas situações corriqueiras, é preciso ter tido entre 1.500 e 2.000 horas de contato com a língua, mas nesse nível uma boa parte do que é dito permanece ainda inacessível ao interessado. Em

um teste com jovens nesse nível, 10 títulos em 30, na revista *Time*, não foram entendidos. Por outro lado, “virar-se” está ainda longe de “estar em igualdade com seus parceiros”.

Um outro limiar situa-se perto de 12.000 horas. Entre 2.000 e 12.000 horas, a pessoa consegue se exprimir mais ou menos corretamente, mas não domina a fundo a língua correta. Por exemplo, um especialista não pode escrever um artigo sem se fazer reler por um “nativo” (que encontra duas ou três correções a fazer por página). Acima de 12.000 horas, o interessado pode ser considerado como possuindo o idioma, pelo menos se ele for dotado ou se dá grande importância ao aprendizado linguístico. Numerosas são ainda assim as pessoas que, após uma vida passada entre os anglo-saxões, não conseguem fazer as distinções fonéticas contidas na série *but, bat, bet, bit, beat*. E o caso daquele italiano que, depois de 20 anos na França, continua a dizer *il fallerait, profondité* e *c'est chaud* (em lugar de “*il fait chaud*”) nada tem de excepcional.

A dificuldade: diferente conforme a língua

Por que as línguas são tão difíceis? Por que depois de haver dedicado a elas durante os estudos secundários entre 1000 e 2000 horas (por língua: esse valor leva em conta o trabalho no domicílio, mas não eventuais estadias em países estrangeiros), o aluno tem um nível lamentável, exceção feita do caso particular do inglês para os povos germânicos?

A resposta varia de uma língua a outra. É por isso que o chinês seria uma das línguas mais fáceis do mundo se não houvesse a pronúncia, a escrita e a homonímia. A gramática chinesa é de uma perfeita coerência e regularidade: nada de problemas de plural ou concordância, nada de conjugação e, portanto, nada de verbos irregulares. A facilidade que essa coerência garante aparece se comparamos o chinês ao inglês. Vejamos o número de unidades que o aluno deve memorizar, nessas duas línguas, para aprender o presente do verbo *ser*, assim como os adjetivos e pronomes possessivos.

Lá onde o estrangeiro que aprende francês deve memorizar 31 formas, o aluno de inglês deve aprender 20 (ou 15 + a regra “o pronome possessivo se forma a partir do adjetivo possessivo pelo acréscimo de um *s* exceto no caso de *my* e de *his*”). Mas para um mesmo rendimento, o investimento exigido pelo chinês é verdadeiramente mínimo, visto que basta memorizar seis elementos: o verbo é invariável, “nós” é o plural de “eu”, “seu” é o adjetivo correspondente a “ele”, “vosso” é o adjetivo correspondente ao plural de “tu”. A perfeita regularidade da tabela facilita enormemente o trabalho da memória.

Toda a gramática chinesa e uma grande parte do vocabulário corrente apresentam a mesma coerência. Não há necessidade, em chinês, de aprender separadamente como se diz “compatriota” ou “correligionários”: nós derivamos nós mesmos essas palavras de “país” e “religião”, enquanto que em inglês, por exemplo, o fato de saber que “país” se diz *country* não permite deduzir que “compatriota” é *fellow-citizen*, da mesma forma que o conhecimento de *religion* não é suficiente para que se possa formar por si mesmo *coreligionist*.

Infelizmente, a grande satisfação que a estrutura do chinês dá é completamente arruinada pela pronúncia. Se você pronunciar *mai* começando a sílaba bem baixo e levantando lentamente a voz (*mǎi*), isso significa dizer “comprar”, enquanto que o mesmo *mai* pronun-ciado descendo-se rapidamente de uma nota bem alta a uma nota bem baixa (*mài*), significa “vender”. *Mǎimài* (comprar-vender) significa “comércio”. A diferença entre *shíyán* “sal”, *shíyàn*, “experiência”, *shìyàn*, “teste”, *shìyǎn*, “repetição (de uma peça, de um concerto)” e *shìyán*, “juramento”, “engajamento” é unicamente uma questão de melodia: o que diferencia essas palavras é a altura respectiva das sílabas ou o fato que a voz sobe ou desce em um ou em outro elemento. Não é

uma bagatela perceber essas distinções sutis à audição, e reproduzi-las exige de um europeu uma ginástica bucal e um esforço de memória fantásticos. Dito de outra forma, quaisquer que sejam suas qualidades gramaticais, o chinês é uma língua difícil.

Tabela 4.1: Comparativo de unidades a serem aprendidas conforme a língua

Francês	Inglês	Chinês	Português
<i>je suis</i>	<i>I am</i>	我是 <i>wǒ shì</i>	eu sou
<i>tu es</i>	<i>you are</i>	你是 <i>nǐ shì</i>	tu és
<i>il est, elle est</i>	<i>he is, she is</i>	他是 <i>tā shì</i>	ele é, ela é
<i>nous sommes</i>	<i>we are</i>	我们是 <i>wǒmen shì</i>	nós somos
<i>vous êtes</i>	<i>you are</i>	你们是 <i>nǐmen shì</i>	vós sois
<i>ils sont, elles sont</i>	<i>they are</i>	他们是 <i>tāmen shì</i>	eles são, elas são
<i>mon, ma, mes</i>	<i>my</i>	我的 <i>wǒde</i>	meu(s), minha(s)
<i>mien(s), mienne(s)</i>	<i>mine</i>	我的 <i>wǒde</i>	o(s) meu(s), a(s) minha(s)
<i>ton, ta, tes</i>	<i>your</i>	你的 <i>nǐde</i>	teu(s), tua(s)
<i>tien(s), tienne(s)</i>	<i>yours</i>	你的 <i>nǐde</i>	o(s) teu(s), a(s) tua(s)
<i>son, sa, ses</i>	<i>his</i>	他的 <i>tāde</i>	seu(s), sua(s)
<i>sien(s), sienne(s)</i>	<i>his</i>	他的 <i>tāde</i>	o(s) seu(s), a(s) sua(s)
<i>son, as, ses</i>	<i>her</i>	他的 <i>tāde</i>	seu(s), sua(s)
<i>sien(s), sienne(s)</i>	<i>hers</i>	他的 <i>tāde</i>	o(s) seu(s), a(s) sua(s)
<i>notre, nos</i>	<i>our</i>	我们的 <i>wǒmende</i>	nosso(s), nossa(s)
<i>nôtre, nôtres</i>	<i>our</i>	我们的 <i>wǒmende</i>	o(s) nosso(s), a(s) nossa(s)
<i>votre, vos</i>	<i>your</i>	你们的 <i>nǐmende</i>	vosso(s), vossa(s)
<i>vôtre, vôtres</i>	<i>yours</i>	你们的 <i>nǐmende</i>	o(s) vosso(s), a(s) vossa(s)
<i>leur, leurs</i>	<i>their</i>	他们的 <i>tāmende</i>	seu, seus, sua, suas
<i>leurs, leurs</i>	<i>theirs</i>	他们的 <i>tāmende</i>	o(s) seu(s), a(s) sua(s)

Para falar a verdade, sua coerência gramatical é excepcional. Nas outras línguas a maior parte das dificuldades refere-se às irregularidades, às inconsistências e à obrigação de respeitar certas estruturas arbitrárias. Em outros termos, não se pode geralmente confiar no bom senso ou na tendência natural de extrapolar, isto é, aplicar a um caso novo aquilo que se observou em vários casos precedentes.

Em inglês, a maneira mais corrente de dizer “eu não...” é *I don’t*: “eu não gosto”, “eu não quero”, “eu não vou”, “eu não falo” dizem-se, respectivamente, *I don’t like*, *I don’t want*, *I don’t go*, *I don’t speak*. Mas a negação de *I can*, “eu posso”, ou *I must* “eu devo” não segue esse modelo. Não se pode dizer *I don’t can* ou *I don’t must*, é necessário dizer *I cannot*, *I must not*. A tendência natural de generalizar um caso observado conduz diretamente ao erro.

Outro exemplo em francês: o estrangeiro que viu que se diz *réduire* → *réducteur* → *réductible* e *conduire* → *conducteur* → *conductible*, e que depois que se depara com *traduire* e *traducteur*, vai deduzir que se diz *traductible*. Errado! Diz-se *traduisible*. Ou ainda, se explicarmos a ele que para formar o advérbio, junta-se *-ment* à forma feminina do adjetivo: *fière* → *fièrement*, *gracieuse* → *gracieusement*, ele não poderá nunca confiar absolutamente na regra. Ele teve oportunidade de aprender que o feminino de *bref* é *brève*, isso não diz a ele que em *brèvement* um *i* deve insinuar-se antes da primeira vogal. E depois ele tem proibições

inexplicáveis. Por exemplo, se ele seguir seu movimento natural e disser *elle chante bellement*, seu francês estará incorreto.

O inglês: a) um lamaçal de expressões pouco claras

As dificuldades do inglês compreendem numerosas incoerências desse gênero, mas essa língua encerra, além disso, muitas sutilezas tanto mais difíceis de descrever quanto mais se tenta discerni-las. São aquelas que fazem um anglo-saxão dizer, no momento em que estrangeiros lhe submetem um texto escrito na língua dele: “Sim, não está errado, as regras e as palavras estão corretas, mas um norte-americano ou um inglês não se exprimiriam jamais dessa maneira”. Daí vem o sentimento muito conhecido entre os falantes nativos de inglês que têm permanente contato com estrangeiros de que estes conseguem utilizar a língua inglesa, mas sem nunca falá-la verdadeiramente. A língua de Shakespeare manejada pela maior parte dos estrangeiros produz num anglo-saxão o efeito que fará em nós, numa conversação normal, a frase *por numerosas que sejam suas tentativas repetidas, ele permanece no fracasso*²⁶. É perfeitamente correta, compreensível e clara, mas ninguém fala desse jeito. Para exprimir a mesma ideia, se dirá: *por mais que tente, ele não consegue*²⁷. “*So much that is being said is correct, so little is right*” (“Eles formam muitas frases corretas, mas muito poucas que soem corretas”) diz o escritor George Steiner a respeito dos estudantes estrangeiros que se estima atingiram em inglês um nível operacional.²⁸ Efetivamente, para um ouvido anglo-saxão, o inglês dos estrangeiros produz com frequência um som pedante, artificial e complicado, talvez porque eles utilizem palavras longas lá onde o anglo-saxão empregaria uma multiplicidade de monossílabos. Onde eles dizem *despise* (“desprezar”), ele diz *look down on*; eles dizem *to occasion* (“ocasionar”), ele diz *bring about*; eles dizem *let him say everything he wants* (“deixe-o dizer tudo o que ele quiser”), ele diz *let hear him out*; eles dizem *compensate* (“compensar”), ele diz *make up for*; eles dizem *I’ll have to tolerate his presence* (“será preciso que eu tolere sua presença”), ele diz *I’ll have to put up with him*.

Muito frequentemente uma expressão formada por um verbo e por uma ou várias preposições tem significados variados, os quais é preciso conhecer se queremos realmente saber inglês. Nós acabamos de ver *make up* no sentido de “compensar”, mas esse grupo de dois elementos tem muitas outras significações. Para exprimir a ideia “é uma história que ele criou em sua imaginação” a fórmula mais corrente é *he’s made it all up*. A mesma expressão aparece com dois sentidos muito distintos no diálogo seguinte, mantido por dois personagens de um romance de P. G. Wodehouse (nota-se o paralelismo estrutural das duas frases):

He’s made up his mind to stay in.
Well, I’ve made up my face to go out.
 (“Ele decidiu ficar em casa”
 “Bem, eu me maquiei para sair. ”)

As expressões desse gênero, cujo sentido raramente é claro mesmo que se compreenda cada um dos elementos construtivos, representam para a memória um imenso desafio, por um lado por causa de seu grande número e de sua frequência de emprego (elas representam uma

²⁶ No original: *quelque nombreux que soient ses essais répétés, il demeure dans l’échec*. (N.T.)

²⁷ No original: *il a beau essayer, il n’y arrive pas*. (N.T.)

²⁸ *After Babel* (Oxford: Oxford University Press, 1975), p. 470.

proporção considerável em qualquer amostra de inglês, exceto talvez nos textos científicos ou muito intelectuais), por outro lado porque elas são pouco contrastadas, tem-se a impressão de que se trata sempre dos mesmos verbos muito frequentes e das mesmas partículas também muito frequentes. Ora, não se domina o inglês enquanto não se é capaz de fazer malabarismos com essas expressões.

Um dia, em um trem, eu lia uma revista norte-americana quando meia dúzia de jovens por volta dos 18 anos instalou-se perto de mim. A conversa iniciou-se a respeito do inglês e, com exceção de um, mais modesto, todos eles me disseram que consideravam saber bem inglês, que eles estudavam havia seis anos. Eu lhes mostrei o artigo que eu lia, para ver se eles o compreendiam. As primeiras palavras eram: *When John Kennedy was done in...* Eles passaram a revista de um para outro franzindo a testa. Nenhum compreendia essa primeira frase, que, contudo, era escrita num inglês dos mais normais. Ela quer dizer: “Quando John Kennedy foi morto...” Para eles, “matar” era *to kill*, o que não deixa de ser verdade. Mas a expressão *to do in* (*to do* quer dizer “fazer”, *in* quer dizer “em”) é igualmente usual, senão mais. Aquele que não a compreende não pode dizer que sabe bem inglês.

b) Um vocabulário imenso

Uma outra dificuldade do inglês reside na amplitude espantosa do vocabulário. A palavra “grande” exprime uma noção que corresponde, na imensa maioria das línguas, a uma só palavra. Em inglês, para exprimir esse conceito, é preciso sentir se cabe melhor dizer *big*, *large*, *tall*, *great* ou *grand*. Essa amplitude do léxico vem em parte de duas fontes, românica e germânica, das quais se originou o vocabulário inglês. A maior parte das línguas se contenta com um único termo para dar noções tais como “inevitável”, “fraternal”, “liberdade”, “ler” “comprar”, “oriental”. Para cada uma dessas palavras, o inglês tem duas, distinguidas muitas vezes por condições de uso que não permitem usá-las indiferentemente. Elas são *unavoidable /inevitable*, *brotherly/fraternal*, *liberty/freedom*, *read/peruse*, *buy/purchase*, *eastern/oriental*. Para saber inglês, é necessário aprender três ou quatro vezes mais vocabulário do que para dominar outra língua. E saber quando empregar qual palavra: o “leste” não se traduz da mesma forma conforme se trate da Europa ou da África, se diz *Eastern Europe*, mas *East Africa*.

Dito isso, em relação à maioria da população do globo, nós ocidentais não temos muito do que nos queixarmos. Como pertencemos seja ao mundo latino, seja ao mundo germânico, é provável que conheçamos de antemão um dos dois sinônimos. Mas o pobre húngaro, o pobre coreano ou o pobre etíope não têm essa sorte. Eles têm que enfiar na cabeça uma hora o *brotherly* que o alemão aprende muito facilmente, visto que o percebe como variante dialetal de seu *brüderlich*, e hora o *fraternal* que o francês retém sem esforço.

O mesmo problema encontra-se no nível da derivação. Para um chinês, o fato que palavras inglesas como *invisible*, *incomprehensible* e *incredible* não têm nenhuma relação de forma com os verbos *to see* (“ver”), *to understand* (“compreender”) e *to believe* (“crer”) é uma pílula difícil de engolir. Em sua língua, semelhante divergência é impensável. O francês é uma língua à qual falta terrivelmente coerência (*percevoir* → *perceptible*, enquanto que *concevoir* → *concevable*; *comprendre* → *incompréhensible*, enquanto que *prendre* → *imprenable*), mas o estrangeiro que aprendeu *dent* retém sem dificuldade a palavra *dentiste*. Em inglês, ele deve começar por aprender que “dente” é “tooth”, depois que “dentes” se diz *teeth*; feito esse esforço, ele ainda não chegou a parte alguma: a palavra *dentist* não se parece com nenhuma daquelas duas formas. Um japonês que, em sua língua, faz a operação: *ha* (“dente”) + *isha* (“médico”) =

haisha (“dentista”) não acha nada bom que a língua estrangeira que lhe impõem na escola exija da memória um esforço tão enorme e, em comparação com sua própria língua, tão inútil. “Por que complicar, quando se poderia fazer simples?” ele se diz amargamente.

Cada um desses sinônimos, cada um de seus derivados, cada uma dessas expressões formadas de verbos e de posposições representa uma carga a mais para o sistema nervoso. Cada um alonga a duração necessária para chegar a dominar o inglês.

c) Uma fonética delicada

Se a aquisição da língua escrita é em razão disso sensivelmente complicada, a língua falada oferece armadilhas igualmente temíveis. Poucas línguas têm uma tal gama de sons vogais dos quais muitos não existem nas línguas de outros povos, mas que devem ser discernidos se quisermos compreender o que nos é dito. Poucos franceses, poucos indianos, poucos brasileiros sabem diferenciar o *i* breve de *ship*, “navio”, que se situa em algum lugar entre *i* e *e*, e o *i* longo de *sheep*, “carneiro”. Raros são os povos que têm em seus recursos fonéticos os elementos necessários para distinguir *bath*, *bat*, *bet*, *bate* e *but*, ou ainda *bate*, *bet*, *bit* e *beat*. Isso quer dizer que o número de pessoas capazes de participar em uma negociação internacional será limitado pela capacidade de imitar sons pouco diferenciados inexistentes na língua materna dos interessados. Em vez de confiar a negociação à pessoa mais qualificada no plano técnico, jurídico ou diplomático, se enviará aquela com melhor desempenho em inglês.

Eu tomei consciência um dia de uma outra inferioridade dos não-anglófonos em um meio internacional. Eu representava uma associação em uma conferência internacional cuja única língua de trabalho era o inglês. Eu estava secundado por dois colegas, um irlandês, o outro norte-americano. Um indiano fez uma longa intervenção em inglês, da qual eu perdi cerca de um terço, em razão de seu sotaque. Mas meus dois colegas compreenderam tudo. Sendo o inglês a língua materna deles, seu nível de domínio era tal que eles podiam efetuar em campo as transposições necessárias a restabelecer o sentido daquele discurso mal pronunciado. Eu, a despeito do nível de inglês considerado profissional, não fui capaz de fazê-lo.

Talvez eu não seja muito dotado. Eu tenho vergonha de dizê-lo, mas quando eu cheguei em Nova Iorque, recém contratado como tradutor pela ONU, um chofer de ônibus disse-me algo que eu não compreendi. Eu pedi a ele para repetir por três vezes, em vão: na terceira vez, eu ainda não tinha compreendido. Uma corajosa senhora, percebendo minha confusão, quis explicar-me; de seu discurso eu só compreendi *he says that* “ele diz que”... Eu nunca saberei do que se tratava. Mas se eu sou pouco dotado, acreditem-me, há milhões de pessoas tão pouco dotadas quanto eu pelo mundo. Por que não ter por elas alguma compaixão, ou pelo menos alguma consideração? Numa época em que as relações entre povos tomaram uma amplitude sem precedente, por que a comunicação internacional deveria estar limitada a uma pequena elite de superdotados? A questão do melhor meio de comunicação entre pessoas de línguas diferentes vale a pena ser colocada. O inglês está longe de oferecer a solução ótima. Nós voltaremos a isso.

d) Usos inesperados

Aquela história do ônibus me lembrou de um outro exemplo vivido sobre a dificuldade do inglês. Isso se passa ainda em Nova Iorque, quando de meu primeiro dia. No hotel onde eu havia depositado minhas bagagens, havia me sido mostrado de longe o ponto do ônibus que eu deveria pegar. Eu vou até lá, e, que horror!, eu vejo uma placa, visivelmente permanente, intimando-me a *NO STANDING*. Eu era tradutor profissional. Eu vinha trabalhar na ONU, a

qual se pode criticar em muitos aspectos, mas que não é mesmo assim uma pequena empresa de terceira classe. Eu não tinha tido nenhum pistolão e havia conseguido aquele cargo, assim como seis outros indivíduos de minha espécie, em decorrência de um concurso para o qual se apresentaram 250 candidatos. Havia então fortes presunções para que se me pudesse atribuir um certo nível em inglês.

Ora, o que me diziam meus conhecimentos de inglês era que *no...-ing* quer dizer “proibido” e *stand* “ficar de pé”. O pânico tomou conta de mim. Como podia eu aguardar o ônibus se era proibido ficar de pé, uma vez que não havia banco? Devia eu me assentar na calçada? Ela era de uma imundice repugnante. Ninguém mais aguardava aquele ônibus. Visto que eu não tinha o direito de ficar de pé, eu me pus a andar de um lado para o outro, tentando pedir a alguns nativos uma pequena explicação. Mas ninguém se dignou a esclarecer-me. O nova-iorquino médio não se destaca pela cortesia, e aquelas pessoas estavam todas apressadas demais para perder seu tempo com um galanteador ridículo de imigração visivelmente muito recente. Foi somente quando cheguei à ONU que um colega me deu a explicação. *NO STANDING* quer dizer: “Proibido estacionar”, e a placa dirigia-se aos veículos. Você vê: é possível dedicar ao inglês milhares de horas de sua existência e encontrar-se diante de uma mensagem impenetrável tratando de um dos aspectos mais banais da vida cotidiana. O inglês, foi-me dito muitas vezes, é fácil. Eu receio que aqueles que repetem essa frase tomam perigosamente seus desejos por realidade. O inglês não é fácil, ele é sedutor: ele atrai com uma aparente facilidade no começo. Mas ele não cumpre suas promessas.

e) Uma gramática sem clareza

De fato, o inglês é tão pouco claro que, frequentemente, os próprios anglófonos não o compreendem. Minha mulher dá cursos de francês para jovens norte-americanos que vêm passar um ano de estudo em Genebra em razão de um acordo entre a universidade deles e a Universidade de Genebra. Por diversas vezes, ela lhes pediu para traduzir, em francês, um artigo sobre exercícios de respiração profunda intitulado *Short Breathing Exercises*. Cada vez, cerca de metade da classe traduz corretamente: *Brefs exercices de respiration* (Exercícios curtos de respiração). Mas a outra metade escreve: *Exercices de respiration brève* (Exercícios de respiração curta). É curioso que eles não se corrijam após terem lido o corpo do artigo, que não deixa nenhuma dúvida, mas o fato é que a língua permite as duas interpretações. Esses casos são muito frequentes em inglês. Curiosamente, é relativamente raro que o leitor ou o ouvinte tome consciência da ambiguidade. Ele interpreta na primeira tentativa de uma certa maneira e a outra interpretação possível não lhe vem à mente.

Eu me dei conta um dia de que um certo número de delegados em uma reunião da Organização da Aviação Civil Internacional (OACI) fazia uma ideia errônea do nome da instituição que os havia reunido. Em inglês, ela se chama *International Civil Aviation Organization* e quase todos compreendiam aquilo como significando “Organização Internacional da Aviação Civil”. Felizmente, os nomes oficiais em francês, em espanhol e em russo não deixam qualquer dúvida: é a aviação que é internacional, não a organização. Seria falso acreditar que esse gênero de erro tem pouca importância. É uma questão de competência jurídica. Uma organização internacional da aviação civil poderia tratar dos problemas que concernem aos voos internos. Se ela o fizesse, a OACI ultrapassaria seus direitos: o domínio de seus mecanismos são as ligações aéreas internacionais.

E as outras línguas?

Nós só falamos do inglês e do chinês. Vejamos agora como a situação apresenta-se em um certo número de outras línguas.

Em russo, “um ano” se diz *odin god*. “Dois anos”, “três anos”, “quatro anos” se dizem, respectivamente, *dva goda*, *tri goda*, *cetyre goda*. Mas, contrariamente ao que se poderia crer, isso não significa absolutamente que *goda* seja o plural. Esse é de fato um genitivo singular, obrigatório após aqueles três nomes de número mesmo se a palavra é o sujeito da frase ou o complemento de objeto direto. A partir de cinco a palavra muda: “cinco anos”, “seis anos”, etc., dizem-se *piat’ let*, *sest’ let*... (let é o genitivo plural). Dir-se-á *let* até 21, onde se recomeça com *god*, 22, 23, 24 exigem *goda*, depois, a partir de 25 retoma-se *let*. Não bastam alguns poucos minutos para que essas formas pouco coerentes se fixem na memória e transformem-se em reflexos. Ora, a língua de Puchkin está cheia de aberrações desse gênero. Suas dificuldades são muito diferentes daquelas do inglês: elas se devem às declinações e às conjugações, que contêm um número enorme de exceções, assim como o acento tônico, desprovido de lugar fixo ao mesmo tempo em que ele é de importância capital pois determina em grande medida a pronúncia das vogais. A promessa de ensinar a você o russo em 90 horas, da qual se tratou no capítulo precedente, é, como se vê, uma promessa de fanfarrão.

Em alemão, não basta saber que, por exemplo, “pequeno” se diz *klein*. Essa é a palavra que usamos na frase: *er ist klein* “ele é pequeno”. Mas se queremos dizer “o pequeno homem”, devemos acrescentar um -e, pronunciado de forma marcante: *der kleine Mann*. Se você quiser substituir o “o” por “um”, você deverá mudar o adjetivo, dessa vez a terminação será -er: *ein kleiner Mann*. Se tratássemos de um livro, e não mais de um homem, seria -es que deveríamos acrescentar: “um pequeno livro” se diz *ein kleines Buch*. Simples exemplo do número de detalhes a memorizar para um caso que se poderia crer elementar: como exprimir “pequeno” em alemão. Há milhares de coisas desse gênero a aprender quando embarcamos no estudo dessa língua. Mas temos de considerar nuances em nosso julgamento. Se o alemão é muito difícil no início, a partir de um certo ponto o aluno tem cada vez mais a impressão de dominá-lo, contrariamente ao que se passa no caso do inglês; as dificuldades deste último ordenam-se diferentemente no tempo: o pico (nível 100) parece próximo quando se começa a excursão, mas quanto mais se avança, mais ele parece afastar-se. Ele acaba por confirmar-se inacessível.

Os exemplos anteriores bastam sem dúvida para mostrar a variedade das dificuldades às quais somos expostos quando empreendemos o estudo de um novo idioma. O que é importante guardar é que não se deve colocar no mesmo saco todas as línguas. Os alunos que estudam árabe e persa não demoram a perceber que avançam com grande dificuldade em árabe e progridem rápido em persa. Por quê? Porque este último é muito mais regular. Em árabe, é praticamente necessário aprender o plural para cada substantivo, como em alemão. Conhecer *kitâb*, “livro”, não basta para poder formar o plural, *kutub*. Em persa, aprende-se que o plural é formado pela adjunção de -hâ e não se tem mais problemas: “um livro”: *kitâb*, “uns livros”: *kitâbhâ*. Muitos aspectos dessa língua são da mesma ordem.

Nós vimos que se o chinês fosse tão difícil quanto o inglês, isso seria unicamente por causa da pronúncia e de escrita. A gramática, em contrapartida, é muito regular. O exemplo dado agora há pouco, em que 6 elementos tinham o mesmo rendimento que 20 para o inglês e 31 para o francês, é totalmente representativo. Ora, existe uma língua cuja gramática é do tipo chinês, mas que não apresenta qualquer dificuldade de pronúncia por parte dos povos, e nenhuma dificuldade de escrita, pois que ela se escreve com o alfabeto latino segundo o princípio “uma

letra, um som; um som, uma letra”: o indonésio. Para o conjunto dos habitantes de nosso planeta, esta é então muito mais fácil do que muitas outras línguas. Quanto ao turco, se ele não tem essa simplicidade, ele se situa nada menos que entre o indonésio e o persa. Em resumo, contrariamente a uma ideia muito difundida, as línguas não são todas igualmente difíceis: elas são hierarquizadas, no que concerne à rapidez da aprendizagem e a facilidade de manejo, e isso, pelo conjunto da população do mundo. Esse fato se tornará totalmente claro no Capítulo 6, em que nós estudaremos a maneira segundo a qual nosso sistema nervoso funciona quando nós buscamos verbalizar uma ideia.

Mas, para voltar às línguas europeias, guardemo-nos de toda ilusão. As dificuldades são tão imensas que as mudanças de método não levarão nunca a uma redução substancial do trabalho imposto ao sistema nervoso. Uma pedagogia diferente conseguirá talvez fazer ganhar uma hora aqui, outra ali. Mas a iniciação ao inglês, ao russo, ao francês ou ao espanhol exigirá sempre um mínimo de 1500 horas para um nível bem medíocre em relação àquele que permitiria comunicar confortavelmente, sem ridículo. Basta fazer a conta das coisas a aprender para convencer-se disso. Contrariamente ao que uma certa propaganda dá a entender, não se adquire uma língua escutando-se repetir as mesmas frases. Para sentir o campo semântico das palavras e poder jogar com as aberrações gramaticais e lexicais, é necessário que todos os elementos tenham sido repetidos incontáveis vezes *em contextos diferentes*. A memorização de formas bizarras e de absurdos nada mais é do que um pequeno primeiro passo. O conhecimento só se torna operacional no momento em que todo o vocabulário, todas as regras e todas suas exceções se moldaram em reflexos. Se você fala em alemão, é preciso que seus circuitos nervosos conduzam à boa terminação cada vez que você usar o adjetivo. Se você fala em inglês, que eles levem ao lugar correto no pântano de expressões idiomáticas e de estranhas posições que a língua e o palato devem assumir.

Um sistema de comunicação antidemocrático

Comparando assim os diversos idiomas, descobre-se uma verdade surpreendente: o inglês é uma das línguas menos adaptadas às exigências da comunicação internacional. As seções precedentes indicam as razões disso: expressões idiomáticas, gramática sem clareza, fonética delicada, vocabulário inutilmente imenso (inutilmente não do ponto de vista literário, é claro; tão somente do duplo ponto de vista da comodidade e da justiça nas relações com os estrangeiros). O italiano é mais difícil gramaticalmente, mas essa seria sem dúvida uma língua internacional bem superior, por nada menos que sua clareza, tanto fonética quanto estrutural. Alguns preconizam o retorno ao latim como meio de zombar da barreira das línguas; parece-me que o italiano ofereceria aproximadamente as mesmas vantagens mas eliminaria a maior parte dos inconvenientes de uma língua morta com formas gramaticais complexas e cujas palavras têm com frequência um significado muito distante de suas descendentes atuais. Mas nós ainda não estamos comparando as diversas soluções que se apresentam. Nós faremos isso mais tarde.

No momento, o que é importante é tomar consciência de que quanto mais o domínio perfeito de uma língua (o índice 100) é difícil de atingir para a enorme maioria dos não-nativos, tanto mais o uso internacional dessa língua tem por efeito aumentar as desigualdades. Ao final de cinco anos de língua indonésia, os alunos estão aproximadamente no mesmo nível, incluídos os que são pouco dotados para línguas. Ao final de doze anos de estudo e de prática do inglês, com um igual número de horas, as pessoas que se lançaram nesse empreendimento apresentam resultados muito diferenciados, segundo os tipos de estruturação do intelecto e da memória,

segundo a aptidão maior ou menor na imitação fonética. Quanto mais longo o percurso, mais numerosos são os obstáculos, e mais os corredores distanciam-se uns dos outros. Desse fato, a adoção do inglês para a comunicação internacional é particularmente antidemocrática. Ela discrimina entre os povos (os germânicos têm uma enorme vantagem, os latinos vêm em seguida, depois os eslavos, e os povos do extremo oriente chegam muito atrás) e, no interior de cada povo, ela discrimina segundo a vivacidade de espírito. Muitas pessoas dotadas em ciências e em matemática têm um funcionamento mental que lhes torna uma língua como o inglês particularmente difícil de assimilar. Daí vem uma enorme injustiça: visto que a vida internacional frequentemente exige o domínio dessa língua, substituir-se-á o especialista com inteligência mais efetiva por uma pessoa claramente mais fraca naquela especialidade, mas cujo cérebro acomoda-se melhor ao sistema de pensamento do inglês.

Bilinguismo ou alienação?

Entre os leitores encontram-se sem dúvida pessoas que contestam os parágrafos precedentes porque elas mesmas situam-se no índice 100 em inglês. Esse fato não enfraquece em nada o que eu disse. Essas pessoas beneficiaram-se de circunstâncias excepcionais. Por exemplo, um dos pais é de língua inglesa. Ou a possibilidade de fazer os estudos nos Estados Unidos ou na Grã-Bretanha. Ou uma escolaridade em uma escola internacional onde uma parte do ensino era dispensada em inglês. Ou uma vida profissional na qual o inglês é a tal ponto de uso cotidiano que o interessado imerge nessa língua. Tanto melhor para aqueles cujo caso é um desses. Mas não se terá uma visão exata da realidade se não se resguardar de tomar como normais esses casos excepcionais.

E também – fundamentando-me em minha experiência – eu assinalo que um certo número de pessoas tendo se beneficiado de uma das vantagens supracitadas não sabem mais, nem a língua materna, nem o inglês. Por certo, elas falam sem sotaque e não cometem erros gramaticais. Mas a semântica revela graves confusões: elas empregam as palavras sem saber muito qual é seu significado verdadeiro na língua utilizada. Essas são pessoas que confundem “pobreza” e “miséria” ou que dizem “desenvolver uma indústria” lá onde em nossa língua, sob pena de mal-entendido, diz-se “criar” ou “por de pé”.

Quando André Chouraqui diz em sua autobiografia: “Os recitais que eu havia ouvido, os espetáculos que me haviam horrorizado assombravam meus dias e minhas noites, me sufocavam sem dar-me resto ou sono”,²⁹ ele é tão tomado por seu conhecimento do inglês que ele emprega sem se dar conta uma transposição da palavra inglesa *rest*, que quer dizer “repouso”. Sua frase não é clara para uma pessoa que só saiba nossa língua. Ora, esse autor maneja manifestamente a língua de Molière com uma rara excelência. O inglês não é nem sua língua materna nem a língua de seus estudos. Mas é difícil escapar da influência de uma língua que se utiliza muito. Quando eu leio sob a pena de um jornalista francês francófono que: “vários jornais americanos (...) estimam que será necessário suportar os Estados do Golfo durante anos após o fim da guerra”, eu tenho para mim que de tanto ler inglês, língua na qual *support* quer dizer “apoiar”, “vir em socorro de”, algumas pessoas não sentem mais o sentido real da palavra *suportar*. “É difícil para mim suportar Nancy”, disse-me um dia um amigo bilíngue. Como eu imaginava os dois ex-esposos separados pelo Atlântico, eu manifestei minha incompreensão.

²⁹ *L'amour fort comme la mort* (Paris: Laffont, 1990), p.251.

Sua explicação eliminou o mal-entendido. Ele queria dizer: “Destinar a ela uma pensão alimentar”.

Como observou Étiemble em seu estudo do *franglês* (francês carregado de influências do inglês), não é necessário ser um bilíngue perfeito para deixar-se levar à contaminação de uma língua por outra. Chamando a atenção do leitor sobre esse ponto, eu não tenho de forma alguma a intenção de defender um purismo sem relação com a realidade. As línguas sempre se influenciaram mutuamente e, no conjunto, isso não teve qualquer inconveniente. Infelizmente, no caso particular do inglês e do francês, muitas palavras têm uma forma muito próxima, mas sentidos diferentes. A excessiva frequência do inglês pelos jornalistas, pelos economistas e cientistas os torna insensíveis a essas diferenciações, de sorte que a significação das palavras em francês estende-se mais e mais ao significado no inglês a ponto de provocar interpretações discrepantes dos mesmos enunciados. A língua é assim desviada de sua função normal, que é de permitir uma boa compreensão mútua. Eis aqui mais um exemplo.

Eu o tomo emprestado do *Le Monde* de 12 de fevereiro de 1991. Sylvie Kaufmann, no artigo “*L’Indépendance plébiscitée en Lituanie*”, reproduz uma citação segundo a qual seria preciso “*tout faire pour éviter les hasards que pourrait provoquer l’ignorance des conséquences (...) du séparatisme*” (fazer de tudo para evitar os azares que poderia provocar a ignorância das consequências do separatismo). O que são esses *hasards*? O leitor que não sabe inglês compreende provavelmente algo diferente daquele que utiliza com frequência essa língua. Porque eu estou habituado ao inglês, eu vejo nessa palavra uma má tradução de *hazard*, “perigo”, “risco”. Mas o leitor que não sabe inglês – é a este que um jornal francófono deveria endereçar-se prioritariamente – compreende certamente “acontecimento aleatório”, visto que o sentido “perigo” em *hasard* não faz parte do uso normal no francês. O mesmo texto dá então lugar a duas interpretações diferentes. Será que tão somente lamentar isso é cair num purismo excessivo?

A perda de consciência da diferença entre duas línguas paralelamente utilizadas atinge às vezes extremos inimagináveis. É assim que se pode ler num jornal de Bruxelas de boa reputação o assustador anúncio que segue:

DEUX SECRÉTAIRES SALES
(“Duas secretárias sujas”)

Criativas com grandes capacidades de organização e que amem contatos,
você serão as colaboradoras eficazes de nossos Field Sales Managers (...) ³⁰

A palavra *sales* quer dizer “vendas” em inglês e “sujas” em francês. O mínimo que se pode dizer é que o emprego de um termo inglês é nessa ocorrência gravemente inconveniente. Não é para isso necessária uma terrível inconsciência dos fenômenos linguísticos para chegar-se a esse ponto?

Mas retomemos o fio de nossas observações. Após deixar claro que a comunicação internacional cria inúmeros problemas, dos quais alguns que produzem grande sofrimento, nós encontramos uma das causas: as línguas adotadas para esse fim são tão difíceis que nenhum sistema de ensino permite alcançar o objetivo. Isso se poderia medir: bastaria calcular o número de elementos a memorizar, e depois a saber utilizar por reflexo, como nós

³⁰ *Le Soir*, 16 de janeiro de 1993

fizemos para o presente do verbo ser e os adjetivos possessivos na página 52. É claro, o cálculo verdadeiro seria muito delicado. Seria necessário, por exemplo, registrar o tempo médio que é necessário a um não-anglófono para fazer as diferenciações desejáveis entre os sons vogais do inglês. Seria necessário fazer assimilações, isto é, levar em conta o que se chama “transferência” em pedagogia: como o fato de ter aprendido tal coisa ajuda a aprender mais rapidamente tal outra aparentemente diferente. Esse cálculo confirmaria que ao final de umas duas mil horas de trabalho, é normal estar-se bem longe do índice 100, se entendemos por isso o nível de domínio médio na língua materna. Isso confirmaria também que somente as pessoas que podem fazer imersões linguísticas prolongadas no país de interesse chegam perto do índice 90 ou 95.

Conclusão: O desejo de comunicar simplesmente em total igualdade, acima das barreiras linguísticas, desejo perfeitamente legítimo numa época em que as relações internacionais são de uma densidade sem precedente, não pode ser satisfeito pelos métodos que os Estados e o conjunto da sociedade aplicam atualmente.

Capítulo 5

Tentativas de solução

Como muitas doenças mentais, a síndrome de Babel comporta um delírio. Em lugar de perceber a realidade, a sociedade compraz-se no imaginário. Para ela,

- Não há problema (os problemas latentes são resolvidos graças ao inglês);
- A tradução e a interpretação são eficazes, o que justifica os bilhões que elas custam;
- Se os Estados sacrificam em nome de Babel montantes que poderiam salvar vidas, aliviar incontáveis sofrimentos, combater o analfabetismo, criar infraestruturas muito necessárias, e, nos momentos desejados, impulsionar a economia, em suma, ter um impacto social sobre os deserdados do planeta ou da nação, a política deles nada tem de criminosa: eles não poderiam fazer de outra forma;
- O inconveniente que há em permitir a uns manejar o instrumento linguístico à perfeição e privar os outros dessa possibilidade, numa troca entre pessoas de línguas diferentes, é desprezível;
- As línguas estrangeiras ensinadas nas escolas do ocidente podem ser aprendidas;
- As línguas não são tão difíceis assim; mesmo fora da escola, pode-se chegar a um nível de domínio, basta dispor-se a isso;
- O ensino de línguas no nível secundário dá acesso a uma cultura estrangeira.

A política dos Estados apresenta uma assombrosa contradição. Por um lado, eles investem fantásticas somas no ensino das línguas alegando que é aí que reside a solução do problema da comunicação internacional. Mas, por outro lado, não hesitam em aumentar, ano após ano, as quantias destinadas aos serviços linguísticos das diversas instituições, assim demonstrando a incapacidade do ensino em suprimir a barreira das línguas a qual se supõe ele deve eliminar. Enquanto essa política exerce-se em detrimento da ética a mais elementar, evita-se colocar os cidadãos diante de uma escolha clara: vocês preferem que o seu dinheiro sirva para financiar a tradução e a interpretação nas grandes burocracias, ou vocês preferem que ele sirva ao desenvolvimento do Terceiro Mundo ou, em nosso país, à luta contra os males sociais que acarretam graves sofrimentos para uma parte da população? A política dos Estados é tanto mais chocante na medida em que a tradução e a interpretação sempre fornecem um produto de qualidade inferior ao original. Tradutores e intérpretes têm um papel comparável àquele dos comerciantes. Como estes, eles são os intermediários que permitem aos consumidores aproveitar das mercadorias produzidas pelos produtores. Mas eles são comerciantes de um tipo muito especial, pois danificam cada objeto que transferem a peso de ouro ao usuário final. A questão merece ser colocada: as perdas sofridas em cada texto, em cada discurso, não justificam por si sós que se retome o problema em sua base?

Para isso, os consultores que somos devem estudar todas as fórmulas utilizadas na prática, a fim de compará-las. Vejamos então como as sociedades se desdobram para garantir, bem ou mal, uma comunicação suficiente em um mundo separado em unidades quase estanques pela perturbadora dificuldade da quase totalidade das línguas humanas.

Um investimento pouco frutífero

O primeiro investimento é aquele feito no ensino das línguas. Se nós fôssemos consultores pagos, estudaríamos aquilo que ele custa, no mundo inteiro. Eu não encontrei, infelizmente, nenhuma fonte que fornecesse uma síntese dos dados necessários. E se eu esperasse, para publicar este livro, ter podido esmiuçar os orçamentos da educação nacional de cada Estado, a obra nunca apareceria e nós não teríamos qualquer chance de provocar o sobressalto de saúde mental sem o qual não se poderá libertar o mundo da síndrome de Babel. Mas tomemos nota dessa lacuna: eis um estudo que seria necessário fazer-se um dia.

É em todo caso certo que esse investimento se revela pouco rentável, pois que, se fizermos a abstração dos alunos dos países germânicos que aprendem uma língua germânica, seis ou sete anos de estudo à razão de três ou quatro horas semanais de curso, mais um certo trabalho em casa, dão resultados extremamente medíocres: ao final desse imenso esforço 1% somente dos alunos pode dialogar normalmente na língua aprendida.

É nitidamente mais fácil exprimir-se por escrito que oralmente numa língua estrangeira: tem-se o tempo para formular as frases, não se é apanhado nas armadilhas da fonética ou do sotaque. Entretanto, um estudo efetuado das cópias do Exame de Aceitação no Bacharelado³¹ pela direção de avaliação e de prospecção do Ministério da Educação Nacional revela que em média, na produção de um texto de doze linhas sobre um tema proposto, só “a metade das frases está inteiramente correta”.³² O exercício consistindo em produzir um texto mais longo mostra também a que ponto se está longe da meta: “os corretores têm dificuldade (...) para destacar as ideias principais dos textos (...) em aproximadamente metade das cópias. E a mensagem não é clara em cerca de 11 a 20% das cópias” (*ibid.*). Francamente, não há o que festejar.

A situação não é mais louvável na parte da compreensão da leitura. Se os testes que eu efetuei ao acaso de encontros são representativos, a maior parte dos jovens que entram na universidade e que escolheram o inglês como primeira língua estrangeira é incapaz de compreender todos os títulos que aparecem numa revista anglo-saxônica, o que quer dizer que esses jovens não dominam realmente a língua, mesmo que passivamente.

O leitor céptico poderá refazer a experiência. Pessoalmente, eu a fiz pela última vez em novembro de 1990. No número da *Time* publicado na semana em que eu realizei o teste (o nº 45), os seguintes títulos não foram compreendidos por nenhum dos sujeitos: *We Don't Knuckle Under* (p.15), *Runaway to the Future* (p.18), *A Provoking Face-Off at Sea* (p.19), *Ignore That Bugle* (mesma página), *The Stealth Peace Dividend* (p.26), *Polly Has a Crack-Up* (pg.33), *Time for the Teeny Tinies?* (p.52), *The man Who Mumbled* (p.52), *The New Brahmin of Brawn*, (p.54).

Talvez se alegue que se trata de norte-americano, não de inglês. Isso não é totalmente exato, mas admitamos. Isso não muda nada em nossa conclusão. Não se pode dizer, em nossa época, que se compreende inglês se não se compreende o inglês norte-americano. A língua apresenta-se sob duas variantes e ambas devem ser conhecidas caso se deseje participar da vida internacional. No mais, não estou dizendo que após o imenso investimento em esforço e em tempo feito na aprendizagem da língua, os alunos não sabem nada. Eles sabem, no geral, muito. Mas em relação ao que exige um domínio real, o resultado do investimento é muito

³¹ O original ‘*baccalauréat*’ no sistema educacional francês corresponde ao ENEM brasileiro, e é um exame feito ao final do Segundo Grau e que serve de referência para o acesso às universidades. (N.T.)

³² *Évaluation en anglais à partir des copies du baccalauréat*, Paris: Ministério da Educação Nacional, dezembro de 1992. (Resumo sob o título “*Résultats mitigés*” em *Le Monde* de 21 de janeiro de 1993).

fraco. O fato de que muitos alemães orientais tenham sido felizes em circular de Trabant não significa que fosse justo lhes proibir o acesso a veículos de melhor desempenho e muito mais baratos, e que não exigem anos na lista de espera. Se no domínio linguístico, uma fórmula revela-se mais satisfatória que o estudo escolar do inglês tal como atualmente praticado, seria sábio analisá-la em profundidade.

A resposta que eu acabei de dar é igualmente válida mesmo se for contestado que o teste não tem qualquer valor porque se trata de títulos. Aqueles títulos o leitor anglófono compreende imediatamente. Olhar para eles sem compreender, depois de tantas horas de trabalho, é no mínimo decepcionante. Da mesma maneira, poucos não-anglófonos, mesmo sabendo bem inglês, situam-se no mesmo nível dos anglo-saxões diante de uma frase como:

*He was six feet four inches tall, and he weighed two hundred and twenty pounds in his underpants,*³³

o que quer dizer literalmente: “ele media seis pés e quatro polegadas e pesava, com as roupas de baixo, 220 libras (inglesas)”. O leitor norte-americano que lê essa descrição visualiza imediatamente uma silhueta precisa. Poucos alunos de inglês atingem essa capacidade.

Em nossa época, em que os jovens dispõem de inúmeras facilidades para viajar, muitos são os que vão aos Estados Unidos de avião. Como o cinema durante o voo se tornou uma prática usual, a maioria faz uma constatação desencorajadora: após seus seis ou sete anos de inglês, eles não compreendem integralmente, longe disso, o diálogo de um filme sem legendas. Se, uma vez lá, eles vão ver uma comédia musical, estão longe do nível que lhes permitiria apreciar a atuação dos atores como fazem os habitantes do país. A maior parte dos estrangeiros, nesses espetáculos, não consegue entender elementos importantes da intriga.

No estágio da preparação à comunicação, nós registramos então um investimento imenso que leva a um resultado decepcionante. Visa-se ao índice 100 (igualdade entre parceiros, domínio da língua) para 100% dos sujeitos, e aproxima-se a duras penas do índice 70 em 1% dos casos.

Havendo a sociedade falhado em preparar seus membros para comunicarem-se bem em meio a pessoas de línguas diferentes, o que se passa no momento do encontro? Como é que nos desdobramos? Vejamos isso mais de perto.

1. Gestos e desenhos

Um dos sistemas utilizados, particularmente pelos turistas desejosos de comunicar com os habitantes dos países que eles visitam, consiste em exprimir-se por gestos, com a mensagem das mãos sendo ajudada por expressões faciais. Frequentemente, algumas sílabas da língua materna do viajante, ou de uma outra língua, por exemplo o inglês, vêm reforçar esses elementos de fraco valor comunicativo. Esse método primitivo não dá o resultado esperado a não ser em uma pequena porcentagem dos casos. Os gestos não têm a validade universal que somos tentados a atribuir-lhes. Por exemplo, aquilo que significa “venha” não é compreensível a um japonês a não ser que as costas da mão estejam voltadas para cima, e os movimentos dos dedos, mais comedidos que no ocidente, aconteçam sob a palma da mão.

No vasto território que vai da Grécia a Bangladesh, e talvez mesmo mais além, a forma de dizer “sim” com a cabeça é um balanço que lembra muito o nosso “não”. Já a forma de dizer o “não” lembra a maneira como um bebê afasta a cabeça de um alimento pouco

³³ Ed McBain, *Jigsaw* (Londres: Pan Books, 1972), p. 7.

apreciado: ocorre num plano vertical, ou ligeiramente oblíquo, que para um ocidental parece “sim”. O mínimo que se pode dizer é que essa divergência cultural não facilita o diálogo.

A comunicação por gestos leva a numerosos mal-entendidos. Para dizer a verdade, estes podem acontecer mesmo sem que se tenha uma tentativa de comunicação. Não é nada bom colocar as mãos nos quadris na Indonésia; o interlocutor provavelmente interpretará essa atitude como uma intenção de agredir.

Certos viajantes, desesperados por não se fazerem entender, acabam por recorrer ao desenho. Os resultados não são mais convincentes. Um jovem americano que, na Birmânia, queria pedir um copo de leite, começou por ordenhar uma teta imaginária. Quanto mais ele ordenhava o ar diante de seu nariz, mais o espanto dos espectadores se transformava em hilaridade, mas não em compreensão. Quando, em desespero de causa, ele teve a ideia de desenhar uma vaca, ele viu com satisfação clarear a fisionomia de seus interlocutores: dando a entender que eles haviam compreendido. Após uma longa espera, serviram-lhe um bife duro como uma sola!

A esse respeito, convém sem dúvida chamar a atenção do leitor sobre um fato importante muitas vezes negligenciado: é preciso ter o cuidado de não confundir a compreensão real com o sentimento, ou mesmo a certeza, de ter compreendido. Se você perguntar a seu interlocutor: “Você entendeu? ”, uma resposta afirmativa não significa de maneira alguma que sua fala teve o impacto desejado. Ela significa que ele entendeu alguma coisa, mas nada garante que o que ele entendeu foi o que você disse. Se o norte-americano cuja desventura acaba de ser citada tivesse perguntado: “Vocês entenderam? ”, seus interlocutores teriam dito sim, de total boa-fé. Mas eles haviam compreendido que ele queria carne de vaca enquanto que ele queria leite. Você pode perfeitamente dizer sim a um britânico que lhe pergunta se você entendeu as explicações dele sobre o caminho a percorrer, enquanto que a *paved street* dele evoca para você uma “rua de calçamento” o que ele quis dizer foi rua asfaltada. Você pode achar que compreendeu um interlocutor que fala de *global policy*, mas sabe você que se trata não de uma política global ou geral, mas de política mundial (global faz referência ao globo terrestre)?

Além do mais, em muitas regiões do mundo, a pessoa a quem se pergunta se ela entendeu dará uma resposta afirmativa simplesmente porque admitir o contrário seria ficar desmoralizada, ou porque, segundo os costumes locais, isso seria indelicado. Essa reação encontra-se também, é claro, no ocidente. Nosso psiquismo é organizado com vistas à sobrevivência, e se possível, ao bem-estar. No momento em que um sargento grita com ar ameaçador: “Está entendido agora? ”, os homens respondem “sim”, de boa-fé. Eles efetivamente entenderam alguma coisa, mas não necessariamente o que lhes foi explicado. A situação é tal que seria perigoso demais não ter entendido nada. O cérebro deles desdobra-se então para apresentar-lhes uma ideia do que se espera deles, ideia talvez distante das instruções dadas.

Seja o que for, mesmo que a mensagem passe sem mal-entendido, a comunicação por gestos, expressões faciais e desenho é extremamente limitada. Toda a fineza e a precisão que caracterizam o diálogo humano estão nela cruelmente ausentes.

2. Comunicação oral

As algaravias

A diversidade das situações nas quais personagens de línguas diferentes tentam comunicar é tal que seria impossível tratar de todas. A situação difere muito conforme se trate de duas pessoas, de um grupo médio ou de uma assembleia. Difere também conforme as

peçoas utilizem uma língua terceira para todos ou a língua materna de um dos presentes. Ela difere segundo se trate ou não de um nível institucional dotado de um financiamento (pode-se ou não pagar por intérpretes?). Ela difere conforme se trate de comunicação oral ou escrita. Difere sobretudo segundo o nível de competência linguística dos interessados.

Um dos sistemas de comunicação atualmente em uso e que com frequência não funciona tão mal é aquele das algaravias. Eu entendo por essa expressão uma língua deformada, despida de seus adornos gramaticais, e que incorpora palavras de outras línguas. Eu ouvi, outro dia, no aeroporto de Budapeste, uma conversa entre a tripulação de um avião búlgaro e alguns funcionários húngaros do aeroporto num tipo de alemão criouliizado que não impedia os interlocutores de exprimirem-se com desenvoltura e, até onde eu pude avaliar, compreenderem-se bem. Todas as dificuldades do alemão estavam escamoteadas: nada de terminação gramatical, nada de gêneros, nada de colocar o verbo ou o particípio no fim da frase. Aquele alemão teria deliciado alguns estudantes que escolheram a língua de Goethe. Mas ele teria horrorizado um habitante d'além-Reno.

Uma das conversas mais interessantes, do ponto de vista linguístico, as quais me foi dado assistir, desenrolou-se no transcurso de uma viagem de trem. Os interlocutores eram três operários: um italiano, um espanhol e um português. Eles regressavam de uma reunião sindical acerca da qual comentavam com vigor. Conhecendo bastante bem as línguas italiana e espanhola, eu não tive qualquer dificuldade em entender e admirei a destreza com a qual eles discutiam assuntos por vezes bem complexos. Eu ignoro se eles tinham o hábito de se encontrar, e se o sistema linguístico deles era habitual, ou se era improvisado, mas o que me impressionou é que cada um tinha como ponto de honra aproximar sua linguagem daquela de seus companheiros. Em espanhol, na primeira pessoa do singular, o futuro é em *-é*; em italiano, ele é em *-ò*: “eu pagarei” diz-se *pagaré* em espanhol, *pagherò* em italiano. Naquele diálogo, o espanhol e o português tinham a tendência de utilizar a terminação italiana, e o italiano a espanhola. Eles não o faziam todo o tempo, mas com bastante frequência. Isso dava a impressão de que cada um dizia aos outros: eu dou um passo em direção a vocês. Havia ali uma consciência dos problemas de comunicação intercultural da qual a maioria dos anglo-saxões e muitos dos francófonos parecem desprovidos, seja pelo egocentrismo, seja porque suas línguas lhes pareçam totalmente intocáveis. Aquela abertura para com o outro, ou aquela dessacralização da linguagem posta a serviço do bom entendimento, era tocante. Uma outra característica da linguagem deles era o emprego de palavras que não existiam em nenhuma das três línguas, mas que recebiam um tipo de roupagem mediterrânea. Eu reparei assim a palavra *chambra* (eu não sei como escrevê-la, eles pronunciavam [*t*]*ambra*), no sentido de “quarto”, enquanto que se diz em espanhol *cuarto*, em português *quarto* e em italiano *stanza* ou *camera*. Eu também notei *el truo* (como se escreveria nessas línguas), evidentemente emprestado do francês *trou*. Como eles haviam todos os três trabalhado na parte alemã da Suíça, o diálogo deles estava além disso matizado por expressões em dialeto alemão.

Cada um com sua língua

Existem casos em que cada um dos interlocutores exprime-se em sua língua, cada um devendo compreender as diversas línguas empregadas. Assim, se se trata de reuniões sérias, com documentos de trabalho, estes são distribuídos na língua do autor, sem tradução. Essa situação apresenta-se entre escandinavos, por exemplo, nas reuniões da companhia de aviação SAS. Com um pouco de prática, dinamarqueses, noruegueses e suecos entendem-se sem dificuldade. Isso é possível porque suas línguas são, por assim dizer, dialetos de um mesmo idioma.

Na Suíça, não é raro que reuniões de âmbito nacional apliquem esse sistema, mas os resultados são nitidamente piores. A dificuldade deve-se a dois fatores: por um lado, a proporção de suíços-alemães em relação às pessoas de expressão francesa ou italiana é em geral enorme, visto que ela reflete mais ou menos a repartição das culturas no país; por outro lado, os suíços-alemães não têm o hábito de falar alemão. Essa afirmação parecerá estranha aos leitores não-suíços, mas é um fato. Para o suíço-alemão médio, o alemão é unicamente uma língua escrita; a língua falada é um dialeto bastante distante do alemão padrão, e isso, mesmo nos níveis mais altos da escala social. Um banqueiro, um médico ou um professor universitário não falam alemão a não ser que haja estrangeiros (e mais! Na universidade, os cursos são em alemão, mas não os trabalhos práticos, nos quais o dialeto é regra). A combinação desses dois fatores faz com que o debate comece a desenrolar-se essencialmente em alemão, pois que essa é a língua “oficial” da maioria (há, por exemplo, dez suíços alemães para um francófono e um italófono). Entretanto, um certo tempo depois, os suíços alemães ressentem-se de como é estranho o fato de utilizarem entre si uma língua escrita, uma vez que têm o costume de entenderem-se muito bem com suas respectivas línguas locais: eles então passam insensivelmente ao dialeto. Os dois falantes de línguas latinas são então obrigados a restabelecer a ordem e pedir que se retorne ao bom alemão para a discussão poder continuar. Finalmente todo mundo sente um incômodo, uma falta de naturalidade.

Percebe-se igualmente nessas situações que as pessoas que não são de língua alemã não têm muita vontade de participar. A mudança de língua que elas provocam no grupo é com frequência percebida como sendo um estorvo. De fato, um intercâmbio vivaz, à altura, no qual cada um se exprime em sua língua é praticamente impossível. Quando entendemos a língua do outro, somos tentados a nos exprimir nela. Mas, quando começamos, nos damos conta de que os comandos não surtem efeito: o sistema nervoso não está suficientemente adaptado ao emprego ativo da língua conhecida passivamente para que o interessado se sinta à vontade. Esse sistema é, portanto, insatisfatório.

Uma língua para todos

A situação na qual todas as pessoas que devem se comunicar utilizam uma mesma língua, estrangeira para um certo número de participantes, é uma das mais frequentes em nossa época. É difícil falar dela aqui, pois a qualidade da comunicação varia muito de uma situação a outra, segundo o nível linguístico dos protagonistas.

Eu assisti conversas em inglês entre várias pessoas de diferentes nacionalidades que se exprimiam quase todas como em suas línguas maternas. Elocução fluente, boa comunicação das ideias, ambiente simpático: não há dúvida, se o nível geral é muito bom, essa fórmula é bem superior a todas aquelas de que este capítulo trata.

Mas esse nível de domínio linguístico está limitado a uma pequena elite. Trata-se quase sempre de pessoas que fizeram uma parte de seus estudos em um país de expressão inglesa ou que lá moraram por muito tempo. O ambiente geral da reunião toma então um aspecto anglo-saxão que pode suscitar um certo mal-estar nas pessoas preocupadas com autenticidade cultural. Ele dá uma impressão de traição. Como se assistíssemos a um teatro encenado por súditos de Roma para fazerem-se bem vistos pelos patrícios. O que é surpreendente nessas reuniões é o desejo de imitar o modelo cultural anglo-saxão. As referências se farão à Bíblia, a Alice no País das Maravilhas, a Dickens, ao *Wizard of Oz*. Para explicar uma ideia, se fará comparação a Dick Tracy ou ao Superman, e não a Tintin, Lucky Luke ou Asterix. Todo um pano de fundo cultural é supostamente conhecido por todos. Nosso planeta perde tristemente sua diversidade: todo mundo brinca de ser mais inglês ou

mais norte-americano que os anglófonos, e isso cria um clima de falsidade de muito mau gosto. Mas no plano da eficácia, não há nada a dizer. É nas reuniões unilíngues desse gênero que a comunicação funciona melhor.

A partir do momento em que não mais se trata da elite internacional, o recurso somente ao inglês faz aparecer desigualdades gritantes. Alguns se exprimem pouco, por vergonha de seus sotaques ou medo do ridículo. Alguns se exprimem muito, mas se fazem entender mal. Com frequência, explicações devem ser repetidas lentamente e perde-se muito tempo. Em outras palavras, o sistema unilíngue pode ser desagradável, frustrante e ineficaz se o nível linguístico não é elevado o bastante.

Por vezes ocorre que, num dado grupo, todos com exceção de uma pessoa dominam a língua de comunicação. O método geralmente aplicado nesse caso é o da interpretação por cochicho. Uma pessoa que sabe as duas línguas fica perto do participante monoglota e lhe sussurra no ouvido a tradução do que é dito. As perdas são consideráveis nesse sistema, que é desagradável para todo o grupo, sobretudo para os que se estiverem perto do cochichador.

Reuniões à parte, a fórmula unilíngue é o método mais usual entre pessoas de línguas diferentes. É ela que aplicam, por exemplo, uma vendedora parisiense e um turista japonês que tenta se exprimir em inglês. Como vimos no Capítulo 2, com frequência esse sistema traz problemas, em particular para o estrangeiro que tenta defender seus direitos. Quanto mais se tratar de um domínio técnico, tanto pior a comunicação funciona (abstração feita de dois especialistas que em geral conhecem melhor a língua técnica que a língua corrente). Também aqui é impossível generalizar, tanto podem ser diferentes os níveis dos protagonistas. Limitemo-nos a destacar que a maioria das pessoas se depara com sérias dificuldades nesse tipo de contato.

O inglês não oferece a panaceia que se pretende. Em Hong Kong, território britânico até 1997, somente um agente de polícia em cada dez é capaz de sustentar uma conversação simples nessa língua, os outros nove só falam cantonês. Na Suíça, país onde os políglotas de bom nível são particularmente numerosos, explicar-se em inglês a um policial ou a um reparador de aquecedor não é tarefa simples. O acúmulo de dificuldades de comunicação nos pequenos detalhes da vida cotidiana pode tornar a existência tão difícil que alguns buscam soluções radicais. Foi assim que um dia, em desespero de causa, uma vizinha norte-americana propôs à minha mulher pagar-lhe para que ela se ocupasse de todas as ligações telefônicas e outras providências que fizessem intervir pessoas que não soubessem, ou não soubessem bem o bastante, a língua de Shakespeare.

Mesmo uma pessoa situando-se no nível 70 não escapa dos diálogos de surdos devidos à dificuldade das línguas estrangeiras. Esse foi o caso, há algum tempo, de uma outra de nossas vizinhas, uma inglesa estabelecida aqui há mais de dez anos e falando um francês de forma alguma ruim. Um pintor da Savóia pintava a fachada de sua casa quando ela saiu dizendo-lhe: *“Je vais au poste”* (“Eu vou à delegacia”). Confuso, com um ar vagamente culpado, ele lhe perguntou se havia algum problema, se ela queria dar queixa ou algo do gênero. Dessa vez foi ela que não entendeu mais: ela olhou para o pintor com um ar estupefato. É o verdadeiro diálogo de surdos. Sem consequências, naquela ocasião. Mas não é triste que após tantos anos de estudo e de prática esteja-se reduzido a esse nível de incompreensão recíproca? Tudo isso por uma questão de gênero. De fato, ela ia ao correio (*à la poste*). Para uma pessoa de língua inglesa (ou chinesa, indonésia...) guardar que cada objeto, ou conceito, em francês, deve ser masculino ou feminino é uma complicação da qual não temos a menor ideia. Daí a frequência de erros desse tipo mesmo de pessoas realmente bem treinadas em falar a língua estrangeira.

Interpretação consecutiva, com ou sem relé

O sistema de interpretação consecutiva, no qual um intérprete rediz ou resume numa língua aquilo que acaba de ser pronunciado numa outra, ainda é usual em certas situações. Por exemplo, quando um grupo de japoneses visita uma indústria na França, o engenheiro que os recebe vai exprimir-se em francês, eventualmente em inglês, e o intérprete do grupo repassará suas explicações em japonês. Duas possibilidades apresentam-se então. O orador pronuncia de início toda sua apresentação e o intérprete toma nota antes de traduzir na sua íntegra. Esse sistema é profundamente tedioso, pois os visitantes escutam uma meia hora de discurso sem nada entender, após o que é a vez de o orador inicial esperar pacientemente que o intérprete chegue ao fim de suas notas. Uma parte do desagrado deve-se à ausência de controle sobre o que é dito. Se o orador se exprimiu com a maior seriedade e no decorrer da interpretação o público explode em riso, ele se sente desconfortável: será que o intérprete fez humor à sua custa? Não é também agradável contar uma anedota extremamente engraçada diante de uma assembleia de rostos impassíveis, uma vez que o brilhoso que poderia iluminar os olhos do intérprete não está acessível, pois ele está com o nariz enfiado em seu bloco de notas. A outra fórmula, mais agradável para todo mundo, mas mais fatigante para o intérprete, consiste em traduzir frase por frase ou parágrafo por parágrafo.

A interpretação consecutiva, que era o único sistema em vigor na Sociedade das Nações, não mais é utilizada em nossos dias nas grandes reuniões entre Estados. Entretanto, ela ainda é regra no Conselho de Segurança das Nações Unidas, por duas razões. Por um lado, ela é muito mais confiável do que a interpretação simultânea (que é igualmente garantida àquele Conselho). Por outro lado, enquanto os intérpretes reproduzem o discurso que acaba de ser pronunciado, as delegações têm o tempo de refletir sobre ele; de resto, a possibilidade oferecida a todos de escutar duas vezes as mesmas declarações tem sua utilidade em um órgão carregado de questões as mais importantes da política internacional.

O aumento do número de refugiados que pedem asilo político nos países da Europa Ocidental tornou muito mais frequente que no passado uma outra forma de interpretação consecutiva: aquela em que os intermediários são dois ou três. Seja um refugiado indiano que foi levado ao hospital porque seu joelho dói. Ele só fala gujarate e o médico só fala francês. A comunicação é feita através de dois intermediários: o médico formula sua pergunta em francês, uma senhora benevolente que se ocupa desse grupo de refugiados traduz sua frase em inglês e o amigo indiano que sabe inglês a transpõe por sua vez em gujarate para seu compatriota. A resposta faz o mesmo percurso no sentido contrário. A eficácia do sistema é duvidosa. No caso autêntico aqui citado, o médico insistiu muito, ao final do exame, para que o paciente não pusesse o pé no chão. A frase, revezada através dos dois entroncamentos por várias vezes, não teve efeito. Má vontade? Problema linguístico? Questão de mentalidade? Nós não sabemos nunca. O fato é que o doente se foi apoiando o peso de seu corpo sobre a perna doente.

Interpretação simultânea

A interpretação consecutiva comporta inconvenientes bastante numerosos, dos quais o mais importante é sem dúvida a grande perda de tempo que ela implica, mas ela se reveste da vantagem de não necessitar de uma sala equipada de cabines, de circuitos elétricos, de microfones e fones de ouvido. Com frequência, hoje em dia, prefere-se a despesa à perda de tempo. Muitos centros de congresso são equipados para a interpretação simultânea.

O grande público tem uma profunda admiração pelos intérpretes de conferência: como é possível ao mesmo tempo alguém escutar um discurso e repeti-lo em voz alta numa

outra língua? Como nós vimos no Capítulo 2, existe geralmente uma discrepância entre a mensagem emitida numa língua e a mensagem recebida numa outra, mas é raro que os participantes de uma reunião se apercebam disso. Os intérpretes são em sua maioria excelentes atores dotados de uma facilidade de elocução excepcional. Eles praticam a arte de falar de uma maneira tão maravilhosa que aqueles que os escutam ficam infalivelmente satisfeitos. Tendo ouvido um bonito discurso em seus fones de ouvido, eles não se fazem a pergunta sobre em que medida ele se distancia do original, seja pela introdução de um certo número de sentidos falsos, seja – o que é mais frequente – pela omissão de diversos detalhes que o intérprete não teve tempo de traduzir.

Ocorre também que um intérprete improvise por si mesmo a totalidade do discurso. Isso se dá quando o orador tem um sotaque tão medonho que aquilo que ele pronuncia na língua de trabalho é incompreensível. Os coreanos, cujos hábitos fonéticos acomodam-se particularmente mal às exigências da pronúncia inglesa, são com frequência vítimas desse gênero de artifício. Mas muitos indianos do sul, chineses, nepaleses, japoneses encontram-se na mesma situação. Como o intérprete nada entende, e como ele não poderia ficar em silêncio sem atrair olhares raivosos da assembleia, ele inventa. Ele está habituado a esse tipo de sessão, sabe em geral qual é a posição do país em relação à questão debatida, dispõe de um estoque inesgotável de clichês e de banalidades, conhece todos os truques que permitem à eloquência cobrir o vazio de um discurso, e, sobretudo, sabe que ninguém na sala imaginará que aquilo que ele diz é totalmente inventado.

Como se dá que a fraude praticamente nunca seja descoberta? Sem dúvida há uma combinação de fatores. Muitas intervenções nada têm de original ou de pertinente. Que um discurso seja substituído por outro pouco muda o conjunto do debate. Além disso, as vítimas dessas fraudes pertencem quase sempre a países onde é culturalmente proibido afirmar-se. Um coreano que se dá conta de que lhe fizeram dizer algo totalmente diferente do que ele realmente disse não saberá como reagir. Exigir uma repetição correta do discurso seria exhibir-se, praguejar, o que seria pouco educado. Ele prefere erguer os ombros. Além do mais, em lugar de perceber-se como vítima de um sistema injusto, ele se sente culpado: se não o entenderam é porque ele fala mal e a culpa é dele. É melhor não retornar a esse fato humilhante. Por conseguinte, se ele se dá conta de que certas partes de sua intervenção não foram comunicadas, ele não consegue acreditar que o intérprete teve a audácia de inventar alguma coisa totalmente diferente. Ele então se diz que, no essencial, aquilo que ele disse deve ter sido compreendido. Enfim, se há realmente alguma coisa de importante a dizer e se isso não tiver sido recebido pela assembleia, ele poderá a qualquer tempo transmitir ao secretariado uma comunicação escrita.

Quando eu digo que o delegado em questão se sente culpado mesmo sendo vítima, eu não acuso o intérprete. Este também é vítima, e não culpado. O que poderia ele fazer? Deveria declarar em seu microfone: “O orador tem um sotaque tal que é impossível traduzi-lo”? Isso teria grande chance de voltar-se contra ele, prejudicando-o como orador. A invenção de um discurso paralelo é dos males o menor numa sociedade acometida pela síndrome de Babel.

Que se me permita aqui acrescentar um detalhe deveras divertido. Quando se produz tal fenômeno, escuta-se na sala uma série de pequenos estalos, discretos, mas perfeitamente audíveis. Esses são os delegados britânicos, norte-americanos, árabes, sul-americanos e outros que, ao constatarem que o inglês do orador é incompreensível, giram o botão para ligarem-se à cabine francesa. Atribuindo à interpretação um talento sobre-humano para compreender o incompreensível, eles acreditam que assim conhecerão o teor do discurso que lhes é dirigido...

A obrigação imposta a alguns povos de usarem uma língua estrangeira é profundamente discriminatória. A substituição do discurso real por um discurso de fantasia nunca acontece no caso de um francófono ou de um anglo-saxão. Mas mesmo quando uma pessoa tem um sotaque conveniente na língua utilizada, a natureza desse idioma pode influir no uso que ela faz dele. Durante uma dezena de anos seguidos, eu assisti, na qualidade de redator de atas, às sessões do Comitê Regional da OMS para o Pacífico ocidental, que utilizam três línguas: inglês, francês e chinês, com interpretação simultânea. Um médico japonês, um tipo bem-apegoado com cabelos grisalhos, muito simpático, participava dessas sessões. Suas intervenções, em inglês, limitavam-se em geral a uma frase ou duas, sabiamente preparadas num pedaço de papel. Mas um dia, o Comitê decidiu reunir-se em Tóquio e naquela ocasião o governo ofereceu-se para financiar a interpretação simultânea em japonês, e a partir do japonês nas três línguas habituais. Subitamente, aquele médico normalmente tão lacônico transformou-se num tagarela. Percebeu-se que ele tinha toda sorte de considerações muito pertinentes a formular sobre cada assunto tratado. O direito de falar sua língua materna tinha desbloqueado por completo sua elocução. Em inglês, ele não ousava intervir, por receio de ser mal entendido, ou ridículo. Ele, contudo, tinha atrás de si doze anos de estudo da língua, isto é, 3.000 horas se contarmos o estudo em casa.

É provavelmente para evitar que o leque de línguas limite a tomada da palavra que, nas instituições europeias, todas as línguas dos participantes são autorizadas. A interpretação de uma intervenção feita em grego deve ser garantida em português, em dinamarquês e em holandês, além de nas línguas ditas “grandes” que são o francês, o alemão, o inglês, o italiano e o espanhol. Como não há qualquer intérprete capaz de traduzir diretamente, por exemplo, do grego para o dinamarquês, o intérprete dinamarquês liga-se àquele de seus colegas que traduz para o inglês. É o que se chama de interpretação em cadeia. Aos falsos sentidos e omissões que o intérprete inglês não consegue evitar fazer, adicionam-se aqueles que o intérprete dinamarquês comete.

O mesmo problema ocorre nas organizações ligadas às Nações Unidas. A interpretação em chinês de um discurso em árabe é, na maioria das vezes, a interpretação da interpretação inglesa do discurso em árabe. As perdas assim geradas não são de modo algum desprezíveis, como explica o relatório dos inspetores da ONU citado no Capítulo 2:

“A opinião da maior parte dos secretariados da ONU é de que o método do ‘relé’ é condenável para a interpretação porque ele leva a uma baixa de qualidade”.³⁴

“Uma organização escreve que nas reuniões científicas a perda de informação devida ao ‘relé’ é de pelo menos 50%”(ibid.)

Esses mal-entendidos podem provocar perdas de tempo consideráveis, que representam fortunas, em vista do custo astronômico da menor das jornadas de uma conferência multilíngue. Eu era redator de atas na Primeira Comissão da Assembleia Geral das Nações Unidas, há pouco mais de quarenta anos, quando lá foi debatida a questão dos testes nucleares franceses no Saara. Eu me lembro de que se perdeu a metade de um dia porque o intérprete inglês não havia entendido o prefixo *mili* no momento em que o representante da França (eu creio que era Jules Moch) havia tratado do nível de radiação em consequência dos testes. Ao omitir aquele prefixo, o intérprete havia multiplicado por mil a dose de radiação. Daí veio uma indignação entre as delegações que escutavam a interpretação inglesa. No momento em

³⁴ Documento da ONU A/32/237, par. 93.

que um diálogo de surdos começa, raramente passa-se de imediato ao simples mal-entendido. As acusações políticas pegam fogo, as emoções saem do controle e é necessário tempo para se dar conta da origem do erro.

Em outros casos, é uma questão de pronúncia que torna a interpretação difícil e provoca diálogos de surdos. Quando de uma sessão em Manila, na qual, encarregado de redigir a ata, eu estava uma vez mais entronado no centro da sala de reuniões, um debate que deveria ter sido de uma simplicidade infantil arrastou-se durante duas horas porque as palavras inglesas *biennial* (“que tem lugar uma vez a cada dois anos”) e *biannual* (“que tem lugar duas vezes por ano”) eram praticamente impossíveis de distinguir com os sotaques coreano, japonês, malaio ou da Nova Guiné. A única diferença essencial entre essas duas palavras consiste em juntar um *u* muito breve diante do som indistinto próximo do *e* mudo que precede o *l* final. Os delegados que utilizavam o inglês já não se compreendiam entre si, como os intérpretes franceses e chineses teriam podido encontrar-se, eles que cobriam de própria voz as conversas tão indistintas que tentavam traduzir?

A interpretação simultânea é então um sistema pesado, complicado e custoso que dá resultados bem pouco satisfatórios se os compararmos com a fórmula que será objeto do Capítulo 7. É desagradável ter de usar fones de ouvido, estar dependente de uma sala equipada e de um bom funcionamento das instalações elétricas, escutar a voz de outra pessoa que não aquela que fala, perceber como ruído de fundo o discurso original e perder uma certa porcentagem da informação emitida pelo orador. A espontaneidade do debate não ganha em nada nessas condições e é muito mais difícil seguir o que se passa do que quando a discussão se dá numa mesma língua para todos. Houve quem reparasse que no Parlamento Europeu os risos ou as reações de indignação seguem a repartição linguística e não política, e que os efeitos oratórios caem no vazio.³⁵ A interpretação simultânea é um sistema ao qual se recorre porque se imagina que não há outros.

Dito isso, se o leitor tem a impressão de que eu tento denegrir os intérpretes, ele se engana sobre minhas intenções. Longe de mim a ideia de rebaixá-los. Conheci intérpretes brilhantes demais para que eu pudesse nutrir o menor desprezo para com essa corporação. Do ponto de vista da qualidade os intérpretes dividem-se segundo uma distribuição normal. Eles se ordenam conforme a curva de Gauss: há muito poucos intérpretes extremamente ruins, muitos intérpretes de qualidade média e poucos intérpretes notavelmente bons em todos os aspectos.

Isso nada tem de surpreendente. A prática da interpretação simultânea exige um conjunto de faculdades excepcionais: vivacidade de espírito, domínio perfeito de várias línguas, cultura geral vasta e relativamente profunda, inteligência rápida (para poder assimilar em pouco tempo as bases de um assunto novo), boa memória e consciência profissional (para documentar-se antes de uma reunião sobre o domínio tratado e familiarizar-se com a terminologia), vigilância em relação a “falsos amigos” e armadilhas gramaticais, voz bem impostada, boa elocução e controle agradável do ritmo da fala, ouvido fino e apto a fazer transposições fonéticas instantâneas, senso de diplomacia e de imparcialidade (para não deixar transparecer aquilo que se acha odioso num discurso que se está interpretando)... Se considerarmos o número de qualidades requeridas, já é um milagre encontrarmos tantos intérpretes excelentes. Mas a quantidade de reuniões a atender permite a um bom número de médiocres meter-se na profissão:

³⁵ B. B., “Grandeurs et petites d’un vrai Parlement”, *Le Monde*, 29 de julho de 1984.

“O aumento do número de conferências multilíngues e sua complexidade crescente, tal como se pôde verificar nos últimos anos (...), teve por efeito elevar a demanda por profissionais linguísticos e agravou então a sua insuficiência em relação às necessidades. Com mais ou menos veemência segundo a instituição, as organizações que responderam à presente pesquisa são unânimes em declarar que é cada vez mais difícil recrutar intérpretes e tradutores competentes.”³⁶

“Várias organizações sublinham as dificuldades linguísticas, dado o caráter especializado de um bom número de assuntos tratados quando das reuniões (...). Numa instituição técnica, as apresentações tornam-se cada vez mais especializadas e difíceis por conta do progresso constante da ciência e de suas aplicações. Mesmo em um contexto não-técnico, problemas de terminologia não param de surgir, e somente um pessoal altamente qualificado está apto a resolvê-los. Esses fatores somam-se à dificuldade que há para recrutar profissionais linguísticos competentes.”³⁷

O indivíduo normal de um certo nível intelectual tem ou uma cultura geral vasta, mas superficial, ou um conhecimento profundo, mas limitado à área de sua especialidade. O bom intérprete deve possuir essas duas qualidades contraditórias e, além disso, associar a elas competências linguísticas realmente excepcionais. Como se poderia atender a todas as reuniões multilíngues que se desenrolam em nossa época com profissionais dotados de talentos tão exclusivos? É a quadratura do círculo.

Um outro fator vem complicar a situação: a variabilidade humana. Eu mesmo fiz interpretação simultânea, em geral em países exóticos, remediando, quando o intérprete previsto estava doente ou atrasado por qualquer contratempo de origem política, militar, burocrática ou outra como ocorre com bastante frequência fora do Ocidente. Como intérprete, eu sou certamente mediano. Mas o que me chama a atenção é a que ponto meu desempenho dependia de fatores imponderáveis. Ocorreu que, levado pelo clima de uma reunião, eu fosse inspirado a ponto de fazer acrobacias com a maior desenvoltura. Minhas frases jorravam sem que eu compreendesse por quê, e eu saltava por sobre as armadilhas com a habilidade de um cabrito. Mas me ocorreu também, com bem mais frequência infelizmente, gaguejar e não encontrar as palavras no momento de debates que não apresentavam nenhuma dificuldade linguística. A maior parte dos intérpretes profissionais está sujeita a essas variações: a profissão deles tem um lado artista-ator, e o tipo de sensibilidade que ela demanda favorece a instabilidade do serviço prestado. Na prática, isso quer dizer que mesmo um intérprete de muitíssima classe pode introduzir num discurso omissões particularmente graves ou sérias distorções. Em geral, isso não é percebido, pois a arte da camuflagem é um dos elementos mais importantes da profissão. Mas é um fator do qual devemos nos dar conta para fazermos um julgamento global da opção “interpretação”. Se levarmos em conta seu custo exorbitante, os incômodos que ela implica e as perdas que não consegue evitar, é forçoso concluir que ela nada mais é que um paliativo. Ela atenua os sintomas da doença babélica. Não cura o mal pela raiz.

³⁶ C. E. King, A. S. Bryntsev, F. D. Sohm, *Report on the implications of additional languages in the United Nations system* (Genebra: Corpo comum de inspeção, Palácio das Nações, 1977), par. 89.

³⁷ *Ibid.*, par. 94.

A importância do ridículo

Na maior parte das reuniões, o recurso da interpretação não dispensa uma boa parte dos participantes de falar uma língua estrangeira. Essa obrigação acarreta novos inconvenientes. É o caso em particular daqueles que escolhem exprimir-se na língua de Shakespeare. A fonética inglesa, eu não me canso de repetir, impõe graves problemas à grande maioria dos povos. Por exemplo, três quartos da população mundial não têm, em sua língua, os dois sons [θ] e [ð], correspondentes ao *th* inglês, que se pronunciam aplicando-se a língua contra a extremidade dos dentes incisivos. Ora, é o som [θ] que permite diferenciar entre *thick* (“espesso”), *sick* (“doente”) e *tick* (“tique” ou “recolocar alguém em seu lugar”). O contexto com frequência permite evitar os mal-entendidos. Mas um outro fator que desempenha um importante papel na comunicação humana continua presente mesmo que o sentido seja compreendido: o ridículo. Eu nunca esquecerei os risos que provocou um delegado de um país, cujo nome eu omitirei, e que, buscando com dificuldade exprimir-se num inglês mal dominado, havia desastradamente feito uma pausa, sem dúvida procurando a palavra certa, após haver pronunciado: *My government sinks...*, isto é, não, como ele acreditava, “meu governo pensa” (*thinks*), mas “meu governo naufraga” tal qual um navio que afunda no oceano. Dado que todo mundo considerava o país em questão como à beira do abismo, essa pronúncia inoportuna desencadeou a hilaridade dos participantes.

É bom ter bastante humor para poder rir uns dos outros. Mas o que é chocante nesse tipo de incidente, é seu lado injusto. A vítima, em lugar de ser ajudada, é posta numa situação inferior justamente porque ela é vítima. Vítima de quê? Da injustiça dos sistemas de comunicação atualmente em vigor no mundo. Por definição esse risco de ridículo é poupado aos anglo-saxões e aos outros povos cuja língua goza de um estatuto oficial.

Outro exemplo: na abertura de um encontro internacional, a Sra. Helle Degn, uma ministra dinamarquesa, querendo desculpar-se por sua falta de familiaridade com o assunto para o qual havia recentemente assumido suas funções, disse: “*I’m in the beginning of my period*”⁸ (Eu estou no início de meu período [menstrual]). Ela se tornou a piada daquela assembleia. Por quê? Porque mesmo uma pessoa com mais de dez mil horas de estudo e prática da língua, como é o caso dos escandinavos, está sujeita às armadilhas do inglês.

Os francófonos têm também eles a ocasião de saborear a inferioridade de seus parceiros. Um dia, quando eu trabalhava ainda na ONU, todas as delegações de língua francesa divertiram-se muito ao escutar a crítica de um representante, que repetia a expressão *la politique du Cuba*⁹ constantemente, e que com isso se desmoralizava cada vez mais. Se nós tivéssemos o coração mais aberto e um pouco mais de compreensão humana, nós nos indignaríamos contra um sistema que impõe tais armadilhas a pessoas que de resto são competentes. Na oportunidade, o francês do orador era, em todos os aspectos, notável. Eu o situaria no nível 98 em relação ao índice 100 definido no Capítulo 3. O artigo diante do nome da ilha foi seu único erro. Ora, este é ainda mais perdoável uma vez que se diz *la politique du Japon* (“a política do Japão”), *du Togo* (“do Togo”). Um falante nativo de francês nunca cometeria esse erro, como os falantes nativos de inglês, no caso do *th*. Esse sistema que não divide igualmente entre os povos o risco do ridículo é equitativo? Num debate político, tornar-se ridículo é apresentar a posição que se defende sob uma circunstância desvantajosa. Será que é para conservar essa superioridade inicial que as grandes potências manobram sempre para evitar que se abra enfim o dossiê da comunicação linguística no mundo?

⁸ Jyllands-Posten, 14 de janeiro de 1994; Sprog og erhverv, 1, 1994.

⁹ “A política do Cuba”: além de errada a expressão soa chula em francês. (N.T.)

3. Comunicação escrita

Cartazes e avisos

Se os problemas de comunicação linguística são tão mal compreendidos, isso se dá em grande medida porque aquele que utiliza uma língua estrangeira acredita ter produzido um texto satisfatório no momento em que ele aplica as regras da gramática escolar, deriva as palavras de maneira razoável e emprega um vocabulário apropriado, acredita ele, para transmitir a mensagem. Certamente, a mensagem é passada na maioria das vezes. Mas isso não basta para que o texto seja adequado. O estrangeiro que diz, no momento da fundação de uma sociedade cultural: “*il suffirait de quelques souteneurs qui s’engagent à soutenir l’association pendant un an pour que...*” (Bastaria que alguns **cafetões** se engajassem em sustentar a associação durante um ano para que...) (autêntica) deriva a palavra *souteneur* de maneira perfeitamente coerente a partir dos elementos que ele aprendeu quando estudava francês. Mas mesmo se a mensagem é passada, isso se dá com um “algo mais” de hilariante que, de fato, a deforma. Experiência parecida é extremamente frequente com o inglês, porque quase todo mundo imagina que essa é uma língua fácil. Por conta desse fato, o anglo-saxão que percorre o mundo encontra por todo lado avisos, anúncios e cartazes cujo humor involuntário o alegra. Eis aqui alguns exemplos deles:

No aeroporto de Moscou: *If this is your first visit to Russia, you are welcome to it* (“Se essa é sua primeira visita à Rússia, lhe desejamos boa sorte”). Nada haveria a reparar se a frase tivesse terminado depois de *welcome*. Mas a expressão *you are welcome to it* tem um sentido bem diferente. É sempre irônica e significa algo como “Se, em vez de fazer algo inteligente, você faz algo idiota ou arriscado, é problema seu, eu lavo minhas mãos”.

Em um hotel norueguês: *Ladies are requested not to have children in the bar* (“Pede-se às senhoras não dar à luz no bar”).

Nas dependências de uma firma búlgara: *Customers will be executed in strict rotation* (“Os clientes serão executados na ordem estrita de sua chegada”). A frase *Orders will be executed in strict rotation*, “os pedidos serão executados à medida que forem recebidos” teria sido totalmente correta.

Num hotel parisiense: *Please leave your values at the desk* (“Queira deixar sua escala de valores na recepção”). Essa tradução não é totalmente exata, mas ela produz mais ou menos o mesmo efeito que o texto em inglês. *Value* nunca significa “objeto de valor”.

Em Praga: *Take one of our horse-driven city tours. We guarantee no miscarriages* (“Faça um passeio de carruagem pela cidade. Garantimos não ocorrer aborto espontâneo”).

Na placa em cobre de um consultório médico, em Roma: *Specialist in women and other diseases* (“Especialista em mulheres e outras doenças”). Esse exemplo mostra bem a que ponto o inglês é de manejo delicado. A expressão gramaticalmente é perfeitamente correta. O ginecologista que se apresentasse como um *specialist in women diseases*, “especialista em doenças da mulher” não diria nada digno de risos. Mas o simples fato de separar *women* de *diseases* faz perder à primeira seu valor adjetivo. Por causa disso, ela passa a ser equivalente a “mulheres” e não a “femininas”.



Figura 5: Placas em pseudoinglês (fotos: Akumaprime, Monkeywithagun e Lee Benjamin)

Por vezes ocorre que um aviso em pseudoinglês não revele humor involuntário, mas aumente ligeiramente os riscos para a segurança. Por exemplo, num trecho da autoestrada Lyon-Genebra, no início de um forte declive, pode-se ler: *Utiliser le frein moteur. Use engine braking*. O anglo-saxão que lê essa frase não a compreende imediatamente. Em inglês, os *brakes* são os freios, e nada têm a ver com o motor. *To brake* ou *braking* significa, não “reduzir”, mas “apoiar o pé no pedal dos freios”. Curiosamente, a boa tradução encontra-se em um outro trecho da mesma autoestrada: *Engage low gear*, quer dizer, “engrene uma marcha mais lenta”. Algumas vezes, a mensagem não é passada, não porque a língua está incorreta, mas porque ela é de um nível não apropriado se endereçada a estrangeiros. Veem-se em algumas autoestradas painéis que dizem: *Moderez votre allure*. É excelente francês. Mas raros são os estrangeiros que, sabendo relativamente bem nossa língua, compreendem esse conselho. As palavras mais bem entendidas por um estrangeiro são as mais usuais. Após um ano de francês, muitos compreendem a expressão *Allez plus lentement*. Não é senão no decurso do segundo ou terceiro ano que eles compreenderão *Ralentissez*. Mas é preciso chegar ao nível universitário, ou viver por longo período no país, para sentir o que quer dizer *allure* no contexto supracitado e relacioná-lo corretamente a uma palavra também relativamente rara como *modérer*.

Correspondência

Somente uma pesquisa de grande alcance permitiria saber como, na vida privada, as pessoas desdobram-se para comunicar-se por carta quando elas são de línguas diferentes. Deve haver casos em que cada um escreve na sua língua. A solução mais frequente consiste sem dúvida em utilizar uma língua comum, seja ela a de um dos parceiros, seja uma terceira língua conhecida pelos dois. Eu vivi eu mesmo, nesse campo, duas situações bizarras. Quando eu era bem jovem, servi de intermediário em uma correspondência amorosa entre um negro do exército dos Estados Unidos e uma ucraniana que ele havia conhecido em um campo de “pessoas transferidas”, como se dizia na época. Separados por alguns milhares de quilômetros, desprovidos de língua comum, cada um me endereçava uma carta destinada ao parceiro e eu fazia a sua tradução. O mínimo que se pode dizer é que era desagradável para todo mundo e a troca por meu intermédio limitou-se a quatro ou cinco cartas de uma parte e de outra. Eu ignoro se a relação acabou, se os parceiros se juntaram ou se encontraram outro sistema. Outro caso em que mal dá para acreditar é o de uma mãe chinesa cujas cartas a filha não conseguia entender. Oralmente elas se entendiam muito bem em seu dialeto nativo, mas a filha, educada no exterior, só sabia ler e escrever em inglês e francês, e a mãe somente em chinês. Também nesse caso a comunicação se fez por meu intermédio. As situações desse gênero são sem dúvida pouco frequentes e eu só as cito a título de anedota.

Um dos raros domínios em que o problema das línguas não atrapalha a comunicação entre países diferentes é aquele da correspondência comercial. O inglês reina aqui absoluto para a satisfação de todos, ou quase isso. A maioria das empresas que negocia com o exterior tem entre seu pessoal correspondentes ou secretárias bilíngues que estão muito à vontade no tipo de intercâmbio necessário. Esse talvez seja um dos fatores que impedem a população de tomar consciência das graves dificuldades suscitados pela comunicação internacional. Esquece-se de que se trata de um domínio restrito em que as coisas passam notavelmente bem precisamente porque somente uma pequeníssima porção do imenso campo da linguagem humana é levada em conta. Uma gama relativamente estreita de clichês e de estruturas de frase típicas basta para transmitir a mensagem. Quanto ao vocabulário, ele não precisa ser vasto, pois a variedade dos assuntos está limitada àquele do qual se ocupa a empresa. Nessas condições, o empregado responsável consegue bem rápido saber tudo o que é necessário para poder desempenhar a tarefa que lhe é confiada. Nos raros casos em que a experiência do interessado é insuficiente (descrição técnica que exija muita precisão, por exemplo), em geral se recorre a uma agência de tradução.

Textos científicos, técnicos e jurídicos

Nas áreas científica e técnica, as coisas não são tão simples como na área comercial. Muitos cientistas, engenheiros e técnicos superiores entendem o inglês na forma em que ele é empregado em sua especialidade e podem assim ler os textos dos quais necessitam. Mas muitos experimentam um certo incômodo a esse respeito: a relação deles com o inglês é feita mais de resignação do que de entusiasmo. Eles se valem dessa língua porque não há como fazer de outra forma, numa sociedade acometida pela síndrome de Babel, mas eles prefeririam uma outra solução.

Entre aqueles que leem usualmente o inglês, numerosos são os que têm dificuldade em escrevê-lo. Abstração feita do caso particular dos países germânicos, a maioria dos cientistas e técnicos especialistas ao ter que redigir um relatório ou um artigo em inglês vê nisso um teste difícilimo para o qual, com frequência, eles pedem uma ajuda externa.

A opção mais usual, em matéria técnica e científica, é assim o recurso ao inglês. Mas no momento em que se trata de obras importantes, de valor durável, faz-se amplamente uso da tradução. São novamente encontrados aqui os inconvenientes que a passagem de uma língua a outra implica: atraso, custo, perda de nuances, erros. Por exemplo, numa monografia sobre a higiene veterinária, o tradutor, sem dúvida já cansado, ou cedendo à tentação de uma travessura capaz de dar um pouco de vida a uma ocupação extremamente monótona, traduziu *stable odours* por “aromas estáveis”. De fato, naquele contexto, aquilo significava “odores de estrebaria”. A ambiguidade do inglês, que não permite saber se *stable* é o adjetivo ou o substantivo, que utiliza a mesma palavra para dois conceitos tão distintos quanto “estável” e “estrebaria”, favorece esse tipo de engano.

Por vezes, não se trata de erros propriamente ditos, mas de perda de nuances importantes. Esse é com frequência o caso na literatura de psicologia. A expressão usual *complexo de inferioridade* trai numa certa medida o original alemão. Alfred Adler, quando propôs esse termo, falava de *Minderwertigkeit*, o que quer dizer, não somente que alguém se sente inferior, mas que alguém tem o sentimento de valer menos que os outros. Parece-me que algo é perdido ao abandonar-se essa noção de valor. Pode muito bem alguém ser colocado numa situação objetivamente inferior sem perder o que quer que seja de seu sentimento de valor. Quando se trata da alma humana, tudo é tão delicado que as nuances têm uma importância que não deve ser subestimada.

Se há uma prova de que a tradução não é nada mais que um quebra-galho, é o fato de que mesmo textos em que cada termo foi ponderado apresentam divergências em razão da passagem de uma língua à outra. É o caso, por exemplo, da Carta das Nações Unidas. O artigo 111 desse documento estipula que “os textos chinês, francês, russo, inglês e espanhol serão igualmente dignos de fé”, em inglês “are equally authentic”. Mas esses textos, cujo valor jurídico se supõe ser o mesmo, nem sempre dizem exatamente a mesma coisa. Por exemplo, o artigo 33 diz, em inglês, “any dispute, the continuation of which is likely to endanger the maintenance of international peace and security”. O texto francês diz: “tout différend dont la prolongation est susceptible de menacer le maintien de la paix et de la sécurité internationales”. Como o espanhol (que abandona a palavra *tout*, *any*: “una controversia cuya continuación sea susceptible de poner en peligro”...), o francês tem em vista uma simples possibilidade, enquanto o inglês fala de probabilidade, o que é bem diferente. (O Webster define *likely* como “of such a nature or so circumstanced as to make something probable”). A tradução mais exata de “is likely to endanger” seria, por exemplo, “tem fortes chances de pôr em perigo” ou “vai provavelmente levar a uma ameaça”. A nuance é importante se considerarmos que é essa expressão que determina se o Conselho de Segurança deve ou não se ocupar de uma contenda. O que diz o russo? Ele utiliza a expressão *moglo by*, que significa “poderia”. Quanto ao chinês, ele emprega a expressão *zuyi*, que quer dizer “suficiente para”. As diferentes versões desse texto, todas igualmente autênticas, estendem-se numa gama que vai do suficiente ao provável, passando pelo possível!

Manuais de instruções e publicidade

Nós vimos no Capítulo 2 que os artigos comercializados em escala internacional são acompanhados de instruções de uso, recomendações de segurança ou outros textos multilíngues por meio dos quais a comunicação com frequência se passa mal. Você conhece os Hafties produzidos por Henkel em Dusseldorf? É, diz a embalagem, “a melhor ideia depois do percevejo”. Trata-se de “gomas adesivas rosas” que “fixam praticamente tudo sobre tudo”. Até aí, nada a corrigir. Para fixar um pôster, por exemplo, é de fato muito prático. Mas as

instruções de uso deixam a desejar. Elas começam com a frase “*Mâter pritt hafties et les presser fortement sur le support*” (“Mastrear pritt hafties e apertá-los fortemente sobre o suporte”). Você compreende? Verificando-se, o verbo traduzido por *mâter* (mastrear) significa na realidade *malaxer* (misturar).

Algo de excepcional nisso? Como se dá que tantos erros de tradução cheguem até mim? O secador de cabelos e a máquina de café são apenas dois exemplos entre muitos. Nas instruções de uso do barbeador Braun sixtant 6006 automatic, eu leio: *Placer la tondeuse perpendiculairement à la peau*. (“Posicionar a lâmina perpendicularmente à pele”). Perpendicular, salvo engano, é quando se forma um ângulo de 90°. Ora, o inglês diz “*Apply the longhair trimmer vertically*”. Quando alguém se barbeia, a cabeça normalmente fica no prolongamento do corpo, logo segundo um eixo vertical. Um barbeador posicionado perpendicularmente à pele ficará na horizontal. Em qual delas acreditar? O holandês diz “vertical”, o italiano e o espanhol dizem “perpendicular”.

Eu tenho também um saca-rolhas italiano vendido numa caixa cujo multilinguismo é surpreendente. O francês diz: “*La spirale hélicoïdale des tires-bouchons F.G.B a acquis la perfection grâce à des siècles d’expérience*” (A espiral helicoidal dos saca-rolhas F.G.B atingiu a perfeição graças a séculos de experiência). Muito bem. Mas o italiano corrige: “*...ha la perfezione di mezzo secolo d’esperienza*” (“tem a perfeição de meio século de experiência”). O inglês também votou pelo meio século: “*50 years of experience are built into the ellicoidal spirals...*” (sic). Mas a versão que deixa mais perplexo é a alemã: “*... eine perfektion von mehr als 51 jahren erfahrung*” (sic). Séculos de experiência = meio século de experiência = mais de 51 anos de experiência. Há em que gastar o latim.

Para dizer a verdade, o exemplo mais simpático é o de uma moça muito bonita, langorosamente estendida sobre um tapete e tendo, na altura do umbigo, um tipo de fita munida de uma misteriosa caixa cúbica. Essa charmosa pessoa olha o leitor com um jeito malicioso...sob um slogan no mínimo espantoso: *Comment garder une figure idéale!* (Como manter um rosto ideal!) O texto continua: “*Succès assuré après la première utilisation déjà. Laissez Vibrogym faire le travail pendant que vous vous délassiez, lisez ou écoutez vos disques préférés, à la maison. Grâce à lui, retrouvez votre figure idéale.*” (“Sucesso garantido já após a primeira utilização. Deixe Vibrogym fazer o trabalho enquanto você se entretém, lê ou escuta seus discos preferidos, em casa. Graças a ele, reencontre seu rosto ideal.”) Aquela charmosa pessoa tem efetivamente um rosto atraente. O corpo tem suas razões que a razão desconhece. Na verdade, “*Vibrogym faz desaparecer os pneuzinhos deselegantes lá em que é preciso, na cintura ou nas ancas, por exemplo*”. Quanto foi que se pagou a esse tradutor que ignora que *figure*, em inglês e em muitas outras línguas, quer dizer “silhueta”?

E a tradução automática?

Cada vez mais, em nossa sociedade, desde que exista um problema, pensa-se na “informática”. Talvez você tenha reparado em uma revista um pequeno aparelho do tamanho de uma calculadora que é apresentado como um tradutor de bolso. Uma boa parte da população imagina que essas engenhocas vão resolver os problemas da comunicação linguística. Ilusão! Essa ideia faz parte dos mitos, mitos esses pouco mais modernos que aqueles apresentados nos Capítulos 3 e 4. Mitos típicos de nossa sociedade, que acredita sempre que a solução de um problema reside em uma coisa. Você quer ficar musculoso e melhorar seu sistema cardiovascular? Compre um *NordicTrack* e faça esqui de fundo em seu quarto. Você quer perder gorduras localizadas? *Vibrogym* chegou para melhorar sua “silhueta”. Você se preocupa por isso ou por aquilo? Engula um tranquilizante ou um

ansiolítico. A interpretação simultânea, com microfones e fones de ouvido, nasceu da mesma ilusão: a ideia de que a solução de um problema é sempre de ordem técnica (põe-se um intérprete numa gaiola de vidro, mas se considera que essa é uma solução provisória: é necessário utilizar escravos enquanto a máquina que faz o trabalho deles ainda não estiver no ponto de uso).

O tradutor de bolso que reina imponente na prateleira das calculadoras nas grandes lojas é simplesmente um dicionário informatizado. Ele pode sem dúvida prestar alguns serviços quando se viaja, no sentido de que num volume reduzido, ele oferece o conteúdo de sete ou oito dicionários bilíngues bastante pobres. O menor dos dicionários de bolso verdadeiros contém o dobro ou o triplo de palavras. Mas se fazer compreendido numa língua, é algo muito diferente de alinhar as palavras. Por um lado, as palavras não correspondem de uma língua à outra. Quando dizem a você *oil* em inglês, trata-se de óleo ou de petróleo? Por outro lado, se você não conhece a gramática e as expressões idiomáticas, o seu pretenso tradutor de bolso o deixará muito frequentemente embaraçado. Por exemplo, a frase inglesa *do you feel like a girl* pode significar tanto “você se sente como uma garota?” quanto “você está a fim de uma garota?” Esse aparelho talvez não seja um engana-bobos, mas sua utilidade é muito reduzida.

O que dizer da tradução por computador propriamente dita? Existem sistemas capazes de evitar os erros grosseiros feitos pelo programa que eu experimentei no Salão das Línguas e do qual tratamos no Capítulo 3. Mas evitar os erros grosseiros está longe de ser suficiente. Eu acreditava um pouquinho na tradução informatizada, embora tendo sérias dúvidas, até ser convidado a fazer uma apresentação no congresso mundial dos pesquisadores que trabalham na máquina de traduzir, congresso que se realizou em Budapeste em 18 e 19 de agosto de 1988³⁸. Os participantes, em número de 104, de 26 países, eram representativos da fina flor dos pesquisadores que se esforçam na informatização da tradução. Uns eram linguistas, outros profissionais de informática, e muitos eram ambos. Mas ninguém, exceto eu, havia trabalhado como tradutor. Para meu grande espanto, eles não tinham nenhuma ideia da natureza das dificuldades que absorvem o essencial da energia de um tradutor profissional. Com um humor um pouco sádico, os organizadores haviam programado minha apresentação para o fim. Ao que parece, eu fui excessivamente desanimador. Mas isso não foi intencional, ao menos de minha parte. Havia-me encarregado de tratar do tema “O que se pode aprender dos erros de tradução?” Eu expus o assunto o mais honestamente possível. Meus fichários estão cheios de exemplos tirados da vida real e eu tenho lembranças marcantes de erros monumentais que eu mesmo cometi quando era já, contudo, um tradutor tarimbado. Se minha palestra teve um efeito desmotivador, foi porque pela primeira vez aquela assembleia deu-se conta de que o objeto de seus esforços era precisamente a parte do ofício de tradutor que não causa problemas. O que custa caro num serviço de tradução está fora do seu campo de estudo.

Por que um tradutor tem necessidade de um dia inteiro para traduzir cinco páginas, e não de uma hora ou duas? Por causa daquilo que se chama coloquialmente de “os ossos”. Se todas as frases a traduzir fossem do tipo “*meu alfaiate é rico*”, seriam necessários no máximo dez a doze minutos por página, aos quais ele somaria talvez uma meia hora ou quarenta e cinco minutos para reler suas cinco páginas e dar-lhes a perfeição estilística sem a qual seu trabalho não seria o de um profissional. No total, isso daria menos de duas horas.

³⁸ O leitor que se interesse pelo assunto encontrará as exposições feitas naquela ocasião em: Dan Maxwell, Klaus Shubert e Toon Witkam, *New Directions in Machine Translation* (Doordrecht et Providence, R. I.: Foris Publications, 1988).

Por volta de 90% de um texto normal respondem a essas condições. Infelizmente, há os 10% restantes. São esses que vão exigir-lhe seis horas de trabalho. Há as ambiguidades que será necessário dirimir. Por exemplo, o autor do texto a ser traduzido, um médico australiano, cita o exemplo de uma epidemia que se desencadeou durante a Segunda Guerra Mundial em um *Japanese prisoner of war camp*. Será que se trata de um campo americano de prisioneiros japoneses ou de um campo japonês de prisioneiros dos EUA? O inglês tem os dois sentidos. É preciso então fazer as pesquisas, eventualmente telefonar para a Austrália. Será que *before beating death* significa “antes de ter sobrevivido, antes que ele tivesse vencido a morte” ou “antes de ser derrotado pela morte, antes de morrer sob os golpes que lhe foram dados”? (Eu só cito exemplos reais; este é tirado de um título de artigo e é a segunda solução a correta nesta ocasião). O texto diz que se tem necessidade de *more accurate information*. De que é que se tem necessidade, de fato? De esclarecimentos mais dignos de crédito ou de maiores quantidades de esclarecimentos exatos? Será que *WHO helped control programmes in 20 countries* significa “A OMS ajudou a controlar programas em 20 países” ou “A OMS deu sua ajuda a 20 países para programas de luta contra a doença”? A tradução certa aqui é a segunda, mas como um computador poderia saber isso? Programar um software para que ele passe em revista todos os significados possíveis já é difícil, mas como ele escolherá nos casos em que o tradutor humano só se sai pelo uso de sua cultura geral, sua familiaridade com a língua do autor ou as ligações telefônicas que ele faz a torto e a direito até conseguir a confirmação da hipótese mais provável?

O sentido das palavras, em cada língua, resulta de um recorte arbitrário do real. Muitos aspectos da realidade são como o espectro, que está contido do infravermelho até o ultravioleta. Nesse *continuum* a linguagem introduz recortes perfeitamente arbitrários. É por convenções que se decide: aqui começa o verde, aqui termina o azul. Cada língua tem seu próprio recorte. Por exemplo, o inglês não tem tradução exata de *fou rire* (ter um ataque de risos) ou de *pouffer* (rir exageradamente); o francês, por sua vez, não tem qualquer meio simples de exprimir as maneiras de rir que se dizem em inglês *giggle*, *titter* e *guffaw*. Como se programaria um computador para que ele pudesse traduzir a seguinte frase:

*“The chuckles become a string of giggles, the giggles become guffaws, the guffaws become howls?”*³⁹ [Tradução literal, mas ainda assim bem aproximada: “Os risinhos abafados tornam-se uma sequência de risos falsos, os risos falsos tornam-se gargalhadas, as gargalhadas tornam-se uivos de alegria”. Na tradução de William Desmond publicada por Albin Michel em 1988, essa frase é trocada por: “Seu riso inflado se transforma em ataque de risos, o ataque de risos em uivo”. Essa tradução é de fácil leitura, transmite o sentido geral, mas está longe de ter a precisão sensorial do original. O tradutor não está em questão: sua tarefa era impossível.]

Para dizer a verdade, as palavras são agrupamentos de informação. Como é impossível colocar em cada palavra a totalidade da informação pertinente, cada língua procede à sua maneira. Consideremos os adjetivos possessivos. Em francês, nós dizemos *son secrétaire, sa secrétaire* (seu secretário, sua secretária): damos a informação sobre o sexo do empregado, mas não sobre o do empregador. O inglês faz o contrário: *his secretary* é seu secretário ou sua secretária, não se sabe se se trata de um homem ou de uma mulher; em contrapartida, sabe-se que ele ou ela trabalha para um homem; *her secretary* é o secretário

³⁹ Stephen King, *It* (New York: Signet, 1987), p. 308.

ou a secretária de uma mulher. O que vale para as ferramentas gramaticais vale para todo o léxico. Em francês, a palavra *aimer* (amar) aplica-se a estados afetivos muito diferentes: quando se diz *je t'aime* (eu te amo) numa relação amorosa, exprime-se outra coisa que quando se diz *j'aime le café noir* (eu gosto de café puro). Em inglês, diz-se *love* no primeiro caso e *like* no segundo. Em grego antigo, havia três palavras para o sentimento de amor denotado por *love* em inglês: *eraô* para um amor predominantemente sensual, *phileô* para um amor predominantemente amistoso, *agapaô* para um amor sentimental, solidário ou acolhedor. Diga-se a propósito: é curioso que as traduções dos Evangelhos em francês, em inglês, em alemão e em italiano utilizem um único e mesmo verbo, “amar”, na passagem onde Jesus pergunta três vezes a Pedro se este o ama e na qual o apóstolo responde a cada vez por uma forma verbal afirmativa.⁴⁰ O original grego emprega verbos diferentes.

De fato, são sempre as mesmas palavras que causam problema, porque a maneira na qual elas exprimem as coisas não tem equivalente na outra língua. Nem toda a pesquisa informática do mundo jamais dará uma palavra francesa que forneça o sentido exato de *operation* em *operation of the machine by technical staff*. Não se pode dizer “funcionamento da máquina pelo pessoal técnico”. As palavras *exploitation*, *conduite*, *commande*, *manoeuvre* etc. rodeiam sem ir ao ponto. Simplesmente não há uma maneira de exprimir com uma única palavra francesa o fato de pôr uma máquina em marcha, de comunicar-lhe ordens e de vigiar aquilo que ela executa, em resumo, de fazer com que ela faça aquilo que deve fazer. É difícil ver como um computador poderia ser mais competente que um tradutor humano diante desse gênero de dificuldade, que vem da própria natureza das duas línguas.

Eis outro exemplo. Para o tradutor que tem atrás de si anos de experiência, a palavra *pattern* continua tão irritante como no primeiro dia. Suas traduções são incontáveis, mas nenhuma é exata: *estrutura*, *composição*, *modelo*, *maqueta*, *motivo*, *amostra*, *repartição*, *perfil*, *quadro*, *configuração*, *tipo*... Admitamos que essas traduções sejam inseridas na memória do computador. Como é que este operaria sua escolha, enquanto que um tradutor humano tem que dar tratos à bola, cada vez retomando o problema a partir do zero? De fato, se cada um desses termos se aproxima do sentido em inglês, nenhum coincide com ele. *Behavior pattern* é uma estrutura psicológica subjacente a uma série de comportamentos. *Bombfall pattern* é a repartição dos pontos de impacto das bombas sobre um alvo. Nesses dois casos, é possível encontrar um substantivo mais ou menos correspondente ao *pattern* inglês, mas isso está longe de ser sempre assim. O que fazer, por exemplo, quanto é preciso traduzir o discurso em que o Príncipe Charles, falando dos Penans de Sarawak, indigna-se porque *even now that dreadful pattern of collective genocide continues*? Nenhum dos substantivos precitados oferece solução. O tradutor humano se sairá dessa talvez traduzindo o conceito *pattern* pelo advérbio *sistematicamente*: “o horror de um genocídio coletivo praticado sistematicamente”. Mas o que fará o computador? O ponto de vista que conduz os anglo-saxões a perceber em realidades tão diversas essa configuração comum que eles chamam *pattern* não faz parte de nossas tradições. Como nunca encaramos as coisas desse ângulo, nossa língua não contém equivalente exato e nenhum software jamais o fará existir.

Além desses casos em que não há solução porque as palavras das duas línguas não se correspondem termo a termo, há todos aqueles em que o tradutor humano tem que fazer pesquisas. Como o computador poderia substituí-lo? A palavra *develop* designa em inglês um conjunto muito vasto de noções, que vão da criação ao crescimento, passando pela exploração comercial (*to develop water resources* não é nem criar recursos hídricos, nem

⁴⁰ João, 21, 15-18.

aumentar aqueles que existem, mas explorar aqueles que existem e que ainda se encontram inexplorados). Para traduzir a expressão *develop an industry*, é preciso informar-se para saber se a indústria em questão já existe ou não no lugar do qual fala o texto. No primeiro caso, se traduzirá por *desenvolver*, no segundo por *criar*. Outro exemplo: *Secretary Tan Buting* é um ser misterioso, menos por causa de sua nacionalidade chinesa do que pela gramática inglesa. Deve-se dizer “o Secretário” Tan Buting ou “a Secretária” Tan Buting? O francês obriga a especificar, mas o inglês não dá a certeza. Ligações telefônicas, pesquisa nos documentos, recurso ao telex ou fax, consulta das memórias de computador, tais são os recursos de que dispõe o tradutor humano. Como é que um software se desdobraria?

O problema complica-se ainda mais a partir do momento em que se trate de tradução técnica ou científica. Aí, é preciso ter uma ideia clara do que se trata. É impossível traduzir um texto sobre a melhoria de um laboratório médico sem compreender como procedem os laboratoristas. Se não se visualizam seus gestos e o alcance de suas ações, vai-se cair provavelmente em uma armadilha e se cometerá um contrassenso. Nesse tipo de texto, uma única palavra pode exigir a metade de um dia em pesquisa numa biblioteca ou uma longa conversa com um especialista.

Em outras palavras, em média, um tradutor consagra 90% de seu tempo para resolver os problemas contidos em, no máximo, 10 a 15% do texto. “Um tradutor é antes de tudo um detetive”, disse certa vez um membro da seção espanhola da OMS. Não deixa de ser verdade, visto que a maior parte de sua energia é dirigida a providências que visam a obter a resposta a questões precisas. Ora, toda a pesquisa consagrada à tradução por computador trata dos 85 a 90% do trabalho que não impõem nenhum problema aos profissionais. Quando as pesquisas atuais, nas quais se devoram milhões, tiverem chegado ao fim, se perceberá que, uma vez que o trabalho de detetive terá que ser feito de toda maneira, a informatização não terá feito ganhar nos serviços de tradução mais do que uma ou duas horas por dia no máximo. Será que o resultado vale o esforço?



Figura 6: Traduções: de bolso, automática e simultânea (fotos: Mike3k, Auruly e Ekenzie).

Questões de mercado

A injustiça é moeda corrente na organização linguística da sociedade atual. Nós fizemos alusão a ela por repetidas vezes com respeito às sessões da ONU e das outras organizações internacionais. Mas ela grassa em tantos domínios que seria impossível cobrir todos. Um exemplo no qual raramente se pensa é aquele da edição. Um autor de língua inglesa, mesmo bem medíocre, tem mais chances de se fazer publicar e de vender sua obra no mundo inteiro que um autor excelente que tem a má sorte de ser de língua materna sueca, amárica ou estoniana. Um escritor é por definição alguém que tem um bom domínio da língua, visto que esta é sua ferramenta de trabalho. Eis porque, com raríssimas exceções, explicáveis por circunstâncias pouco comuns, um escritor não pode escrever em uma língua que não seja a sua materna. Os livros custam caro na Suécia porque o mercado sueco é pequeno. A chance de ser publicado é já de início bem magra. Para atingir o mundo, será preciso, além disso, ser traduzido em inglês por um bom tradutor. Quantos anglófonos sabem suficientemente bem o sueco para poder transpor na língua deles uma obra literária, sem traí-la? Essas condições de mercado favorecem injustamente os autores anglo-saxões, e isso é também válido para produções de televisão como para as literárias. Se Dallas, Dynasty e Santa Barbara foram assistidas no mundo inteiro, é porque os originais estavam em inglês, e assim mais acessíveis aos programadores de televisão do que obras que agradariam mais, mas que seria necessário começar traduzindo do cingalês ou do eslovaco.

A propósito de mercado, é curioso que tantos discursos e editoriais comparem o futuro grande mercado europeu ao mercado dos Estados Unidos. Com uma estranha cegueira, consideram-se os números da população e o poder de compra e esquece-se que o mercado dos Estados Unidos é, no essencial, um mercado unilíngue, um mercado unicultural. Aquele que imagina que os gostos de um escocês, de um alemão, e de um grego são suficientemente semelhantes para que a produção possa estender-se a toda a Europa corre o risco de se dar mal. Se a Europa difere da América de língua inglesa, é em grande parte pela incomparável diversidade de suas culturas e de suas mentalidades. Por que se esconde tão facilmente esse fato elementar no discurso atual sobre o mercado único? Haveria por trás disso uma intenção oculta? Aquela de nos passar em não se sabe qual laminador que nos nivelaria numa cultura consumista barata, não nos deixando para nos compreendermos nada além de uma algaravia primitiva com base num inglês americano deformado e de péssimo gosto?

Estranho que no seio dos povos que pretendem querer se unir a consciência dos problemas de língua seja tão pouco desenvolvida!

Capítulo 6

Língua, sistema nervoso e psiquismo humano

Nós vimos nos capítulos precedentes:

- Que a diversidade linguística da sociedade atual leva a uma considerável quantidade de problemas, de sofrimentos, de angústias, de frustrações, de desigualdades e de complicações de toda ordem;
- Que o fenômeno “língua” é geralmente mal compreendido, mesmo nos meios em que ele é objeto de trabalho e de decisões;
- Que uma publicidade mentirosa contribui para a propagação de mitos que impedem a população de fazer um quadro exato da situação;
- Que as esperanças postas no ensino das línguas, tal como ele é atualmente concebido, são ilusórias, sendo as línguas consideravelmente mais difíceis do que proclama a sociedade;
- Que os diversos sistemas que os homens de origens diferentes empregam para compreenderem-se uns aos outros não são verdadeiramente satisfatórios: funcionam mal, custam os olhos da cara ou promovem a injustiça; de fato, a maioria acumula essas três características.

Ora, como nós veremos a partir do Capítulo 7, não é verdade que uma organização eficaz da comunicação linguística seja um quebra-cabeça. Os fatos provam que ela é, na realidade, fácil. Tão fácil que se poderia aplicar a ela a célebre “Elementar, meu caro Watson” que Conan Doyle colocava tão generosamente na boca de Sherlock Holmes. Mas, para chegar lá, é preciso começar por vencer uma enorme resistência psicológica. O leitor descobrirá no Capítulo 8 que o estudo sociopsicológico das opiniões relativas à comunicação interpovos e as reações afetivas ao conceito “língua” permitem pôr em evidência, sobretudo no seio da *intelligentsia* ocidental, uma séria resistência a encarar a realidade e a segurar o touro pelos chifres. Veremos naquele mesmo capítulo quais são, nas profundezas do inconsciente, suas raízes psicológicas e sobre que mecanismos mentais ela se apoia.

Tudo se complica pelo fato de que a resistência psicológica individual se junta a uma resistência de ordem social, também ela em grande medida inconsciente, contrária ao serviço de interesses coletivos. As vantagens que os anglo-saxões retiram da situação atual estão longe de ser desprezíveis. O ensino do inglês dá em retorno, por si só, lucros fantásticos. “*English language teaching is very big business*”, “O ensino do inglês é uma fonte de negócios muito importante”, admite um comunicado de imprensa do Salão do Inglês.⁴¹ No terceiro mundo, a pequeníssima parcela da população que sabe o inglês ou o francês detém desse fato o poder. Por que ela renunciaria a ele em favor do grosso da população?

⁴¹ English Language Fair, *Newsletter*, nº 3, Londres, Barbican Centre, 22-24 de outubro de 1984.

As vítimas da má “ordem linguística mundial” são inúmeras, mas tudo é feito para que elas não percebam a situação na qual estão imersas. É necessário dizer que a limitação linguística, por mais frequente que seja, nunca recebe esse nome, pois a noção simplesmente não existe. Aquilo que não recebe um nome permanece inconsciente. Por isso, a percepção geral do problema é rara e a sociedade não tem nenhuma compaixão pelos linguisticamente limitados: as vítimas são tratadas como culpadas. Se elas experimentam angústia, tormento, sofrimento, injustiça, ridículo ou frustração, é culpa delas, bastaria elas aprenderem línguas.

Diferentes concepções da comunicação

Não se pode curar uma disfunção sem conhecer o funcionamento normal. Convém também, antes de poder pesquisar um remédio, estudar de mais perto como funciona a expressão linguística, não mais entre indivíduos, mas no próprio ser humano. Na verdade, sem um cabedal de informação sobre esse ponto, recaímos nos mitos, nos preconceitos e nas simplificações excessivas que impedem de compreender como as coisas se passam na realidade.

Para ir de um ponto a outro, toda sorte de itinerários é possível. O mesmo se dá no caso da expressão do pensamento. Certas línguas têm estruturas rígidas, tais são o alemão, o francês e o inglês. Em inglês é obrigatório dizer “eu agradeço-te”, em alemão “eu agradeço a ti”, em francês “eu te agradeço”. Ainda que as três fórmulas sejam igualmente compreensíveis para os três povos, somente uma é correta em cada caso: o critério de correção não é que a mensagem passe, é a conformidade com a autoridade dos ancestrais. Outras línguas, como o russo e o latim, são muito mais flexíveis e gozam de uma liberdade muito grande na ordem das palavras. Outras ainda, sem ir tão longe, são nitidamente menos rígidas que o francês. Em francês, somos obrigados a dizer: *je peux te le donner*. Em italiano, temos a opção entre *te lo posso dare* e *posso dartelo*.

De fato, tudo se passa como se cada língua obedecesse a alguns princípios diretores que representam a maneira na qual o povo em questão concebe a comunicação. É o que se chama o espírito de uma língua. Por exemplo, se compararmos o inglês ao francês, constataremos que o primeiro evoca naquilo em que o outro explicita, e que nossos vizinhos d’além-Mancha utilizam termos descritivos, sensoriais, emprestados da linguagem corrente lá, onde nós empregamos expressões abstratas, com definição precisa, com ares científicos. Seja, por exemplo, na revista *New Scientist*, um anúncio por meio do qual uma firma busca recrutar um *freeze dried pharmaceuticals manager*. *Freeze* evoca o gelo, *dried* alguma coisa desidratada ou ressecada, *pharmaceuticals* produtos farmacêuticos e *manager* um gerente. Nem uma única preposição, nem uma única concordância de adjetivo ou de particípio que permitiriam compreender como as diversas noções relacionam-se umas com as outras. São fornecidas quatro pequenas pinceladas separadas e conta-se com nossa capacidade de colocá-las em seus lugares. Atendo-nos somente à gramática, essa fórmula significa tanto que se busca um “diretor ressecado sob refrigeração para um serviço de produtos farmacêuticos” quanto um “diretor do departamento de produtos liofilizados”. A tradução correta é, claro, esta última, mas não é a língua que permite sabê-lo, ela se limita a evocar, contando com o bom senso do leitor ou com seu conhecimento anterior do assunto. Uma falta de precisão desse tipo seria impensável em francês. De resto, a palavra francesa *lyophilisé* também mostra uma concepção da comunicação bem diferente daquela dos anglo-saxões. Mesmo que tenha estudado grego, você não a compreende imediatamente. O recurso ao dicionário é

indispensável, ao passo que o anglófono que lê *freeze dried* não tem necessidade de ter feito estudos para ter uma ideia daquilo de que se trata.

Poder-se-iam multiplicar os exemplos ao infinito. Compare o francês *logiciel* a seu equivalente inglês *software*, literalmente “material mole”, expressão composta com humor por referência ao termo usual *hardware*, “quinhilharia”, literalmente, “material duro”; ou nosso *magnétophone*, que tem um forte aroma grego, a *tape recorder*, literalmente: “gravador em fita”. Outro exemplo: *soft shoulder*, literalmente, “ombro mole”, que corresponde ao francês *accotement non stabilisé* (acostamento instável): é aos ombros da rodovia que a falta de estabilidade é atribuída. Os termos ingleses são concretos, metafóricos e formados, com uma pitada de humor, de palavras do dia a dia. Seus equivalentes franceses são abstratos, baseiam-se mais na definição que na imagem, e não são tirados do vocabulário cotidiano.

O sistema anglo-saxão é prático para a memória, mas favorece os mal-entendidos. Se você encontrar a expressão inglesa *Japanese encephalitis vaccine*, você sabe que diz respeito a vacina, a encefalite e a Japão, mas você não tem nenhuma ideia da maneira como essas palavras se articulam. Nada surpreendente que um tradutor na OMS a tenha traduzido certa vez por “vacina japonesa contra encefalite”, como se ela fosse uma preparação produzida no Japão para proteger contra todas as formas de encefalite, enquanto que o autor queria dizer “vacina contra a encefalite japonesa”, que é uma doença específica.

Para continuar na mesma área, se você comparar as expressões *malaria therapy* e *malaria treatment*, é pouco provável que você desconfie de alguma diferença. Nos dois casos trata-se da mesma doença, o paludismo (que frequentemente é também chamada de *malária* na linguagem leiga) e de uma palavra que quer dizer “alguma coisa que se faz para tratar”. No dicionário Webster, a propósito, a palavra *therapy* é definida por *treatment*. Ora, as duas expressões designam realidades muito diferentes, que a gramática inglesa não possibilita distinguir. A primeira quer dizer “tratamento do paludismo” e a segunda “tratamento pelo paludismo”, o que se traduz em linguagem médica por *paludoterapia* ou *impaludação terapêutica*, isto é, para tratar uma outra doença injeta-se no sangue o parasita do paludismo de maneira a provocar artificialmente um estado febril. Com a concordância do adjetivo, com a posição das palavras, e com as preposições, nossa língua é precisa onde o inglês limita-se a evocar.

Uma outra diferença é que o inglês inclui onde o francês opõe. Uma criança francesa que diz: “Olhe, papai, um camelo!” quando o animal só tem uma corcova, ouvirá a resposta: “Não, olhe bem, ele só tem uma corcova, não é um camelo, é um dromedário”, de sorte que a palavra *dromedário* se inscreverá em suas estruturas mentais como um “não-camelo”. Em inglês, um dromedário é um tipo de camelo: o subconjunto dos dromedários é incluído no conjunto dos camelos (observe o desenho nos maços de cigarro Camel). Da mesma forma, para um francês, *cadeira* e *poltrona* são palavras que se opõem. Em inglês, as poltronas são incluídas nas cadeiras. Diz-se *armchair*, *easy chair*, *comfortable chair*, *overstuffed chair*, conforme o tipo de poltrona, mas pode-se muito bem dizer *chair*, de forma abreviada. O inglês confia fortemente no contexto e nos conhecimentos anteriores daquele que recebe a mensagem. O francês não o faz de forma alguma.

O início da arte de falar

É desde a infância que nós aprendemos, sem nos darmos conta, a técnica de comunicação de nosso povo. E é importante, para a sequência deste trabalho, que observemos mais

de perto como a aquisição da linguagem se efetua na criança. Isso nos dará uma ideia da maneira na qual as coisas se passam naturalmente, espontaneamente, o que é muito importante, pois quanto mais seguimos o movimento natural, mais facilidade nós temos.

Após a época dos simples gemidos, e depois das emissões elementares formadas no fundo da garganta (*aga aga, ara ara...*), a criança descobre os sons articulados na parte anterior da boca: *dadadada, ghighighighi*. Em seguida ela se põe a emitir todos os tipos de sonoridades. Tem-se a impressão de que ela está descobrindo o prazer de escutar os sons que ela emite à vontade, e ela se exercita nisso com uma alegria evidente, maior ou menor segundo o indivíduo, pelo prazer de fazer espumar sua saliva. Durante essa fase, ouvimos dela sons que existem nas línguas mais longínquas: os cliques das línguas hotentotes e zulus, os estranhos *eurh* do chinês, as consoantes ditas “enfáticas” do árabe, os dois *th* do inglês, tudo se passa, tudo é exercitado. Nesse nível, as crianças não se distinguem, pelas suas produções fonéticas, de um canto a outro do mundo.

Mas o bambino não tardará a eliminar cada vez mais os sons que nunca são pronunciados diante dele. O processo de imitação começa a fazer efeito. A criança põe-se a gorgear conforme melodias em que se encontram mais ou menos as entonações típicas de seu entorno, e ela emite longos encadeamentos sonoros que parecem imitar as frases, mas que não têm conteúdo compreensível. Por exemplo, um pequenino de quinze meses vem colocar-se diante de você, mostra o cômodo de onde ele acaba de sair e pronuncia com firmeza: *kiku bebel gaga la?* Não se reconhece uma só palavra, mas tem-se a impressão de que ele quer realmente comunicar alguma coisa. É preciso dizer que já há um certo tempo ele entende uma boa parte do que lhe é dito.

E então chega o grande dia em que ele diz uma palavra num contexto tal que a família não tem qualquer dúvida: ele falou. Por exemplo, apontando uma banana com o dedo, ele diz: *balal*. Se você lhe mostrar a fruta dizendo: “Você quer uma banana? ”, a mímica dele não deixa qualquer dúvida: ele faz o sinal de sim repetindo: *balal, balal*. Está feita a ligação entre um encadeamento de sons e um significado. Ele se lança então aos enunciados com uma só palavra, tendo o sentido de uma frase inteira, do tipo: *papai! papa!*

Tendo atingido essa primeira etapa, ele não demora a formar frases com dois elementos, dos quais um designa aquilo de que ele fala e o outro aquilo que ele diz a respeito, esses dois elementos sendo colocados em qualquer ordem, por exemplo: *abô balal* ou *balal abô* quando ele termina sua banana. Os elementos mais usuais parecem ser em geral do tipo “ausente” (ou “desaparecido”), “presente”, “caído”. Ele dirá, por exemplo: *saí mamam* ou *mamam saí; caí papa* ou *papa caí*. Essa mesma gramática de dois termos encontra-se no mundo inteiro.

Quando ele chega à frase de três elementos, ele dispara como uma flecha e vai muito rapidamente pôr-se a formar enunciados relativamente complexos. Nesse estágio, os adultos têm muitas vezes a impressão de que ele tenta falar a língua deles, mas que por não conseguir ele a deforma. Isso não é inteiramente falso, mas a realidade é um pouco mais sutil do que isso. Se estudarmos de perto suas produções, nos daremos conta de que ele cria para si uma gramática, com frequência muito diferente daquela dos adultos, e que ele forma suas frases inserindo nas estruturas gramaticais dele palavras mais ou menos bem percebidas da linguagem de seu entorno, e por vezes palavras inteiramente inventadas.

Eis, por exemplo, uma criança de dois anos e alguns meses que quase caiu, mas que conseguiu reerguer-se no último segundo: ela olha as pessoas presentes com um ar triunfante

e proclama: *nan nian bum Nani*. *Nani* é o nome que ela dá a si mesma. *Bum*, palavra sem dúvida emprestada das exclamações dos adultos, quer dizer “cair”. Se observarmos sua linguagem, percebemos que todas suas frases que dizem respeito a um evento que acabou de acontecer começam por *a* (frases afirmativas) ou *nan* (frases negativas), expressões seguidas do verbo, depois do sujeito, que termina a proposição. Outros elementos, como a sílaba *nian* [*njã*] no exemplo acima, parecem ter um significado que o adulto não consegue elucidar. A análise dos enunciados revela então que as crianças respeitam uma gramática, mas que essa não é a dos adultos: nesse caso, estes colocam quase sempre o sujeito antes do verbo e, diferentemente das da criança, as frases negativas não começam pela negação.

A observação da linguagem das crianças confirma que essa maneira de proceder é geral. Eu notei, em um pequenino de quatro anos, a frase: *Cadê você mora?* Ela é interessante. Na linguagem normal, diz-se: *Onde você mora?* ou *Onde é que você mora?* ou, a rigor, *Você mora onde?* A palavra *cadê* precedendo um pronome sujeito não faz parte das estruturas da língua adulta. Pesquisas feitas sobre a linguagem da criança em países os mais diversos revelam que o desenvolvimento da linguagem se desenrola em toda parte da mesma forma. Em todos os lugares, a parte “imitação”, nesse estágio, concerne sobretudo à fonética e ao vocabulário. Pode-se dizer que há interação entre um tipo de lógica interna traduzindo-se por regras gramaticais que o pequenino inventa, e que é diferente de uma criança para outra, e a matéria prima – as palavras, os sons – que ela empresta da linguagem de seu meio.

A assimilação generalizadora

Quanto mais a criança cresce, mais ela abandona sua gramática pessoal para adotar aquela de seu entorno. Mas entre dois anos e a entrada na escola, sua linguagem é manifestamente regida pela lei psicológica que Piaget chamou assimilação generalizadora. Ela assimila um elemento da língua ambiente e o generaliza. Um matemático diria que ela extrapola. Nós obtemos exemplos disso durante todo o dia.

Uma criança de cinco anos, por exemplo, disse na mesma semana *floreiro* para “florista”, *jornaleiro* para “jornalista” e *banqueiro* para “bancário”. O que se passou? Ela assimilou aquilo que tinha de comum a série *carteiro*, *porteiro*, *leiteiro*, *sapateiro* e generalizou o aspecto observado. Ela criou uma regra – formam-se os nomes das profissões com auxílio do sufixo *-eiro* lá onde a imensa maioria das línguas está imersa na desordem. Um de seus coleguinhas, que disse *olhista* em lugar de “oculista”, generalizou um sufixo diferente, mas procedendo da mesma maneira.

Eis alguns outros exemplos. Um de meus filhos (infelizmente não me recordo em que idade, mas ele já era bem grande) disse um dia que havia visto um *braceta*. Tratava-se, naturalmente, de um maneta. O garoto havia certamente ouvido a palavra *perneta* e aquilo não caiu no ouvido de um surdo. Quando viu uma pessoa a quem faltava, não uma perna, mas um braço, ele retomou a palavra ouvida substituindo o nome do membro que faltava.

Praticamente todas as crianças dizem *mais bom* em lugar de *melhor*, *eu fazi* em lugar de *eu fiz*, *eu não sabi* em lugar de *eu não soube*. Trata-se sempre do mesmo processo: elas generalizam o elemento mais frequente, assimilado primeiro.

Um dos exemplos mais divertidos que me foi dado recolher eu peguei de um menino de quatro ou cinco anos que brincava sozinho num quarto cuja porta estava entreaberta de sorte que eu podia ouvi-lo. Manipulando pequenos personagens de plástico, ele contava uma história em voz alta. Essa dizia: “*alors le loup demanda au petit mouton (...) et le petit mouton*

réponda (...), pis un autre loup arriva et disa (...), pis le petit mouton s'enfuya et coura très vite...”, [N.T.: Tradução aproximada - “então o lobo perguntou ao carneirinho (...) e o carneirinho respondeu (...), um outro lobo chegou e disse (...), e o carneirinho fugiu bem depressa...”], e assim por diante. Era uma criança para qual se liam muitos contos. Ela havia assimilado que o pretérito, em uma narrativa em francês, termina frequentemente em *-a* e ela havia generalizado sua descoberta ao conjunto dos verbos.

Em todos esses casos não se trata mais da gramática pessoal do estágio precedente. É aqui a gramática, ou melhor: são as estruturas da linguagem falada em torno dela que ela utiliza. Mas ela dá às estruturas uma validade absoluta que a língua padrão não tem.

Como no caso dos outros estágios do desenvolvimento da linguagem, também este é universal. O chinês, nós vimos, é uma língua estruturada de tal forma que as exceções são nele quase impossíveis. Mesmo assim existem algumas delas. Por exemplo, enquanto que a negação se forma normalmente pela adjunção da sílaba *bu* diante da palavra a negar, essa forma não é válida no caso do verbo *ter*; aí, é necessário substituir *bu* por *mei*. Mas eu um dia ouvi uma criança de cerca de três anos dizer bem claramente: *wo bu you*, “eu não tenho”, em lugar de *wo meiyou*. Um garotinho alemão, a quem sua mãe perguntava *bist du mude?* “estás cansado?”, respondeu *ich bist nicht mude*, literalmente “eu não estás cansado”, empregando a segunda pessoa do verbo em lugar da primeira (a forma correta seria *ich bin*). Em *A taste for death*,² a romancista britânica P. D. James faz um garoto de dez anos dizer: *she never seed me* e *she never knowed*. Nos dois casos, a criança generalizou a terminação *-ed* do passado a verbos nos quais ela não deve ser aplicada. Em inglês correto, ele teria dito: *she never saw* e *she never knew*. Eu posso testemunhar que a romancista não exagerou. Por repetidas vezes, eu ouvi pequenos anglo-saxões dizerem *I comed* em lugar de *I came*, da mesma forma que várias vezes eu notei a forma *sheeps*, quando a forma correta é *sheep*: como o plural regular é formado juntando-se um *-s*, a criança aplica a regra em todos os casos, mesmo quando a língua padrão não o faz.

A linguagem natural

Minha professora de psicolinguística, Madame Hermine Sinclair, por quem eu tenho um reconhecimento sincero, pois foi graças a ela que eu tomei consciência da importância da linguagem da criança, relatou-nos um dia esta frase deliciosa pronunciada por um pequeno garoto: “*C'est facile, quand y a qu'un ch'val, on dit ch'val, et quand y a plusieurs ch'val on dit ch'vau*” [N.T.: Tradução aproximada - É fácil, quando só há um *animais*, a gente diz *animal*, e quando há vários *animal*, a gente diz *animais*]. O plural das palavras em *-al* exige anos para se inserir nas estruturas mentais de um jovem francófono. Um pouco de fadiga, um pouco de emoção, um pouco de álcool, e um adulto dirá *les journal* em lugar de *les journaux*. Por quê? Porque é o que vem mais naturalmente ao espírito, é o que corresponde ao sistema de assimilação generalizadora, que funciona por toda nossa vida. Essa observação concerne tanto ao léxico quanto à gramática. A criança que, voltando das férias, diz: “*J'ai dévalisé mes affaires*” [“Eu *desemalei* minhas coisas”] (para: “eu as tirei da mala”) aplica esse mesmo sistema. A tendência a generalizar os esquemas está inscrita em nosso sistema nervoso. Ela precede a influência do meio. Ela é natural.

Se nós falamos corretamente, dizendo, em nossa língua, *você faz* em lugar de *você faze*, ou *ele traria* em lugar de *ele trazieria*, isso é por conta de um condicionamento que durou toda nossa escolarização. A forma que vem naturalmente é aquela que registramos na

linguagem espontânea da criança. É por força de repetidas correções que integramos todas as exceções em nossos reflexos. Trata-se de reflexos condicionados que pomos em prática para inibir nossos reflexos inatos: nós dominamos nossa natureza para nos conformarmos às regras que a sociedade impõe. Uma enorme parte de nossas línguas, aquela mesma que causa tantos problemas aos alunos, não vem naturalmente, de dentro, ela é artificial, imposta de fora. Para nosso psiquismo profundo, ela é tão arbitrária quanto as placas de contramão ou os painéis de “Entrada proibida – Zona militar” que encontramos quando trafegamos de automóvel. Ela denota exclusivamente autoridade.

Mas a natureza é sempre muito poderosa. Basta estar atento para constantemente notar, nos enunciados de pessoas falando sua língua materna, os arranhões feitos na língua culta, sob influência da tendência à assimilação generalizadora. Eis aqui alguns exemplos na língua portuguesa, registrados ao vivo e emitidos por pessoas escolarizadas:⁴²

- Os **cidadões** desta cidade são pacatos.
- Os **artesões** foram proibidos de expor na praça.
- Óleo não é **dissolvível** em água.
- Se ele **trazer** as bebidas a gente faz uma festa.
- Os políticos não **manteram** suas promessas depois de eleitos.
- Os policiais **interviram** a tempo e não **houveram** maiores problemas.
- O médico pediu que ela se **abstesse** de açúcar.
- Nossa empresa precisa de maior **dinamicidade**.
- Pode-se observar a **simetricidade** da figura.
- A garota se **entretia** com sua boneca.
- Eu nunca havia **escrevido** tanto quanto naquela semana.

A frequência desses tipos de erro é tão grande que podem ser encontrados fartamente em obras que justamente tratam dos usos que se distanciam da língua culta.

Mas o uso oportuno e intencional de elementos inexistentes na língua padrão pode dar à linguagem uma coloração especial, um sabor único. Na França, ninguém ousaria contestar que o escritor André Chouraqui domina perfeitamente a língua francesa. É, assim, muito interessante ver que ele não hesitou, por repetidas vezes, em tornar sua língua mais viva formando palavras segundo o princípio da assimilação generalizadora. Eis aqui dois exemplos, tirados de sua autobiografia:⁴³

- œ *De toute l’Afrique du nord, les juifs venaient **péleriner** là, dans l’espoir de quelque miracle* (p.43). (De toda a África do Norte, os judeus vinham **peregrinar** ali, na esperança de algum milagre.)
- œ *Nous étions non seulement **déjudaisés** ou **désislamisés**, mais par surcroît **athéisés**.* (p. 82). (Nós éramos não somente **desjudaizados** ou **desislamizados**, mas, além disso, ateizados.)

⁴² No original, o autor lista exemplos nos quais considera uma palavra como não fazendo parte da língua oficial quando ela não se encontra no dicionário le Petit Robert, edição de 1991. Na versão brasileira foram reunidas, a pedido do autor, frases com erros equivalentes. Adotou-se o critério de inexistência do vocábulo em destaque no MICHAELIS - Moderno Dicionário da Língua Portuguesa, 1998, Ed. Melhoramentos. (N.T.)

⁴³ André Chouraqui, *L’amour fort comme la mort* (Paris: Laffont, 1990).

Ao fazer meu desjejum nesta manhã, ouvi a canção de Renaud cujo refrão começa por “*C'est pas l'homme qui prend la mer, c'est la mer qui prend l'homme*”. Esse refrão termina em “*Dès que les vents tourneront, nous nous en **allerons***” (N.T.: a conjugação padrão do francês exige que, no futuro do indicativo, o verbo “*aller*” (ir) use uma raiz diferente para a primeira pessoa do plural: “...*nous nous en **irons***”).

(N.T.: De modo similar, no Brasil, Guimarães Rosa fez uso desse mesmo recurso de criação de palavras com a aplicação do mecanismo da assimilação generalizadora, como, por exemplo, em sua obra *Primeiras Estórias*⁴⁴:

Desacontecido (p.21), bastável (p.34), indescoberto (p.47), simulamento (p.60), desconhecidamente (p.61), desescondia (p.63), tardação (p.63), intrágico (p.76), redesimportância (p.81), nãoezas (p.96), tenuousidades (p.106), voável (p.107), negramente (p.107), psiquiatrista (p.128), desrespeitável (p.132), retrazê-lo (p.135), azulosa (p.137), despreferência (p.139), coraçãomente (p.142).)

A língua atual: fruto de uma interação entre reflexos inatos e reflexos condicionados

Entre os exemplos apresentados acima a palavra *dissolvível* dá uma ideia do conflito entre autoridade e a tendência natural e espontânea de formar-se palavras pelo mecanismo da assimilação generalizadora. Enquanto que aquela nos obriga a utilizar a forma *solúvel*, a generalização da estrutura *-ível* é quase irresistível. É necessário dizer que a própria língua culta traz traços do conflito entre autoridade e movimento espontâneo. Por vezes, isso leva a sinônimos, como no caso de *odontólogo* (termo formado segundo as regras filológicas clássicas), *dentista* (termo mais usual, que atesta a assimilação generalizadora do sufixo *-ista*). Esse é também o caso dos vocábulos *podólogo* e *calista*. Por outras vezes, a língua adotou formas filologicamente monstruosas, como *concebível* (em lugar de *conceptível*). O francês tem *concevable* (em lugar de *conceptible*), *imprenable* (em lugar de *impréhensible*), *faisable* (em lugar de *factible*). O que é filologicamente aberrante nada tem de repugnante em si, como prova o fato de que a luta entre duas tendências leva a formas diferentes dependendo do terreno onde ela se desenrola: o inglês tem *responsible* e *indescribable*. A linguagem é acima de tudo uma questão de uso. As incoerências do tipo *perceptível* – *concebível* testemunham as forças divergentes às quais uma língua está submetida: forças exteriores e intelectuais (reflexos condicionados) em *perceptível*, forças interiores e populares (reflexos inatos) em *concebível*.

Se os franceses dizem *être* (ser, estar), com um *-re* final, se os italianos dizem *essere*, isso se dá em virtude desse mesmo reflexo natural que conduz à assimilação generalizadora. Houve um tempo em que os infinitivos latinos terminavam em *-se*. Essa terminação transformou-se em *-re* na maioria dos verbos em consequência de uma modificação fonética que atingiu o conjunto da língua: o *-s-* entre duas vogais tendeu para *-r-*. Mas no verbo *esse* (*être*), a terminação não era precedida por uma vogal, e ela então continuou ela mesma. Como quase todos os infinitivos a partir de então terminavam em *-re*, esse verbo passou a ser sentido como anormal. O mecanismo da assimilação generalizadora retificou a anomalia juntando um *-re*, de onde vem a forma italiana *essere* e a forma francesa *être* que é o fim do caminho *esse* → *essere* → *esre* → *estre*.

⁴⁴ João Guimarães Rosa, *Primeiras Estórias* (Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996).

Numerosos linguistas pensam que a única forma de estudar os fenômenos linguísticos com seriedade consiste em fazer a abstração dos seres humanos que se servem da linguagem e que assim, inconscientemente na maior parte das vezes, a transformam. Eles estudam as línguas tal como entidades em si mesmas, sem levar em consideração a intervenção do mental humano. Essa forma de agir pode apresentar vantagens. Para designar o fenômeno que eu chamo de *assimilação generalizadora*, eles falam de *analogia*. Que o leitor a quem isso agrade não hesite em corrigir-me e ler *analogia* cada vez que eu digo *assimilação generalizadora*.

Essa última expressão, todavia, parece-me preferível porque ela recobre um campo mais vasto. A lei de analogia na evolução das línguas nada mais é do que a aplicação em um domínio restrito de uma lei mais geral que se encontra em todos os tipos de comportamentos humanos e especialmente nas aprendizagens não-linguísticas. Nós aprendemos mais facilmente a tocar órgão se já sabemos tocar piano. Haverá novos gestos a aprender, mas podemos começar por generalizar no novo instrumento todos os tipos de reflexos assimilados quando do estudo do piano, por exemplo: tal traço na partitura corresponde a tal sequência de posições dos dedos. De resto, a expressão *assimilação generalizadora* tem a vantagem de registrar os dois tempos do fenômeno, assim como a existência de um sujeito no qual ela se desenrola. Há um ser humano dotado de um sistema nervoso que é organizado de uma certa maneira e que tem então mais facilidade para proceder dessa ou daquela forma. Esse ser assimila, depois generaliza, os elementos da linguagem como faz para as normas de comportamento social ou para os movimentos necessários à condução de um veículo. Há interação entre aquilo que lhe vem de dentro (a natureza individual, inata, única, e, contudo, similar em todos) e aquilo que lhe sugere o exterior (a pressão social, condicionante).

Toda nossa pesquisa de consultores estudando de que maneira organizar melhor a comunicação no mundo funda-se no respeito aos indivíduos: crianças que penam em classe para aprender uma língua, trabalhadores imigrantes humilhados sem poder se defender, chefes de empresas que perdem um negócio por falta de destreza em um sistema injusto, contribuintes e consumidores que desembolsam somas desproporcionais aos resultados, viajantes angustiados por uma situação de limitação linguística... Enfim, é o aspecto humano do problema que nos põe em movimento, não é a língua como fenômeno isolado do contexto da vida real. Eis porque eu continuarei a falar de *assimilação generalizadora* ali onde alguns, talvez, prefeririam escutar-me falar de *analogia*.

As hesitações

Mas prossigamos nossa observação da linguagem natural. Nós somos assim levados a constatar que as hesitações revelam também a colocação em jogo do processo de *assimilação generalizadora*. Quando uma pessoa fala sua língua materna, ocorre com frequência que ela não encontre imediatamente a maneira correta de formular seu pensamento. Por exemplo, seja uma senhora francesa, licenciada em letras, que diz: *O... o sujeito das abelhas... você sabe... o apicultor*. Ela tem uma ideia bem clara daquilo que ela quer dizer. Mas a palavra *abelha* apresenta-se a seu espírito antes da palavra *apicultor*, menos frequente, mais adulta (por mais adulta, eu entendo: aprendida mais tarde, depois da infância, e assim assimilada em um nível menos profundo que a palavra *abelha*). Ao ouvir-se uma frase como aquela, tem-se a impressão de que a *assimilação generalizadora* procura uma

solução que não consegue encontrar. As crianças acima citadas teriam, sem dúvida, dito *abelheiro* ou *abelhista* sem se questionarem.

Eis alguns exemplos de casos de hesitação registrados no curso de conversas e que testemunham a colocação em jogo desses mecanismos:

Il est classiquement, conservat... de manière conservatrice, opposé a tout. (Ele é classicamente, conservad... de maneira conservadora, contra tudo) (As tendências espontâneas da expressão levavam essa pessoa a uma palavra tal como *conservativement* (conservadoramente), mas ela lhe bloqueou a passagem, consciente de que ela não fazia parte da linguagem correta).

Il paraît qu'il y avait un article sur l'adoption... ça va plus!... sur l'adoption des villages roumains. (Parece que havia um artigo sobre o adotamento... perdão! ... sobre a adoção dos vilarejos romenos) (não se trata aqui de uma hesitação, visto que a palavra errada escapuliu, mas o erro põe em evidência o mesmo mecanismo psicológico: captura-se ao vivo a interação entre o espontâneo-interior e o social-autoridade-exterior).

Cette réaction m'a fait me sentir ins... in... m'a plongé dans l'insécurité. (Aquele reação fez-me sentir ins... in.. me mergulhou na insegurança) (O conceito “insegurança” buscava exprimir-se sob forma adjetiva, mas não há adjetivo em francês que corresponda a *insecurité* (insegurança); a pessoa então teve de reformular sua frase para falar corretamente. No Québec, onde se complica menos a linguagem, ela teria simplesmente dito *insécure* (insegura).

Cela ne résou... résou... résolvait rien. (Aqui uma criança francesa não teria hesitado e teria dito *résoudait*, forma incorreta segundo a norma vigente, mas mais próxima da raiz verbal *résoudre*). [Numa situação equivalente teríamos em português a frase: *Se aquilo cab... cab... coubesse na mala.* (Aqui uma criança brasileira não teria sem dúvida hesitado e teria dito *cabesse*.)] Com verbos como esses, a única maneira de exprimir-se corretamente, tanto em francês como em português, consiste em inibir a conjugação que se forma por si mesma, no primeiro nível de verbalização, regido pelo sistema da assimilação generalizadora. É para evitar o desperdício de energia nervosa que implicam esses pequenos conflitos interiores entre forma espontânea e linguagem correta – entre reflexo inato e reflexo condicionado – que os verbos irregulares tendem a ser abandonados em favor dos regulares, tanto no francês como no português. Se em francês usa-se cada vez mais o verbo *tomber* em lugar de *choir*, *manquer* em lugar de *faillir*, *tisser* em lugar de *tistre*, é porque o sistema nervoso procura reduzir os gastos de energia que resultam de um conflito entre o que vem de um condicionamento externo e a tendência natural, interior, de generalizar estruturas mais presentes no cérebro, por serem mais frequentes na língua.

Sa mère a eu une influence sur lui de dissolva... enfin... elle a eu une influence très négative. (Sua mãe teve uma influência sobre ele de dissolvi... enfim... ela teve uma influência muito negativa).

Il est double... euh... ambivalent. (Ele é dupl... hen... ambivalente). (Esse exemplo mostra que o influxo nervoso na busca da palavra adequada encontra primeiramente o termo mais usual, aquele que foi assimilado na idade mais precoce e cuja frequência é maior).

J'ai réalisé avec eff... avec eff... avec effraiment que... (Eu percebi com ass... com ass... com assustamento que...) (Aqui, a hesitação não levou à palavra justa. O sufixo *ment*, muito mais frequente que a terminação *-oi* de *effroi*, chegou a ponto de ser generalizado até ao conceito “*effrayer*” (assustar).

Ça dépend du rythme de poussement... de poussation... comment dit-on? – De croissance – Oui, c'est ça, de croissance des arbres. (Isso depende do ritmo de brotamento... de brotação... como se diz? - De crescimento – Sim, é isso, de crescimento das árvores).

Le souvenir qu'il m'en reste, c'est comme une prison... la sombrité... c'est quoi le mot? quelque chose de sombre. (A recordação que me resta dele é como uma prisão... a sombridade... qual é a palavra? Algo de sombrio).

Em minha abundante coleção, eu escolhi essencialmente enunciados produzidos por pessoas consideradas mais dotadas para a linguagem que as demais pessoas.

Mesmas tendências nas línguas estrangeiras

Visto que o mecanismo neuropsicológico que estudamos é universal, é desnecessário dizer que é sobretudo com as pessoas que se exprimem numa língua estrangeira que nós poderemos colocá-lo em evidência. É exatamente o que se confirma pela observação da linguagem dos estrangeiros. Eu me permito apresentar aqui abaixo uma lista de exemplos anotados, indicando a língua materna do locutor. Essa abundância é a prova de que se trata de um fenômeno importante. Talvez seja necessário sublinhar que eu só retive enunciados emitidos por estrangeiros vivendo em nosso país e que utilizam com igual frequência nossa língua e suas línguas maternas. Nos iniciantes, notaremos vários exemplos por frase. O primeiro exemplo foi observado de três pessoas vivendo na região de Genebra havia mais de vinte anos e falando, de resto, um francês quase perfeito:

Je le vois dangereux, insécurisant. (Eu o vejo perigoso, insegurizante) (italiano).

Il y avait beaucoup de rêves, de belles rêves (ça, c'est un signe de fatigue quand je me mets à faire des erreurs de genre) (Havia um grande número de sonhos, de belas sonhos [esse é um sinal de cansaço quando eu começo a cometer erros de gênero]) (alemão. A pessoa corrigiu-se por si mesma, mas seu comentário é de uma importância capital para o assunto de que nos ocupamos. Se nós queremos um sistema eficaz de comunicação inter-povos, nós deveremos levar em consideração o fator fadiga, sob pena de aumentar a injustiça entre pessoas que falam sua língua materna e pessoas obrigadas a falar a língua do outro).

J'ai essayé d'avoir un sentiment de rassurement, mais j'arrive pas (Eu tentei ter um sentimento de tranquilizamento, mas eu não consigo) (holandês).

...après la tombe du mur de Berlin (... após o túmulo do muro de Berlim)
(alemão).

Avant la perestroïka nous étions répressés (Antes da perestroïka nós éramos repressados) (russo).

Esses exemplos bastarão sem dúvida. Além do mais não é difícil verificar minha tese: basta aguçar os ouvidos.

Obstáculos e desvios impostos à energia nervosa

Quando, depois de ter deixado o mundo da tradução, eu retomei os estudos de psicologia, um professor assistente nos fez fazer o seguinte exercício, quando de uma sessão de trabalhos práticos. Tratava-se de levar os estudantes a tomar consciência da relação entre a regularidade dos esquemas de ação e a economia de energia nervosa. Nós devíamos cronometrar o tempo necessário para completar duas tarefas consistindo em separar cartas de baralho. O resultado nos era conhecido de antemão, é evidente, mas eu não lamento haver efetuado aquela separação pois a lição que ela contém fixou-se mais profundamente em meu espírito. A diretriz nº 1 era:

“Coloque as vermelhas à esquerda, com exceção do valete, do sete, do dez de copas, do ás de ouros, da dama se ela for precedida por uma carta preta, e do rei de copas se ele aparece após uma carta entre o dois e o oito que não seja o quatro de paus. Coloque as pretas à direita exceto...” etc.

Quanto à diretriz nº 2, ela se fazia em algumas palavras bem simples:

“Coloque as vermelhas à esquerda e as pretas à direita. ”

A segunda separação é, claro, executada em alguns segundos, enquanto a primeira se prolonga, implica voltas atrás, correções, olhadelas nas instruções. A diferença de tempos exprime a diferença entre as quantidades de energia nervosa consumida conforme a diretriz.

A diretriz nº 2 corresponde à aplicação livre da assimilação generalizadora. Assimilou-se uma cor a uma posição: vermelha → esquerda, preta → direita, e generaliza-se essa assimilação ao conjunto das cartas do baralho. Na diretriz nº 1, a assimilação conduz à mesma diferenciação, mas ela é inibida em toda uma série de casos que bloqueiam o influxo nervoso e impedem o movimento natural (colocar *todas* as vermelhas à esquerda) de se desdobrar com destreza.

Falar francês, assim como português, é aplicar à expressão uma série de diretrizes do mesmo tipo daquela da separação nº 1. Consideremos os quatro exemplos seguintes, escolhidos entre milhares da língua portuguesa:

- Em português o verbo concorda em número com o sujeito. Mas se o verbo for *haver* no sentido de existir, ele fica no singular. Dizemos: *havia muitos convidados na casa*.

- Os comparativos de superioridade podem ser construídos com o advérbio *mais*: *mais alto, mais forte, mais gordo*. Contudo, se o adjetivo for *grande* então não é permitido usar a estrutura precedente, só restando a forma *maior*.
- Ao substantivo *expansão* corresponde o verbo *expandir*, mas ao substantivo *extensão* corresponde o verbo *estender*.

Seria compreender-me mal ver nesses comentários uma crítica às línguas. Nossas línguas são belas, magníficas e ricas. Mas elas contêm um número considerável de regras comparáveis àquelas da separação das cartas segundo a diretriz nº 1. Isso não é de resto uma particularidade do português e do francês. Todas as outras línguas do ocidente apresentam uma quantidade equivalente de regras e de exceções da mesma ordem.

Como então se dá que falemos fluentemente, nessas condições? Única e simplesmente, nós fazemos malabarismos com essas diretrizes todos os dias desde a idade de dois anos, sem interrupção, e todo mundo faz isso ao nosso redor, de sorte que com o tempo o treinamento ininterrupto fez de nós virtuosos da acrobacia. Além disso, nossa tendência a imitar apoia-se sobre modelos constantemente renovados, pois que cada vez que conversamos com alguém que fala nosso idioma, recebemos exemplos precisos de todas as acrobacias que é preciso fazer. Mas os estrangeiros que produziram os exemplos supracitados, mesmo tendo a idade de trinta ou quarenta anos, encontram-se no decurso de sua infância, sem ter tido mais que 10 ou 15 anos de treinamento, após uma aprendizagem irrisória, que de forma alguma ultrapassou as 2000 horas, o que é muito pouco em vista das centenas de milhares, ou mesmo milhões, de diretrizes arbitrárias a serem transformadas em reflexos.

A frase do banqueiro germanófono citada no Capítulo 4 – “*On était de l’opinion que c’était nécessaire à faire baisser les nouvelles taux hypothécaires*” – dá um bom exemplo da dificuldade de expressão em uma língua ocidental. Para que aquele homem pudesse exprimir em um francês mais ou menos normal essa ideia tão simples, teria sido necessário que seu sistema nervoso tivesse incorporado, a título de reflexo, as seguintes considerações:

- Embora *opinion* e *avis* sejam sinônimos, se diz normalmente: *être d’avis* (não se diz *être de l’opinion*, nem *être de l’avis*, exceto na expressão *être de l’avis de tel ou tel*);
- Diz-se *c’est nécessaire* quando o ato julgado necessário acaba de ser especificado, mas *il est nécessaire* quando ele é enunciado após o adjetivo;
- Se *il est nécessaire* é correto, o costume é em geral dizer-se *il faut*;
- O imperfeito de *falloir* não se forma como o de *voir* ou de *s’asseoir*: se diz *fallait*;
- Embora se diga *nécessaire à coudre* ou *nécessaire à une bonne gestion*, diz-se *il est nécessaire de faire baisser les taux*;
- *Il est nécessaire* exige um *de*, mas *il faut* é seguido por um verbo sem preposição;
- A palavra *taux* é masculina.

Para essa frase de 16 palavras, seu computador mental tinha 7 sub-rotinas para consultar.

Vamos repetir: o itinerário a ser seguido no labirinto das regras e dos costumes, com suas incontáveis exceções, deve ser adquirido *tal como um reflexo*. Não basta ter aprendido, nem mesmo ter memorizado. Quando nos exprimimos, nós não temos o tempo de fazer passar na tela de nosso computador mental toda a morfologia, toda a sintaxe, todos os costumes, todas as diferenciações semânticas.

Existe então razão para espantar-se, dado que os estrangeiros maltratam com tanta frequência nossas línguas? Que nós maltratemos tão abundantemente as deles? Esse já é o caso se vivemos no país em questão. Que dizer então daqueles que nunca saíram de seus países, que nada tiveram além da aprendizagem escolar? Esses não demoram a esquecer. Os reflexos condicionados que devem inibir os reflexos naturais são demasiado frágeis. No momento em que tentamos utilizar uma língua que não dominamos, como encontrar nas profundezas da memória o emaranhado inverossímil de diretrizes absurdas que nos foi inculcado na escola?

A palavra *absurdas* pode ser chocante para aquele que se coloca num ponto de vista histórico, filológico. Mas ela é legítima se considerarmos a questão do ponto de vista do sistema nervoso. É de forma totalmente natural que se passou de *cheval* a *chevaux*, tendo o *l* final tomado um som comparável àquele do *l* do inglês *well* ou do português *geral*, que tende para um “u” breve. O *s* do plural, que era pronunciado na época, favoreceu o deslocamento desse *l* para o “u” breve que os foneticistas transcrevem por [w]. O grupo [aw] evoluiu facilmente para [o]: é por isso que os espanhóis dizem *otro*, “outro”, lá onde os italianos dizem *altro*. Mas, como essas particularidades da pronúncia medieval desapareceram do francês moderno, a criança que aprende a falar e o estrangeiro que se familiariza com o francês nada mais pronunciam nesse plural irregular do que uma diretriz desprovida de sentido. Para eles, é um desvio absurdo do movimento espontâneo que leva àquilo que é necessário e suficiente para que nós nos compreendamos.

Uma outra comparação tornará talvez as coisas mais claras. Imagine dois terrenos nos quais é necessário correr carregando uma mochila muito pesada. O primeiro é plano e não apresenta obstáculos, de sorte que se pode atravessá-lo em linha reta. No segundo, para chegar ao fim, é preciso tomar uma trilha escarpada, com alguns trechos bem abruptos, curvas fechadas e de tempos em tempos uma parede rochosa que bloqueia o caminho. Podemos atravessá-la se sabemos onde se encontra a passagem, mas a entrada está escondida por folhagens. Algumas partes da trilha são muito escorregadias. Em outros lugares, não mais é possível ver o caminho e o terreno tem um ar pantanoso. Há também um muro com uma porta pesada; alguns conseguem abri-la, mas outros preferem utilizar uma escada de corda que alguém felizmente colocou lá.

As línguas que se aprendem em nossas escolas são terrenos do segundo tipo. Se nós não nos damos conta disso quando falamos nossa língua materna, é porque nós fazemos esse caminho todos os dias desde nossa infância. Nosso treinamento é perfeito, nosso conhecimento dos obstáculos totalmente firme em nossas estruturas nervosas. Nós não precisamos procurar pelas entradas das passagens no rochedo, sabemos que empurrando a porta de uma certa maneira ela se desbloqueia, nós sabemos como evitar o pântano e os locais escorregadios. Em resumo, esse terreno árduo nos é tão familiar que poderíamos fazer o trajeto com os olhos fechados.

Se nós sabemos muito bem uma língua estrangeira, isso se deu porque conseguimos adquirir esse perfeito conhecimento do terreno. Mas o que quer que façamos, estamos menos treinados que aqueles que começaram na idade de dois anos. Eis porque no fim do percurso nosso coração bate mais rápido, nossa respiração é mais ofegante, nossos músculos protestam mais. E é por isso também que, de tempos em tempos, nós tropeçamos: nós cometemos um erro de percurso. Ainda que eu tenha acumulado mais de 40.000 horas de estudo e utilização prática do inglês (ativa e passiva), a palavra *ununderstandable* saiu-me espontaneamente da

boca, outro dia, no momento de uma conversa com um amigo britânico, que me corrigiu gentilmente. Eu deveria ter dito *incomprehensible*, mas a tendência a generalizar a estrutura *un-able*, extremamente frequente para esse tipo de significação, foi mais forte que a influência de minha língua materna, que me teria conduzido à palavra correta. Mas milhares de horas de treinamento nesse terreno não bastaram para me fazer conhecer todas as suas armadilhas.

Os diferentes sistemas adotados para resolver os problemas de comunicação linguística entre pessoas de línguas diferentes nada mais são do que paliativos, custosos e frustrantes. Alguma coisa bem no fundo de nós nos diz que deve ser possível seguir nosso movimento natural, correr em linha reta por sobre um caminho desprovido de obstáculos. Se nosso sistema nervoso está organizado segundo o modo de assimilação generalizadora, por que a linguagem deve contrariá-lo? Afinal de contas, uma vez que se tenha aprendido a dirigir um automóvel, passa-se facilmente a um modelo diferente, a tal ponto que as redes de locação cobrem o mundo inteiro, sem que ninguém jamais diga: nós não podemos oferecer um Ford a alguém que só dirigiu Citroën. Dirigir é o que se chama em psicologia aplicar uma série de esquemas de ação. A assimilação generalizadora é aquilo que nos permite aplicar a um objeto desconhecido um esquema adquirido anteriormente. Você aprendeu a dirigir em um Renault; quando um amigo lhe emprestar sua Toyota, a adaptação não requererá mais do que um esforço mínimo. Infelizmente, conduzir a expressão de seu pensamento numa dada língua é infinitamente mais difícil do que conduzir um veículo. As centenas de milhares de diretrizes que você incorporou na sua programação nervosa ao aprender sua língua materna de nada lhe servem quando você passa a uma outra língua. Sentir a diferença que há entre *ele tem caído* e *ele caiu* não é de qualquer ajuda no momento em que você se exprime em inglês. A escolha entre *he's fallen* e *he fell* responde a outros critérios. Mesmo o emprego do singular e do plural é diferente. Na nossa língua a polícia *vem*, em inglês a polícia *vêm*.

Utilizar uma língua estrangeira é então pôr em ação centenas de milhares ou de milhões de reflexos que contrariam constantemente os dois tipos de reflexos que estão ancorados em nosso sistema nervoso: os reflexos naturais, que vão no sentido da perfeita regularidade (assimilação generalizadora), e os reflexos condicionados, cuja aquisição exigiu uma aprendizagem constante durante longos anos (precisamente porque eles eram totalmente contra a natureza) e que, na língua estrangeira, devem ser reprimidos.

Como se dá que nós aceitemos submeter-nos a isso? Será que somos escravos? Em todo caso, falta algo em nosso senso de dignidade. O que nos impede de tomar consciência é a doença. Nós estamos realmente contaminados por Babel.

Querer ser grande, querer ser amado

A assimilação generalizadora não está limitada aos atos. Ela intervém no domínio das ideias e das reações afetivas. Nossa experiência de nós-mesmos, no começo da vida, é aquela de um ser pequeno num mundo de grandes. Nós assimilamos a ideia “eu sou pequenino entre gigantes” e os sentimentos que a acompanham. Um desses sentimentos é o desejo de ser como aqueles grandes, para quem tudo é, aparentemente, fácil. Uma vez bem assimilado, esse núcleo de ideias e de sentimentos corre forte risco de se generalizar ao conjunto de nossa existência: nós continuamos, num certo nível, a nos percebermos como pequenos entre grandes. Mas como essa ideia implica uma fraqueza desagradável, e como ela cessa de ser concebível quando o mundo exterior nos trata como adultos, ela vai se

esconder em nossos recônditos, e nós perdemos o contato com ela. Contudo, quantas vezes não buscamos nos reconfortar provando a nós mesmos nosso tamanho?

Se é verdade que as coisas não se passam dessa forma com todo mundo, não é menos verdade que muitas pessoas se envergonham quando são postas diante de sua fraqueza, de sua pequenez. Muitas agem para sentirem-se grandes ou serem reconhecidas com tais. O conceito “grande”, no psiquismo da criança, assimila em si todas as formas de superioridade: forte, bonito, inteligente, amado... são modalidades diferentes da grandeza buscada, ainda que os termos “grande” e “amado” estejam tão estreitamente ligados que se possa ver as coisas pelo outro extremo e dizer-se que o termo essencial é “amado”; é então ele que assimila os outros segundo o raciocínio: “se eu sou bonito, forte, inteligente, grande... eu serei amado”. Por certo, essas considerações ensejariam tantas nuances que seria demasiado extenso desenvolvê-las aqui. Por exemplo, face à ameaça que representa um ser de força incomparavelmente superior à nossa, um dos meios de fazer-se amar é suscitar a compaixão, mostrando-se pequeno. O que quer que seja, o que importa para nosso propósito é que muitos são aqueles que querem ter razão, isto é, mostrar-se grandes, superiores ao interlocutor. Demonstrar a este que ele está errado é colocá-lo numa posição de inferioridade e, conseqüentemente, de pequeno e de menos amado: assim nos livramos temporariamente de um rival perigoso para nossa segurança afetiva. Numa sociedade em que esse tipo de núcleo psíquico é muito difundido, as relações entre iguais são difíceis de se conceber. O resultado concreto é que as populações tendem a dividir-se em dois grupos: aqueles que impõem, e aqueles que se submetem às imposições. Os primeiros tomam o poder (“eu provarei a eles que eu sou grande”), os outros resignam-se (“nada a fazer, eu sou pequeno demais”, com a possível variante: “pode ser que minha pequenez os atinja fazendo com que me amem”).

Se existem meios com clima bem diferente, nos quais mesmo aqueles que têm a autoridade abstêm-se de abusar dela e respeitam seus subordinados, os quais ousam dizer o que pensam e recusam-se a que se lhes pisem os calos, esses estão longe de ser a regra. A triste realidade é que muitas pessoas postas numa situação de superioridade abusam de seu poder, e que muitas pessoas postas numa situação subordinada não veem como fazer respeitar seus direitos, ou mesmo, por vezes, suas pessoas. Esse é em particular o caso no mundo da comunicação linguística.

A lei do mais forte versus o espírito esportivo

Tomemos o exemplo de uma negociação entre um norte-americano e um finlandês. Nos dias de hoje, ela se fará em inglês. Uma negociação é como um jogo de ping-pong. A bola passa constantemente de um lado para o outro. Imagine então um jogo de ping-pong no qual um dos jogadores utiliza a raquete da qual ele se serve desde que começou nesse jogo, enquanto que o outro é obrigado a usar uma raquete estranha, desequilibrada, pesada demais, demasiadamente grande para que ele a empunhe bem. No mundo da competição esportiva, essa disparidade causaria escândalo. Mas é preciso acreditar que as ideias valem muito menos que uma bola, pois tal disparidade se manifesta todos os dias no mundo da competição econômica ou política sem que ninguém faça objeção. Não é profundamente triste a frase de uma índia Hopi constatando que ao permitir uma exploração de carvão em sua reserva, sua

tribo havia destruído a harmonia ecológica do lugar? “Se, há vinte anos, nós soubéssemos melhor inglês, nós não teríamos assinado aquele contrato”⁴

Uma das melhores formas de desfrutar do fato de que se detém o poder consiste em obrigar o mais fraco a fazer alguma coisa absurda, arbitrária, que ele só faz porque lhe é ordenado e porque a relação de forças exclui qualquer possibilidade de eximir-se dela. Se um mestre obriga seu escravo a rastejar até ele e lambar seus pés, essa é uma maneira de proclamar ao escravo e aos presentes: “Vejam como eu sou poderoso!” O escravo ferve de raiva, interiormente, mas nada pode fazer. A assistência experimenta ódio e medo, mas não se agita, pois o mestre cercou-se de esbirros que se encarregarão de fazer respeitar sua ordem. A demonstração de poder desenrola-se assim sem dificuldade.

Os constrangimentos arbitrários são moeda corrente em certos meios. Eles permitem aos suboficiais desfrutar sua superioridade em relação aos recrutas. Assim, praticam-se trotes em alguns exércitos, em alguns ambientes de trabalho, em alguns internatos.

Disso todo mundo sabe. Mas não nos damos em geral conta de que quando falamos a língua de uma potência estrangeira reduzimo-nos à condição do escravo que rasteja para ir lambar os pés de seu mestre. Até 1880, a língua internacional era o francês. Que caprichos absurdos impusemos aos russos, húngaros e outros povos pois que a situação obrigava a aprender a língua francesa! Consideremos a incoerência de sua derivação léxica. O mesmo sufixo *logie* dá lugar a três formas diferentes em *psychologie* → *psychologue*, *biologie* → *biologiste*, *théologie* → *théologien*. Com que direito impúnhamos constrangimentos tão arbitrários aos estrangeiros? Eles não podem confiar nem na sua lógica, nem na racionalidade que eles imputam ao povo francês, nem no movimento natural que os leva a funcionar segundo o sistema da assimilação generalizadora. Eles devem entregar-se a aberrantes acrobacias porque “tal é a lei” da língua francesa. Quando, incapazes de se situarem nessas incoerências, dizem *psychologiste*, *théologue* ou *biologien*, eles nos machucam os ouvidos. Alguma coisa range em nós, francófonos, que nos faz mal. A relação é assim distorcida, nosso interlocutor torna-se inferior, nós nos tornamos superiores, e ficamos todos pouco à vontade. Então, fazemos de tudo para tentar conduzi-los ao nosso nível, eles mesmos fazem de tudo para juntar-se a nós e todos perdem de vista que se trata de uma questão de poder. Que estávamos, desde nosso nascimento, no topo, e que obrigamos nossos parceiros a uma ascensão muito penosa para que o diálogo se estabeleça sem que ranjamos os dentes.

Isso não é somente antidemocrático, isso também é absurdo, pois uma comunicação harmoniosa não exige tanto. E isso não se torna mais razoável quando somos nós que estudamos uma língua estrangeira. A aprendizagem de um novo idioma implica na verdade um duplo movimento: desfazer-se dos reflexos da língua materna, e recondicionar-se com os reflexos da língua estrangeira. Os tempos mudaram, os altos escalões do poder político, econômico e cultural mudaram de lugar. Hoje em dia, é aos caprichos do inglês que o mundo acredita ter que se submeter. Poucos vêm juntar-se a nós em nosso topo. Somos nós que devemos decodificar nossa maneira francesa de nos exprimirmos, para aprender a gravar tudo segundo o sistema inglês. Ora, não é nada divertido descer das alturas por caminhos escarpados e penosos para em seguida fazer a ascensão da montanha vizinha até o topo onde, confortavelmente instalados desde sua tenra infância, norte-americanos e britânicos nos esperam sem fazer o menor passo em nossa direção.

⁴ Citada por J.C. Buffle, “Indiens américains: les guerres de 1991”, *L’Hebdo*, 7 de março de 1991, p. 31.

A síndrome de Babel cria em nós tanta confusão que nós perdemos de vista o objetivo que perseguimos. Se eu me exprimo em inglês, qual é minha meta e aquela de meu parceiro? Comunicar; que nós nos compreendamos. Ora, para exprimir uma ideia tão simples como “as crianças deverão”, eu me dobro aos caprichos de um ditador arbitrário. Se eu utilizasse os elementos necessários e suficientes para que minha mensagem passasse, eu seguiria meu movimento natural, aquele da assimilação generalizadora. Eu colocaria a palavra “criança” no plural segundo a forma usual, e eu poria “dever” no futuro utilizando a forma normal da palavra “dever” e a forma normal do futuro. Eu chegaria a *the childs will must*, visto que para formar o plural junta-se o -s e para formar o futuro coloca-se o auxiliar *will* diante do verbo normal (tal qual o encontramos no presente). Mas eu não tenho o direito de fazer isso. Eu devo dizer *the children will have to*, porque a gramática inglesa decreta que “criança” tem um plural irregular e que eu não tenho o direito de empregar a palavra normal para “dever”, *must*, após a marca do futuro, o auxiliar *will*.

Não há aí, dirão alguns, nenhuma obediência absurda, nenhuma manifestação de poder da parte do mais forte; pura e simplesmente é preciso respeitar essas exceções para fazer-se entender. Aqueles que raciocinam dessa forma estão condicionados. Aceitam seu papel de escravo. Eles repetem argumentos totalmente falsos porque estão contaminados pela síndrome de Babel, que os impede de encarar sua condição. Eles não ousam afirmar seu direito à dignidade. Eles escondem de si a verdade, de importância capital para nosso propósito: **Nós nos entenderíamos igualmente bem se disséssemos *the childs will must*.**

Essa observação é objetivamente verdadeira, mas não me faça dizer o que não digo. Não preconizo em absoluto desfigurar o inglês. Tenho respeito demais para com toda língua humana para propor uma solução saqueadora de um aspecto da beleza cultural do mundo. Estamos tão somente na análise da situação. Em breve examinaremos as medidas a tomar. Mas devemos ter consciência das relações entre língua, constrangimento arbitrário e poder.

O fato de que se trata de uma questão de poder aparece bem nitidamente em sala de aula. Quando o aluno pergunta: “Por que não se pode empregar *must* depois de *will*?”, o professor responde: “Porque é assim que é”. O pobrezinho nada mais pode dizer. Mas a mensagem subjacente não poderia ser mais autoritária: “Isso que me obrigam a impor a você nada tem a ver com a lógica, com todo o movimento natural, nem com as necessidades da situação. Você o fará porque eu o digo a você.”

E o mundo inteiro põe-se de joelhos diante do povo dominante do momento: os franceses do século passado, amanhã, talvez, os japoneses, hoje os anglo-saxões. Os pobres indonésios, para quem a ideia de um verbo irregular é aberrante (“a gente se entende tão bem sem isso, por que vocês complicam a vida?”), devem gaguejar *think-thought-thought, sing-sang-sung, go-went-gone...* Os pobres eslovenos, croatas, tchecos, para quem a ideia de que uma palavra possa ser escrita de outra forma que não de acordo com sua pronúncia parece mórbida (“nós temos para cada letra um som, para cada som uma letra, isso funciona totalmente bem, por que vocês complicam a vida?”) devem enfiar na cabeça que *ough* se pronuncia mais ou menos como “óf” em *tough*, como “u” em *through*, como “ô” em *though...* Os pobres húngaros, os pobres japoneses, os pobres bantos que não têm em suas línguas respectivas mais do que um único pretérito e exprimem as diversas nuances de nossas conjugações por meio de advérbios ou de partículas devem aprender que aquilo que, para eles, seria simplesmente o pretérito de “ir” deve ser em inglês, dependendo do caso, *went, has gone, had gone, is gone, was going, had been going, would go, used to go ...* (para nos

limitarmos à terceira pessoa do singular e não introduzirmos os *have*, *am* e outros *were* que, além disso, é preciso saber utilizar corretamente).

O sistema de comunicação linguística no mundo de hoje em dia está fundado na utilização de uma multidão de elementos arbitrários totalmente inúteis para a eficácia e o prazer da comunicação e que só entram em linha de conta porque as relações linguísticas são relações de forças, relações de poder.

Talvez deva eu precisar que eu amo o inglês e a cultura anglo-saxã (a verdadeira, não aquela de exportação). Mas no domínio linguístico, a síndrome de Babel atinge o conjunto da sociedade. Assim, indivíduos que podem ser de resto eminentemente simpáticos são tomados por um sistema doente no qual se instauraram relações de poder sem lugar justificável dentro dos intercâmbios de ideias ou de informações.

Infelizmente, dela só se dão conta aqueles que foram curados da síndrome de Babel. O mundo ignora essa categoria de pessoas. Elas, entretanto, existem. É tempo de ver como as coisas se passam junto a elas, e em que consiste a cura.

O dia em que o telefone era tabu

Para dizer a verdade, não vai ser fácil explicar aquilo de que se trata. Nós atacamos aquilo que o jargão psicológico chama de uma neurose. Num corpo cujos órgãos são todos sãos, pode haver uma doença que acometa no nível do funcionamento, das relações entre os órgãos. Da mesma forma, numa sociedade como a nossa, milhões de indivíduos podem ser psicologicamente muito sãos e viver numa sociedade neurótica. Ora, a neurose de Babel reage como toda neurose: ela se defende, ela resiste. E seu abrigo não se situa nas camadas racionais do funcionamento social, ou do conjunto dos indivíduos atingidos. Eis porque, como a experiência o confirma, a abordagem pela simples razão é improdutiva. É preciso, é claro, ter raciocínios que se sustentem, fundados sobre fatos incontestáveis. Mas isso não basta para provocar uma tomada de consciência. Quando o problema tem raízes afetivas, a imagem dá resultados bem melhores. Eis porque eu tentarei abordar o problema da cura com ajuda de uma metáfora.

Imagine uma conferência de alto nível reunida para discutir sobre a transmissão de informações de todos os tipos, não necessariamente confidenciais. Os participantes falam do custo dos mensageiros, do interesse que há em agrupar os envios, das vantagens e inconvenientes respectivos do trem, do automóvel, da bicicleta e do helicóptero. Todo mundo se exprime com a maior seriedade. E eis que de repente alguém pede a palavra e diz: “Mas todas as suas sugestões não têm muito sentido. Em todos os casos dos quais vocês falam, há uma solução ao mesmo tempo simples e agradável: o telefone, assim como a transmissão telefônica da informação escrita: o fax ou a telecopiadora.” Naquele momento, toda a assembleia explode de rir. A maioria nem mesmo compreende como pôde o interventor falar seriamente. Mas uma vez que elas se dão conta de que era sério, elas o atacam com comentários pronunciados com o tom que as pessoas grandes adotam para dirigirem-se às crianças insensatas:

- Sim, ouvimos falar dessa invenção, mas todo mundo sabe que isso não funciona.
- O telefone, isso não é humano, não é algo vivo como um mensageiro, é simplesmente uma coisa. Como poderíamos pedir ajuda com esse aparelho, em caso de urgência?

- Nós falamos de comunicação verdadeira, de comunicação humana. O telefone e o fax não apareceram de forma natural. Como poderiam eles servir à expressão dos sentimentos? Ou para discutir noções técnicas?
- E, sobretudo, de um nível de abstração elevado. O telefone ou a telecopiadora, isso é terra-a-terra, isso poderia a rigor prestar alguns serviços para os pequenos detalhes da vida cotidiana. Mas a partir de um certo nível de abstração, a mensagem simplesmente não seria passada.
- Quando a pessoa que propôs o telefone insiste:
- Mas eu juro para vocês, ele funciona muito bem, mesmo para tudo isso. Posso garantir a vocês, eu o utilizei eu mesmo...,
- Toda a assembleia o faz calar-se e o presidente faz-se aplaudir quando, dando uma grande batida com seu martelo de madeira, brada:
- Esta reunião foi convocada para debater com seriedade um problema sério. Nós não temos tempo para consagrar a infantilidades. Já basta disso. Propostas relativas a uma coisa tão folclórica, tão absurda, tão utópica quanto essas pretensas ligações telefônicas não têm aqui seu lugar.

O remédio é tabu

Sem dúvida a maioria dos leitores julgará aquela cena impossível. Ela, contudo, se repetiu, no mais alto nível, dezenas, ou mesmo centenas de vezes. Com o pequeno detalhe de que não se tratava do telefone, mas de um sistema igualmente eficaz para comunicar passando por cima das barreiras linguísticas, sistema realmente conhecido, por experiência própria, por aquele que o propunha... Não é científico alguém negar a existência e as características de um fenômeno recusando-se a observá-lo, ao passo que ele é perfeitamente observável e reproduzível. O que é verdadeiro em ciência é igualmente verdadeiro em direito: não se condena um réu sem haver reunido todas as peças pertinentes e sem haver estudado o caso. Em medicina, não se rejeita um novo medicamento sem haver analisado sua ação farmacodinâmica e sem havê-lo comparado, em ensaios clínicos, com um placebo e com os medicamentos conhecidos.

Mas a partir do momento em que se trate do remédio que cura Babel, as pessoas que dispõem de poder – ministros, membros de comissões parlamentares, assembleias nacionais, responsáveis em diversos níveis pelo ensino das línguas ou pelas trocas culturais, jornalistas chamados a tratar dos problemas de comunicação linguística, instâncias encarregadas do assunto por uma petição de âmbito mundial (esse foi o caso do Secretariado da ONU, nós voltaremos a isso) – têm o comportamento descrito acima: elas consideram, sem nada conhecer a respeito, que se trata de uma infantilidade. Eximindo-se de verificar os fatos, elas se encerram dentro da neurose babélica. Não é preciso assombrar-se: uma das características de toda psicopatologia é o medo do real. Percebido como confortador, o mito é preferido à verdade, porque esta é desconhecida e o desconhecido causa medo.

Houve na história algumas exceções notáveis à regra segundo a qual o assunto nunca é levado a sério pelas instâncias que dele se encarregaram. Por exemplo, o relatório de um grupo de trabalho do Ministério Finlandês da Educação, publicado em 1984, pronuncia-se claramente a favor do remédio que será descrito no capítulo seguinte. Mas é sobretudo o Secretariado Geral da Sociedade das Nações que merecerá as felicitações de todo pesquisador honesto que se interessa por essas questões. Em setembro de 1922, ele apresentava um

relatório notavelmente objetivo que quase mudou a face do mundo. Para dizer a verdade, foi por muito pouco, pois uma recomendação que figura no documento teria permitido aos Estados, se eles a tivessem aplicado, dar o golpe de misericórdia em Babel de forma totalmente mais respeitosa em relação à diversidade cultural e linguística de nosso planeta do que a feita pela sociedade de hoje em dia.

Se aquela recomendação tivesse sido seguida, em todo o mundo pessoas de línguas diferentes poderiam dialogar sem qualquer dificuldade, em pé de igualdade. A limitação linguística não mais existiria. A coisa, de resto, poderia ser bem facilmente organizada nos dias de hoje. Bastaria que os Estados se coordenassem para introduzir uma modificação no ensino de línguas durante um ano escolar somente, o que, em vista dos benefícios imensos que disso decorreriam, representaria um ajuste bem modesto. E de baixo custo.

O leitor se recorda sem dúvida dos dois jovens empregados da Cruz Vermelha citados no Capítulo 2. Dois jovens que, raptados no Líbano e dividindo o mesmo cativeiro, sofreram vivamente por terem que entre si balbuciar, em lugar de poder dialogar com profundidade, porque um era de língua alemã e o outro de língua francesa. Se aquela recomendação tivesse sido seguida, eles teriam conversado desde o primeiro dia como nós o fazemos em nossa língua materna. O Diretor Executivo de uma pequena ou média empresa que perde um negócio da China porque seu inglês é insuficiente para a negociação delicada que ele realiza com parceiros estrangeiros não teria tido qualquer dificuldade de fechar o negócio: ele teria conversado como ele faz em seu país. Os jogadores e atletas que se encontram por ocasião dos Jogos Olímpicos ou da Copa do Mundo de futebol não ficariam reduzidos à sua comunicação por movimentos com a cabeça, sorrisos e caretas: eles poderiam dialogar. As federações mundiais disso ou daquilo que enviam delegados a uma assembleia não seriam constrangidas a dar prioridade às suas associações anglo-saxãs para garantir sua representação: os debates refletiriam realmente a diversidade cultural do mundo. O grande mercado comum europeu não esbarraria na barreira das línguas. Quanto às economias realizadas, elas se calculariam em bilhões.

Não é então falso dizer que o mundo de hoje seria muito diferente se tivesse sido ouvida a sabedoria do Secretariado da Sociedade das Nações, que, é preciso sublinhar, não partia de ideias extravagantes, mas de um estudo sério e documentado dedicado a um meio prático de corrigir o problema da comunicação interpovos.

Esse estudo havia sido feito, após uma primeira iniciativa do Irã, a pedido de treze países. Eu os cito, pois a identidade dos “favoráveis” e dos “contrários” é esclarecedora para nosso propósito: África do Sul, Albânia, Bélgica, China, Colômbia, Finlândia, Índia, Irã (Pérsia), Japão, Polônia, Romênia, Tchecoslováquia e Venezuela. Perceber-se-á que os países bilíngues ou multilíngues constituem mais da metade das delegações que patrocinam esse projeto: África do Sul, Bélgica, China (falam-se neste país muitas outras línguas além do chinês: uigur, mongol, lolo, e mesmo tibetano nas províncias próximas do Tibete...), Finlândia, Índia, Iran, Romênia, Tchecoslováquia. Notar-se-á igualmente que os países unilíngues cujas línguas ocupavam na época um lugar importante no cenário internacional não figuram nessa lista.

De fato, foram as grandes potências que naufragaram esse projeto. É triste ser obrigado a dizer que o país que mais manobrou para esse fim foi a França. Seus políticos da época tomaram assim diante da história uma responsabilidade de uma gravidade que sem dúvida não será reconhecida antes de um século ou dois. A soma dos sofrimentos individu-

ais que suas mentalidades etnocêntricas e suas visões curtas terão provocado é incalculável. Para retomar um pequeno exemplo limitado, mas representativo de centenas de milhares de situações análogas, se eles tivessem votado de forma diferente, os africanos que foram privados dos projetos de saneamento, de luta contra as doenças e outras atividades em favor da saúde porque a assembleia da OMS acreditou-se obrigada a fazer um agrado aos países de língua árabe e chinesa teriam sem dúvida obtido aquilo que lhes era inicialmente destinado. Mas é em todos os níveis que a decisão das grandes potências feriu a humanidade, privando-a de um remédio simples e eficaz contra Babel.

Quando pessoas de línguas diferentes têm negócio umas com as outras, elas são condenadas a se comportarem, em 80% dos casos, como surdos-mudos que não teriam tido a chance de aprender a língua dos sinais. Em 10% dos casos nos quais a competência linguística dos parceiros é um pouco maior, a desigualdade, não obstante, continua gritante. A soma das frustrações, das complicações, dos mal-entendidos e dos sofrimentos que essas situações comportam é impossível de calcular, sobretudo se levarmos em conta todos os casos nos quais o estrangeiro, por ter dificuldade em fazer-se compreendido, é vítima de injustiças ou de abusos de poder. Tudo isso teria sido evitado se as grandes potências, nos anos vinte, tivessem tido mais senso de solidariedade humana, ou um pouco menos de convencimento na certeza de sua superioridade intelectual.

É mortificante ler as atas das sessões de comissão na qual a questão foi discutida. Em momento algum, esses senhores das grandes potências, e de pequenos países que eles tornaram clientes (no sentido que se dava a esse termo na Roma antiga), fundamentam-se na verificação. Eles aturdem os outros membros por meio de uma violenta matracada a base de afirmações falsas, como se a força posta para afirmar pudesse dispensar o conhecimento dos fatos. A má fé mais vergonhosa associa-se assim a argumentos imbecis, destinados essencialmente, ao que parece, a impedir a verificação da realidade.

A solução preconizada para curar o mundo da síndrome de Babel consistia em distinguir os níveis de comunicação. Constatando que as línguas nacionais não eram adaptadas ao uso internacional, o Secretariado da SDN propunha escolher para aquele uso um remédio específico, uma língua-ponte. A justiça, a eficácia e o respeito a todas as culturas só teriam a ganhar com isso. Ora, o estudo da SDN estabelecia que...

É melhor não, não seria justo apresentar o remédio dessa maneira, às escondidas, como uma sombra, em fim de capítulo. Ele merece ser colocado bem no centro do palco, sob uma iluminação que lhe realce plenamente o valor, sob a condição de provocar um zumzumzum na plateia ou de ter o efeito de uma bomba. Baixem as cortinas, então. E paciência. As cortinas vão se abrir em um novo ato, aquele no qual a intriga se estabelece verdadeiramente: o Capítulo 7.



Figura 7: Plenário da Sociedade das Nações em 1920

Capítulo 7

Uma solução que merece ser considerada

Estudando os fatos, o Secretariado da SDN havia descoberto que por todo o mundo existia um determinado meio liberto de Babel: pessoas que, em seus contatos com o estrangeiro, utilizavam uma língua que respeitava totalmente a tendência universal à assimilação generalizadora, casando assim perfeitamente com o movimento natural do pensamento. Fácil, porém rica, essa língua-ponte não pertencia a nenhuma nação e, por conseguinte, permitia transcender os problemas de poder.

Para dizer a verdade, não há nenhuma razão para nos exprimirmos no imperfeito: essa língua ainda vive, sempre utilizada por pessoas que acham as barreiras linguísticas incômodas e apreciam a comodidade no diálogo internacional.

O documento publicado pela SDN preconizava recorrer-se a ela. Pode-se nele ler uma recomendação feita aos países para que *“reconheçam a importância de difundir o uso universal de uma língua auxiliar prática para facilitar a comunicação internacional, engajando-se em introduzir gradualmente em suas escolas públicas o ensino do esperanto e em informar a Sociedade das Nações das medidas que eles decidirem tomar a esse respeito, seja por disposição legislativa, seja por decreto administrativo.”*⁴⁵

Um consultor que negligenciasse observar em campo uma das soluções aplicadas para o problema que deveria analisar pecaria tanto contra a honestidade intelectual quanto contra a consciência profissional. Quer isso agrade ou não, existem alguns milhões de pessoas que se comunicam de uma zona linguística a outra por meio do esperanto. É a língua que Franz Jonas, Presidente da República Austríaca, utilizou certa vez com seu homólogo iugoslavo Tito para uma conversa confidencial. Foi igualmente em esperanto que o Sr. Ingemind Bergtsson, presidente do Parlamento Sueco conversou há alguns anos com o Sr. Chu Tunan, vice-presidente da Assembleia Nacional Chinesa.⁴⁶ Essa era uma das quatro línguas utilizadas em 1º e 2 de junho de 1991 pelo Congresso Europeu dos Verdes, em Zurique. Não bastam esses três exemplos para justificar um estudo mais aprofundado? A partir do momento em que se trate de fatos reais, nosso relatório de consultores apresentaria uma lacuna inadmissível se nos omitíssemos de verificar como, na prática, essa solução se compara às outras e, sobretudo, qual é sua eficácia em relação ao investimento que ela demanda.

No caso em que a primeira reação do leitor ao ler a palavra esperanto tiver sido de erguer os ombros e balançar a cabeça com comiseração, seria bom que ele interrompesse alguns minutos sua leitura para fazer-se uma pergunta: por quê?

O fato de que a atitude de rejeição precede o estudo do assunto deveria deixá-lo com a pulga atrás da orelha. Será que ele não foi gravemente condicionado pelos cúmplices de Babel? Se ele dá valor à honestidade intelectual, ele deve se questionar sobre sua reação, se

⁴⁵ Sociedade das Nações, *O esperanto como língua auxiliar internacional. Relatório do Secretariado Geral* (Genebra: SDN, 1922), p. 44.

⁴⁶ *Courrier du Personnel*, Bruxelas: Comissão das Comunidades Europeias, 1984, novembro, 458, p. 67.

dizer que sua atitude negativa pode resultar, não de seu bom senso ou de seu conhecimento de causa, mas de uma manipulação sutil da qual ele foi objeto sem que se lhe deem os meios de dela tomar consciência. Será que ele tem certeza de poder distinguir o conhecido do ignorado, o real do mítico? Quem diz que aquela que ele toma como sendo uma opinião sensata, justificável por uma dezena de objeções que ele sente formularem-se nele não é fruto de um hábil condicionamento?

Um pequeno teste

Se há uma manipulação, vale a pena tomar consciência dela, e não existe outro meio para fazer isso a não ser verificando os fatos. Em outras palavras, é preciso tomar o cuidado de não acreditar na palavra de quem quer que seja, seja ele jornalista, linguista, político ou o autor da presente obra. Seria absurdo substituir um condicionamento por outro. Tudo aquilo que será apresentado no presente capítulo pode ser comprovado. De resto, sem isso, nosso trabalho de consultores seria vão. Só se cura uma neurose por meio da verdade. Não são mitos ou utopias que poderão triunfar sobre Babel, são fatos. Eis porque poderia ser útil, antes de prosseguir, que o leitor testasse seu grau de conhecimento da questão. Ele poderá fazê-lo dando, a cada uma das dez afirmações seguintes, o julgamento “verdadeiro” ou “falso”:

1. O esperanto é um projeto de língua universal, mas não é uma língua de verdade, visto que ninguém nunca o falou. “Falado em parte alguma, o esperanto só existe nas reivindicações de seus adeptos”.⁴⁷

2. Toda língua evolui; o esperanto não pode ser considerado como uma língua viva visto que ele não pode evoluir.

3. “O esperanto dá conta das conversas cotidianas que tratam da comida, da roupa, das viagens e de esporte, mas ele não contém as nuances de significado necessárias para discutir política, religião ou filosofia.”⁴⁸

4. Nenhuma criança tem o esperanto como língua materna.

5. Ninguém jamais escreveu um romance ou um poema original em esperanto.

6. É possível encontrar em esperanto *Asterix o Gaulês*, de Goscinny et Uderzo; *O Pequeno Príncipe*, de Saint-Exupéry; *A Monadologia* de Leibniz; os *Rubayats* de Omar Khayyam; *A Náusea*, de Sartre; *Eugene Onegin*, de Puchkin; *a Divina Comédia*, de Dante; o *Romance de quat'sous*, de Brecht; *A pedra que tem fome*, de Rabindranath Tagore; *A Ilha Negra*, de Hergé; *as Cinco Cortesãs* de Ihara Saikaku; *as Flores do Mal* de Baudelaire; o *Manifesto do Partido Comunista*, de Marx e Engels; a Bíblia; e dezenas de milhares de obras, entre as quais numerosas publicações chinesas, vietnamitas e japonesas.

7. Desde 1985, não houve um único dia sem que o esperanto fosse em alguma parte do mundo a língua de um congresso, de um encontro, de um curso ou de uma reunião internacional.

⁴⁷ Madeleine Loeventhal, “Uma língua sem povo”, *Cités Unies*, 1984, julho, 114, p. 9.

⁴⁸ Alan S. C. Roses, *Die Welt verständigt sich* (Klagenfurt: Buch und Welt, 1970), pp. 78-79.

8. A Rádio Pequim e a Rádio Polônia (Varsóvia) emitem respectivamente quatro e seis vezes por dia em esperanto, a Rádio Vaticano duas vezes por semana. Muitas outras emissoras têm igualmente programas semanais ou quinzenais nessa língua.

9. Encontram-se esperantófonos em mais de 100 países, de todas as partes do mundo. Por exemplo, em Lukala (República Democrática do Congo, antigo Zaire), várias centenas de africanos sabem esperanto.

10. Existem vários tipos de conceitos que se exprimem facilmente em esperanto mas que não são fáceis de formular em nossa língua.

A resposta é simples e o leitor terá sem dúvida adivinhado percebendo a diferença de estilo entre as afirmações propostas: as cinco primeiras são falsas, as cinco últimas são verdadeiras. Retomemos rapidamente as afirmações uma a uma.

1. O esperanto não é uma língua universal, mas internacional. Ele tem algo de universal no sentido de que ele serve a todos os usos para os quais uma língua pode servir, mas ele só tem sentido como meio de comunicação entre pessoas de línguas diferentes e em respeito às suas línguas respectivas. Por outro lado, ele é falado cotidianamente. Há pessoas que trabalham nessa língua e que assim a utilizam todo dia, por exemplo para perguntar a um colega onde ele pôs as tesouras, informar-se sobre o que se planeja fazer no almoço ou discutir assuntos importantes tais como a perseguição dos esperantófonos sob tal ditadura ou os meios para enfrentar os problemas decorrentes da não-conversibilidade do rublo. Um dos lugares onde se pode facilmente verificar a realidade do esperanto falado é a sede da Associação Universal de Esperanto (nº 176, Nieuwe Binnenweg, NL-3015 Rotterdam BJ, Holanda). Mas pode-se fazer a mesma verificação em muitos outros lugares. Por exemplo, pode-se escutar como soa o esperanto a mais de mil metros de altitude, no Centro Cultural Esperantista (informações: KCE, Case postale 779, CH-2301 La Chaux-de-Fonds, Suíça) ou no Centro Internacional de Estágios de Esperanto dos montes Rodopi, na Bulgária (informações: Internacia Esperanto-Kursejo, Boîte postale 36, BG-4700 Smoljan, ou Esperantoturist, BEA, Pozitano 40, BG-1000 Sófia, Bulgária). Para aqueles que preferirem países distantes, pode-se escolher o Centro Oomoto (EPA, Oomoto, Ten'onkyô, Kameokasi 621, Japão). Mas para quem preferir algo menos exótico, o Château de Grésillon (F-49150, Baugé, França) fornecerá, pelo menos de junho a outubro, a prova de que o esperanto é uma língua bem viva e cuja eficácia nas relações entre estrangeiros é fácil de testar. O leitor que não tiver vontade de se deslocar poderá verificar a realidade do esperanto falado lendo a obra *Etnografia da Comunicação em um meio social exolíngua: O Centro Cultural Esperantista de La Chaux-de-Fonds*, de Lilli Papaloizos.⁴⁹

2. O esperanto evolui, assim como qualquer outro idioma. Como existe nessa língua uma quantidade enorme de documentos estendendo-se por pouco mais de um século, não há nenhuma dificuldade em seguir essa evolução.⁵⁰

⁴⁹ *Ethnographie de la communication dans un milieu social exolingue: Le Centre culturel espérantiste de La Chaux-de-Fonds*, Berna: Peter Lang, 1992, 254 páginas.

⁵⁰ "A few notes on the evolution of Esperanto" in Klaus Schubert, red., *Interlinguistics*, nº 42 da série de estudos e monografias *Trends in Linguistics*, Berlim - Nova Iorque: Mouton de Gruyter, 1989; pp 129-142.

3. Toda pessoa que tem competência em línguas sabe que é mais fácil exprimir-se com um alto nível de abstração do que falar de coisas concretas com precisão. Isso já é verdade entre pessoas de mesma língua materna. Quatro francófonos, um belga, um francês, um habitante do Québec e um suíço não terão qualquer dificuldade em se compreenderem se se trata de política ou de filosofia. Por outro lado, no domínio dos aspectos concretos da vida cotidiana poderá haver sérios mal-entendidos. Aquilo que é uma *serpillière* (avental grosseiro) na França é um *torchon* na Bélgica, uma *guénille* no Québec e uma *panosse* na parte de expressão francesa da Suíça. A palavra *laitue* (alface) não tem o mesmo sentido na França e na Suíça. O saco de papel no qual a vendedora põe o produto que você acabou de comprar é um *cornet* na Suíça, um *sachot* em certas partes da Bélgica, uma *poche* no sul da França. As coisas são ligeiramente diferentes no mundo do esperanto, pois praticamente não há palavras regionais, mas o conhecimento do léxico é muito maior, no esperantófono médio, nos domínios gerais do que nos domínios específicos. A citação, vergonhosamente falaciosa, apresentada no ponto 3 acima é extraída de uma enciclopédia de grande tiragem. Ela é infelizmente típica daquilo que se publica sobre o esperanto: o autor não se deu ao trabalho de verificar os fatos. Ele repetiu um prejulgamento que parece plausível, mas que não se sustenta uma vez que se observe a realidade.

4. Certo número de crianças tem o esperanto como língua materna. Trata-se mais frequentemente de crianças nascidas de pais de línguas diferentes que se conheceram no meio esperantista. O esperanto é então, em geral, a única língua comum ao casal e continua a ser a língua em que marido e mulher têm mais facilidade. Eu conheço pessoalmente muitos casais desse tipo: neozelandês – húngaro, francês – alemão, tcheco – venezuelano, italiano – polonês, italiano – alemão, holandês – japonês, canadense – croata, etc.⁵¹

5. Bom número de romances originais foram escritos e publicados em esperanto, desde o surgimento da língua, e isso continua nos dias de hoje. O leitor céptico poderá reportar-se ao Capítulo 5, “La littérature”, do *Que Sais-Je* nº 1511⁵² ou ao Relatório “La littérature en espéranto” da Enciclopédia Clarté.⁵³ No que se refere à poesia, basta consultar as diversas revistas literárias que existem em esperanto para dar-se conta de a que ponto ela é viva nessa língua. Citemos por exemplo as revistas *Fonto* (Caixa Postal 49, BR-89801-970 Chapecó (SC), Brasil), *Literatura Foiro* (Casella postale 232, CH-6830 Chiasso, Suíça) e *Penseo* (Lin Liyuan, 72/501 Xiatangxilu, Guangdong, Guang Zhou, 510050 China). Uma antologia⁵⁴ de 887 páginas, editada em 1984, permite fazer-se uma ideia dessa literatura: lá se encontram 706 poemas de 163 poetas de 35 países; todas as partes do mundo lá estão representadas. Nós veremos em breve por que diversas características do esperanto fazem dele uma língua que estimula a criatividade poética.

⁵¹ Sr. Renato Corsetti e Sra. Anna Löwenstein (Colle Rasto, I-00039 Zagarolo, Itália), poderiam confirmar essa realidade ao leitor. O esperanto é sua língua familiar e eles editam um boletim destinado às famílias binacionais esperantófonas.

⁵² Pierre Janton, *L'espéranto*, Paris: Presses Universitaires de France, 3ª edição, 1989.

⁵³ Paris: Éditions techniques, 1976; pode-se igualmente encontrar esse texto em SAT-Amikaro, 67 avenue Gambetta, 75020 Paris.

⁵⁴ William Auld, red., *Esperanta Antologio* (Rotterdam: UEA, 1984).

6. Todas as obras citadas estão efetivamente disponíveis.⁵⁵ A atividade editorial vai bem no mundo do esperanto: surgem atualmente em média dois ou três títulos por semana nessa língua (contra um título por quinzena há trinta anos).

7. É verdade: o esperanto é a língua de incontáveis encontros, congressos e cursos organizados no mundo inteiro. Uma lista não exaustiva das manifestações dos doze meses seguintes aparece em geral em torno de 21 de março no *Heroldo de Esperanto*.⁵⁶ O leitor pode verificar: cada dia, em alguma parte do mundo, um grupo internacional de pessoas participa de uma reunião cuja língua é o esperanto.

8. O número de programas radiofônicos regulares em esperanto não para de crescer. A maior parte é difundida em ondas curtas, o que permite alcançar o mundo inteiro com um único emissor. Encontrar-se-á confirmação desses programas em qualquer bom anuário que enumere as emissões regulares em ondas curtas.

9. Várias centenas de Lukalenses sabem efetivamente o esperanto. Essa língua é utilizada no mundo inteiro. Uma pesquisa que eu realizei a respeito da composição do mundo esperantófono⁵⁷ revela que se encontram usuários do esperanto em todas as partes do mundo e na quase totalidade dos meios profissionais. O ocidental médio não tem a menor ideia da difusão do esperanto no mundo, a qual eu posso testemunhar pessoalmente, tendo tido a chance de trabalhar, principalmente para a ONU e a OMS, em todos os continentes. Descrevendo sua viagem na África, um membro da União Francesa para o Esperanto cita, por exemplo, um pequeno vilarejo na República Democrática do Congo (antigo Zaire) onde ele passou a noite:

“Fui acolhido na casa do Sr. Mbemba. É um camponês que aprendeu esperanto e que, apesar das dificuldades, criou em seu vilarejo um clube esperantista”.⁵⁸

Pergunte às pessoas do seu meio se existem camponeses africanos que falam esperanto e todo mundo rirá na sua cara. Mas para aqueles que foram ver *in loco*, trata-se de um fato incontestável: a realidade da qual se é testemunha é mais forte do que todas as ideias recebidas. Eis aqui um outro depoimento que causará o mesmo espanto, sem dúvida alguma, no leitor ocidental. Ele é tirado de uma narrativa de viagem que, de resto, nada tem a ver com a questão das línguas. Os Hunzas nela citados vivem numa região de acesso muito difícil, no alto do platô de Pamir, na parte norte da Caxemira, ocupada pelo Paquistão e reivindicada pela Índia, nos confins do Afeganistão, do Tadjiquistão e do Tibete:

⁵⁵ Elas serão encontradas por exemplo na Biblioteca Butler (Esperanto Centre, 140 Holland Park Avenue, Londres W11 4UF). Pode-se igualmente consultar um bom número de obras em esperanto dirigindo-se ao Internationales Esperanto-Museum (Hofburg, A-1010 Viena, Áustria), do qual qualquer publicação pode ser emprestada por intermédio das grandes bibliotecas públicas da Europa passando pela Biblioteca Nacional da Áustria (Josefplatz 1, A-1014 Viena).

⁵⁶ Ver p. ex. o número de 30 de março de 1993, e o complemento trazido no número de 20 de abril do mesmo ano. Endereço: *Heroldo de Esperanto*, Via N. Sandre 15, I-10078 Venaria Reale (TO), Itália.

⁵⁷ Claude Piron, “Who are the speakers of Esperanto?”, in Klaus Schubert, red., *Interlinguistics*, op. Cit., 157-172.

⁵⁸ Philippe Chavignon, “Voyage en Afrique”, *Revue française d’espéranto*, junho de 1990, nº 412, p. 160.

“Os Hunzas acolheram-me calorosamente. (...) O chefe deles era denominado o Mir e estava cercado por um grupo de anciãos. (...) Eu fui apresentado ao Mir que morava na maior casa de um vilarejo todo feito de pedras. O Mir era um tipo jovial, que exibia um enorme bigode. Assentados sobre peles de carneiro, tentamos encontrar uma língua comum. Isso foi difícil até que algumas palavras em esperanto me vieram à lembrança. Seus olhos puseram-se a brilhar pois ele havia achado um dia um pequeno dicionário de esperanto com uma gramática de duas páginas que ele posteriormente utilizou para corresponder com pessoas do mundo inteiro. Por esse meio indireto eu então me aproximei dos Hunzas.”⁵⁹

Pessoalmente, eu encontrei em Xi'an um jovem agricultor chinês que morava em plena zona rural, a uma centena de quilômetros daquela cidade grande, e que falava muito bem o esperanto. Nós permanecemos em contato epistolar após meu retorno à Europa. Sua ambição, por outro lado, era tornar-se um escritor na língua de Zamenhof. Esses fatos são tão desconhecidos que eles podem passar por exageros. Trata-se, todavia, da realidade que qualquer pesquisa honesta permite verificar. Acredite-se nele ou não, um fato continua sendo um fato. E é um fato que a pessoa que se dedica ao esperanto não tarda a ter contatos no mundo todo. Assim, uma vez aprendida a língua, basta filiar-se a uma associação mundial de esperantófonos para receber um anuário indicando os nomes, endereços e números de telefone dos representantes locais da associação, com quem é possível relacionar-se sem problema de língua.⁶⁰

10. Por razões de estrutura, o esperanto presta-se facilmente à expressão de ideias que, em nossa língua, exigem circunloquções e provocam com frequência hesitações. O leitor talvez se recorde da frase citada na página 147: “Aquela reação me fez sentir ins... in.. me mergulhou na insegurança”. Ela revela que se o francês tem o adjetivo *sûr* (seguro), o substantivo *sécurité* (segurança) e o substantivo *insécurité* (insegurança), está vazia a casa correspondente ao adjetivo “que está na insegurança”:

<i>sûr</i>	<i>sécurité</i>
-	<i>insécurité</i>

Esse gênero de lacuna não existe em esperanto, língua em que se forma por si mesmo o adjetivo a partir do substantivo, ou o substantivo a partir do adjetivo, ou, para ser mais exato, em que não há categoria de palavras, mas terminações que permitem empregar todo conceito sob forma adjetiva, substantiva, verbal, adverbial, etc. Em esperanto, a tabela seguinte não pode, por definição, comportar nenhuma lacuna:

<i>muziko</i>	<i>kanto</i>
<i>muzika</i>	<i>kanta</i>
<i>muzike</i>	<i>kante</i>
<i>muziki</i>	<i>kanti</i>

A tabela correspondente em francês e em português está longe de ser completa:

⁵⁹ Edmond Bordeaux-Szekely, *L'incorrigible optimiste*, Genebra: Éditions Soleil, 1984, pp. 28-29.

⁶⁰ Ver por exemplo o *Jarlibro* da Associação Universal de Esperanto (Nieuwe Binnenweg 176, NL-3015 BJ Rotterdam, Holanda, fax: +31 10 436 1751, <http://>)

<i>musique</i> (música)	<i>chant</i> (canto)
<i>musical</i> (musical)	-
<i>musicalement</i> (musicalmente)	-
-	<i>chanter</i> (cantar)

Nossas línguas têm *vocal* e *coral*, mas esses adjetivos correspondem a *voz* e *coro*, *respectivamente*, nenhum corresponde a *canto*. E ainda que a música se assemelhe ao canto, visto que se trata nos dois casos de produzir beleza ou exprimir sentimentos por meio de sons, por que somente um deles tem direito a um verbo em nossas línguas? Em esperanto, dir-se-á facilmente: *ili muzikis tutnokte*, “eles fizeram música a noite toda” (-is marca o verbo no passado; -e indica a circunstância ou a maneira). De resto, se disséssemos em nossas línguas: *eles musicaram a noite toda*, todo mundo entenderia. Eis outro exemplo:

<i>biciklo</i>	<i>bicicleta</i>	<i>skio</i>	<i>esqui</i>
<i>bicikla</i>	<i>ciclístico</i>	<i>skia</i>	-
<i>bicikle</i>	-	<i>skie</i>	-
<i>bicikli</i>	-	<i>skii</i>	<i>esquiar</i>

Já se adivinhou: *bicikle* (pronunciar: /bitsík-le/, acento tônico na penúltima sílaba, em fonética: [bi'tsi:kle]) quer dizer “de bicicleta”, *bicikli* “ir de bicicleta”, *skie* “de esquis”.

Um dia, na Croácia, eu conversava em esperanto num pequeno grupo internacional. Um africano, falando da vida nas regiões rurais de seu país, utilizou espontaneamente a palavra *kaprejo*, “cercado onde se guardam as cabras”. Ele sabia bem francês e, tendo eu notado a palavra naquele instante, perguntei-lhe pouco depois como ele teria dito aquilo em francês. Ele me explicou que essa noção se exprimia por tal ou tal palavra em línguas africanas de seu conhecimento, mas que ele acreditava não ter jamais encontrado um equivalente em francês. Efetivamente, nós temos palavras como *bergerie* (curral), *écurie* (estrebária), *porcherie* (chiqueiro), mas nada que corresponda às cabras ou aos camelos (em esperanto *kamelejo*, “local onde se guardam os camelos”). Para mim, assim como para os eslovenos, croatas, italianos, húngaros e austríacos que lá se encontravam, a palavra *kaprejo* aparecia pela primeira vez em nossa vida de esperantófonos, mas todos nós a entendemos imediatamente. E, em esperanto, é uma palavra totalmente correta, mesmo que ela não figure em nenhum dicionário. Uma das grandes satisfações das pessoas que seguem um curso de esperanto é poder, desde as primeiras lições, formar por elas mesmas palavras sem equivalente em qualquer outra língua de seu conhecimento e que são imediatamente compreensíveis por seus colegas. A satisfação vem em parte do fato que se redescobre uma criatividade de linguagem perdida desde a entrada na escola.

Essa maneira de agir é totalmente natural, pois ela aplica o sistema da assimilação generalizadora que, como vimos ao estudarmos os “erros” das crianças, dos estrangeiros e de nossos compatriotas, rege as expressões espontâneas.

Ao escrever *compatriota*, eu caí sem querer num exemplo excelente daquilo que eu tento mostrar. O conceito que eu queria exprimir formou-se espontaneamente em mim em esperanto: *samlingvano*, “pessoa que fala a mesma língua”, mas como não há equivalente em nossa língua, eu alterei meu pensamento, por simplificação; na verdade, a maioria de meus compatriotas não é de língua francesa. Esse pequeno fato me obriga a apresentar uma nova tabela, na verdade infinita em esperanto:

<i>religio</i>	<i>religion</i> (religião)	<i>samreligiano</i>	<i>coreligionnaire</i> (correligionário)
<i>lando</i>	<i>pays</i> (país)	<i>samlandano</i>	<i>compatriote</i> (compatriota)
<i>klaso</i>	<i>classe</i> (classe)	<i>samklasano</i>	<i>condisciple</i> (condiscípulo)
<i>raso</i>	<i>race</i> (raça)	<i>samrasano</i>	- (-)
<i>lingvo</i>	<i>langue</i> (língua)	<i>samlingvano</i>	- (-)
<i>urbo</i>	<i>ville</i> (cidade)	<i>samurbano</i>	<i>concitoyen</i> (concidadão, só na teoria)
<i>partio</i>	<i>parti</i> (partido)	<i>sampartiano</i>	<i>coreligionnaire politique</i> (correligionário político)

Só as três primeiras linhas têm um equivalente exato em francês. Eu amo o francês, língua notável, cheia de belezas sutis, mas confesso que redigindo a presente obra fui com frequência incomodado pela ausência de palavras que significassem “pessoa da mesma língua” ou “pessoa de língua diferente”. Eu avalei vagamente a possibilidade de introduzir as palavras *homoglota* e *heteroglota*, mas isso pareceria sem dúvida muito pretensioso. Quando se discute esse tipo de assunto, o esperanto revela-se na prática bem mais cômodo, visto que a formação de tais palavras é totalmente livre e utiliza os recursos próprios da língua, enquanto que nós temos sempre que apelar ao latim e ao grego.

Contrariamente àquilo em que acredita a grande maioria dos intelectuais franceses, o esperanto pode exprimir sem dificuldade noções de toda sorte para as quais o francês não tem equivalentes exatos. Os exemplos acima bastarão sem dúvida para convencer o leitor.

O nível mais profundo da verbalização

Visto que abordamos esse assunto por ocasião do pequeno teste proposto no início do capítulo, por que não continuar? O que diferencia o esperanto da grande maioria das línguas é que ele utiliza sem restrição o princípio da assimilação generalizadora. Quando se aprende uma estrutura ou um elemento, pode-se sempre aplicá-los ao conjunto da língua.

Por conta desse fato, o esperanto insere-se, na camada do psiquismo onde se situa a linguagem, em um nível mais profundo que as outras línguas, numa zona mais próxima daquelas nas quais o pensamento verbaliza-se espontaneamente. Nós vimos: a assimilação generalizadora é o sistema que mais naturalmente usamos quando queremos nos exprimir.

Quando eu falo a um francês, eu traduzo conscientemente por *quatre-vingt-dix* o *nonante* que se apresenta em mim como a primeira verbalização do conceito “90”, a fim de facilitar a comunicação.⁶¹ Da mesma maneira, na infância, eu substituí conscientemente *les chevaux* por *les chevaux*, *vous disez* por *vous dites*, *si j’aurais* por *si j’avais*, etc. As fórmulas corretas foram-me impostas tanto pela restrição paterna e escolar quanto por um desejo de integração que implicava uma imitação tão perfeita quanto possível de meu ambiente humano. O verniz produzido por essa longa disciplina é espesso e relativamente sólido, mas não passa de um verniz: venha uma grande emoção ou uma anestesia da qual eu desperte, e eis que as formas proscritas começam a emergir.

As formas reprimidas pela educação e pela imitação constituem o primeiro nível, o fruto imediato do processo de verbalização. Por que tantos anglo-saxões que aprendem francês dizem *si j’aurais* enquanto que uma tradução literal de *if I had* daria a forma correta

⁶¹ O francês falado na França conserva vestígios que remontam à herança dos gauleses, em cuja língua céltica prevalecia não o sistema decimal, mas o duodecimal. Assim sendo, se diz: “quatre-vingt” para ‘oitenta’ e “quatre-vingt-dix” para ‘noventa’. Belgas e suíços, por sua vez, usam formas totalmente decimais. (N.T.)

si j'avais? Porque o simples fato de conceber tal enunciado faz vibrar dentro das estruturas mentais o conjunto do sistema “hipótese”, aquele que tem por efeito ativar o esquema “pôr no condicional”, que é daquele o elemento mais típico e mais fundamental. Há então um conflito entre um reflexo inato e um reflexo condicionado, quer dizer, entre um processo psicolinguístico inscrito congenitamente em nossas conexões nervosas e as forças que, sob o efeito da educação, mobilizam-se para inibi-lo.

O esperanto, por sua vez, não tem um verniz que se opõe às tendências profundas (ele diz *se mi havus*, literalmente “si j’aurais”). Eis um outro exemplo. O escritor que diz em esperanto *bele muskola ulo*, literalmente “un type bellement musclé” (“um sujeito bonitamente musculoso”), utiliza a fórmula que vem direto à mente, no nível fundamental. Em francês, ele é obrigado a passar ao segundo nível, porque *bellement* (bonitamente) não existe (a assimilação de um elemento, no caso *-ment* como meio de formar o advérbio não leva à sua generalização). Ao excluir *bellement*, seu computador mental, seguindo sua programação corrente, prepara-se para afixar *joliment* (belamente), mas esse movimento é também bloqueado: as conotações de *joli* são incompatíveis com a ideia de potência, de força física, que ele tem o intuito de exprimir. Ele deverá então procurar uma outra fórmula, mais complicada, por exemplo *un type doté d’une belle musculature* (um sujeito dotado de uma bela musculatura). Esse encaminhamento sobre um terreno espinhoso com barreiras e direções proibidas representa um gasto considerável de energia nervosa, mesmo que o interessado não tenha consciência disso. Pode-se supor que, para poupar-se de tal desgaste, a maioria dos indivíduos prefira os caminhos batidos, renunciando com frequência a ideias que lhes seriam naturais, mas para as quais sua língua não autoriza qualquer desenlace. Em esperanto, a gente se sente livre como a criança em idade pré-escolar que brinca, que cria brincando e que não se preocupa se as palavras que ela compõe estão conformes ou não a uma norma sem relação com as necessidades da comunicação.

Depreende-se aqui, de passagem, aquela que poderia ser uma das causas da resistência tão violentamente oposta ao esperanto: uma língua que, longe de restringir o pensamento, liberta-o, pode causar medo em todos aqueles que temem o desconhecido, a liberdade, o desenvolvimento. Porque ele é lúdico e libertador, o esperanto tem algo de subversivo para as situações de imobilismo e estagnação. Ele traz vida, e a vida causa medo, sobretudo nas populações que envelhecem.

Desde há quarenta anos eu vivo em três mundos paralelos: o mundo do esperanto, o mundo francófono, e o mundo internacional que ignora o esperanto (organizações internacionais, pessoas que trabalham para grandes multinacionais, refugiados, trabalhadores imigrantes: eu moro numa região onde os estrangeiros são quase tão numerosos quanto os nativos e onde os meios sociais são muito misturados). A observação da comunicação nesses três mundos sugere que o pensamento original, criativo, aparece bem mais frequentemente no mundo do esperanto que nos outros dois, e eu creio que isso se deva ao fato de que a língua é totalmente regida pelo sistema da assimilação generalizadora. Sim, é preciso sublinhar, essa é uma língua perigosa: ela conduz as pessoas a pensarem por si mesmas.

Eu me lembro de um seminário internacional no Centro Cultural Esperantista de La Chaux-de-Fonds, em que, pouco antes da pausa do café, um participante espontaneamente usou a palavra *obeismo*, que ele formou a partir da raiz *obe-*, “obedecer”. Na pausa, eu lhe disse que achava aquela palavra interessante e que eu me perguntava se ela existia em sua língua materna. Eu não sei mais de que língua se tratava, mas ele me disse que não. Ao que

eu respondi que no meu conhecimento tal palavra tampouco tinha equivalente em francês. Uma senhora que tomava o café conosco disse: “Será que não se diria *conformismo*?”, mas ela mesma se corrigiu imediatamente: “Ah não! Não é a mesma coisa, o conformismo é a tendência a se conformar à moda, ou ao grupo, a uma entidade vasta e vaga que nos parece definir a norma, a um conjunto, em todo caso, enquanto que o *obeismo*, tal como na discussão de há pouco, pode apresentar-se em conflito com a sociedade em geral ou com aqueles que dão o tom. Ele consiste em enfeudar-se inteiramente a uma autoridade precisa, a um mestre de pensamento, que, justamente, pode desgarrar-se do grupo. Certamente não eram conformistas os membros das seitas norte-americanas que mergulharam no suicídio coletivo”.

Eu não estou sugerindo que esse gênero de debate não poderia produzir-se em nossa língua. Tudo o que estou dizendo é que em esperanto, pela minha experiência, ele é muito mais frequente. Nas outras línguas, quando uma formação como aquela vem em mente, pede-se desculpa, e acrescenta-se algo como: “Se eu posso dizer” ou “Se eu posso permitir-me essa expressão audaciosa”. Agora há pouco eu notei a expressão seguinte, na boca de um de meus pacientes: “*quelque chose d’efféminisant, si le mot existe, et s’il n’existe pas, tant pis, inventons-le*” (“alguma coisa afeminizante, se a palavra existe, e se ela não existe, tanto faz, nós a inventamos”). Esse *tant pis* (tanto faz) diz muito sobre nossa liberdade de expressão. Há por trás dessas reações uma mensagem da sociedade: a criatividade do linguajar não é conveniente, ela é a rigor tolerável, mas ela não é de bom tom. Lembre-se da frase seguinte, citada no Capítulo 7 no trecho dedicado às hesitações: “*Sa mère a eu une influence sur lui de dissolva... enfin... elle a eu une influence très negative*”. Essa não é a prova de que, não podendo achar a palavra que convém, rebaixa-se a uma forma mais banal, mais vaga, exprimindo menos bem o que se queria dizer? Ou uma fórmula inexata, como agora há pouco, no momento em que meu primeiro movimento foi de dizer *compatriota* por falta de uma palavra francesa que signifique “uma pessoa que fala a mesma língua que eu”? Quantas vezes nós não nos inibimos antes mesmo de haveremos emitido o esboço da palavra que nossa língua não autoriza? Em esperanto, esse tipo de inibição é desconhecido visto que não é nunca incorreto formar por si mesmo um vocábulo, contanto que se respeitem algumas regras a serem observadas para ser entendido.

Um exemplo: o monema *-em-*

Em francês, existem palavras tais como *gourmand* (guloso) ou *bavard* (tagarela), que indicam respectivamente uma tendência a comer muito e a falar muito. Em esperanto, esse tipo de característica é marcado pelo elemento *-em*, que eu empregarei, nos exemplos seguintes, na sua forma adjetiva, então *-ema*, visto que o *a* denota a função adjetiva ou genitiva (nossa terminologia gramatical não é de forma alguma adaptada ao esperanto, pois ela deriva das línguas indo-europeias, que são estruturadas de uma maneira totalmente distinta). Uma vez que o conceito “falar” corresponde à raiz *parol-*, “tagarela” se dirá *parolema*. Diz-se também *babilema*, a raiz *babil-* corresponde à ideia de tagarelice. Como todo elemento pode ser generalizado ao infinito, podem-se formar palavras em *-ema* com toda sorte de raízes. *Help-* significando “ajudar”, *helpema* significa “quem tem prazer em ajudar”, “prestativo” em nossa língua. A partir de *obe-*, vista acima, se poderá formar *obeema*, “obediente”. Mas a maior parte das palavras em *-ema* que se encontram nos textos e nas conversas não tem tradução simples na nossa língua. Eis aqui alguns exemplos:

kisema Klara, “Klara, que adora beijar, que é uma ‘beijoqueira’ ”;
demandema infano, “uma criança que faz perguntas o tempo todo”;
fotema turista japana, “um turista japonês que não para de tirar fotos”;
kantema farbisto, “um pintor de paredes que está sempre cantarolando”;

O que caracteriza o esperanto é que a combinatória é nele infinita. O resultado dessa particularidade, que corresponde ao direito de generalizar todo elemento, e assim à tendência mais fundamental do espírito humano que tenta exprimir-se, é que ele é uma língua ao mesmo tempo simples, rica e expressiva.

Meçamos o gasto de energia nervosa

A disponibilidade imediata da palavra pode ser testada com um cronômetro. Tomemos o exercício que consiste em encontrar o adjetivo correspondente a um dado substantivo. O avaliador pronuncia uma palavra e o sujeito deve dizer o mais rápido possível qual é o adjetivo correspondente. No momento em que o avaliador pronuncia o substantivo, ele dispara o cronômetro, que será parado no instante em que o sujeito encontrar o adjetivo correto. O tempo de reação é anotado para cada palavra. Se o sujeito não encontra, anota-se o tempo decorrido até que ele diga: “Eu não sei”, “não existe” ou qualquer coisa desse tipo. O leitor que queira verificar por si mesmo poderá utilizar a lista seguinte. Desnecessário dizer que os adjetivos só são apresentados na segunda coluna para facilitar a verificação:

<i>irmão</i>	<i>fraternal</i>
<i>amigo</i>	<i>amistoso</i>
<i>tio</i>	<i>avuncular</i>
<i>cachorro</i>	<i>canino</i>
<i>gato</i>	<i>felino</i>
<i>carneiro</i>	<i>ovino</i>
<i>sol</i>	<i>solar</i>
<i>estrela</i>	<i>estelar</i>
<i>fala</i>	<i>oral</i>
<i>ajuda</i>	<i>auxiliar</i>
<i>mão</i>	<i>manual</i>
<i>orelha</i>	<i>auricular</i>
<i>bispo</i>	<i>episcopal</i>
<i>ilha</i>	<i>insular</i>
<i>cidade</i>	<i>urbano</i>
<i>água</i>	<i>aquático, aquoso, hídrico</i>
<i>fogo</i>	<i>ígneo, ardente</i> (termos como <i>incandescente</i> , <i>inflamado</i> , podem ser admitidos)
<i>exército</i>	<i>militar</i>
<i>arte</i>	<i>artístico</i>
<i>pássaro</i>	<i>ornitológico</i>
<i>sonho</i>	<i>onírico</i>
<i>dinheiro</i>	<i>pecuniário</i> (palavras como <i>monetário</i> e <i>financeiro</i> podem a rigor ser admitidas)

A soma dos tempos recolhidos dá uma ideia do gasto de energia necessário em nossa língua para achar o termo justo numa situação típica, muito frequente, quando se dispõe do termo principal da família de palavras. Eu peguei o exemplo dos adjetivos, mas se poderia pegar qualquer termo derivado, como os femininos e masculinos “integrais”:

<i>gato</i>	<i>gata</i>	-
<i>cachorro</i>	<i>cachorra</i>	-
<i>porco</i>	<i>porca</i>	<i>varrão</i>
<i>cavalo</i>	<i>égua</i>	<i>garanhão</i>
<i>carneiro</i>	<i>ovelha</i>	<i>aríete</i>
<i>boi</i>	<i>vaca</i>	<i>touro</i>

ou as lojas:

<i>pão</i>	<i>padaria</i>
<i>carne</i>	<i>açougue</i>
<i>livro</i>	<i>livraria</i>
<i>brinquedo</i>	<i>loja de brinquedos</i>

O essencial é saber que as noções são hierarquizadas em nossa memória. O programa que nos permite chegar a tal termo passa por tal outro. Dá-se bem conta disso quando se estudam as hesitações. “*O...o sujeito das abelhas...você sabe...o apicultor*” dizia uma senhora citada anteriormente. Ela fizera estudos universitários de letras e pode-se então presumir que ela tinha um domínio da linguagem superior à média da população, mas mesmo para ela a palavra *apicultor* encontrava-se manifestamente no final do caminho que passava primeiro por *abelha*. Ainda há pouco, alguém me disse: “*Era uma caixa para produtos... eu não encontro a palavra... produtos para a pele*”. A palavra que não lhe veio à mente era *dermatológicos*. Em um outro momento, ela a teria sem dúvida encontrado, mas sua frase nos mostra que seu pensamento a conduzia inicialmente à palavra *pele*. As palavras são classificadas em nossa memória como elementos de um arquivo de computador: o fluxo nervoso passa pelo nome do arquivo antes de atingir o termo correspondente ao conceito.

Um dia, minha mulher e eu éramos convidados na casa de um professor norte-americano que passava um ano em Genebra. A esposa desse senhor, francesa, vivia havia vinte anos nos Estados Unidos e falava um inglês de um nível bastante elevado visto que ela o falava todos os dias: era a língua do casal. Minha mulher e eu somos velhos tradutores profissionais, já vivemos em Nova Iorque e utilizamos muito essa mesma língua. Eu esclareço esses pontos para explicar que nossa experiência com a língua de Shakespeare ultrapassa muito aquela que se espera em geral de um não-anglófono. Ora, quando o fio da conversa levou a mulher do professor a falar de ovelhas, ela não se recordou de como aquilo se dizia em inglês. Ela disse alguma coisa como... “*como é que se diz? Euh... she-sheep*”. Nem minha mulher nem eu havíamos encontrado outra coisa. Foi preciso que o professor nos dissesse que a palavra buscada era *ewe*. De novo, para três pessoas muito treinadas, estava comprovado que o caminho que conduz ao termo mais raro passa pelo termo mais frequente: *sheep* quer dizer “carneiro” e *she* “ela” (em certos casos, formam-se os nomes das fêmeas colocando-se *she* na frente da palavra geral: *she-bear*, “ursa”; *she-ass*, “asna”; *she-elephant*, “elefanta”, etc.; a expressão *she-sheep* testemunha desta feita o tatear da memória e a tendência à assimilação generalizadora).

Mas retomemos o cronômetro e vejamos como isso se passa no caso do esperanto. Basta explicar ao sujeito do teste que um conceito empregado como substantivo leva a terminação *-o* e como adjetivo a terminação *-a*. Damos um exemplo: *somero*, “verão”, *somera*, “estival”, e então se começa. O leitor que quiser fazer o teste poderá verificar as respostas na lista seguinte (ele só pronunciará, é claro, o primeiro termo):

<i>frato</i> , “irmão”	<i>frata</i> , “fraterno”
<i>amiko</i> , “amigo”	<i>amika</i> , “amistoso”
<i>onklo</i> , “tio”	<i>onkla</i> , “avuncular”
<i>hundo</i> , “cão”	<i>hunda</i> , “canino”
<i>kato</i> , “gato”	<i>kata</i> , “felino”
<i>ŝafo</i> , (<i>ŝ</i> pronuncia-se “ch”), “carneiro”	<i>ŝafa</i> , “ovino”
<i>suno</i> , “sol”	<i>sunu</i> , “solar”
<i>stelo</i> , “estrela”	<i>stela</i> , “estelar”
<i>parolo</i> , “fala”	<i>parola</i> , “oral”
<i>helpo</i> , “ajuda”	<i>helpa</i> , “auxiliar”
<i>mano</i> , “mão”	<i>mana</i> , “manual”
<i>orelo</i> , “orelha”	<i>orela</i> , “auricular”
<i>episkopo</i> , “bispo”	<i>episkopa</i> , “episcopal”
<i>insulo</i> , “ilha”	<i>insula</i> , “insular”
<i>urbo</i> , “cidade”	<i>urba</i> , “urbano”
<i>akvo</i> , “água”	<i>akva</i> , “aquático”
<i>fajro</i> , (pron. <i>aj</i> como a palavra <i>ai</i>), “fogo”	<i>fajra</i> , “ígneo”
<i>armeo</i> , “exército”	<i>arma</i> , “militar”
<i>arto</i> , “arte”	<i>arta</i> , “artístico”
<i>birdo</i> , “pássaro”	<i>birda</i> , “ornitológico”
<i>sonĝo</i> , (<i>ĝ</i> pronuncia-se “dj”), “sonho”	<i>sonĝa</i> , “onírico”
<i>mono</i> , “dinheiro”	<i>mona</i> , “pecuniário”

No teste francês, os tempos de reação que eu registrei deram uma média de 2,85 segundos. No caso do esperanto, o tempo necessário para se encontrar o adjetivo foi praticamente o mesmo para toda palavra: 0,58 segundo em média. Obteremos resultados análogos para os outros testes citados. Para as lojas, Teremos:

<i>pano</i> , “pão”	<i>panejo</i> (o <i>j</i> se pronuncia como o <i>i</i> em <i>meio</i>), “padaria”
<i>viando</i> , “carne”	<i>viandejo</i> , “açougue”
<i>libro</i> , “livro”	<i>librejo</i> , “livraria”
<i>ludilo</i> , “brinquedo”	<i>ludilejo</i> , “loja de brinquedos”

E para os animais:

<i>kato</i> , (gato)	<i>katino</i> , (gata)	<i>virkato</i> , -
<i>hundo</i> , (cachorro)	<i>hundino</i> , (cachorra)	<i>virhundo</i> , -
<i>porko</i> , (porco)	<i>porkino</i> , (porca)	<i>virporko</i> , (varrão)
<i>ĉevalo*</i> , (cavalo)	<i>ĉevalino</i> , (égua)	<i>virĉevalo</i> , (garanhão)
<i>ŝafo**</i> , (carneiro)	<i>ŝafino</i> , (ovelha)	<i>virŝafo</i> , (aríete)
<i>bovo</i> , (boi)	<i>bovino</i> , (vaca)	<i>virbovo</i> , (touro)

* *ĉ* se pronuncia “tch” ** *ŝ* se pronuncia “ch”

Um dia, quando eu explicava a um amigo esse tipo de formação (que nada tem de específico ao esperanto, o chinês, por exemplo, aplica um sistema análogo), ele me disse que achava ridículo aquele *virkato* significando “gato macho”. O que poderia eu responder, senão que em qualquer língua é fácil encontrar elementos que algumas pessoas sentirão subjetivamente como ridículos? Tudo aquilo a que não se está habituado provoca facilmente uma reação de rejeição. Um homem de torso nu numa praia, no tempo de nossos tataravôs, era ridículo e chocante. Já nos dias de hoje... imagine, na beira da praia, um homem ridiculamente vestido com um maiô de banho de lã, com suspensórios, que lhe cobre o peito! Ele seria ridículo porque os costumes mudaram.

O francês está cheio de elementos ridículos, mas nós não nos damos conta deles porque eles nos são familiares desde a infância. A palavra *autobus*, por exemplo. O que pode ser mais grotesco que esse substantivo composto por um pronome grego que quer dizer “si-mesmo” e por uma terminação gramatical latina que tem aproximadamente o sentido de “a” em “a todos meus amigos”? A língua chegou a isso ao misturar *automobile*, “que se move por si mesmo”, e *omnibus*, “em todas (as paradas)”. Se falássemos desse veículo, chamando-o dessa forma, a um romano do tempo de César, época em que os habitantes de Roma sabiam o grego, ele balançaria a cabeça e repetiria: “Esses gauleses são loucos! Eles se locomovem em *a-si-mesmos*!” Quando uma mãe diz: “*Nous passerons les fêtes de Pâques chez les enfants*” (Nós passaremos as festas da Páscoa na casa das crianças), embora as crianças em questão já estejam para lá dos trinta, sua frase produz um som ridículo para um italiano, para quem não se diz mais criança depois dos dezesseis anos. Mas o italiano que passará as festas *con i figli*, literalmente “com os filhos”, parecerá ridículo a um francófono quando ele disser que se trata de oito moças e um único rapaz.

Muitas palavras em esperanto que parecem ridículas àqueles que as descobrem pela primeira vez não me fazem esse efeito porque eu as conheço desde a infância. Como um garoto inglês que acha normal dizer *grandson* para um “*petit-fils*” (neto). Pessoalmente, quando eu aprendi que em inglês “*petit-fils*” (neto), “*petite-fille*” (neta), “*petis-enfants*” (netos), diziam-se respectivamente *grandson*, *granddaughter* e *grandchildren*, eu achei aquele *grand* perfeitamente absurdo. Eu ainda não tinha a tolerância que me foi dada pouco a pouco pela familiaridade com os fenômenos linguísticos. Eu não havia compreendido que se tratava de uma lei geral, aquela da assimilação generalizadora, da qual eu não me canso de falar. Os anglo-saxões assimilaram *grand* como significando “relação de parentesco saltando uma geração” e a generalizaram ao conjunto dos casos. Fenômenos similares são constantemente encontrados na história das línguas. Se *virkato* lhe parece ridículo, você não imagina o efeito que causam a um estrangeiro expressões como *un crocodile femelle* (um crocodilo fêmea) ou *une panthère mâle* (uma pantera macho). Ou uma frase como: “*La sentinelle a été immédiatement neutralisée. Elle n’a pas eu le temps...*” (A sentinela foi imediatamente neutralizada. Ela não teve tempo...) quando se descobre que *elle* (ela) é um colosso de dois metros e 110 kg de peso e cuja virilidade é invejada por todos os camaradas. *Une recrute, une vigie, une sentinelle* não são menos grotescos, em si, do que um bravo *virkato*. Basta repetir-se vinte vezes essa palavra para senti-la como totalmente normal. Qualquer que seja a língua, as palavras desse tipo só parecem ridículas no primeiro encontro; depois, elas não impedem em absoluto a comunicação, para a satisfação de todos.

Lendo os exemplos precedentes, o leitor se terá sem dúvida dito que o vocábulo *ludilo*, “brinquedo” é uma palavra derivada: ele terá reconhecido a raiz latina *lud-* que se

encontra em nossa língua no adjetivo *lúdico*. Para dizer a verdade, a expressão “palavra derivada” não é totalmente justa, porque os “sufixos” do esperanto são palavras por si mesmas; *ilo* é um vocábulo difícil de traduzir, seu significado é bem vasto. Ele quer dizer “objeto que serve para um uso determinado”, “ferramenta”, “instrumento”, “coisa com que se ...”. Pode-se dizer *ludilo estas ilo por ludi*, “um brinquedo é uma coisa para brincar”. Mas pode-se também empregar essa palavra, ou esse sufixo, no sentido figurado e dizer, por exemplo, que o esperanto é um *interkomprenilo*, “aquilo com o que compreendemos uns aos outros”, um “meio de compreensão mútua”. Não é interessante constatar que os poucos rudimentos de formação léxica apresentados acima permitem a você saber, sem ter que aprender separadamente, sem ter de consultar um dicionário, como se diz “lúdico”? É claro que é *luda*. Quanto a “jogo”, esse só pode ser *ludo*.

A disponibilidade imediata da palavra depende da estruturação da língua

Nosso pequeno teste mostra que a palavra vem à mente mais rápido em esperanto do que em francês mesmo com alguém que não tem qualquer prática com aquela língua e que está imerso no francês desde há vários anos. Se, para cada conceito, levamos 2,27 segundos a mais para achar a forma adjetiva em nossa língua materna do que em esperanto, qual será a diferença para um estrangeiro que não tem da nossa língua mais do que uma experiência escolar? Não é surpreendente que a conversação dos dois jovens praticantes de *mountain bike*, mencionados no Capítulo 2, tenha sido tão truncada, tão frustrante. Eu convido o leitor que aprendeu uma língua estrangeira a retomar o mesmo teste com aquela língua; ele perceberá que as palavras não se apresentam tão facilmente assim na tela de seu computador mental: o programa que se deve percorrer para achá-las contém excessivos desvios, sentidos proibidos ou entroncamentos com múltipla escolha que admitem uma única resposta certa.

Por entroncamentos com múltipla escolha eu entendo aquelas situações nas quais, ao nos exprimirmos, encontramos-nos diante de uma dezena de caminhos sem seta de indicação. Para dizer a verdade, em muitos casos, a palavra *dezena* representa uma séria subestimação. Em francês, por exemplo, é entre umas três dezenas que se deve escolher o sufixo adequado para uma operação mental de extrema simplicidade no aspecto conceitual: formular a noção sob forma adjetiva. As diversas possibilidades compreendem *-ique*, *-al*, *-el*, *-eux*, *-if*, *-aire*, *-ier*, etc. Ora, o locutor não tem nenhum meio de saber:

- Se o adjetivo existe: *insécurité*, *chant*, *fait*, *exportation* não têm forma adjetiva;
- Se a raiz da palavra permanece intacta ou se ela se modifica. Na passagem de *lune* (lua) a *lunaire* (lunar), a *lune* (lua) continua visível e constante, mas para passar de *mère* (mãe) a *maternel* (maternal), é preciso transformar todo o interior da palavra;
- Qual dos sufixos será preciso utilizar. *Printemps* (primavera) dá *printanier* (primaveril) mas *hiver* (inverno) *hivernal* (invernal);
- Se o adjetivo não apela para uma raiz totalmente diferente. Dois adjetivos correspondem a “*peau*” (pele): *dermatologique* (dermatológico) e *cutané* (cutâneo). Pensar na palavra *peau* de nada serve se é do adjetivo que precisamos.

Se eu disser a você que em esperanto “*poisson*” (peixe) se diz *fiŝo* (pronunciado *ficho*; transcrição fonética: [fi:fo]) e se eu lhe perguntar qual é o adjetivo correspondente, você me responderá em uma fração de segundo: *fiŝa* e você terá razão. Mas e em francês? Você sabe como se diz? *Ichtyologique* (ictiológico).

Dito de outra forma, em francês, como em todas as línguas indo-europeias, toda sorte de possibilidades se apresenta, mas só uma é correta e nada permite adivinhar qual. É preciso então apelar para a memória, não para a inteligência ou para um reflexo como aquele que cria nos usuários do esperanto a total aplicabilidade da assimilação generalizadora. Essa obrigação multiplica numa enorme medida a duração do aprendizado, o lapso de tempo necessário para poder reutilizar a língua aprendida quando se permanece algum tempo sem falá-la e a dificuldade em exprimir-se, algumas vezes mesmo em sua língua materna, como o testemunham as hesitações ou erros citados nas páginas 96-98.

Visto que eu apresentei o exemplo de “*poisson*” (peixe), eu posso contar o seguinte fato, que é autêntico. Quando eu era tradutor, eu tive um dia que traduzir um texto sobre a poluição das águas, no qual era citado o efeito de um produto químico sobre a fauna... aí, a palavra não me veio. Eu precisava do adjetivo correspondente a “*poisson*” (peixe). “*Faune aquatique*” (fauna aquática), eu propus ao especialista que havia redigido o original e que, sem poder escrevê-lo, sabia bastante bem francês. Ele levantou os braços para o céu. “De jeito nenhum! Isso incluiria os crustáceos, que não são afetados por esse produto.” “*Fauna pura e simplesmente?*” sugeri. “A mesma objeção”. E o especialista recusou todas as fórmulas, mais ou menos destiladas, que eu lhe propunha. Minhas cogitações levaram a *faune poissonnière* (fauna peixeira), eu fui submeter essa ideia ao revisor, responsável pelo texto definitivo. Ele não quis saber dela: tendo a palavra, nesse sentido, desaparecido do uso no século 17, ela era anátema. Nós tivemos então que acabar por recorrer a *faune ichtyologique* (fauna ictiológica), mesmo sabendo pertinentemente que não seríamos compreendidos por um bom número de leitores africanos, vietnamitas e outros. De fato, o termo apropriado era *ichtyofaune*, mas só descobri isso mais tarde.

Durante toda a pesquisa (a tradução era urgente), uma ideia obsedava-me. Se, em vez de traduzir em minha língua materna, eu tivesse que produzir uma versão em esperanto, eu teria tido desde o primeiro segundo a possibilidade de utilizar três fórmulas igualmente corretas e claras: *fîsa faŭno* (ou *faŭno fîsa*), *fîsfaŭno* e *fîsaro* (o sufixo -*ar* indica coletivos: *gazetaro*, “a imprensa”; *dentaro*, “arcada dentária”; *laboristaro*, “a classe trabalhadora”).

Na ocasião, os vietnamitas, congoleses ou malineses que iriam ler o texto haviam consagrado ao estudo do francês um mínimo de seis anos, com incontáveis horas de cursos, deveres, correções, composições, provas... tudo isso para não entender a palavra que eu fui forçado a utilizar. Se eles tivessem feito **um ano** de esperanto, eles teriam compreendido no primeiro momento. E o organismo que me empregava não teria tido que prever uma tradução daquele mesmo texto em uma meia dúzia de outras línguas.

Rentabilidade em tempo e em energia nervosa

Nessas condições, não é então justificável comparar a uma neurose a organização atual da comunicação linguística no mundo? Gastar anos e bilhões de dólares para um resultado geralmente medíocre, ou mesmo nulo, como no exemplo precitado, não é uma loucura, a partir do momento em que uma solução eficaz existe? Assim, numa organização como a Associação Universal de Esperanto, o leitor de um documento não estuda mais do que um ano para compreender tudo e as despesas de tradução estabilizam-se em zero. **Despender uma energia insana para funcionar mal experimentando com frequência frustração e irritação na medida em que se pode funcionar de forma perfeita com um gasto de energia desprezível é a própria definição da neurose.**

Uma pesquisa feita na Alemanha, no Instituto de Pedagogia Cibernética da Universidade de Paderborn, determinou que seriam necessárias, em média, 160 horas de ensino para atingir em esperanto um nível que, no caso do inglês, demanda 1200 horas. Mil e duzentas horas são seis anos escolares com cinco horas de língua por semana. Cento e sessenta horas são um ano escolar à razão de quatro horas semanais. Outras pesquisas mostraram que em média seria necessário um mês de esperanto para atingir o nível de comunicação que é dado por um ano de estudo de uma outra língua.

Ora, esses resultados são inexatos no sentido de que o nível em esperanto é totalmente operacional. O aluno exprime-se com um completo sentimento de segurança, pois sabe que não corre o risco de cair na armadilha de uma exceção gramatical ou de uma palavra derivada formada de modo bizarro, tipo *onírico* como adjetivo de *sonho*, para não falar de formas como *construir* → *construção* → *construtivo* mas *poluir* → *poluição* → *poluente*. Em inglês, ele nunca ganha esse sentimento de segurança, e está longe de dominar a gramática e o léxico, mesmo após 1200 horas. Ele tem até mesmo dificuldade de entender um filme sem legendas.

Independentemente das pesquisas feitas na prática pelos cientistas de Paderborn e de outras partes, pode-se comprovar a enorme superioridade do esperanto naquilo que concerne à duração da aprendizagem ou a disponibilidade imediata da palavra comparando-se o número de unidades a memorizar. Eis aqui um exemplo.

Francês	Inglês	Esperanto	
<i>voir</i>	<i>to see</i>	<i>vidi</i>	(ver)
<i>il voit</i>	<i>he sees</i>	<i>li vidas</i>	(ele vê)
<i>il a vu</i>	<i>he saw</i>	<i>li vidis</i>	(ele viu)
<i>visuel</i>	<i>visual</i>	<i>vida</i>	(visual)
<i>visuellement</i>	<i>visually</i>	<i>vide</i>	(visualmente)
<i>vue</i>	<i>sight</i>	<i>vido</i>	(vista)
<i>visible</i>	<i>visible</i>	<i>videbla</i>	(visível)
<i>visibilité</i>	<i>visibility</i>	<i>videbleco</i>	(visibilidade)
<i>invisible</i>	<i>invisible</i>	<i>nevidebla</i>	(invisível)
<i>vu</i>	<i>seen</i>	<i>vidita</i>	(visto)
<i>*vaincre</i>	<i>to defeat</i>	<i>venki</i>	(vencer)
<i>il vainc</i>	<i>he defeats</i>	<i>li venkas</i>	(ele vence)
<i>il a vaincu</i>	<i>he defeated</i>	<i>li venkis</i>	(ele venceu)
<i>victorieux</i>	<i>victorious</i>	<i>venka</i>	(vitorioso)
<i>victorieusement</i>	<i>victoriously</i>	<i>venke</i>	(vitoriosamente)
<i>victoire</i>	<i>victory</i>	<i>venko</i>	(vitória)
<i>(surmontable)</i>	-	<i>venkebla</i>	(vencível)
<i>(pouvoir être vaincu)</i>	-	<i>venkeblo</i>	(poder ser venc.)
<i>invincible</i>	<i>invincible</i>	<i>nevenkebla</i>	(invencível)
<i>vaincu</i>	<i>defeated</i>	<i>venkita</i>	(vencido)
<i>guérir</i>	<i>to heal</i>	<i>resanigi</i>	(curar)
<i>il guéri</i>	<i>he heals</i>	<i>li resanigas</i>	(ele cura)
<i>il a guéri</i>	<i>he healed</i>	<i>li resanigis</i>	(ele curou)
<i>thérapeutique</i>	<i>therapeutic</i>	<i>resaniga</i>	(terapêutico)
<i>thérapeutiquement</i>	<i>therapeutically(?)</i>	<i>resanige</i>	(terapeuticamente)

<i>guérison</i>	<i>recovery</i>	<i>resanigo</i>	(recuperação)
<i>curable</i>	<i>curable</i>	<i>resanigebla</i>	(curável)
(“ <i>curabilité</i> ”)	-	<i>resanigeblo</i>	(“curabilidade”)
<i>incurable</i>	<i>incurable</i>	<i>neresanigebla</i>	(incurável)
<i>guéri</i>	<i>healed</i>	<i>resanigita</i>	(curado)

O aluno de francês deve memorizar 28 unidades. É necessário contar as palavras entre parênteses, ou os travessões correspondentes às palavras inexistentes em inglês, porque saber uma língua é também conhecer as palavras que não existem. Não sabemos inglês ou francês se imaginamos poder dizer *vincible* porque existe a palavra *invincible*. Em contrapartida, em francês, não temos que contar o particípio *vu* quando empregado sozinho, uma vez que a partir do momento em que se sabe dizer *il a vu*, conhece-se o particípio.

Em inglês, chega-se ao mesmo número. Eu contei o *-ed* de *defeated*, visto que o fato de ter aprendido *he saw* não ajuda a formar o pretérito de *defeat*, mas eu não contei essa terminação no caso de *healed*. Em esperanto, é necessário memorizar 12 unidades. Mas seria um grave erro matemático concluir que a relação de facilidade entre o esperanto e as duas outras línguas é da ordem de 12:28. Na verdade, os elementos novos a aprender no momento em que se passa de um conceito fundamental a um outro contam-se como segue:

	Francês	Inglês	Esperanto
“ver”	11	10	10
“vencer”	9	10	1
“curar”	8	8	1

Uma vez adquirida a primeira série, em esperanto ele nunca terá mais do que uma unidade a aprender: a raiz correspondente ao conceito a exprimir. Essa raiz se inserirá sempre em um sistema invariável. Para cada novo conceito, em francês ou inglês, haverá entre meia dúzia e uma dúzia de elementos novos a memorizar, enquanto que em esperanto não se ultrapassará jamais o valor 1. Por outro lado, limitar-se aos poucos elementos acima é muito injusto para com o esperanto. Se tivéssemos levado em consideração o sufixo *-ema*, visto mais acima, nós teríamos podido acrescentar *videma*, “curioso, basbaque, quem está sempre interessado por aquilo que há para ver” ou *venkema*, “vitorioso”, no sentido de “quem vence facilmente, que supera tranquilamente os obstáculos”. Mas mesmo com essa injustiça, para 2000 verbos usuais, será necessário aprender 12000 palavras francesas ou inglesas para uma capacidade de expressão que se atinge em esperanto com 2010 unidades somente: 10 ferramentas léxicas ou gramaticais, e 2000 raízes.

Tomemos por exemplo o conceito “*tenir*” (segurar). Em esperanto, basta aprender a raiz *ten-* para poder formar toda a série vista acima: há somente uma unidade a aprender. Em francês, é preciso aprender toda a conjugação do verbo. Na verdade, nada permite saber que, uma vez que se diz *guérir* → *il guérit*, não se pode dizer *tenir* → *il tenit*. Da mesma forma, saber que o particípio passado de *guérir* é *guéri* não é de nenhuma ajuda no momento em que se necessita daquele do verbo *tenir*. Por outro lado, é preciso saber que se a palavra *tenable* (defensável) realmente existe, ela não tem o sentido de “*qui peut être tenu*” (que pode ser segurado) e não é então paralela a “*visible*” (visível). É preciso saber também que ela só se emprega no francês correto com uma negação: pode-se dizer *il n’est pas tenable* (ele não é defensável), mas não *un objet tenable* (um objeto defensável) (em esperanto: *tenebla objekto*, “um objeto que é possível segurar”). É necessário aprender que *intenable* tem dois sentidos,

que nada têm a ver com *tenir*: “*indéfendable*” (indefensável) (*une position intenable*) e “*intolérable*” (intolerável) (*une chaleur intenable*). Para dizer a verdade, talvez seja dar prova de um espírito excessivamente conciliador pegar um exemplo tão regular. Na conjugação de *tenir*, pelo menos há um *t* comum a todas as pessoas, tempos e modos. No caso de *aller* (ir), ter aprendido *je vais* (eu vou) não permite dizer *nous allons* (nós vamos) e nem um nem outro ajudam a encontrar *vous irez* (vós ireis).

Isso não é tudo. Os elementos apresentados aqui acima foram escolhidos ao acaso. Eles estão muito longe de representar toda a regularidade do esperanto e toda a irregularidade das duas outras línguas. Muitos leitores, sem dúvida, terão percebido que *resanigi*, “curar”, é ela mesma uma palavra derivada. De fato, a raiz é *san-*, correspondente ao conceito “saúde”. Os elementos já mencionados até aqui permitem saber que *sano* quer dizer “saúde”, *sana* “são, saudável” e *sane* “saudavelmente”. Basta dizer ao aluno que *-ig* quer dizer “tornar” ou “fazer com que”, “fazer + infinitivo” para que seu vocabulário se multiplique numa medida fantástica a cada nova palavra encontrada. Por exemplo, se, por ser iniciante, ele ainda não viu a palavra *montri*, “mostrar”, ele poderá exprimir essa noção por meio do sinônimo *vidigi*, “fazer ver”. *Sanigi* é “tornar saudável” e com frequência essa palavra traduz o nosso “*guérir*” (curar). Mas a palavra mais próxima do sentido preciso do francês “*guérir*” é *resanigi*, “tornar de novo saudável”. Uma vez aprendido esse *re-*, o aluno poderá colá-lo em qualquer raiz que seja. *Revido* é assim o ato de rever.

A simplicidade favorece a riqueza

A exemplo do chinês, o esperanto é uma língua composta exclusivamente de elementos invariáveis que se combinam ao infinito. Mas diferentemente do chinês, língua muito vaga (a frase *ta shi qùnián shēngde xiāoháir* pode significar tanto “é uma criança que nasceu ano passado” quanto “foi no ano passado que ela pôs no mundo uma criança”), as relações entre os conceitos são no esperanto marcadas de forma clara.

As pesquisas que comparam a facilidade respectiva das diversas línguas pecam por excesso de zelo quando se trata do esperanto. Este é ao menos 20 ou mesmo 50 vezes mais fácil do que qualquer outra língua, com exceção talvez do indonésio, que se beneficia das vantagens do chinês sem ter os inconvenientes deste no plano da pronúncia e da escrita, e que, ao contrário da língua de Confúcio, assimila facilmente as palavras estrangeiras.

Por que 20 ou 50 vezes mais fácil? Porque a partir do momento em que praticamos o esperanto exercitamo-nos constantemente em utilizar seus elementos constituintes, que são sempre generalizáveis sem qualquer restrição. Falar fluentemente uma língua, ou escrevê-la com facilidade, é essencialmente uma questão de reflexos. Ora, na imensa maioria das línguas estrangeiras, nós não nos exprimimos com desenvoltura porque um grande número de reflexos a serem adquiridos são antinaturais (trata-se de inibir as formações espontâneas às quais conduz a assimilação generalizadora) e porque eles não são suficientemente reforçados para ancorarem-se profundamente no sistema nervoso. A fragilidade desses reflexos aparece a partir do momento em que ficamos três ou quatro anos sem praticar uma língua: a perda de competência torna-se incômoda. Em esperanto, não se faz necessário pôr em ação reflexos inibidores: podemos confiar totalmente na assimilação generalizadora. Mas, sobretudo, cada minuto de prática reforça os reflexos desejados bem mais do que em qualquer outra língua. O aluno que lê uma página contendo 125 palavras compostas segundo o esquema “raiz + o ” e que, cada vez, constata graças ao contexto que essas palavras são

empregadas como substantivos, não terá mais hesitação para formular uma ideia sob a forma substantiva. O reflexo será de tal forma potente que a expressão correta será automática. Lembre-se daquela senhora, francesa, de uns cinquenta anos, que dizia: “... *l’adoptage... ça va plus?... l’adoption des villages roumains*” (...o adotamento... perdão!... a adoção dos vilarejos romenos). O erro vinha de um entroncamento traiçoeiro: *-age* e *-tion* têm o mesmo sentido, uma frequência análoga, mas não são intercambiáveis. Em esperanto, visto que o conceito “adotar” corresponde à raiz *adopt-*, não há dúvida. Com um mínimo de prática, a palavra procurada vem por reflexo: *adopto*.

À primeira vista, aquilo que é fácil ou simples parece dever ser menos rico do que aquilo que é complicado. Muitos são aqueles que temem que a simplicidade do esperanto leve a um empobrecimento. Eles cometem o erro que cometeria um chinês que imaginasse que com nosso alfabeto de vinte e poucas letras nós não pudéssemos enunciar nenhum pensamento profundo que uma língua que utiliza centenas de milhares de ideogramas pode exprimir. De fato, o que faz a riqueza não é o número inicial de elementos, mas são as possibilidades de combinação. A química orgânica nos ensina que todo ser vivo é composto de um número bem pequeno de diferentes elementos. Que variedade de matérias e de formas esses poucos elementos permitem produzir! A música nos dá a mesma lição. As sete notas da gama bastam para escrever sinfonias de incomparável beleza.

A simplicidade é fonte de riqueza. É a ela, em grande parte, que o esperanto deve o fato de se prestar tão bem à expressão poética. Peguemos, por exemplo, o verso seguinte, da poetisa checa Eli Urbanova:

la dolçe lula belo betula

(pronunciar: la doltche lula bêlo betula,

transcrição fonética: [la ‘doltʃe ‘lu:la ‘be:lo be’tu:la])

o que quer dizer algo como “a beleza docemente embaladora da bétula”. É impossível explicar por que as palavras são muito mais evocativas em esperanto do que na tradução. O verso tem, ele mesmo, um efeito acalentador, por causa de seu ritmo. Para senti-lo bem, é preciso pronunciar à maneira italiana, ou pelo menos pronunciar as palavras com o ritmo do sotaque de Marselha. Quando Fernandel diz *la petite chèvre de M. Seguin*, os *e* de *petite* e de *chèvre* são audíveis, mas muito mais fracos que as outras vogais. No verso supracitado, *betula* tem o mesmo ritmo que o *petite* de Fernandel, *belo* o mesmo que *chèvre*: o *a* e o *o* finais são distintos, mas igualmente atenuados como o *e* mudo pronunciado com o sotaque do sul da França. O sotaque do esperanto é, de resto, muito próximo do sotaque provençal ou occitan.⁶² *La fenestro*, “a janela”, tem a mesma forma, mesma pronúncia, mesmo ritmo em esperanto que naquelas línguas do sul da França. Entre *la rozo*, em esperanto, e *la roso*, em provençal, a única diferença reside na ortografia: para o ouvido, essas duas palavras (que querem dizer “a rosa”) são idênticas.

No verso de Eli Urbanova, o efeito poético vem igualmente das aliterações e, em particular, da repetição do som *l* que intensifica a impressão de acalento. Mas ele vem igualmente, é claro, da imagem: uma paisagem onde uma bétula deixa seus finos e leves

⁶² Provençal e occitan são línguas românicas do sul da França, e que são hoje pouco utilizadas, embora ainda conservem sua influência nos sotaques típicos daquela região. (N.T.)

ramos vergarem-se e estenderem-se conforme os caprichos do vento é observada com um tipo de contemplação que leva a uma doce sonolência...

Pensando que esse exemplo não bastaria para fazer compreender ao leitor por que a simplicidade dos recursos do esperanto favorece a expressividade poética, eu disse a mim mesmo que iria completá-lo com um segundo espécime. Pensei assim em apresentar três versos de um poeta esperantófono letão, Nikolaj Kurzens:

*Ankoraŭ devas fajri vera tago,
Ankoraŭ devas nigri vera nokto,
Ne povas ja de grizo ĉio pleni!*

Mas eu nem mesmo consigo fazê-lo, pois não sei como traduzi-los, muito embora eles se componham unicamente de palavras que se aprendem em geral nas primeiras lições de um curso de esperanto. O que complica a tradução é justamente o que faz a beleza do texto: a palavra “fogo” é empregada como verbo no infinitivo, da mesma forma que as palavras “negro” e “pleno”. Isso dá um impacto ao conjunto que nenhuma tradução poderá jamais transmitir. E depois há a ordem das palavras, que cria uma atmosfera particular, uma intensidade de sentimento que nenhuma análise intelectual poderá explicar. Se uma tradução literal é impossível, visto que as palavras essenciais não têm equivalente na nossa língua, uma tradução aproximada do sentido é necessariamente insossa: “Uma vez mais é preciso que um verdadeiro dia se inflame / uma vez mais é preciso que uma verdadeira noite nos envolva em sua escuridão / tudo não poderia de cinza preencher-se”. E uma tradução quase literal só pode resultar horrível, sendo assim uma traição: “Ainda deve flamejar um verdadeiro dia / Ainda deve enegrecer (ou empretecer?) uma verdadeira noite / Não pode de cinza tudo se preencher”. É desesperador. Há ali uma beleza muito rapidamente acessível a quem quer que seja que nela se debruce em esperanto. Mas ela é, como toda poesia verdadeira, intransmissível.

O poema seguinte é mais fácil de se transpor à nossa língua. Ele mostrará também que a simplicidade dos recursos não impede em absoluto a expressão poética, comovente, dos sentimentos. Um dia, por ocasião de um encontro cultural internacional mantido em esperanto e consagrado à literatura original publicada naquela língua, minha mulher e eu havíamos aceitado desempenhar, para o conferencista Henri Vatré, o papel de declamadores. Quando eu recitei o poema que leremos, eu vi uma senhora, na primeira fila, incapaz de conter suas lágrimas. Eu soube em seguida que ela era alemã. Vocês compreenderão sua emoção ao lerem esse texto na página seguinte, de autoria de um trabalhador do porto de Amsterdam, Leen Deij. A tradução que o acompanha é meramente literal, e seu objetivo é transmitir a ideia, sem preocupação com métrica ou ritmo.

AL LA JUDA FORIRINTO

*Li fermis la kofron, manpremis – adiaŭ!
Sen ia protesto li iris... Hodiaŭ
mi tion komprenas; li povis nur miri,
ke mi, la kristano, lin lasis foriri.*

*Kun kapo klinita la kofron li portis.
Li iris la vojon al Auschwitz kaj mortis*

*sen ia protesto... Li povis nur miri,
ke mi, la kristano, lin lasis foriri.*

*Kaj iam la filo kun filo parolos,
kaj tiu demandas, la veron li volos.
La mia silentos... Li povis nur miri,
ke mi, la kristano, lin lasis foriri.*

Ni sentis kompaton, kaj monon kolektis,

dum kelkaj el ni la infanojn protektis.
Sed Auschwitz ekzistis! Nu, kion plu diri?
Ke mi kaj ke vi... ni lin lasis foriri.
 AO JUDEU QUE SE FOI

Ele fechou a mala, apertou-nos a mão.
 “Adeus!”

Sem o menor protesto ele partiu. Hoje
 eu o compreendo: ele só podia admirar-se,
 que eu, o cristão, o deixei partir.

Com a cabeça baixa ele levou sua mala,
 pegou o caminho para Auschwitz, morreu

sem o menor protesto. Ele só podia admirar-se
 que eu, o cristão, o deixei partir.

E um dia seu filho falará com o meu,
 ele lhe perguntará, ele quererá a verdade.

O meu se calará... e só poderá admirar-se
 que eu, o cristão, o deixei partir.

Nós tivemos pena, arrecadamos dinheiro,
 alguns entre nós acolheram as crianças.

Mas Auschwitz *existia!* Ora, o que mais dizer?

O fato é que vocês e eu o deixamos partir.

Se você quiser declamar esse poema, não esqueça o acento tônico, sempre na penúltima sílaba. O *j* se pronuncia com o *y* de *boy*: *juda* se pronuncia então “**yúda**” (transcrição fonética: [‘ju:da]); as três últimas letras de *infanojn* se pronunciam como as três últimas da inglesa *sirloin*. Quanto ao grupo *aŭ* ele representa o som que se transcreve em fonética [au], isto é, o som de *mau*, sem o *m*.

Ensinando esperanto, percebi que os alunos entendiam facilmente esse texto após umas doze lições apenas. Há muitas línguas em que poesia seja tão rapidamente acessível?

O que quer que seja, não há razão para nos estendermos mais nesses pontos. Vocês veem aproximadamente, agora, como funciona o esperanto, língua muito diferente das outras, porque segue de muito mais perto o movimento espontâneo da expressão linguística.

Pode-se resumir a ideia da seguinte forma, retomando os termos de um cartaz visto no stand do esperanto no Salão do Livro de Genebra, em 1989:

Nada de exceções,

Nada de arbitrariedades,

Nada de restrições gramaticais caprichosas,

Então: nada de frustração.

O direito de compor por si mesmo, por simples combinação de elementos, palavras

- simples

- complexas

- ternas

- contundentes

- pungentes

- ou divertidas...

Uma criatividade de linguajar que se desdobra sem restrição.

Isso é o esperanto:

o prazer linguístico puro...

e amigos no mundo inteiro!

Segundo interlúdio

Um pouco de história

As páginas precedentes dão uma pequena ideia da maneira como o esperanto se apresenta. Mas, sem dúvida, o leitor gostaria de saber mais sobre sua origem, sobre sua história. Que ele me permita reproduzir aqui um texto já redigido. Trata-se de uma alocução proferida na Unesco em 16 de dezembro de 1986 por ocasião de uma cerimônia organizada, com a participação do Diretor Geral, para marcar o centenário da aparição do esperanto na cena mundial. Eu a havia intitulado *Apostar no esperanto*. Ei-la:

O ponto de partida

Tudo começou na década de 1870. Bialystok é então uma cidade quadrilíngue: lá se falam polonês, iídiche, russo e alemão. Nessa aldeia, que faz parte do império dos czares, um jovem rapaz vivencia dolorosos ferimentos psicológicos, crucificado que estava entre quatro comunidades, quatro religiões, quatro línguas, quatro alfabetos, quatro ódios. Ali, mais do que em outros lugares, o simples fato de você se exprimir o torna rotulado. Ou você se expõe ao desprezo, ou consegue cumplicidade. Todo acontecimento se desenrola sob um pano de fundo de identidades etnoculturais exacerbadas. Se um polonês tem um problema administrativo para resolver, é impensável que o funcionário russo fale a língua de seu interlocutor, mas é com mortificação da alma e espírito de vingança no coração que o polonês balbucia sua solicitação em russo.

Rilke disse um dia que um escritor escreve porque ele não pode disso se impedir. O jovem Zamenhof lançou as bases do esperanto pela mesma razão: ele não poderia fazer de outra forma. As identidades culturais eram vividas, em Bialystok, como mutuamente agressivas. Ora, sua primeira manifestação eram a língua e o sotaque. Nesse contexto, empregar a língua do outro não é tão somente reconhecer-lhe a superioridade contra a qual o amor próprio revolta-se, é também sujeitar-se a uma infinidade de acrobacias gramaticais, lexicais e fonéticas, é percorrer um terreno repleto de armadilhas que parecem colocadas lá para melhor fazê-lo cair no ridículo e na inferioridade.

Aquele clima de hostilidade e de humilhações traumatiza Zamenhof, rapaz ao mesmo tempo sensível e superdotado. A situação é intolerável. É preciso fazer alguma coisa para que cada pessoa, preservando totalmente sua própria cultura, possa comunicar com os outros sem aqueles ferimentos de identidade sociocultural que formam a trama da vida quotidiana em Bialystok.

Para tanto, é necessária uma língua que não pertença a nenhum povo e cujas estruturas sigam o movimento natural da expressão linguística, uma língua em que não seja preciso fazer acrobacias, uma língua acessível aos pequenos, aos obscuros, aos sem-título. Com a fé ingênua da juventude, o adolescente pôs-se a trabalhar, associando a lógica implacável da infância, da qual ele está ainda tão próximo, ao método do artista, que visa à beleza e não cessa de polir e repolir sua obra.

Que chances tem ele de atingir sua meta? Raciocinemos, se vocês permitirem, como apostadores. Teriam vocês apostado na obra de um rapaz de 17-18 anos, perdido numa cidadezinha provinciana de um país periférico, que se havia atrelado a uma desmesurada tarefa: dar impulso a uma nova língua?

Uma história feita de provas

Retomemos aquela história etapa por etapa. Eis que o pai do jovem o envia para estudar longe e o faz prometer cessar sua brincadeira linguística. Não é ele realista ao prever que o rapaz vai compreender o absurdo de seu projeto? De fato, ele persiste. Aos 27 anos, decide publicar o fruto de seu trabalho. Ele faz o tour dos editores. Mas aqueles homens não são loucos: nenhum quer saber daquilo. Ele fará então imprimir à sua própria custa uma pequena brochura, sofrível, pois ele não tem dinheiro algum. Sem acesso a uma rede de livrarias, que chances tem ele de difundi-la? Vocês apostariam nele, um perfeito desconhecido, naquele momento?

O projeto faz ainda assim alguns adeptos, essencialmente no Império Russo. Uma revista começa a ser publicada naquele esboço de língua. Tolstoi, entusiasmado, põe-se a escrever nela. Mas ele cai em desgraça e a censura czarista interdita aquela publicação, único elo existente entre os primeiros usuários. Diante desses fatos, vocês apostariam, que uma língua viva nascerá progressivamente de um projeto tão mal iniciado?

Mas a vida não é lógica. Nos quatro cantos do mundo, pessoas descobrem aquela linguagem e começam a aprendê-la. Os linguistas reagem com escárnio: cada falante, dizem eles, vai ser vítima de seus hábitos fonéticos, gramaticais, semânticos. Essas pessoas nunca se compreenderão. Em quem vocês apostariam naquele momento? Em um jovem amador, ou nos especialistas unânimes?

Por certo, no primeiro congresso, que tem lugar em Boulogne-sur-Mer em 1905, os usuários da língua se compreendem perfeitamente, mas por que se levaria a sério um pequeno grupo de extravagantes? Na ótica dos salões parisienses, que, na época, dão o tom para todos e para tudo, a língua não é feita para seduzir. Ela está cheia de *k*, de *j*, de consoantes adornadas com ridículos acentos circunflexos. Ela dá a impressão de estranheza e de barbárie. Toda a *intelligentsia* do mundo, ou quase isso, a rejeita. A falta de realismo do autor aparece, além disso, na absurda escolha de consoantes com acento circunflexo que não existem em nenhuma gráfica, de sorte que se se deseja publicar qualquer coisa naquela língua, é preciso começar por fazer fundir novos caracteres. Vamos lá, um pouco mais de bom senso! Apostar em nada mais que a sobrevivência dessa língua é jogar seu dinheiro pela janela.

A guerra de 1914 explode. Zamenhof morre. Façam suas apostas, Senhoras e Senhores... Quem aceita apostar nessa língua órfã, símbolo de relações entre iguais em um mundo agitado pela lei do mais forte?

Chegamos aos anos 20. Na Sociedade das Nações, a delegação iraniana propõe adotar o esperanto nas relações internacionais. Espanto geral! E toque de combate por parte das grandes potências. “É preciso enterrar esse projeto, perigoso para nossa supremacia cultural!” Esses países são influentes e ricos, seus delegados não recuam diante da mais desavergonhada má fé. Uma vez mais, o projeto é ridicularizado e descartado. Honestamente, é nele que vocês teriam apostado?

Eis o surgimento de Stalin e Hitler. Para Hitler, o esperanto é a língua dos maçons e da conspiração judia; para Stalin, a língua do cosmopolitismo burguês. Nos anos 40, esses

dois homens exercem o poder na quase totalidade da Europa continental. O esperanto é proibido, seus estoques de livros são destruídos, bom número de seus partidários são presos em campos de concentração. No Japão, na China, na Espanha e em Portugal, os regimes no poder praticam em relação a ele uma política menos violenta, mas que vai no mesmo sentido. Em que alternativa racionalmente apostariam vocês naquela época, senão pela morte do esperanto no curto prazo?

O fim da segunda guerra mundial vê a entrada em cena da tradução simultânea. Esta resolve aparentemente o problema de comunicação nos congressos e conferências, mas, de fato, ela mal disfarça uma evolução que dá ao inglês uma supremacia incontestada. Está claro para todos que o inglês tende ao monopólio nas relações internacionais. É a língua das agências de notícias, das multinacionais, da edição científica assim como das canções ao som das quais, no mundo inteiro, dança uma juventude vestida à moda norte-americana.

A situação atual

Em face desse Golias, o esperanto é um David, pequeno a ponto de ser praticamente invisível. Vendo os rivais diante de si, quem, racionalmente, vai apostar nele? Como apostar numa língua que não é apoiada por nenhum movimento social vasto, que é ignorada pelas potências do dinheiro, sobre a qual as mídias se calam, e que a *intelligentsia* denigre ou crê natimorta? Abundantemente agredida ao longo de toda sua história, tanto no plano da política quanto no das ideias, ela não tem qualquer aliado, nenhuma ajuda externa. Numa época em que a imagem reina, ela não dispõe dos meios para fazer publicidade. Ela não tem, para se propagar, nada além de suas qualidades intrínsecas.

E, entretanto, se nos fundarmos sobre critérios objetivos, como a produção de livros, a participação nas reuniões internacionais, a área geográfica coberta pelos pequenos anúncios da imprensa esperantófona, a quantidade de manifestações, as emissões regulares por rádio, o número de localidades onde a língua de Zamenhof está representada, etc., nós percebemos que, com altos e baixos seguindo os acasos da vida política e econômica, o esperanto nunca parou de se propagar e que desde uma dezena de anos, em particular, sua propagação conhece uma notável aceleração.

Se, em 1976, 30 universidades o ensinavam, contam-se 125 delas este ano (1986), ou seja, uma multiplicação por mais de 4 em 10 anos. O esperanto serve de veículo a uma produção literária considerável, que continua se desenvolvendo. É a língua do mundo na qual mais se traduzem canções. Ele é falado todo dia no rádio em países tão diferentes quanto a China e a Polônia. Ele é o meio de comunicação quotidiana de numerosos casais binacionais. Ele é a língua materna de um certo número de crianças. E o estudo objetivo da relação eficácia/custo o revela, na comunicação intercultural, bem superior ao inglês ou ao recurso da tradução e da interpretação simultânea.

Se vocês tivessem tido em mãos a pequena brochura de Zamenhof em 1887, teriam vocês imaginado que um pouco menos de um século mais tarde, o congresso internacional mais vasto da história da China se realizaria em Pequim naquela língua, cujo novíssimo germe se apresentava aos seus olhos? Teriam vocês apostado naquela época que em 1986 não passaria um único dia sem que houvesse em algum lugar do mundo uma conferência, um congresso, um encontro internacional realizados em esperanto? Tal é, contudo, a realidade.

O papel da afetividade individual

Essa distância entre apostas sensatas e a realidade verificável deveria fazer-nos indagar. De fato, todos esses julgamentos negativos partem de um mesmo erro: negligencia-se a verificação da realidade, isto é, a determinação de como o esperanto funciona na prática em comparação com os outros sistemas de comunicação em uso nas situações interculturais. Além do mais, superestimam-se as pressões exteriores e subestima-se o papel da afetividade individual num processo de propagação e de vitalização linguísticas.

Se a língua de Zamenhof manifesta uma vitalidade maior que a de certas línguas que têm estatuto oficial, como o gaélico e o romanche, é porque o ser humano gosta de criar, de brincar, de ser livre e amar.

As estruturas do esperanto estimulam a criatividade da linguagem, podada em todos nós, nas demais línguas, desde a entrada na escola. Elas dão à linguagem uma coloração lúdica que suscita o desprezo das pessoas que se levam a sério, mas que responde a uma demanda psicológica importante ancorada em nosso âmago. Por meio de sua flexibilidade gramatical, lexical e estilística, o esperanto dá um sentimento de liberdade na expressão que nenhuma outra língua confere no mesmo grau, e isso, sem exigir longos anos de estudo. E, sobretudo, ele permite estabelecer amizades reais e duradouras por sobre as fronteiras culturais e responde assim a uma necessidade afetiva mais profunda do que geralmente se acredita.

O fato é que em um século de existência, o esperanto teceu por toda a superfície do globo incontáveis redes de amizades entre pessoas de todas as camadas sociais, de todos os meios culturais. Nesse terreno, ele não tem rival.

Ele teria o direito de olhar de cima todos aqueles que, desde há um século, perdem suas apostas contra ele. Mas isso não é do seu estilo. Ele não se impõe. Ser e viver é tudo o que lhe basta. Disponível para quem quiser jogar o jogo. Discreto, ou mesmo invisível, para aqueles que preferem sistemas mais custosos, mais complicados e mais injustos. Só um pouco entristecido porque lhe tomam com tanta frequência por aquilo que ele não é, e porque ainda tão mal se percebe tudo aquilo que ele pode trazer, nas relações entre os povos, não somente para a amizade e para a facilidade, mas também para a justiça e para o respeito da dignidade linguística de cada um.



Figura 8: Zamenhof em duas fases de sua vida e a casa em que nasceu

Capítulo 8

A resistência: elemento normal de toda neurose

Vimos que, como meio de expressão linguística, o esperanto possui muitos trunfos. Veremos no Capítulo 11 que, quando o comparamos em campo às outras possibilidades oferecidas às pessoas de línguas diferentes para comunicarem entre si, ele se revela muito nitidamente superior, a despeito do pequeno investimento em tempo e esforço que exige. Ele se distingue dos sistemas a base de gestos e de balbuciação pelo caráter rico e matizado da expressão que permite. Distingue-se dos sistemas baseados no recurso a intermediários (intérpretes, tradutores, ferramentas informáticas) por ser gratuito e garantir em qualquer lugar um contato direto. E ganha de longe do recurso a uma língua estrangeira, seja esta a língua de um dos parceiros ou uma terceira, como o inglês, porque ele segue melhor que qualquer outro idioma o movimento natural da verbalização, baseado, como vimos, na tendência à assimilação generalizadora. Que ele seja ao mesmo tempo simples e rico pode parecer paradoxal. Mas essa realidade é perfeitamente verificável, e sua explicação reside no caráter ilimitado da combinatória, assim como na realidade que preside a estruturação dos enunciados. As pessoas que aprendem o esperanto descobrem com espanto que elas não tardam a poder exprimir nele toda sorte de ideias que ainda são incapazes de formular, após seis ou sete anos de estudo, nos outros idiomas aprendidos. E ficam ainda mais espantadas quando, ao fim de um tempo relativamente curto, se surpreendem emitindo palavras sem equivalente na língua materna, mas que exprimem notavelmente bem o que queriam dizer.

O esperanto é então um meio de comunicação totalmente notável. As pessoas que observaram a língua tal qual ela se apresenta na prática repetem essa afirmação há tempos. Encontram-se testemunhos disso em documentos oficiais, por exemplo:

“No Secretariado da Sociedade das Nações, tivemos diante dos olhos o exemplo da Conferência internacional das autoridades escolares, cujos debates ocorreram em esperanto. É necessário confessar que nos impressionamos pela facilidade e pela rapidez com que delegados de todos os países se exprimem e se entendem. (...) A discussão segue com uma fluência notável (...) e completa-se em três dias uma quantidade de trabalho que teria tomado dez dias numa conferência normal com várias línguas oficiais. Sem dúvida, reconhece-se às vezes nos sotaques a nacionalidade de alguns delegados, mas esse não é o caso para a maioria deles. A pronúncia do esperanto parece muito mais uniforme e mais fácil para as diferentes bocas que aquela do inglês ou do francês, por exemplo. (...) O que impressiona sobretudo é o caráter de igualdade que dá a uma reunião desse tipo o emprego de uma língua comum que põe todos em pé de igualdade e que permite ao delegado de Pequim ou de Haia exprimir-se com tanta força quanto seus colegas de Paris ou de Londres. Há oradores eloquentes em esperanto.”⁶³

⁶³ Sociedade das Nações, O esperanto como língua auxiliar internacional. Relatório do Secretariado Geral, aceito pela Terceira Assembleia (Genebra: SDN, 1922), p. 22.

Diante dessa situação, uma questão capital se coloca: visto que a língua tem todas essas qualidades, como se dá que ela seja tão mal conhecida?

A resposta é quádrupla: 1) o esperanto não dispõe de nenhum apoio político e financeiro; 2) ele é objeto de uma desinformação que se mantém por si mesma desde o começo do século XX; 3) a síndrome de Babel pertence à categoria das neuroses; 4) o esperanto é um milagre.

Ausência de apoio

Para que uma mercadoria ou um projeto tenham sucesso, na sociedade atual, é preciso que eles se beneficiem do aporte da publicidade ou da propaganda. A propaganda supõe o apoio de um Estado. Ora, os Estados sempre tiveram em relação ao esperanto uma atitude seja de estrita neutralidade, seja de declarada hostilidade, indo, em um bom número de casos, até a campanha de erradicação.⁶⁴ Quanto à publicidade, ela custa caro demais para poder estar ao alcance dos usuários do esperanto, que, em sua maioria, habitam países de nível de vida pouco elevado (Europa do Leste, China...) e não pertencem aos meios social e economicamente privilegiados.⁶⁵

A ausência de publicidade tem uma eficácia tão grande, no sentido negativo, quanto sua presença no sentido positivo. Certas empresas descobrem isso às suas próprias custas. Um produtor de água mineral, que gozava de um quase-monopólio em sua região, decidiu um dia aumentar seus lucros reduzindo seu orçamento de publicidade, considerada inútil dados o renome da empresa e os hábitos dos consumidores. Ora, bastou que a publicidade fosse interrompida durante seis meses para que as vendas diminuíssem numa proporção alarmante. De fato, a firma nunca reencontrou sua força de outrora. As marcas concorrentes aproveitaram a brecha que lhes foi oferecida para abocanharem uma parte do mercado que nunca mais perderam.

A ausência de publicidade em favor do esperanto tem um impacto análogo. “Se não se fala nele, é porque ele não existe”, pensam as pessoas. Esse raciocínio é por certo incorreto, e geralmente inconsciente, mas nem por isso é menos frequente. O esperanto está ainda mais em desvantagem na medida em que suas rivais, as prestigiosas línguas nacionais, podem contar com importantes contribuições dos Estados na sua propagação. A Aliança Francesa, o *British Council* e as organizações análogas existentes para as diferentes línguas financiam importantes redes de ensino e de difusão da língua e que são, no plano cultural, o equivalente da publicidade no plano comercial. “Bonn destina 500 milhões de marcos alemães por ano à promoção do alemão no exterior”, nos informa uma publicação oficial da República Federal da Alemanha.⁶⁶ Não podendo o esperanto rivalizar com concorrentes tão ricos, sua vasta difusão no mundo é ainda mais digna de interesse. Embora sendo ele relativamente fácil, ainda assim é preciso aprendê-lo. Sua propagação exige, então, muito mais do que, por exemplo, a adesão a esse ou àquele movimento político, a esse ou àquele *hobby*. Não resta dúvida de que se o esperanto dispusesse a cada ano, para se fazer conhecer, de 256 milhões de Euros, a situação seria bem diferente daquela de hoje. Mas não estamos nem perto disso:

⁶⁴ Ulrich Lins, *Die Gefährliche Sprache* (Gerlingen: Bleicher, 1988).

⁶⁵ Claude Piron, “Who are the speakers of Esperanto?” in Klaus Schubert, red., *Interlinguistics* (Berlim, Nova Iorque: Mouton De Gruyter, 1989; (n. 42 da série Trends in Linguistics), pp. 157-172.

⁶⁶ “Interesse mundial crescente manifestado em relação à língua alemã”, *Inter Nationes* (Bonn, Kennedyallee 91-103, D-5300 Bonn 2), 1992, 3/4, p. 6.

a mais importante das organizações de esperanto, a Associação Universal de Esperanto, tem um orçamento anual de cerca de 363 mil euros,⁶⁷ a maior parte do qual é usada na gestão da organização e nos diversos serviços oferecidos aos sócios, sem que sobre grande coisa para a informação do grande público.

Desinformação

Em um mundo que ignora o esperanto, a organização da comunicação internacional é fatalmente hierárquica. Alguns povos estão em vantagem em relação aos outros, como foi visto no Capítulo 4. No seio dos povos cuja língua é desprovida de interesse internacional, a hierarquização se produz na própria sociedade: os meios sociais nos quais o idioma predominante do momento é conhecido – são em geral os meios mais favorecidos, que têm os recursos para pagar aos jovens intercâmbios culturais de longa duração ou estudos completos na língua em questão – gozam de uma significativa superioridade em relação ao restante da população. Toda proposta visando a adoção de uma língua que ponha povos e pessoas em pé de igualdade suscita nos privilegiados reflexos de defesa que são bem compreensíveis, mesmo que eles não estejam totalmente conscientes. É essencial para eles dissuadir as populações de um projeto desse tipo. Isso quer dizer, na prática, utilizar qualquer argumento que seja, sem se perguntar se este tem a menor relação com a realidade.

É em parte isso que explica por que o esperanto, desde que apareceu na cena mundial, foi objeto de tantos panfletos, de conferências apresentando-o como um fenômeno perigoso, anticultural por sua própria essência. As ideias assim difundidas ancoraram-se fortemente no seio da maior parte da *intelligentsia*. Uma vez enraizadas na mentalidade, elas se mantiveram por si mesmas. Vemos periodicamente jornalistas, homens de letras, políticos e professores reproduzirem o discurso clássico sobre o esperanto sem imaginar por um só instante que eles repetem calúnias e que, fazendo isso, eles as propagam. Entre todos os julgamentos negativos, aquele que tem sem dúvida o impacto mais forte para frear a difusão da língua consiste em afirmar que as tentativas feitas para dar vida a uma língua inter-povos sempre foram fadadas ao fracasso. O exemplo seguinte é representativo:

“Menos de dez anos após Schleyer, um outro visionário, o doutor polonês Lázaro Zamenhof, inventa, a partir de raízes predominantemente latinas, o esperanto, que teve não muito mais êxito (...). A despeito dos comitês esperantistas surgidos meio que em toda parte, um início de literatura (conhecida de alguns raros iniciados e, ao que parece, bastante medíocre), congressos feitos aqui e ali, o esperanto não teve um futuro mais brilhante que o Volapük. Quem, cento e dois anos após sua invenção, é capaz de utilizar esse “dialeto universal” que deveria facilitar entre os homens as trocas materiais e espirituais e no qual seus apóstolos haviam posto tantas esperanças?”⁶⁸

Em vista de tal peça de eloquência pronunciada por uma personalidade de tal nível, como se teria a ideia de ir ver o que é o esperanto real? Discursos similares têm por efeito eliminar a curiosidade em seu nascedouro, de forma que a verdadeira pergunta não é: “Como se dá que o esperanto, a despeito de suas qualidades incontestáveis, não conseguiu se

⁶⁷ “Spezkonto de Universala Esperanto-Asocio”, Esperanto, 1992, maio, p. 96.

⁶⁸ Jacques Ruffié, Professor no Collège de France, membro da Academia de Medicina, “La responsabilité des scientifiques” in Bernard Cassen, *Quelles langues pour la science?* (Paris: La Découverte, 1990), p. 213.

impor?”, mas sim: “Como se dá que essa língua, cuja morte é uma evidência para a quase-totalidade do público esclarecido, continue tranquilamente a propagar-se?”

Nós vimos que os partidários do esperanto não são ricos o bastante para lançar campanhas publicitárias que seriam necessárias para fazer conhecer a existência da língua. Como fenômeno sociolinguístico, o esperanto tampouco pode ser conhecido em sua realidade, pois não se pode descobri-lo por meio das fontes habituais de informação: escola, conversas, livros e mídias. Na sua grande maioria, essas fontes o ignoram ou dão-lhe uma imagem gravemente deformada. Desprovida de personalidade jurídica, uma língua não pode defender-se quando caluniada. Sua difusão é então limitada aos contatos individuais. Aprende-se o esperanto porque se viu a que ponto ele funciona bem. É preciso que o acaso ponha em contato com esperantófonos e que o interessado tenha o espírito aberto o bastante para repensar os preconceitos com que a desinformação corrente lhe encheu o cérebro. É também preciso que ele seja psicologicamente bastante sólido e independente de espírito para não se deixar contaminar pelo contágio neurótico.

Resistência e angústia subjacente

Que Babel é uma neurose, nós o vimos por repetidas vezes. A comunicação linguística no mundo é organizada de forma aberrante. Pense em todos aqueles milhões de crianças que estudam as línguas ao redor do mundo, para um resultado quase nulo. Pense em todos aqueles bilhões que se gastam para tradução e interpretação, ao passo que basta olhar como a comunicação funciona numa associação de esperantófonos para ver que esta custa infinitamente menos (a rigor nada, a não ser um pequeno aprendizado linguístico) para obter um resultado infinitamente superior. Se se tratasse, não mais do conjunto da sociedade humana, mas de uma pessoa, se diria que ela está neurótica por se sair tão mal quando a experiência prova que é tão fácil sair-se tão bem.

Toda neurose manifesta uma resistência. Quando ela poderia começar a curar-se, ela se defende. Ela organiza as táticas mais astuciosas, provoca desvios, estabelece bloqueios para que o bom senso, a alegria de viver e a liberdade não corram o risco de se instalarem. É aberrante, mas é um fato.

E, no mais, isso não é tão aberrante assim se considerarmos que uma neurose está sempre fundada no medo. A sociedade enredada na síndrome de Babel é como a criança que, deitada há dez minutos no escuro, de repente tem a impressão de que há um crocodilo sob sua cama. Para saber que não há um crocodilo, é preciso levantar-se, acender a luz e olhar sob o móvel. Ora, ao fazermos isso, corremos o risco de dar de cara com um bicho enorme que abre uma bocarra cheia de dentes afiados. Para nos darmos conta de que o esperanto nada tem de terrível, seria preciso olhá-lo de frente, sem ideia preconcebida, mas para ousar encará-lo seria preciso parar de ter medo.

A ideia de que o esperanto pode assustar parecerá sem dúvida inacreditável para a maior parte dos leitores. É, entretanto, isso que se depreende do estudo psicológico das reações à palavra “esperanto”.⁶⁹ Que se me permita reproduzir aqui um texto esclarecedor. Ele é de autoria de um professor de línguas norte-americano, que exprime em voz alta aquilo que muitos pensam (ou mais geralmente sentem) baixo:

⁶⁹ Ver: Claude Piron, “Un cas étonnant de masochisme social”, *Action et Pensée*, 1991, n° 19, pp. 51-79.

“A língua, como o amor e a alma, é coisa viva e humana, tão difícil é defini-la; é o produto natural do espírito e de uma raça, não de um homem só... As línguas artificiais são repugnantes e grotescas, como as pessoas com pernas ou braços metálicos ou que têm um marca-passos costurado no peito. O Dr. Zamenhof, como o Dr. Frankenstein, criou um monstro feito de peças e de pedaços vivos, e, como Mary Shelley tentou nos dizer, nada de bom pode sair disso.”⁷⁰

É bela a compaixão desse senhor por seus irmãos humanos aos quais um acidente, uma doença ou uma malformação obrigue a utilização de uma prótese. Que ele possa escapar em sua vida da obrigação de carregar uma delas e de assim tornar-se “repugnante e grotesco”! Mas o que quer que seja, o que nos interessa é sua maneira de assemelhar o esperanto a um monstro perigoso. Ele não considera nem a gênese dessa língua, nem sua produção literária, nem as amizades que ela favorece, nem seu efeito libertador sobre os psiquismos freados desde a entrada na escola em sua criatividade da linguagem, nem suas vantagens práticas, nem sua influência favorável à descoberta de outras culturas. Essas realidades verificáveis por qualquer pessoa de boa-fé não têm para ele nenhuma existência. Ele está obscurecido por uma visão de pesadelo que bloqueia a abordagem do real. Não é um crocodilo que rasteja sob sua cama, é bem pior: um monstro com semblante humano. Acreditávamos estar no domínio da linguística ou da sociologia. Estamos em plena ficção científica.

De fato, é manifesto que esse texto emana de uma camada irracional do psiquismo e endereça-se, curto-circuitando a razão, ao lado afetivo do leitor. Todo seu impacto resulta das metáforas que ele utiliza. Ora, as metáforas têm a grande vantagem de permitir dizer qualquer coisa. Uma pessoa para a qual se tratasse, não de um pesadelo, mas de um lindo sonho, poderia dizer partindo da mesma imagem do linguístico assemelhado ao vivente:

“Zamenhof transplantou árvores e flores, ervas e moitas, aves e borboletas provenientes de países muito diversos para criar um parque magnífico, arranjado com um excelente gosto, a fim de que as pessoas lá se encontrem num clima de bem-estar e de paz.”

Mas somente uma atitude descontrainda, livre de angústia neurótica, levaria a uma tal comparação. Escondido nos recônditos do psiquismo inconsciente, o imaginário de pesadelo é muito mais frequente. Ele é uma das armas utilizadas pela síndrome de Babel para evitar o olhar direto e o risco de ser questionada. As relações interculturais são assim pervertidas, privadas do meio o mais normal, o mais simples, o mais natural que se apresenta para permitir aos humanos se compreenderem mutuamente: uma convenção linguística adaptada às necessidades da situação. Tentemos ver com um pouco mais de clareza na zona da angústia que bloqueia sua adoção.

A carga afetiva do conceito “língua”

Nós pensamos com a ajuda de conceitos, cuja realização concreta apresenta-se, grosso modo, sob a forma de palavras. Alguns desses conceitos são neutros, outros são afetivamente carregados, de diferentes maneiras segundo o indivíduo. Há pessoas para as quais o conceito “óleo de fígado de bacalhau” é totalmente neutro, porque é uma coisa da qual elas nunca

⁷⁰ M. D. Arbaiza, *Foreign Language Annals*, 1975, 8, p. 183.

ouviram falar a não ser de longe, sem que aquilo concirna a elas, e há outras para quem o simples fato de pronunciar essas sílabas provoca remoinhos no psiquismo, ou mesmo no estômago, porque elas evocam imediatamente uma experiência da qual têm lembranças ruins. A carga afetiva de um conceito depende daquilo que ele representa para nossa história pessoal e em particular de nossas experiências relacionais. Ora, a partir do momento em que nós tratamos de um assunto, os conceitos afetivamente carregados vibram em nossas profundezas, mesmo se, como na maioria das vezes, não nos dermos conta disso.

O conceito “língua” é afetivamente carregado na maioria de nós. A excitação provocada pelos debates sobre a reforma ortográfica seria inexplicável sem essa carga afetiva. Para uns, aquela reforma é como uma operação cirúrgica que salva; para outros, é uma mutilação que desfigura. O tom dos artigos mostra a que ponto inúmeros franceses vivem as convenções da escrita como se se tratasse de sua própria carne. Para os povos para os quais esse problema não existe, uma vez que eles escrevem como pronunciam, a virulência daquelas reações é incompreensível: neles, a carga afetiva geralmente associada à linguagem não se estende à escrita. Os comentários feitos na imprensa estrangeira sobre o assombroso espetáculo que produziram os francófonos a respeito das modificações ortográficas são instrutivos com relação a isso.

O que quer que seja, para a maioria de nós, o conceito “língua” está associado nas profundezas psíquicas a emoções infantis ligadas à relação com a mãe. Não é por acaso que tantos povos dizem *língua materna* para designar a língua do conjunto do entorno. A linguagem é um dos principais instrumentos de toda relação. Com relação aos choros que precederam sua aparição, ela confere um poder fantástico: aquele de ser compreendido. Ser compreendido, não é esse um dos desejos mais profundos da criança, do ser humano? A aquisição da linguagem foi para cada um de nós uma etapa crucial da vida relacional. Mas nós éramos pequenos demais quando aprendemos a falar para nos darmos conta de que não se tratava ali de um processo totalmente banal de aprendizagem. Aquilo que nós vivemos foi: “Antes, eu não era compreendido; agora, eu o sou”. Graças a uma dádiva mirífica: a língua. Esta aumenta imensamente o sentimento de poder na relação, com a possibilidade de se fazer ajudar, de seduzir, de se afirmar, de se defender, de mentir e, portanto, de manipular, poder na compreensão do real: conhecer o nome das coisas é, para a criança pequena, penetrar na intimidade delas, ter um poder sobre elas. A língua encontra-se assim dotada de uma aura mágica no psiquismo inconsciente. É um Sésamo que abre portas às quais, antes, não se tinha nenhum acesso. É um talismã que modifica de cabo a rabo a rede de relações, a quantidade de conhecimentos, a forma de pensar. A criança não reflete sobre essas coisas, ela não seria capaz de exprimi-las, mas ela as sente, e estas têm um lugar em seu psiquismo inconsciente.

A escola não tardará a reforçar a atmosfera mágica que cerca a língua. Esta é lá apresentada, com razão, como sendo uma herança preciosa que vem dos primórdios, e na qual o indivíduo não tem o direito de intervir. Ela é um registro fantástico de todas as belezas que são as obras literárias. Ela é sagrada.

Em consequência, intervir conscientemente no domínio das línguas é um sacrilégio. Uma boa parte da síndrome de Babel finca suas raízes nesta forma de ver as coisas. Zamenhof aparece como um Prometeu que foi roubar dos deuses aquilo que lhes era reservado. Ele desafiou um tabu. Ele dessacralizou a própria noção de língua. Alguns o censuram expressamente por ter zombado da maldição de Babel. Segui-lo é arriscar expor-se a sanções sobrenaturais. Pode-se ser, na aparência, ateu ou crente esclarecido e nas profundezas da alma

deixar viver temores infantis imersos num clima mitológico arcaico. Como explicar, sem isso, o gesto de bater na madeira que tantos de nossos contemporâneos fazem quando manifestam uma esperança? Eles sorriem ao fazerem, pois nas camadas superficiais de seu ser eles não acreditam naquilo, mas se num nível inconsciente não dessem nenhum crédito àquilo, não o fariam de forma alguma. Da mesma forma, o conceito “língua” pode ser sentido como indiferente na superfície e estar ligado a toda uma carga de angústia nas profundezas.

Depois de tudo, durante nossa infância, nós ouvimos frases tais como “Isso se diz desta maneira”, “Isso não se diz dessa maneira”. Ora, essas obrigações e proibições não têm qualquer justificativa razoável. A criança que diz “*se eu soubesse eu não teria vindo*” tem um comportamento perfeitamente lógico, ela utiliza a linguagem conforme os objetivos que são sua razão de ser: exprimir-se, comunicar, compreender o real formulando-o verbalmente. A ausência de justificativa racional aparece nitidamente quando ela pergunta: “por que a gente não pode dizer *soubesse*?”. A única resposta que lhe dão é: “porque é assim que é”. Não é então contra o bom senso que peca a criança, ela somente peca contra uma tradição vinda dos ancestrais. Quem diz proibição irracional que remonta aos ancestrais diz, de fato, tabu, no sentido mais forte, no sentido etnográfico do termo. Nossas línguas estão impregnadas pela mentalidade arcaica fundada sobre o tabu. Isso não tira nada de seu esplendor, do valor do movimento natural que nos leva a amá-las, do direito que elas têm de serem respeitadas até na menor de suas obrigações, e na mais espantosa dessas proibições. Mas não é menos verdade que elas são marcadas por essa mentalidade arcaica. A mensagem implícita cada vez que se corrige uma criança por suas expressões fora-da-norma é que a linguagem é regida por uma autoridade difusa, misteriosa, não revelada, fazendo parte, por conseguinte, do divino. Mostrar que uma língua pode preencher suas funções originais e funcionar sem tabu, como o faz o esperanto, é da ordem da profanação.

Os partidários da obra de Zamenhof cometem um outro sacrilégio. Eles se permitem perturbar um universo bem ordenado em que a cada povo corresponde uma língua, a cada língua um povo. É mais tranquilizador negar o direito de existência dessa língua que não se sabe como classificar, visto que ela nada mais é do que uma língua auxiliar, intermediária, uma confluência e que ela deixa para cada um seu idioma e todos os valores culturais a ele ligados.

Os medos que povoam a vertente irracional, inconsciente, do conceito “língua” são tão numerosos e tão emaranhados que eles formam um verdadeiro complexo. Eles diferem, é claro, de um indivíduo para outro. Adquirir mais uma língua é aumentar o seu poder. Essa associação entre “língua” e “poder” é um dos obstáculos que nosso espírito deve transpor para encarar a verdade que nós examinamos nos Capítulos 3 e 4: a maior parte das línguas nacionais é difícil demais para que um estrangeiro possa atingir a meta em condições normais. Admitir essa dificuldade é reconhecer sua impotência. Como não é fácil perceber-se impotente, a gente se diz: “Se eu não sou particularmente forte em línguas, é porque eu não quis realmente me dedicar”. Subentendido: “Eu não estou diante de um limite intransponível, eu me encontro diante de uma escolha que fiz, pois eu tinha outras prioridades”. O sentimento de potência é assim preservado. Com outras pessoas – nós o vimos – ele é preservado pela presunção: elas creem ter na língua estudada um nível bem superior ao seu nível real.

Nessa corrida em direção à potência-linguagem, alguns se saem bem melhor do que outros: os políglotas. Estes podem sentir o esperanto, no nível inconsciente, como retirando as armas que garantem a eles sua superioridade. Mas eles não são os únicos a reagir assim. O sistema atual tem por efeito inchar o sentimento de valor em todos aqueles que se beneficiam

da interpretação simultânea, sejam eles deputados eleitos para o Parlamento Europeu, delegados sediados numa instituição internacional, ou especialistas fazendo uma palestra num congresso. “Para que um intérprete traduza cada uma de minhas intervenções é preciso que eu seja alguém realmente importante. Esse zelo em traduzir-me não é a prova de que todas as palavras que saem de minha boca são pérolas? Se eu não fosse um ser de elite, a sociedade não investiria tanto dinheiro na transmissão de minhas ideias”. A vaidade humana vem assim complicar, sem que isso seja consciente, a busca de uma solução racional para os problemas provocados pela diversidade linguística. Aqueles que deveriam decidir por uma organização inteligente da comunicação são aqueles mesmos que o sistema atual mais adula. O medo de perder um status associa-se assim aos medos mais primitivos datando da infância e a outros medos mais adultos: medo de que um contato direto com o Outro me ponha dúvida, medo de uma linguagem clara demais que me impeça de esconder-me, medo de perder a superioridade que me confere a cultura à qual eu pertencço... O leitor que deseje saber mais a esse respeito encontrará uma informação mais detalhada no artigo precitado da *Action et Pensée*.⁹ Seria fastidioso expor aqui todos os aspectos inconscientes que conspiram para impedir que se examine serenamente de frente a contribuição possível da língua de Zamenhof para a gestão da comunicação linguística. O pouco que foi dito aqui acima bastará sem dúvida para mostrar que essas forças psicológicas existem realmente, que elas agem à sombra e que elas figuram num lugar de destaque entre as causas da ignorância e dos preconceitos dos quais o esperanto é objeto mesmo no seio do público esclarecido.

O papel da imprecisão

Uma das características de toda neurose é que o domínio que é objeto do medo é muito enevado. O sujeito já não mais pode ver as coisas distintamente. Ele teria que pôr clareza para sair dela, mas ele não ousa, ele prefere deixar um véu mais ou menos opaco sobre essa zona perigosa do seu ser. Uma sociedade não reage diferentemente.

Nada de espantoso, por conseguinte, que muitos dos contornos estejam confusos no campo da comunicação linguística. A sociedade não se curará da síndrome de Babel enquanto ela evitar realizar um certo número de diferenciações. Por exemplo, entre o aspecto “cultura” e o aspecto “comunicação” do ensino das línguas. Os pais têm o direito a respostas claras e realistas: ensina-se inglês aos seus filhos para que eles possam se comunicar no mundo e melhorar seu status profissional ou para que eles possam ler Shakespeare no original? O discurso oficial não distingue claramente esses dois elementos.

Uma segunda confusão muito frequente tem relação com os conceitos “comum” e “único”. Para seus usuários, o esperanto não tem sentido a não ser como meio de trocar ideias, numa dada situação, entre pessoas de origens diferentes, cada uma permanecendo fiel à sua identidade, à sua cultura e à sua língua. Esse status de *lingua franca*, reservado aos intercâmbios interculturais, coexistindo em perfeita harmonia com os milhares de línguas e dialetos utilizados pelas sociedades humanas, parece difícil de compreender, mesmo para pessoas de alto nível intelectual. Testemunha a declaração seguinte de um professor, doutor em ciências econômicas, adjunto em ciências econômicas e gestão, reitor da academia de Estrasburgo. Tendo o interventor lhe perguntado se ele acreditava no esperanto, ele responde:

⁹ Esse artigo foi reproduzido em *Communication linguistique: A la recherche d'une dimension mondiale* (Paris: SAT-Amikaro, 1992), pp. 27-55. Endereço da SAT-Amikaro: 67, avenue Gambetta, 75020 Paris.

“Eu não acredito numa cultura que evoluiria para uma língua única. As línguas estão inscritas profundamente demais nos comportamentos para serem modificadas artificialmente. A riqueza da Europa é ser multilíngue e multicultural, e isso significaria privar-se dessa riqueza assim como esquecê-la. Ainda assim permanece uma dificuldade: o multilinguismo é algo a que somente poucos indivíduos podem chegar.”¹⁰

De onde diabos esse brilhante intelectual tirou a ideia de que o esperanto seria o resultado de uma convergência em direção a uma língua única? Onde foi ele tirar a ideia de que ele modificaria artificialmente as línguas inscritas nos comportamentos? Em quê a substituição da deficiência linguística ou do anglo-americano abastardado que serve o mais frequentemente de confluência entre europeus privaria a Europa da riqueza que representa efetivamente sua característica multilíngue e multicultural? Não foi precisamente para participar de uma ação concreta própria para proteger as línguas e as culturas contra a invasão anglo-saxônica que a maior parte dos usuários do esperanto adotou esse meio de comunicação? O entrevistado está consciente do problema: ele sabe que o poliglottismo estará sempre limitado a uma pequena elite, mas ele não assimila em que consiste a solução proposta sob o nome de esperanto. Para que um intelectual desse nível compreenda tão mal uma coisa tão simples, é necessário que um bloqueio afetivo (de ordem coletiva, não individual) iniba o jogo normal da informação e da inteligência: a síndrome de Babel lança uma névoa sobre a questão e provoca confusões que não existiriam numa sociedade capaz de raciocinar serenamente.

As diferenciações a operar para poder tratar do assunto com toda clareza são de ordem muito diversa. Por exemplo, é preciso distinguir os tipos de dificuldade. A diferença entre “*les adversaires de l’ayatollah qu’on a porté aux nues*” (os adversários do aiatolá que nós pusemos nas nuvens) e “*les adversaires de l’ayatollah qu’on a portés aux nues*” (os adversários do aiatolá que foram postos nas nuvens) apresenta uma dificuldade, mas ela tem um sentido para a comunicação: ela é justificada se se quer transmitir uma mensagem desprovida de ambiguidade. Por outro lado, o fato de que se diz *au Danemark* (na Dinamarca), *en France* (em França), e *à Cuba* (em Cuba) nada acrescenta à clareza da mensagem: não haveria mal-entendidos se disséssemos *en Danemark*, *en France*, *en Cuba*. É por falta de distinguir esses dois tipos de dificuldades que se acredita que as línguas nacionais são as únicas capazes de resolver o problema da comunicação interpovos.

Da mesma forma, quando estudamos o assunto com cuidado, nos damos conta de que é importante distinguir entre o esperanto, língua existente, meio prático e disponível no presente século para suprimir os obstáculos devidos à diversidade linguística, e o projeto criado pelo jovem Zamenhof no final do século dezenove dentro de um espírito bastante diferente em certos aspectos.

A população esperantófono deve ela mesma ser objeto de diferenciações importantes se quisermos ter uma ideia objetiva da realidade. Com demasiada frequência, os autores externos àquele meio utilizam a expressão “os esperantistas” como se houvesse consenso entre os usuários da língua de Zamenhof. Esse é um erro grave. Se por um lado há prosélitos que empregam consideráveis esforços para convencer o mundo inteiro da excelência do esperanto,

¹⁰ “Europe – Une langue pour tous”, *Le Monde des Débats*, julho-agosto de 1993, p. 25. (Colóquio recolhido por Marcel Scotto).

por outro lado há antiprosélitos para os quais o esperanto é essencialmente a língua de uma coletividade marginal que vai muito bem na medida em que não cresça demais e para quem não há nenhum sentido em querer trabalhar a opinião mundial em vista de uma adoção geral de seu meio de comunicação. “Se nossa língua não lhes interessa, deixemo-los em paz”, essa é a posição dos jovens que assinaram o “Manifesto de Rauma”.¹¹

O embaçamento produzido pela neurose impede a opinião pública, e aqueles a quem ela delega o poder, de se situarem corretamente face aos diversos meios que permitem a comunicação entre pessoas de línguas diferentes. Somente uma percepção clara de todos os dados permite enfrentar um problema com a eficácia desejável. Se a síndrome de Babel ganha assim tão facilmente do bom senso, é em grande parte porque ela torna os contornos imprecisos. Como toda neurose, ela joga poeira nos olhos.

Eu não pretendo ter razão, mas me parece que é preciso ter os olhos cheios de pó para absorver sem reação de repulsa o raciocínio seguinte, de um reputado linguista:

“Nós vimos ao longo de todo este livro (...) que a expansão de uma língua no espaço e no tempo é sempre a expressão de uma outra expansão, militar, econômica, religiosa, cultural, etc., que ela testemunha um movimento social mais profundo. Ora, pode-se perguntar aqui de que movimento social profundo o esperanto (...) seria expressão? (...) Nós não temos nenhum exemplo histórico de uma diáspora linguística tendo conseguido impor sua língua. (...) Eu por diversas vezes contrapus dois tipos de abordagem desse problema [do plurilinguismo], uma *in vivo*, em campo, e a outra *in vitro*, no laboratório. Ora, está claro que o esperanto depende da segunda abordagem e que cada vez que um problema de comunicação se impõe não é junto ao esperanto que a prática social vai buscar uma solução”.¹²

Esse texto testemunha uma grave confusão entre “nunca se viu” e “isso não pode existir”. Na metade do século dezenove, se poderia ter igualmente dito: “Nunca se viram trabalhadores agruparem-se, organizarem movimentos de pressão e greves para obter uma mudança em suas condições de trabalho; a semana de quarenta horas é uma utopia” ou “Nós não temos nenhum exemplo histórico de uma mulher exercendo as funções de prefeita ou de ministra; pode-se estar certo de que jamais mulheres ascenderão a tais postos” ou ainda “Nunca os países coordenaram uma ação de saúde pública em escala mundial para assim conseguirem eliminar uma grave doença. Não há qualquer chance de que se consiga chegar ao fim da varíola por meio de uma ação combinada; os pequenos sucessos obtidos *in vitro* ou em pequena escala não permitem extrapolar ao conjunto do planeta.” Entretanto, a semana de quarenta horas existe, há mulheres prefeitas e ministras, mesmo no Terceiro Mundo, e a varíola foi efetivamente erradicada graças à coordenação das atividades organizada pela OMS. Eu tenho o maior respeito pela competência linguística do Sr. Calvet, mas o raciocínio que significa, de fato, “nada de novo pode existir” é desmentido por todo o progresso das técnicas, das ciências ou da ação social.

É baseando-se no mesmo tipo de análise do passado que um brilhante astrônomo, William H. Pickering, professor em Harvard, escrevia em 1908:

¹¹ *Kontakto*, 1981, 69, 1, p. 6.

¹² Louis-Jean Calvet, *La guerre des langues et des politiques linguistiques* (Paris: Payot, 1987), pp. 279-280.

“A imaginação popular evoca frequentemente máquinas gigantes voadoras a cruzar o Atlântico com passageiros a bordo, como fazem nossos paquetes modernos. Pode-se dizer sem risco de erro que tais ideias são puras quimeras”.

Que o leitor julgue. Talvez eu próprio esteja obscurecido por alguma neurose esperantófila. Mas me parece que quando vários processos são usados paralelamente para resolver o mesmo problema, não é ingênuo pensar que aquele que apresenta a melhor eficácia e a maior satisfação humana pelo menor custo e o menor trabalho tem fortes chances de terminar por vencer. Não foram os linguistas os que primeiro isolaram aquilo que chamaram *a lei do mínimo esforço*, pela qual eles explicam muitos comportamentos linguísticos? Mas para acreditar que o esforço será um dia proporcional ao resultado visado, é preciso acreditar ser a humanidade capaz de se desembaraçar de condicionamentos neuróticos. Isso talvez seja acreditar no milagre. Se a *intelligentsia* crê tão pouco nas chances do esperanto, é também porque ele representa precisamente um milagre.

O milagre

Quando se escuta falar de um milagre, a reação mais normal é ficar céptico. É claro, se se é honesto, ou suficientemente interessado, vai-se ver, vai-se verificar. Mas o ser humano não é, em geral, tão honesto assim e a coisa não lhe interessa o suficiente para valer o incômodo. Face ao extraordinário, ele escorrega facilmente da atitude aberta (“*eu não sei nada sobre isso*”) para a atitude fechada (“*eu não acredito nisso*”).

O esperanto revela milagre em vários níveis. O mais fundamental é o nascimento, em algumas décadas, de uma língua de corpo inteiro, dotada de uma literatura inteiramente interessante, mas sem povo nem território.¹³ Uma língua cheia de vida, que permite experimentar tudo o que se quer, é algo tão complexo, tão delicado que se tem dificuldade em acreditar que ela tenha podido nascer sob nossos olhos. Entretanto, esse fenômeno se produziu. Há pouco mais de um século, a língua dita *esperanto* não existia; hoje, ela é utilizada por alguns milhões de pessoas que formam um tipo de diáspora. Elas são pouco numerosas em um dado ponto do globo, mas são encontradas em toda parte, mesmo na Mongólia, mesmo na Albânia, mesmo em um campo de refugiados da Tanzânia.¹⁴

O milagre não reside no fato de que uma língua tenha saído pronta e acabada do crânio de um só homem. Essa ideia, extremamente difundida, é contrária à realidade histórica. Toda língua viva resulta necessariamente de um processo coletivo, anônimo, grandemente inconsciente. O esperanto não é exceção. O projeto publicado em Varsóvia em 1887 por um jovem, Ludvik Lejzer Zamenhof, não é uma língua, nada mais é do que o ponto de partida, a semente, que não se tornará uma realidade viva a não ser que encontre um terreno que lhe forneça seus aportes e lhe permita crescer. O milagre é que esse terreno existiu e acolheu o germe. Quinze anos após a publicação da pequena brochura, a língua proposta era utilizada por pessoas de uma extrema diversidade, como testemunha a lista dos usuários do esperanto recenseados em 1902.¹⁵ Os nomes por si só revelam que a língua havia se dispersado entre

¹³ Richard E. Wood, “A voluntary non-ethnic, non-territorial speech community” in William Francis Mackey e Jacob Ornstein, red. *Sociolinguistic Studies in Language Contact* (Haia, Paris e Nova Iorque: Mouton, 1979), pp. 433-450.

¹⁴ Maendeleo Esperanto-Klubo, Kigwa-Tabora.

¹⁵ Ela está reproduzida em: Adolf Holzhaus, *Doktoro kaj Lingvo Esperanto* (Helsinque: Fondumo Esperanto, 1969), pp. 244-264.

os povos mais longínquos: Akhmet Outyamitchev, turcomeno, do distrito de Syr-Daria, Asayiro Oka vive em Tóquio, Einar Asmundsson em Nesi (Islândia), Stanislav Mossakowski em Nouméa (Nova Caledônia), J.M.C. Ganouna em Tunis, E. Gosta em Buenos Aires, M. Ravelojaona em Tananarive... As localidades representadas nesse documento mostram que a primeira rede de usuários do esperanto cobria já o mundo inteiro: Santa Fé (Argentina), Filadélfia (EUA), Reykjavik (Islândia), Ourga (Mongólia), Tientsin (China), Helsinque (Finlândia), México, Alexandria (Egito), Odessa (Ucrânia), Bombaim... Ninguém entende como aquela nova linguagem se propagou tão rápido.

Mas esse não é o único milagre. O mais incrível é que ao porem-se a comunicar, a visitar-se, a organizar reuniões, congressos e encontros, essas pessoas, sem se darem conta, transformaram o projeto em uma língua viva, uma língua falada. Nos anos vinte, já havia casais binacionais cuja língua familiar era o esperanto, de modo que essa era também a língua materna dos filhos.

Quando um linguista como Louis-Jean Calvet classifica o esperanto entre os fenômenos *in vitro*, ele esquece que aquilo que, no começo, é uma experiência pode muito bem dar lugar a uma realidade viva e próspera. Quantas flores não são o resultado vivo do trabalho de horticultores dedicados à experimentação, quantos cereais, quantas frutas não são o resultado de pesquisas feitas pelos institutos de agronomia! Aquilo que era *in vitro* era o projeto de Zamenhof, mas aquela língua que as crianças esperantófonas falam, aquela que promove a formação de alguns casais, aquela que tantas pessoas utilizam em tantos tipos de encontros, essa resulta possível sem sombra de dúvida pelas realidades *in vivo*. Um bebê togolês, filho de um esperantófono de Lomé, pôde recentemente submeter-se em Genebra a uma operação para salvá-lo de uma malformação cardíaca congênita graças à solidariedade de grupos de esperanto da Holanda, da França, da Finlândia e da Suíça. Reduzir esse gesto de amizade a uma operação *in vitro* tem por efeito deformar o real. Toda a comunicação entre os interessados, desde o grito desesperado do pai, já tendo em muitos outros aspectos experimentado a provação da sorte, até a resposta de seus amigos europeus, situa-se no âmbito da vida, *in vivo*. Por mais que ela tenha se desenrolado em esperanto, pouco tem ela a ver com um *hobby* ou com uma experiência de laboratório.

Um outro aspecto miraculoso da história do esperanto são os ajustes que se produziram. Em consequência da vida: *in vivo*. As pessoas que utilizavam a língua se esforçaram para levar em conta a maneira na qual os outros se exprimiam e as fórmulas que se estabilizaram, quer se trate de pontos de gramática ou de vocabulário, foram aquelas que satisfizeram a maioria. Por exemplo, no começo, para dizer “prenome”, dizia-se *antaŭ-nomo*, *antaŭ* significa “antes” e tem assim o mesmo sentido que *pre-* em prenome. Mas como os chineses, os vietnamitas, os japoneses, os coreanos e outros põem o prenome depois do sobrenome, essa expressão não era aceitável para eles. Eis porque a evolução conduziu a *individua nomo*, “nome individual”, em contraposição a *familia nomo*, “nome de família”. Nenhuma língua tem um substrato assim tão amplamente intercultural.

A influência inconsciente de hábitos gramaticais e semânticos muito diversos, conjugados à vontade de compreender-se, conduziu a língua a adaptar-se às necessidades de uma comunicação interpovos. Sua evolução consistiu em grande medida de adaptações mútuas espontâneas, em grande parte inconscientes.

Artificial?

“Mas o que quer que você diga, essa língua continua sendo artificial”, dizem-me com frequência. Pessoalmente, eu não percebo ali nada de artificial, sem dúvida porque eu estou às voltas com o esperanto desde a infância. Quando eu falo inglês, eu tenho muito mais a impressão de utilizar uma língua artificial. É natural para um inglês falar inglês, mas não para mim. É como se eu vestisse uma roupa talhada para um outro corpo que não o meu. O esperanto parece-me mais natural porque nele eu estou à vontade. A grande liberdade que rege a formulação do pensamento faz com que eu nunca esteja incomodado, ou pouco à vontade. O fato de que se tem um sentimento de segurança, porque se sabe que ali não há coisas aberrantes, torna a língua mais natural. Mesmo o francês é frequentemente, para mim, mais artificial. A ortografia, por exemplo. Eu verifico sempre no dicionário se *personnalité* leva dois *n* ou um só. Eu sei que há algo de incoerente na formação *rationnel* → *rationalité*, *personnel* → *personnalité*, mas eu nunca me lembro qual dos dois tem os dois *n*. Se o francês é uma língua natural, como se dá que eu não encontre naturalmente a resposta? Que eu não possa simplesmente seguir minha natureza? Eu não tenho jamais esse tipo de dúvida em esperanto. Outro exemplo, quando eu quero exprimir a ideia: “*Bien que, si j’insistais, il finirait par céder*” (Muito embora, se eu insistisse, ele acabaria por ceder), eu fico bloqueado por algo que eu sinto como artificial, eu não posso seguir minha natureza. Foi-me imposta de fora para dentro, por obrigação e, portanto, artificialmente, uma regra que diz: depois de *bien que* (muito embora) é preciso sempre usar o subjuntivo. Eu começo então minha frase, e em seguida eu paro, bloqueado. Uma indicação de contramão aparece diante de *finirait* (acabaria) e eu me encontro diante de uma bifurcação: deve-se dizer *finisse* (acabe), ou deve-se dizer *finît* (acabasse)? Eu sinto essa dúvida como não sendo, de forma alguma, natural.

Eu tive a oportunidade de observar a linguagem de uma criança bilíngue esperanto-francês. Aos quatro anos, ela falava um esperanto absolutamente correto, mas um francês ainda muito distante da norma, como a maioria das crianças de sua idade. Se o esperanto não fosse natural, como explicar a maior desenvoltura daquela criança em uma língua que ela só falava com seu pai? Sua mãe, seus amiguinhos, seus vizinhos, os primos, o rádio, tudo isso falava francês durante todo o dia. Mas seu francês era muito pior: ele lhe vinha à boca menos naturalmente.

O argumento segundo o qual o esperanto seria artificial não me parece ser procedente. Ele tem além do mais o mofo de um bordão que se repete sem que se reflita a respeito. As pessoas que acusam o esperanto de não ser natural não hesitam em utilizar o artificial no dia-a-dia. Elas digitam suas correspondências num editor de textos. Elas comem pão, e não grãos de trigo. Elas se locomovem de automóvel. Elas sobem de elevador. Quando a mãe natureza dota os filhos delas com uma dentição irregular, elas mandam corrigi-la em um ortodontista, artificialmente. São esses mesmos indivíduos que para se comunicarem entre pessoas de línguas diferentes acham normal falar num microfone, ter fones de ouvidos por sobre as orelhas e acompanhar uma vozinha aguda de mulher quando o interlocutor é um barbudo com uma bela voz de baixo. Os fios elétricos, os microfones, os fones de ouvido, o botãozinho vermelho que se deve acender para que se possa dizer uma palavra, é essa a maneira natural de dialogar? Em esperanto, fala-se com seu coração, com seu cérebro, com sua boca. Por certo, nesse tipo de domínio os julgamentos são sempre muito subjetivos. Mas para mim, que tenho a experiência dos dois tipos de comunicação, o esperanto é incontestavelmente muito mais natural que a interpretação simultânea.

De fato, o conceito “natural” é muito relativo. As pessoas que criaram o francês sabiam mais do que nossos contemporâneos a esse respeito. Este é o caso de Rabelais, por exemplo, que dizia:

“É um erro dizer que nós temos uma linguagem natural: as línguas existem por instituição arbitrária e convenção dos povos.”¹⁶

Ele havia compreendido melhor a natureza da linguagem do que bom número de nossos especialistas atuais.

Afirmações categóricas

As afirmações categóricas são numerosas nos discursos antiesperanto. Elas tomam com frequência a forma de argumentações lógicas e convincentes, que só pecam por um detalhe: elas são invalidadas pela realidade.

Aquilo que denuncia que elas estão a serviço de uma neurose que se defende é o fato de elas visarem, não ir adiante na compreensão dos fenômenos da comunicação, mas impedir o interlocutor ou o leitor de ver isso claro. Elas representam um fechamento: levanta-se a ponte levadiça para que ninguém possa sair e verificar os fatos. Se o esperanto não convém, a melhor maneira de proceder não seria expor o que se passa lá onde ele está em uso? E depois apresentar uma recusa motivada e circunstanciada, dando as referências, para que todo pesquisador interessado possa verificar? Aprender-se-ia assim alguma coisa, compreender-se-ia melhor o que é preciso fazer, observando aquilo que funciona mal.

De fato, mesmo que a língua esteja em uso há mais de um século, não existe um único documento que, partindo da observação do real, conclua pela rejeição do esperanto. Lá se vão quarenta anos que eu coleciono os artigos, discursos de políticos e obras diversas que tratam da questão. A grande maioria desses textos preconiza a rejeição da língua e a trata em termos depreciativos. Mas nem um único faz a comparação com os outros sistemas de comunicação internacional. Há uma correlação positiva absoluta entre “documento sustentado por fatos verificáveis” e “favorável ao esperanto”, por um lado, e entre “não contendo qualquer referência à realidade” e “desfavorável ao esperanto” por outro lado. A partir do momento em que um autor observou os fatos, suas conclusões foram favoráveis.¹⁷

Se eu ousar ser tão categórico, é porque fui consciencioso em minhas pesquisas. Eu escrevi para centenas de autores que formularam afirmações sobre o esperanto com um tom de indubitável competência, para perguntar-lhes quais eram suas fontes. Poucos me responderam, e os que o fizeram nunca puderam justificar seus dizeres: eles se desculparam por haverem se exprimido sem verificar o bom embasamento de suas afirmações, as quais lhes pareciam evidentes. Eu também fiz apelos em revistas especializadas para que se me fizessem conhecer fatos ou testemunhos corroborando os diversos defeitos que geralmente se imputam ao esperanto. Ninguém respondeu a eles.

É possível que eu me engane: eu não pretendo ter a razão. Eu simplesmente digo que se publicam muitas afirmações negativas sobre a língua de Zamenhof, mas que em quatro décadas de pesquisas minuciosas, eu não consegui encontrar um único documento que

¹⁶ Rabelais, *Oeuvres complètes*, III, 19 (Paris: Seuil, 1973), p. 438.

¹⁷ O documento mais recente publicado nesse sentido é a obra de Lilli Papaloïzos *Ethnographie de la communication dans un milieu social exolingue: Le Centre culturel espérantiste de La Chaux-de-Fonds* (Berna: Peter Lang, 1992, 254 pp.).

baseasse tais afirmações na observação ou no estudo. A rejeição do esperanto é, em minha experiência, sempre *a priori*. Dito isso, como uma pessoa sozinha, mesmo que muito motivada, não pode ler todas as publicações pertinentes num mundo em que as edições se sucedem num ritmo vertiginoso, eu renovo aqui meu apelo. Eu serei grato a todo leitor que me fizer conhecer um relatório de pesquisa, um resultado de investigação, uma análise de linguista, uma reportagem, enfim, um texto circunstanciado apresentando todas as garantias de seriedade e de objetividade normalmente admitidas em ciências humanas, cuja conclusão seria a de que o esperanto funciona menos bem, como meio de comunicação entre estrangeiros, que o inglês, que a interpretação simultânea ou qualquer outro sistema. Ou que a aplicação dos critérios normalmente utilizados em literatura comparada situe a literatura original publicada na língua de Zamenhof em um nível inferior àquele da maior parte das outras literaturas durante os cem primeiros anos de suas existências.

Com os meios modernos, não é difícil documentar-se sobre um dado assunto. Eis porque, se existe um estudo sério demonstrando a ineficácia do esperanto, sua falta de vitalidade, sua inexpressividade ou seu impacto anticultural, é improvável que me tenha podido passar despercebido. O que se encontra normalmente, contudo, são julgamentos feitos de modo incisivo, em total discrepância em relação à realidade que todo pesquisador honesto pode verificar. Como esses julgamentos são quase sempre emitidos de boa-fé, forçoso é imputar-lhes uma origem patológica, estando bem entendido que a patologia não se situa no nível da pessoa, mas do conjunto da sociedade. Há uma espécie de delírio coletivo que bom número de pessoas toma para si, sem pensar em verificar. Tal é a conclusão à qual conduz implacavelmente a confrontação com a realidade. Ela permite determinar em que campo se situam respectivamente a patologia e a saúde mental.

Verdade e patologia

Na verdade, uma das características da psicopatologia, quer se trate de uma psicose ou de uma neurose, é o distanciamento da verdade. Aquele que profere afirmações cuja boa fundamentação é confirmada pela verificação está mais próximo do ideal da saúde mental do que aquele cujas afirmações se revelam regularmente desmentidas pela análise dos fatos.

Desde o surgimento do esperanto na cena mundial, viu-se todo tipo de pessoa publicar juízos sobre o futuro dessa língua. Na véspera do primeiro congresso internacional no qual o esperanto iria ser o único meio de comunicação (Boulogne-sur-Mer, 1905), a maior parte da *intelligentsia* mundial, como a maior parte dos jornalistas, predisse que os 668 participantes inscritos – representando duas dezenas de línguas maternas diferentes – não lograriam compreender-se. Os interessados, por sua vez, estimaram que não teriam problemas de comunicação. Foi a estes que a realidade deu razão.

Muitos incrédulos, dos quais um certo número de linguistas, predisseram em seguida que o esperanto se desintegraria numa série de dialetos incomprensíveis mutuamente. Os partidários do esperanto, quanto a eles, acreditaram que o simples fato de se comunicarem garantiria os ajustes necessários e que a evolução iria no sentido de uma maior unidade. Em outras palavras, eles partiam do princípio de que as línguas não se despedaçavam em idiomas locais diferenciados a não ser que as comunidades estivessem isoladas, como se deu quando o latim se dividiu em diferentes falares, dando origem às línguas românicas. Se se mergulha nos documentos para estudar a história do esperanto, constata-se que a evolução se deu no sentido da unificação. Há muito menos diferenças hoje em dia do que no começo do século

na maneira na qual os usuários pronunciam, falam e escrevem a língua de Zamenhof. Eu fiz alusão, no Capítulo 6, às argumentações aberrantes feitas contra o esperanto por ocasião dos debates na SDN. Eis aqui um exemplo, em relação com esse problema de pronúncia e de ruptura em diferentes falares:

“Ao final de um número de anos variável, mas que não será muito considerável, as condições climatéricas e também a diferença de conformação dos órgãos de emissão da voz, que variam ao infinito de uma raça a outra, farão cindir a língua nova em outros tantos dialetos ainda mais novos.”¹⁸

Como foi que esse homem não viu que se seu argumento fosse válido, ele deveria aplicar-se também ao francês, cujo emprego como língua internacional ele pregava?

Da mesma forma, afirmou-se que jamais o esperanto teria falantes fora da Europa e da América. Os partidários do esperanto, por sua parte, estimavam que sua língua poderia seduzir pessoas de todos os continentes. A história confirmou a justeza do raciocínio deles. Já em 1913, duas revistas em esperanto eram editadas na China.

Prognosticou-se por fim que o atrativo da língua de Zamenhof iria diminuir, as pessoas se dariam conta de que ela não apresentava interesse prático em relação a uma língua realmente internacional como o inglês. Na verdade, o esperanto nunca parou de se propagar, pelo menos em escala mundial. Ocorre que nesse ou naquele país ele perca pouco a pouco um bom número de adeptos, mas tal diminuição é sempre um fenômeno localizado, compensado por um progresso em outro lugar, mesmo no caso de perseguição. (Uma proibição pode ter o efeito contrário àquele que é esperado pelas autoridades: na URSS e na China, quando os regulamentos que proscreviam o ensino e a utilização do esperanto foram ab-rogados, deram-se conta de que a língua havia se difundido por baixo do pano). Essa propagação do esperanto no mundo é extremamente lenta, mas isso nada muda na tendência geral. Uma vez mais, dois tipos de afirmações se afrontam. Entre aqueles que predizem o declínio e aqueles que apostam no progresso, a verificação dos fatos dá razão aos últimos.

Mas aqueles que falam do esperanto não se pronunciam somente sobre o futuro, muitos fazem afirmações que se podem controlar em campo. Em um relatório de pesquisa que eu redigi há algum tempo,¹⁹ eu retomei toda uma série de citações típicas daquilo que se publica nos dias de hoje sobre essa língua, mostrando aquilo que a verificação dos fatos permitia estabelecer. Eu não vou reproduzir aqui todas as referências, simplesmente para não embarçar ainda mais os autores citados, que são em geral de boa-fé. Mas se o leitor quiser certificar-se de que eu digo a verdade, ele encontrará na publicação mencionada todos os elementos de informação. Eis aqui algumas daquelas citações, cuja inexatidão fica evidente a partir do momento em que se proceda a um exame mais detido:

Falado em parte alguma, o esperanto só existe nas reivindicações de seus adeptos.

O esperanto saiu pronto e acabado um dia em 1887 da cabeça do Dr Minerva aliás, Zamenhof. [Essa frase deforma a realidade em dois pontos: ela faz tábua rasa da lenta

¹⁸ Rio Branco, *Contra a outorga da patronagem da Sociedade das Nações ao esperanto. Argumentos apresentados pelo Terceiro Representante dos Estados Unidos do Brasil na III-a Assembleia, sessão de 12 de setembro de 1922*, Genebra: SDN, 1922, pp. 16-17.

¹⁹ Claude Piron, *Espéranto: l'image et la réalité* (Paris: Université de Paris VIII, 1987).

gênese da língua junto a Zamenhof e negligencia o fato de que aquilo que se chama hoje em dia “esperanto” é o resultado de um século de interações e de comunicações dentro de uma comunidade dispersa sobre toda a superfície do globo, no seio da qual os contatos são de uma notável densidade].

O esperanto é uma língua europeia no que diz respeito às suas estruturas.

É também verdade que o esperanto é uma língua rígida.

Preconizar o esperanto, desprovido, e com razão, de história e de literatura (...)

O esperanto é orientado na direção da supressão gradual das tradições.

Eles [os partidários do esperanto] afirmam que a paz seria automaticamente instaurada entre os povos graças a uma segunda língua comum.

Eis aqui outras citações da mesma veia que eu só recolhi após a redação do relatório de pesquisa supracitado. Elas tampouco resistem à verificação:

Se o esperanto não é falado, é porque ele não tem uma comunidade.

A solução dos problemas linguísticos, que crescem (...) de forma exponencial, (...) poderia residir na escolha de uma língua viva privilegiada que deveria responder aos seguintes critérios: (...) ser uma língua viva que conserve as faculdades criadoras e adaptativas das palavras, das expressões, das necessidades da vida que se transformam lentamente, mas certamente, sem ser um esperanto congelado, por falta do sangue da vida.

Não se ama nem se insulta em esperanto.

Pode-se tudo traduzir em esperanto, mas nada se pode exprimir.

...uma língua sem alma e força de expressão, que permite exprimir ideias simples e terra-a-terra, mas que conduz praticamente a falar pensando o menos possível.

Há dois tipos de línguas infantis: os dialetos e as línguas artificiais [trata-se de fato do esperanto, ao qual é consagrada esta passagem]. As crianças as aprendem bem rápido e com prazer, com tanto prazer como em toda língua não evoluída, há a possibilidade de inventar e de combinar palavras, mas mais tarde, após resultados muito rápidos, percebe-se que elas são incapazes de falar e de escrever corretamente sua língua materna. [É verdade que as crianças aprendem o esperanto rápido e com prazer, porque elas gostam de inventar e combinar palavras, mas a afirmação de que o estudo dessa língua na infância teria repercussões negativas sobre a língua materna é derrubada pela análise dos casos concretos.]

Em média, em dez textos publicados sobre o assunto esperanto, encontram-se nove que se exprimem no espírito das citações reproduzidas acima. O mundo esperantófono, por sua parte, contesta essas asserções. Quem está errado? Quem tem razão? Felizmente, cada uma dessas alegações se presta à verificação. Aquele que se dá ao trabalho de examiná-las percebe que seus autores são incapazes de justificar seus dizeres fundando-se no resgate de textos, no exame de documentos históricos, na análise linguística da língua, no estudo de seu

funcionamento lá onde ela é efetivamente empregada, na observação do comportamento de seus usuários, em uma palavra: na realidade. Em contrapartida, a comunidade do esperanto pode demonstrar, em cada caso, por que ela rejeita a afirmação incriminadora.

Eu digo “comunidade” porque, no nível individual, muitas pessoas que empregam regularmente a língua de Zamenhof são incapazes de responder àqueles que julgam sem saber. Tudo o que elas podem dizer é que, em suas experiências, “ele funciona”. Diante de um linguista, de um político, de um jornalista, o esperantófono médio, que em geral não fez estudos superiores, sente-se pequeno. Ele sabe a que ponto o esperanto enriquece sua vida e amplia seus horizontes, sente que alguma coisa está distorcida no discurso que se lhe fazem, mas não dispõe das ferramentas intelectuais necessárias para restabelecer a verdade. As citações apresentadas acima contêm todas uma mensagem implícita: *“Eu sei do que eu estou falando, é assim que as coisas são”*. O autor não diz: “O esperanto seria, se eu bem entendi, uma língua europeia no que refere às suas estruturas” ou “É duvidoso que possa haver pessoas que se amam e se insultam em esperanto”. Não. Todas aquelas frases são afirmações categóricas, que forçam insidiosamente a adesão do leitor. Como este poderia imaginar que pessoas que se exprimem com tal autoridade não conhecem nada daquilo que falam? Na verdade, trata-se de tomadas de poder. Esses autores outorgam-se gratuitamente o papel do mestre-que-sabe dirigindo-se a alunos ignorantes e sem experiência. É preciso muita força psicológica para não se deixar encerrar nesse papel de criança e para denunciar a usurpação perpetrada pelo mestre-do-pensar. Eis porque, desamparado, o usuário do esperanto tem frequentemente uma reação desajeitada. Se, por exemplo (para tomar, uma vez mais, um caso real), ele responder sugerindo que o esperanto é “uma língua aglutinante como o alemão e o chinês”, o linguista ao qual ele se dirige balançará a cabeça com comiseração, confortado com a ideia de que esses esperantistas não entendem nada de línguas. O sentimento de superioridade que ele experimenta naquele momento o impede de perceber que é menos competente que seu interlocutor no domínio particular do esperanto.

Mas o que quer que seja desses sentimentos respectivos de superioridade e de inferioridade, persiste que os defensores da posição “pró-esperanto” veem regularmente suas posições comprovadas pela história e pela experiência do real, enquanto que cada um dos autores citados se mostra incapaz de fazer a distinção entre aquilo que ele imagina e aquilo que é. De que lado está a saúde mental? De que lado a patologia? Que o leitor decida, estando bem entendido que se trata de uma patologia social, podendo afetar pessoas perfeitamente sãs no nível individual, mas apesar disso acometidas pela visão patológica das coisas que grassa no nível da sociedade.

Confirmação do diagnóstico

Uma outra característica da saúde mental é o sentido das responsabilidades. Uma pessoa dotada de uma boa maturidade afetiva pensa nas consequências de seus atos ou de suas palavras. Esse não parece ser o caso dos autores precitados, cujas declarações são de fato, senão em intenção, mentirosas. Ora, essas calúnias, por força da repetição, instalam-se nos espíritos como verdades incontestáveis. “Minta, minta, sempre restará alguma coisa”. O resultado é que a sociedade descarta *a priori* o esperanto. Isso seria perfeitamente aceitável se esses autores propusessem uma outra solução, melhor, ou pelo menos com o mesmo desempenho. Mas esse nunca é o caso. Tendo excluído a língua de Zamenhof, eles obrigam a sociedade a recair nos sistemas tradicionais: inglês, traduções, interpretação, etc., cuja

ineficácia e cujo custo gigantesco foram demonstrados no Capítulo 2. Ao fazerem isso, eles assumem uma enorme responsabilidade. Eles se põem na situação de um administrador da saúde pública que, em face de uma epidemia grave, dissuadisse a população de aplicar o medicamento eficaz e barato sem ter se dado ao trabalho de ler os relatórios de pesquisa a respeito do tratamento proposto ou de ir constatar *de visu* como as coisas se passam junto às pessoas que o experimentaram.

É fácil encontrar testemunhos em que religiosas que deixaram o convento, ateus convertidos a uma religião ou comunistas decepcionados por sua ideologia explicam seus itinerários e os motivos de suas reviravoltas. Mas não existe livro ou mesmo artigos de pessoas que, havendo participado da vida esperantófila, abonem as opiniões dos autores precitados, declarando, por exemplo, que a língua de Zamenhof tem inconvenientes culturais tais e tais, só permite conversas terra-a-terra ou é impossível de falar. Esses textos não existem porque *não há adversários do esperanto a não ser entre as pessoas que não o conhecem em sua realidade concreta*. Esse fato não deveria dar o que pensar?

Os autores que publicaram as opiniões reproduzidas acima, mas também todos aqueles que, em seu pequeno círculo, entre os colegas de trabalho ou nas conversas de botequim, utilizam o peso de suas personalidades para desencorajar outros a respeito do esperanto são duplamente inconscientes: eles não se dão conta do caráter irresponsável de um comportamento que contribui para privar a sociedade de uma solução sem conduzir a uma solução sobressalente de uma qualidade equivalente (em outros termos, eles não percebem que suas palavras têm repercussões sobre o conjunto da vida social, e, pelo viés da organização da sociedade, sobre o bem-estar de cada um dos habitantes do planeta), e não conhecem os verdadeiros motivos de sua posição. Essa dupla inconsciência confirma nosso diagnóstico: há algo de neurótico na maneira na qual se desdobra a hostilidade ao esperanto. Na verdade, a partir do momento em que os fatos não tenham sido examinados, a única reação sã consistiria em reconhecer: “Eu nada posso dizer sobre essa língua. Não estudei o assunto”.

Alguns, sem dúvida, contestarão esta conclusão dizendo: o comportamento são é o comportamento normal. Se, em 100 pessoas, 99 são contra o esperanto e uma é a favor, pouco importa que esta tenha a experiência e que as outras tomem posição *a priori*. Seu número basta para indicar qual é o comportamento normal.

Quando nenhuma verificação é possível, o critério quantitativo talvez seja aceitável. Mas a partir do momento em que se pode verificar, não tem a prova do real um valor superior à opinião geral? Quando todo mundo, ou quase, pensava que a Terra fosse plana, aqueles que a julgavam esférica eram certamente anormais. Mas a partir do momento em que alguém deu a volta nela, a única questão a resolver era a da autenticidade de seus depoimentos. Já não era mais uma questão de quantidade.

No momento em que você em seu meio falar do esperanto, haverá nove chances em dez de que o seu interlocutor lhe desfira os mesmos preconceitos clássicos, da mesma ordem das frases precitadas. Se você me permitir uma sugestão, empurre-o então para dentro de suas últimas trincheiras. Force-o a dizer qual é sua experiência com o esperanto, onde ele ouviu falar dele e em que condições, o que ele sabe de sua literatura, de sua gramática, de seu léxico, de sua história, de sua evolução, de sua difusão no mundo. Pergunte-lhe onde e quando ele o comparou com os outros sistemas de comunicação interpovos. Respondendo suas afirmações por meio de perguntas, você o levará a confessar que fala sem saber (mas não o deixe dizer qualquer coisa que seja, verifique suas respostas. Alguns não descartam nem mesmo mentir

para pouparem-se o desgosto de reconhecer que falaram demais). Toda terapia psíquica passa pela tomada de consciência. Cada vez que você tiver conduzido uma pessoa a se dar conta de que, no caso do esperanto, ela julga sem saber, você terá feito dar um pequeno passo adiante na saúde mental da sociedade.

Tendo levado seu interlocutor a esse ponto, você poderá acrescentar a seguinte observação. Entre os usuários do esperanto, há muitos deles que sabem bem o inglês e que dele se servem regularmente em suas vidas profissionais. Ora, quando todos os membros de um grupo internacional sabem tanto o inglês quanto o esperanto, a experiência prova que é sempre este último que serve de meio de comunicação. Desde há quarenta anos, eu tenho me encontrado em tais grupos pelo menos duas ou três vezes por ano e eu nunca observei exceções a essa regra. Se o esperanto fosse uma coisa assustadora e fracassada como se diz, essas pessoas prefeririam o inglês, visto que elas também o falam bem. Por que é que elas nunca o fazem? Porque, quando temos que comunicar, é mais agradável situar-se no índice 100 do que no índice 70 ou 80. Porque o esperanto é tão eficaz quanto, só que mais confortável: nada de problemas de gramática, nada de problemas de pronúncia, menos problemas de léxico, nenhuma superioridade por parte dos membros anglo-saxônicos do grupo. Em poucas palavras, por que a saúde mental, face a dois sistemas rivais, leva a utilizar o mais agradável e mais prático.

Imagine uma pessoa chamada a fazer um percurso por sobre um terreno escarpado onde o único meio de transporte possível é a bicicleta. Lhe são oferecidas duas, uma nova, robusta e leve, bem adaptada a seu corpo, a outra pesada, velha, complicada, sem câmbio de velocidades, manifestamente concebida para pessoas que têm uma outra estatura. Quando ela experimenta esta última, percebe que o selim e o guidão são cunhados em posições definitivas, que não correspondem ao seu tamanho. Se ela não escolher a primeira, é porque possui uma certa dose de masoquismo. Então, a razão pela qual as pessoas que sabem tanto inglês quanto esperanto preferem este como meio de comunicação internacional é pura e simplesmente porque elas não são masoquistas. Elas adotam de pronto o sistema que, em suas experiências, é o mais prazeroso, o mais cômodo, aquele que funciona melhor.

Por mais extremamente minoritários que sejam os usuários do esperanto, uma análise rigorosa da escolha deles, comparada à escolha operada por aqueles que os criticam, coloca-os decididamente do lado da saúde mental.

Capítulo 9

Alguns exemplos de racionalizações

Entre os mecanismos de defesa que uma neurose utiliza para manter-se no lugar, a racionalização ocupa um lugar privilegiado, sobretudo nos meios intelectuais. Não há então nada de espantoso no fato de o discurso sobre o esperanto ter muita recorrência ali. Os três exemplos seguintes são típicos. Eles mostram bem a que ponto corremos o risco de nos logarmos se tomarmos piamente e ao pé da letra as afirmações sobre o esperanto.

a) Língua viva

Há algum tempo, não muito longe de minha casa, um conferencista veio fazer para um grupo de pais de alunos uma palestra sobre o tema “Quais línguas para a nova Europa?” Não podendo estar presente, eu lhe escrevi a respeito do esperanto, que representa, queira ou não, uma opção entre outras, e eu juntei à minha carta alguns documentos breves explicando as vantagens dessa solução. Ele me respondeu: “A língua é viva e vosso projeto não respeita esse princípio”. O tom de sua carta mostrava que, para ele, o debate estava encerrado. Eu estava ocupado demais para responder-lhe, e não tinha qualquer razão para incomodar aquele senhor arrastando-o para uma polêmica intempestiva. Mas não estava ele simplificando um pouco depressa um problema eminentemente complexo? O que é que quer dizer que uma língua é viva? Quais são os critérios da vida de uma língua? Como se pode declarar o esperanto não vivo sem ir ver como ele se porta lá onde é utilizado?

Quando se diz que o latim é uma língua morta, isso quer dizer que ele não é falado por ninguém e que ele não evolui mais. Mas o esperanto é falado por alguns milhões de pessoas, é falado no seio de um certo número de famílias, é a língua materna de um certo número de crianças, é o agente de uma vida cultural extremamente intensa em relação ao número de usuários. Na Suíça, ninguém duvida de que o romanche, quarta língua nacional, falado em vários vales dos Grisons, é uma língua viva. Mas em relação à vitalidade do esperanto, aquela é uma língua que vegeta apenas. O esperanto é mais falado que o romanche, produz mais livros, mais canções, é mais utilizado em transmissões radiofônicas, serve constantemente a sessões de todo tipo e, sobretudo, a vontade de fazê-lo viver no seio da comunidade que o emprega é infinitamente maior que a vontade da população romanche, sobretudo da geração jovem, de manter sua língua viva. Todos os esperantófonos são bilíngues, mas também todos os romanches, assim como todos os bretões que falam bretão.

Além disso, o esperanto responde aos critérios de uma língua viva porque ele evolui. Isso nada tem de assombroso, posto que ele é utilizado. O uso transforma sempre uma língua, a não ser que pressões conservadoras extremamente potentes se exerçam sobre ela artificialmente, do exterior. Nessa evolução do esperanto três forças estão em ação: a influência recíproca das diversas culturas, a necessidade da adaptação a um mundo que evolui rápido, e o desenvolvimento de um potencial latente na língua, mas que não foi explorado no começo porque os hábitos das línguas nacionais eram fortes demais. As pessoas que aprenderam o esperanto o aprenderam para se comunicar com pessoas de todos os países.

Há então constantemente interações entre formas muito diversas de pensar, de sentir, de se exprimir. As referências culturais são igualmente muito diferentes. Tudo isso cria um movimento ininterrupto de ações e de reações que faz do esperanto uma realidade tão viva quanto o francês do tempo de Rabelais.

Alguns pretendem que o esperanto não seria uma língua viva porque é uma língua sem povo. É verdade que uma língua não pode viver sem uma coletividade que a utilize, que se sirva dela para fins culturais e que seja animada pelo desejo (nem sempre consciente) de fazê-la prosperar, ou ao menos conservá-la. Mas é preciso que se trate de um povo? Se esse for o caso, o suaíli não é uma língua viva, muito embora ele seja língua oficial na Tanzânia: não existe um povo suaíli, e o suaíli é uma língua intermediária, interdialeto, cuja função de partida é comparável, no nível regional, àquela do esperanto no nível mundial. Pode-se dizer a mesma coisa do *pisin*, uma das línguas oficiais da Papua-Nova Guiné, que não é a língua de nenhum povo, de nenhuma tribo, mas resulta dos contatos entre uma série de povoados e comerciantes ocidentais, indonésios e outros. Se línguas como essas, que têm estatuto oficial, não são vivas, a frase de meu correspondente (“vosso projeto não respeita esse princípio”) não tem sentido: a prova está feita de que línguas sem povo podem muito bem preencher a função para a qual são propostas: servir à comunicação em circunstâncias determinadas. Afinal de contas, o latim da idade média, na medida em que não mais era a língua de um povo desde havia muito tempo, permitiu uma gestão da comunicação internacional que o século vinte teria o direito de invejar, seja no que trata das relações diplomáticas ou dos intercâmbios intelectuais.

Enfim, e sobretudo, para julgar se o esperanto é ou não uma língua viva, é preciso mergulhar no meio que o utiliza. Aquele que viu crianças brincarem ou um casal brigar nessa língua não tem mais qualquer dúvida. Uma vez mais, a objeção é a priori. Ela é insustentável a partir do momento em que se observe e registre, como deveria fazer todo linguista sério. Se se está atento à maneira na qual se exprimem os usuários do esperanto, relevam-se facilmente, em uma hora de conversação, duas ou três expressões que se buscariam em vão nos dicionários, muito embora elas façam parte da língua correta e sejam imediatamente compreendidas por todos os presentes. Um dicionário de esperanto jamais poderia ser completo, visto que o direito de combinar os monemas entre si não comporta restrição. Em outras palavras, o que um esperantófono médio faz quando se exprime é aquilo que faz um eminente acadêmico quando utiliza a palavra *dangerosité* (“Le pouvoir soviétique (...) laisse publier des informations sur la dangerosité des villes”⁷¹). Esse termo, que não figura nos dicionários de antes de 1990, será considerado por muitos francófonos como não fazendo parte do francês. Mas uma língua viva é precisamente uma língua que não se deixa encerrar em decretos e listas. Ela produz espontaneamente os termos dos quais precisa. Se a formação delas respeita as regras gerais de derivação, elas terminam por entrar em uso. O francês seria menos vivo se Madame Carrère d’Encausse não tivesse ousado escrever *dangerosité*.

Os usuários do esperanto usam abundantemente o direito que a língua lhes dá de formar, eles mesmos, tais palavras. Não é esse um sinal inegável de que se trata de uma língua viva? Uma língua congelada não seria criativa a esse ponto. Eis alguns exemplos destacados por ocasião de diversos encontros ou reuniões (as traduções, infelizmente, serão em geral inexatas, uma transposição em linguagem incorreta ajudará o leitor a compreender):

⁷¹ Hélène Carrère d’Encausse, *La gloire des Nations* (Paris: Fayard, 1990), p. 94.

Bona profesoro ne profesoras, “um bom professor não leciona”, “um bom professor não professora” (Tóquio, 5 de agosto de 1986, um japonês).

Oni nun pli simple frazas, “exprime-se agora em frases mais simples”, “fraseia-se mais simplesmente em nossos dias”. (Tóquio, 7 de agosto de 1986, um chinês).

Ili utilis por eldomigi fumon, “Eles serviam para edomiciliar (exdomicilizar?) a fumaça” (Oslo, 25 de maio de 1987, um norueguês).

Vi ne estas tre muzeema, “Você não é muito chegado a visitas a museus”, “você não é muito museófilo” (Hanko, Finlândia, 18 de julho de 1987, uma finlandesa de língua sueca).

Tio ne estas transkulturigebla, “é impossível transmitir isso de uma cultura a outra”, “isso não é transculturizável” (Viena, 30 de outubro de 1987, um croata).

Mi tezas ke, “Eu defendo a tese de que”, “minha tese é de que”, “eu téso que” (Viena, 30 de outubro de 1987, um austríaco).

Katolikece, aŭ, pli bone, katolikige skizita kultura idealo, “Um ideal cultural esboçado à maneira católica, ou melhor: num sentido catolicizante (isto é, com o objetivo de tornar o país mais católico)” (Locarno, 17 de maio de 1987, um polonês).

O próprio usuário do esperanto é com frequência surpreendido de escutar a fórmula concisa, pungente, que sai de seus lábios. Como se pode afirmar, em vista desses casos, que o esperanto não é vivo? Mas, sobretudo, como negar essa vitalidade se se considera que, frequentemente, são as crianças que resolvem os problemas linguísticos dos adultos? Normand Fleury não se zangará comigo, eu espero, se eu citar aqui dois exemplos produzidos por seu filho de cinco anos. Normand é canadense de Québec, sua mulher é croata, a língua comum deles é o esperanto. Não sabendo como dizer *pipoca* em esperanto, o pai simplesmente perguntou a seu filho. Este, sem hesitar, respondeu *saltmaizo*, “milho que salta”. Uma criança que tem o esperanto como língua materna acha normal que o termo que ela inventa seja o termo correto. O movimento natural – a aplicação dos princípios da assimilação generalizadora – nunca conduz a uma proibição, como em francês, mas sempre a uma forma normal. Esse fato tem importantes repercussões de ordem psicológica e relacional, as quais seria fastidioso desenvolver aqui. O que quer que seja, o leitor reconhecerá que quando se diz que é preciso aprender inglês porque essa é uma língua natural, e não o esperanto que é, nos dizem, “artificial”, inverte-se a realidade. O esperanto, para os Fleury, será sempre mil vezes mais natural que o inglês.

O segundo exemplo é divertido. Em francês, nós bebemos vinho *vermelho*; em servo-croata, como em grego, esse mesmo vinho é dito *preto*. (Se isso parece bizarro, ou mesmo chocante, observe um copo de vinho branco lembrando que branco é a cor da neve ou do leite). Entre um pai que dizia “vinho vermelho” e uma mãe que dizia “vinho preto”, Fleury júnior não tomou partido. Ele disse *malblanka vino*, “vinho o contrário de branco”. O prefixo *mal-*, que não tem significado pejorativo em esperanto, serve para formar os antônimos, segundo o sistema *sã/malsã*. Daquele dia em diante, os pais adotaram aquele termo. Não é vivo o esperanto? Ora, vamos!

b) A concordância do adjetivo

O tom dos argumentos contrários ao esperanto denuncia tão claramente quanto seu conteúdo que se trata de uma neurose que se defende. O argumento é apresentado como definitivo. De fato, trata-se puramente de uma usurpação de poder. A pessoa não é competente, e não sabe do que fala, mas pronuncia uma afirmação categórica que cala o bico de todo o auditório. Para aquele que tem a experiência do esperanto vivido é ao mesmo tempo irritante e entristecedor.

Um dia, escutei um linguista decretar de maneira assim categórica: “Em esperanto, os adjetivos e os participios concordam em número. É ridículo. Isso corresponde a uma concepção ultrapassada da linguística. A concordância é uma complicação inútil que faz do esperanto uma língua inadaptada para seu objetivo.”

Se esse senhor tivesse sido tradutor, ele teria tido um pouco mais de respeito pela concordância. Quando se traduz do inglês ou do chinês, quantas vezes não se desejaria uma gramática na qual as relações entre as palavras fossem claramente perceptíveis! Isso é particularmente verdadeiro nas relações internacionais, em que muitos textos são escritos em inglês por pessoas para as quais essa não é a língua materna. Eis um exemplo que eu tiro da época em que era revisor no serviço de tradução da OMS. O texto original dizia: *He could not agree with the amendments to the draft resolution proposed by the delegation of India*. O tradutor havia transformado essa frase em: *Il ne pouvait accepter les amendements au projet de résolution proposé par la délégation indienne* (Ele não podia aceitar as emendas ao projeto de resolução proposto pela delegação indiana). Eu não estou apto a julgar se o original inglês estava correto ou não, mas, em minha qualidade de revisor, eu dispunha do conjunto do relatório, ao contrário do tradutor: sendo o documento urgente, ele havia sido dividido em várias partes. De fato, o texto submetido pela Índia não era o projeto de resolução, mas uma lista de emendas. A tradução correta era então: *Il ne pouvait accepter les amendements au projet de résolution proposés par la délégation indienne*. (Ele não podia aceitar as emendas ao projeto de resolução propostas pela delegação indiana). O -s de *proposés* elimina a ambiguidade inerente ao inglês. O esperanto, nesse caso, apresenta a mesma vantagem do francês, e mais ainda, porque o sinal do plural é nele audível. Quando se traduzem tratados, contratos, regulamentos, ou textos científicos nos quais é de uma importância capital saber que palavra se relaciona a qual outra, toma-se consciência da grave perda de precisão que implica a ausência da concordância.

O meu caro linguista não sabia o que fazer dessas considerações. O bem-estar daqueles que devem comunicar, a eficácia concreta do sistema parecem ser a menor das preocupações das pessoas que se exprimem sobre esses assuntos, sobretudo quando seus títulos as fazem crer que são competentes. Mas por mais que se seja linguista, ministro da educação ou chefe de um serviço de tradução, nada se pode dizer sobre o esperanto se nunca se estudou o assunto, sobretudo se nunca se observou como a língua se apresenta em suas aplicações práticas. Por terem um status elevado na vida política ou cultural, toda sorte de pessoas se crê autorizada a julgar a língua de Zamenhof. Mas mesmo um mecânico nada pode dizer de um novo modelo de automóvel se não o experimentou e se não estudou seu desempenho em comparação com outros. Que se ignore esse princípio tão simples no caso de que nos ocupamos mostra a que ponto a neurose se defende bem, criando um tabu.

c) Língua ocidental?

Eis um terceiro exemplo de argumento contrário ao esperanto num tom definitivo, como se, daí por diante, a questão estivesse liquidada, enquanto que uma análise dos fatos revela que ela continua verdadeiramente aberta. Trata-se da afirmação “o esperanto não convém para a comunicação internacional porque ele é uma língua ocidental”. Não se examina nada, não se colocam questões, afirma-se, e o assunto é considerado resolvido: você nada mais precisa do que se virar sem o esperanto. Paciência se a sua deficiência linguística o leva ao desespero!

Em um instante eu vou explicar por que toda afirmação sobre o caráter ocidental do esperanto deve ser seriamente relativizada. Mas eu gostaria inicialmente de chamar a atenção do leitor sobre aquilo que esse tipo de argumento tem de pernicioso, e que vem do fato de que ele não tem nenhuma conta das realidades concretas. O indivíduo que pronuncia aquela frase se põe numa posição cômoda. Ele se sente o defensor das culturas asiáticas e africanas contra a invasão dissimulada de seus territórios por algo vindo do ocidente.

Mas qual é a consequência prática dessa atitude? Como um chinês, um japonês, um coreano, um iemenita e um somali vão se comunicar entre eles, uma vez eliminado esse esperanto excessivamente ocidental? Vá ver *in loco*! Eu repito isso desde o começo: nada se pode dizer sobre a comunicação linguística no mundo se não se a observa em campo. Assim sendo, tendo seguido meu conselho, você se encontrará em meio a um simpático e exótico grupo e você ficará de ouvidos bem atentos. O que é que você constatará? Eles se fazem entender, bem ou mal, em inglês! Admitamos que o esperanto seja demasiado europeu. O que é que se ganha ao substituí-lo pelo inglês? Não é este ocidental? Quem é que estão querendo fazer de bobo?

Nada se ganha ao preferir o inglês ao esperanto, mas muito se perde. Perde-se por exemplo no plano do investimento em tempo e em dinheiro. Para um oriental, estima-se em doze anos de estudo o tempo médio necessário para poder utilizar ativamente um inglês bastante medíocre, mas ainda assim operacional, ou seja, aproximadamente três mil horas se se inclui o trabalho no domicílio. Para poder utilizar o esperanto de forma nitidamente mais refinada, aquelas pessoas não precisam mais do que dois anos à razão de duas horas por semana ou de um ano à razão de quatro horas por semana, ou seja, por volta de 210 horas, aí incluído o estudo em casa. Perda devida à eliminação do esperanto: 2790 horas, ou seja, umas 70 semanas de 40 horas, perto de *17 meses de trabalho em período integral*. Há do que se orgulhar por ter defendido os povos do outro lado do mundo! Sem falar do lado afetivo: pode-se estimar o desencorajamento de progredir tão lentamente em inglês, ou a frustração que há em se enfiar na cabeça montes de formas obrigatórias totalmente inúteis para se compreender, mas que é preciso aprender “porque é assim que é”.

Qual é o resultado desse belo investimento? No nível social, um sistema elitista. O inglês é tão elitista que só alguns privilegiados, intelectualmente ou socialmente, chegam a possuí-lo verdadeiramente. Nós vimos no Capítulo 3 que 6% somente dos habitantes da Europa ocidental compreendem a língua de Shakespeare. Ora, trata-se de uma população favorecida desde o início, visto que um bom número de elementos lexicais e gramaticais lhe são conhecidos de antemão por razões de parentesco linguístico entre o inglês e outras línguas ocidentais. As chances de aceder a essa elite são muito mais restritas no resto do mundo, particularmente na Ásia. Nada de espantoso daí então em ver o Sr. Jamaliah Mohamad Ali,

que dirige o departamento de línguas na Universidade da Malásia, em Kuala Lumpur, queixar-se em consequência do nível deplorável de seu pessoal docente:

“Mesmo entre os professores de inglês, o nível linguístico é fraco. Inúmeros são aqueles que são incapazes de manter uma conversação em inglês.”⁷²

Como se poderia esperar que o grosso da população pudesse ter acesso ao inglês se mesmo os professores não o sabem suficientemente bem para conversar nessa língua? Ora, esse nível lamentável não é exclusividade da Malásia, como confirma o texto seguinte:

“Em 1988, quando Roy Harris, especialista em línguas, chegou de Oxford para ocupar a cátedra de inglês na Universidade de Hong Kong, ele estava convencido de que 'Hong Kong reunia as condições ideais para servir de modelo para as futuras comunidades bilíngues do século 21'. Mas ele se desencantou. As centenas de exercícios de inglês que se lhe passavam entre as mãos estavam repletas de erros e ele se deparou constantemente com estudantes incapazes de se exprimir claramente em sua língua. Harris deixou Hong Kong para assumir um posto em Paris, persuadido de que a esperança de ver Hong Kong tornar-se um território bilíngue ia diminuindo dia após dia.”⁷³

Comentando essa experiência, Roy Harris salienta que conduzir os estudantes a saber realmente o inglês exige uma vontade política real e a colocação em prática de um programa que custa muito caro ao Estado. Mas em Cingapura, onde os poderes públicos “foram às últimas consequências”, conforme os votos daquele professor, assiste-se a uma reação de um outro tipo. Desejosos de aumentar as chances de seus filhos vencerem na vida, os pais abandonam suas línguas maternas (chinês, malaio, tâmil...) para adotar o inglês como língua da família, único meio, pensam eles, de chegar a dominá-lo. Passa-se assim, culturalmente falando, de Caribdis a Cila, de um mal a outro pior:

“O inglês torna-se cada vez mais a língua da família: 28% dos alunos do primeiro ano primário vêm de famílias que passaram ao inglês. ‘É preocupante. ‘O risco de ver nossos filhos perderem seus valores culturais asiáticos representa um perigo real’, diz o ministro da educação, Tony Tan. ‘Ora, nós não queremos nos moldar numa sociedade pseudoocidental’ ”.⁷⁴

Descarta-se o esperanto sob o pretexto de que este é ocidental demais, mas se negligencia o fato de que é impossível privar-se da comunicação internacional. Recai-se então no inglês. Assim, no nível social, somos condenados, seja a aplicar uma fórmula profundamente antidemocrática (limitar a comunicação a uma pequeníssima elite), seja a provocar uma desaculturação. Belo resultado para os defensores dos valores extraeuropeus!

E no nível das situações concretas, individuais, o que dá o enorme investimento em tempo e em dinheiro feito na aprendizagem do inglês nos países não-ocidentais? Uma comunicação muito menos fluida, por um lado porque os falantes não podem se apoiar

⁷² Jay Branegan, “Finding a Proper Place for English”, *Time*, 16 de setembro de 1991, p. 51.

⁷³ *Ibid.*, pp. 51-52.

⁷⁴ *Ibid.*, p. 52.

plenamente em sua tendência espontânea à generalização dos elementos assimilados, por outro lado por razões fonéticas, às quais eu retornarei em breve.

Eu sei do que estou falando. Eu tive a ocasião de assistir a reuniões entre chineses, coreanos, vietnamitas, japoneses, etc. segundo quatro fórmulas:

- Emprego exclusivo do inglês;
- Interpretação simultânea inglês (- francês) - chinês;
- Interpretação simultânea inglês (- francês) - chinês - japonês;
- Esperanto.

Não resta dúvida que a solução “esperanto” supera de muito, muito longe, as três outras, seja no que se refere à facilidade de elocução, à qualidade da compreensão (os mal-entendidos são nitidamente mais raros do que com o inglês ou com a interpretação simultânea), à satisfação psicológica ou à economia de energia nervosa.⁵

O esperanto não é a solução ideal, assim como ele não é, longe disso, uma língua perfeita. Mas se observamos em campo como as coisas se passam em nossa época, forçoso é constatar que ele é a opção mais rentável e a mais agradável de todas aquelas que estão atualmente disponíveis aos não-europeus chamados a comunicar entre si. O indonésio daria sem dúvida resultados comparáveis, mas as condições não permitem verificá-lo na prática: encontram-se facilmente japoneses, chineses e coreanos falando esperanto, mas é muito mais difícil encontrar aqueles que saibam o indonésio. Nessas condições, as afirmações fundadas numa pseudobenevolência para com os povos não-europeus são inadmissíveis. Se elas têm por efeito impedir os ministérios, as mídias, as pessoas responsáveis em oferecer a seus povos uma fórmula a esse ponto superior ao inglês, elas são pura e simplesmente escandalosas. Na prática, o efeito delas é de manter as populações na deficiência linguística.

Além do mais, elas induzem ao erro. A afirmação segundo a qual o esperanto é uma língua ocidental transmite na verdade a mensagem implícita: “*O esperanto é somente ocidental*”. Ora, isso é falso. Nós o vimos: seu tipo de funcionamento não se encontra em nenhuma língua indo-europeia, que são todas as línguas ditas flexionais, nas quais variações afetam o corpo dos monemas. Por exemplo, em francês, o monema mais usual para exprimir a visão pode se realizar sob formas muito diferentes: *voy* (em *voyait*), *v* (em *vu*), *vis* (em *visible*). Essa variabilidade se apresenta em todas as línguas ocidentais, mas não em esperanto, no qual *vid* permanece sempre ele mesmo, tanto nas formas verbais quanto na totalidade da família das palavras. Os monemas do esperanto são totalmente invariáveis, como os do chinês. Em esperanto, se sabemos dizer “eu” (*mi*), automaticamente sabemos dizer “meu”, “minha”, etc., visto que à palavra de base, *mi*, basta juntar a marca da função adjetivo-genitivo *-a*. O chinês procede exatamente da mesma forma. Para formar “meu”, “minha”, etc., ajunta-se à palavra “eu”, *wo*, a marca adjetiva-genitiva *de*: *wode*. A ideia de que em francês deve-se passar de um *j* a um *m* e que o resto da palavra seja totalmente arbitrário parece muito estranha a um chinês que aprende essa língua. Ele se diz: “Como esses ocidentais são complicados! Uma formação regular é tão mais simples, e igualmente

⁵ O leitor que se interesse pela comparação dessas situações encontrará uma apresentação mais detalhada no n° 66 dos *Cours et Études de Linguistique contrastive et appliquée de Vincennes* (Paris: Université de Paris VIII, 1987), pp. 3-7.

eficaz para se compreender”. No âmbito de suas estruturas, o esperanto nada tem de uma língua ocidental e tem muito mais em comum com bom número de línguas do oriente.

Ora, para aquele que aprende esperanto, as estruturas são mais importantes que o vocabulário, visto que este é estabelecido com um número limitado de elementos de base. Para dizer “são”, “saúde”, “resplandecer de saúde”, “salubre”, “doente”, “doença”, “curar”, “cura”, “curável”, “incurável”, “adoecer”, “adoecimento”, “hospital”, “hospitalar”, “casa de saúde”, “convalescença”, “recaída”, “sanitário”, “doentio”, etc., basta conhecer o monema *san-* e os elementos que permitem modulá-lo. Como estes permanecem sempre invariáveis, eles são válidos para qualquer outro conceito. Se você aprendeu aquilo que era preciso para formar as palavras precitadas, você saberá automaticamente toda a série paralela concernente à juventude ao aprender uma única unidade, o monema *jun-*, “jovem” (pronunciar /yún/; transcrição fonética: [ju:n]). Na prática, isso quer dizer que você já saberá, sem ter de consultar o dicionário, as palavras correspondentes a “jovem”, “juventude”, “resplandecer de jovialidade”, “próprio a favorecer o estado de juventude”, (equivalente em relação ao conceito de juventude, de salubre em relação à saúde), “velho”, “velhice”, “rejuvenescer”, “rejuvenescimento”, “susceptível de ser rejuvenescido”, “impossível de rejuvenescer”, “envelhecer”, “envelhecimento”, “asilo”, etc. Em esperanto, eu teria podido escrever duas séries paralelas até o final; em francês, eu tentei fazê-lo, mas teria havido circunlocuções demais.

Isso não é tudo. Se quisermos fazer uma ideia justa daquilo que representa para um não-europeu a aquisição do léxico do esperanto, é preciso levar em consideração um outro fator: a existência em quase toda a superfície do globo de um cabedal de palavras internacionais. O único povo nitidamente desfavorecido nesse aspecto é o povo chinês, cuja língua não assimila quase nada de palavras estrangeiras. Mas os outros habitantes de nosso planeta, em sua maior parte, já têm em sua língua uma parte não desprezível do vocabulário do esperanto. Nosso “doutor” (*doktoro* em esperanto), é dado por *daktari* em suaíli, *doktor* em malaio e em indonésio; “hotel” (em esperanto *hotelo*), se diz *otel* em turco, *hotel* em indonésio, *hoteru* em japonês, *hoteli* em suaíli; “televisão” é *televizyon* em turco, *televizi* em indonésio, *telefizion* em árabe, *terebijon* em japonês, *televisioni* em suaíli. Lá onde os indonésios dizem simplesmente *aluminium*, os japoneses dizem *aruminyuumu*, os árabes *alaminyoum*, os turcos *aluminyom*. Enfim, se considerarmos o sistema de derivação lexical do esperanto e o fato de que ele se apropriou de todos esses termos internacionais, veremos que o que ele exige de um africano ou de um asiático, no plano lexical, é o mais razoável possível, estando entendido que é impossível agradar a todos igualmente.

Aprender esperanto e aprender inglês: duas tarefas extremamente diferentes

Na prática, isso quer dizer que o aluno de esperanto e o aluno de inglês encontram-se diante de tarefas bem diferentes. Aprender esperanto é aprender um número limitado de monemas e exercitar-se em combiná-los entre si seguindo regras que correspondem ao jogo natural da assimilação generalizadora. Aprender inglês é fazer um esforço de memorização imenso, que exige anos, por duas razões. Por um lado, as palavras são mais numerosas que na maior parte das outras línguas por causa das duplicidades românicas e germânicas. Por outro lado, a língua utiliza um número enorme de expressões compostas de palavras muito curtas alinhadas umas após as outras, sem que nada seja feito para ajudar a retê-las: para gravar que “pôr” + “para cima” + “com” (*to put up with*) = “adaptar-se à presença de”, a

memória não pode apoiar-se sobre seu principal ponto de apoio: a racionalidade. Com exceção das pessoas inconscientes – mas é verdade que elas são bem numerosas – esse imenso esforço não conduz a um sentimento de segurança: nunca se tem uma certeza de 100% de pronunciar como se deveria, de pôr a acentuação tônica na sílaba certa ou de escolher o termo exato entre as várias expressões pseudosinônimas.

Aprender inglês é também se forçar a ler regularmente textos impregnados de uma mentalidade particular, a anglo-saxã, o que é perigoso para a diversidade cultural do mundo e para o desabrochar do pensamento criativo, que não saberia satisfazer-se com um universo unidimensional. Por que ler regularmente? Porque o léxico anglo-americano evolui notavelmente rápido e porque é impossível manter-se um conhecimento operacional da língua sem assimilar, na medida em que surgem, as novas expressões que as mídias não cessam de nela introduzir. Nessas condições, obrigar os africanos e os asiáticos a utilizar o inglês em lugar do esperanto significa impor-lhes um esforço muito mais intenso do que necessário, ou colocá-los numa situação de inferioridade com relação aos povos ocidentais, cujas línguas são estruturalmente e lexicalmente muito mais próximas do inglês, ou ainda favorecer o esplendor de uma dada cultura que não tem, a qualquer título, direito a esse tratamento privilegiado.

Clareza fonética e facilidade de manejo

Visto que em esperanto basta aprender um número limitado de monemas, a forma desses elementos tem muito menos importância que nas outras línguas (exceção feita de línguas como o chinês que são estruturadas também segundo o princípio da combinação de monemas invariáveis).

O que conta, para que esses elementos de base sejam fáceis de reter e de manejar, é uma forma que se preste bem às necessidades do maior número de povos. O esperanto responde a esse critério. Aqueles que criticam o aspecto de suas palavras como sendo demasiado ocidental utilizam uma noção global que não existe: do ponto de vista dos sons a emitir quando nos exprimimos e a distinguir quando escutamos, nada há de comum entre o inglês, o português e o dinamarquês por um lado, e o tcheco, o romeno e o italiano por outro lado. As três primeiras línguas favorecem as confusões, as três últimas favorecem uma boa compreensão. Ora, o esperanto apresenta características análogas às três últimas, do ponto de vista fonético. Por ocasião de experimentos destinados a comparar duas dezenas de línguas do ponto de vista da aptidão para transmitir integralmente uma mensagem emitida a uma certa distância em presença de ruído de fundo, o italiano chegou em primeiro lugar, seguido bem de perto pelo esperanto, ficando o inglês na 18ª posição.

A clareza e a facilidade de pronúncia de uma língua dependem de um certo número de fatores: número de sons vogais, presença ou ausência de um sistema claro de separação de palavras, e comprimento médio da palavra. O inglês falado é difícil por três razões:

1. Ele utiliza 18 fonemas vocálicos (um “fonema” é um som que deve ser diferenciado de um outro para fazer passar a informação);
2. A acentuação tônica ocupa nele um lugar variável;
3. As palavras são curtas.

Uma frase em tcheco permite uma percepção quase perfeita pelas três razões correspondentes:

4. Os fonemas vocálicos são pouco numerosos e bem distintos: *a, ê, i, ô, u*, breves ou longos, mais um som vogal neutro precedendo às vezes uma líquida;
5. A acentuação tônica cai sempre na primeira sílaba da palavra, o que permite diferenciar bem as unidades das quais se compõe a frase;
6. As palavras são, em seu conjunto, bastante longas para que a não-percepção de uma ou duas sílabas não atrapalhe a compreensão.

O esperanto tem características análogas ao tcheco (a ausência de vogal neutra lhe torna as palavras ainda mais claras; quanto à acentuação tônica, ela cai sempre na penúltima sílaba; a diferença de localização em nada muda a coisa: é sua regularidade absoluta que permite separar as palavras na audição).

Essas características revestem-se de uma importância particular a partir do momento em que uma língua é usada como meio de comunicação entre pessoas de países diferentes. No extremo oriente, um dos problemas fonéticos é a diferenciação dos sons *r* e *l*, que em geral não é bem realizada nem pelos chineses nem pelos japoneses. Mas a experiência prova que há nesse aspecto uma enorme diferença entre o inglês e o esperanto. Por quê? Pura e simplesmente porque os casos em que a substituição de um desses fonemas pelo outro acarreta uma mudança de significado são muito menos numerosos em esperanto. Além do mais, toda uma série de traços fonéticos do esperanto reforçam a sua clareza: acentuação tônica fixa, grande maioria das palavras terminando em vogal, em *-s* ou em *-n*, gama vocálica limitada a cinco sons, número muito limitado de homônimos. Em inglês, as palavras *right*, *light*, *rite* e *write* são pronunciadas da mesma maneira por um asiático que não consegue distinguir o *r* do *l*. O ouvinte escutará então uma palavra que pode significar “exato”, “retilíneo, direto”, “direito” (ter o direito), “reparar” (um erro), “luz”, “leve”, “rito”, “escrever”. Isso é muito, para uma sílaba que é passada numa fração de segundo: o cérebro do ouvinte, que deve passar em revista todos esses casos possíveis e confrontá-los ao contexto, corre o risco de não chegar rápido o bastante na dedução correta. Em esperanto, nosso adjetivo “direito” se traduz por *rekta*, mas como não há a palavra *lekta*, nenhuma confusão é possível; “direito” (eu tenho o direito) se diz *rajto* (pronunciada “raito” com o *i* em semivogal), mas não existe a palavra *lajto*, então nada de confusão; “luz” se diz *lum*, e embora exista a palavra *rumo*, ela significa “rum”: há poucas chances de que ela apareça num contexto propício a confusão, enquanto que em inglês, *light thinking* (pensamento leve) e *right thinking* (pensamento justo), podem parecer igualmente plausíveis na boca de um oriental. Pessoalmente, eu trabalhei no extremo oriente. Lá, com frequência falei inglês, e com frequência falei esperanto, e posso testemunhar que não há comparação. Tão difícil é acompanhar o inglês de inúmeros chineses, japoneses e coreanos, e tão poucos problemas causa o esperanto deles, uma vez que nos habituemos ao sotaque.

A frágil diferenciação de sons da língua de Shakespeare provoca frequentemente mal-entendidos no oriente. Me lembro de uma discussão, por ocasião de uma investigação policial visando elucidar um assassinato, em que um dos interlocutores, um malaio, pôs-se de repente a falar de marinheiros como se tivesse sido determinado que o assassino trabalhasse num barco. Foi preciso um bom tempo para que se compreendesse que se tratava de um mal-entendido. A expressão *semen traces*, “vestígios de sêmen”, havia sido entendida por muitos como *seamen traces*, “vestígios de marinheiros”, cuja pronúncia é praticamente idêntica. (Eu

não estou certo se isso é inglês correto, mas os asiáticos em sua maioria não têm um conhecimento suficiente da gramática inglesa para que considerações gramaticais lhes sirvam de proteção contra os mal-entendidos).

Aqueles que censuram o esperanto por sua pronúncia de tipo ocidental fariam bem em dar uma volta pelo mundo da fonética. Bom número de línguas exteriores à Europa tem uma tabela de fonemas muito próxima daquela da língua de Zamenhof. Esse é em particular o caso do malaio-indonésio e de muitas línguas banto (entre as quais o suaíli, que chega mesmo a ter, como o esperanto, a acentuação tônica na penúltima sílaba).

Comunicação escrita entre asiáticos

Quanto à comunicação escrita, o esperanto a coloca também muito mais facilmente ao alcance dos não-ocidentais que qualquer outro sistema atualmente em uso. É claro, aqueles que utilizam uma outra escrita, que não o alfabeto latino, devem começar por aprendê-lo. Mas esse é também o caso, se, descartado o esperanto, eles adotarem uma outra língua franca. Atualmente, a comunicação escrita entre asiáticos de línguas diferentes utiliza basicamente dois meios linguísticos: o inglês e o esperanto, se abstrairmos o russo, corriqueiramente utilizado entre asiáticos da ex-União Soviética, e o hindi, que serve esporadicamente de confluência entre indianos de línguas diferentes (muito embora se faça um uso muito mais vasto do inglês). Existem outras exceções, mas elas só constituem uma ínfima porcentagem do conjunto. Trata-se do francês, em certa medida utilizado entre habitantes do Laos, do Vietnã e do Camboja, do persa entre iranianos, afeganes e paquistaneses, e do chinês, muito raramente adotado como língua de comunicação entre japoneses, coreanos e membros da grande família chinesa, espalhada em muitos países do sudeste asiático.

Seria difícil articular os números, mas é razoável estimar que de 1000 cartas ou mensagens trocadas entre asiáticos de línguas diferentes, 998 são em inglês e 1 em esperanto, sendo a milésima comunicação em uma das línguas mencionadas acima. É de se notar, em particular, que o árabe só é utilizado entre arabófonos. Um indonésio, um iraniano e um habitante de Bangladesh, todos muçulmanos que decoraram, na infância, longas passagens do Corão, escolhem, todavia, o inglês para corresponder entre si. A conclusão é clara: se o único concorrente efetivo do esperanto é o inglês, o argumento “é preciso descartar o esperanto porque ele obriga a aprender o alfabeto latino” não tem mais sentido.

O aluno de esperanto deve certamente aprender nosso alfabeto, mas uma vez aprendido o valor de cada letra, ele não mais terá problemas de ortografia. Em inglês, familiarizar-se com nossos caracteres não é nada mais do que a primeira etapa de um processo que dura um tempo tão longo quanto for o uso da língua, visto que nunca se tem certeza quanto à maneira de escrever ou de pronunciar uma palavra que se encontra pela primeira vez. Muito embora eu tenha vivido nos Estados Unidos e tenha sido tradutor profissional, foi depois de mais de trinta anos de prática que eu descobri que o grupo *-ict* se pronunciava /ait/ em *indict*, “incriminar”, “pôr em acusação”, enquanto que se pronuncia /ikt/ em *convict*, “declarar culpado de um crime”. Esse gênero de problema não existe em esperanto. Permitir aos asiáticos e aos africanos dele se pouparem é ter por eles uma consideração que não há razão alguma em recusar-lhes.

O fato de que o esperanto não é assim tão pouco conveniente para os falantes de línguas para nós exóticas depreende-se da aptidão que estes têm em fazerem dele um uso literário. Eu acabo de receber os números 14 e 15 de uma nova publicação mensal chinesa

em esperanto, publicada em Cantão⁶, e inteiramente consagrada à produção artística. Ela especialmente contém numerosos poemas escritos diretamente em esperanto, como o provam os jogos de palavras, as aliteraões e as rimas. A adaptabilidade do esperanto às tradições culturais e ao tipo de sensibilidade orientais aparece muito nitidamente nesses textos, dos quais muitos seguem os esquemas clássicos da poesia chinesa. Quanto aos japoneses, o fato de que a língua de Zamenhof lhes convém igualmente como meio de expressão é atestado por seus resultados nos concursos literários da Associação Universal de Esperanto. Eles representam 9% dos candidatos premiados entre 1961 e 1975, ao passo que só constituíam 3,7% dos membros da Associação.⁷ Afastar do esperanto os povos da Ásia e da África sob pretexto de que essa é uma língua demasiado ocidental é eticamente inadmissível, visto que isso significa condená-los a recorrer a paliativos nitidamente menos cômodos, que de fato os colocarão numa posição de inferioridade.

Conclusão geral sobre os argumentos utilizados pelos adversários do esperanto

Para finalizar poderíamos dar uma passada pelas objeções lançadas de encontro à língua de Zamenhof. Sejam quais forem, perceber-se-á que elas apresentam sempre as mesmas características:

- Elas não se fundam nunca no esperanto real, isto é, tal qual ele é utilizado na prática (por exemplo, na observação de uma sessão, no exame de uma série de revistas, uma análise de textos ou de gravações de conversações);
- Elas não se apoiam nunca no estudo da documentação disponível (trabalhos de pesquisa publicados sobre o esperanto real);
- Elas evitam toda comparação com os sistemas aos quais somos forçados a recorrer se descartamos o esperanto;
- Elas são formuladas num tom tal que o exame da questão se encontra de fato excluído (dito de outra forma, a exclusão não é a conclusão lógica de uma análise, é o resultado de uma tomada de poder; ela é da mesma ordem que a eliminação de um estudante por um júri que não tivesse lido seus trabalhos nem olhado as notas que ele obteve nas diversas provas).

Tratamento reservado às propostas favoráveis à língua de Zamenhof

Com frequência, não há nem mesmo um argumento. Um dia, um deputado no Parlamento Europeu, Sr. Glinne, apresentou uma proposta pedindo a essa instância estudar “a oportunidade de admitir a língua internacional chamada *esperanto* como matéria optativa nos programas de ensino”. A Comissão encarregada de examinar esse projeto se livrou dele em dois tempos. “Para mim é bastante folclórico, e por outro lado irracional”: esse foi o julgamento dado sobre a proposta do Sr. Glinne pelo presidente da dita comissão.⁸ Essa apreciação categórica apareceu em uma entrevista intitulada “*A Europa das culturas, sim; não aquela do esperanto!*”. Leia ele ou não o artigo, esse tipo de título influenciará o leitor. A palavra “esperanto” se instalará em seu cérebro sob a rubrica: “nenhum interesse”, ou

⁶ *Penseo*, Lin Liyuan, 74/501 Xiatongxilu, Guagdong, Guangzhou 510050, China.

⁷ Eu tomo emprestados esses números de um especialista holandês em interlingüística: W. A. Verloren van Themaat, “Kulturo en Esperanto”, *Planlingvistiko*, 3, 1984, 11, p.10.

⁸ Entrevista de Luc Beyer por Christian Deprez, *La Dernière Heure*, 19 de abril de 1984.

“inimigo da cultura”, quer dizer, em última análise, “ruim”, pois nosso psiquismo, no fundo, é aquele de um bebê, para o qual só existem duas categorias: bom e ruim.

Mas o que há na base dessa rejeição do esperanto? Nada. Feita a verificação, se constata que os membros da comissão não abriram o dossiê “esperanto”, eles nada sabem dessa língua, nem de sua história, nem de suas estruturas, nem de sua difusão, nem de seu funcionamento em campo, nem daquilo que custam os sistemas que ela poderia substituir. Esse comportamento dos deputados europeus é profundamente antidemocrático. Um dos princípios de toda verdadeira democracia é que um acusado é inocente até que a prova de sua culpabilidade esteja feita. Ora, o esperanto é acusado de toda sorte de defeitos sem que jamais haja uma investigação a respeito, sem que jamais se escutem seus advogados. É claro, nós não estamos na área penal e não está em questão aqui um crime ou delito. Não deixa de ser inquietante ver com que desenvoltura o conjunto dos parlamentares europeus trata, na ocasião, uma proposta totalmente razoável formulada por um dos seus. Como não sentem eles que o ônus da prova incumbe àquele que acusa? Que tratar uma proposta de “irracional”, de “folclórica”, de “anticultural” é da ordem do insulto e que para permitir-se o ultraje, dever-se-ia ao menos saber do que se fala? A facilidade com a qual os deputados abusam de seu poder é profundamente entristecedora. Como na SDN em 1922, o insulto substitui o estudo dos fatos. Há ali uma gravemente preocupante negação de valores tradicionais da civilização europeia por parte de pessoas que não cessam de reafirmá-los.

Mas os piores são talvez os casos em que não há rejeição, nem comentário peremptório, somente um discurso indefinido, diplomático, seguido de um enterro de primeira classe. O caso se produziu na ONU em 6 de outubro de 1966. O Sr. Chakravarthi V. Narasimhan, Secretário Geral adjunto da Organização das Nações Unidas e Chefe de Gabinete do Secretário Geral, U Thant, nesse dia encarregou-se pessoalmente de uma petição a favor do esperanto assinada por cerca de um milhão de cidadãos comuns (enfim, se é que podemos dizer isso, visto que um dos signatários era chefe de Estado: Franz Jonas, Presidente da República da Áustria, que falava o esperanto com muita elegância), assim como por 4.000 organizações totalizando 73 milhões de membros distribuídos em 80 países. Setenta e três milhões! Não sou historiador, mas tenho dúvidas de que tenha ocorrido com frequência, no curso da história, que uma proposta emanando de uma iniciativa particular, livre de qualquer afiliação econômica, política, ideológica ou religiosa, tenha sido submetida a uma instância mundial em nome de tantas pessoas. Mas esse acontecimento provavelmente sem precedente na história de nosso planeta passou despercebido. Na ONU, o Secretariado, embaraçado, ofereceu um vinho de honra e um discurso de ocasião e não moveu uma polegada. O Secretário Geral estava estatutariamente habilitado a submeter a questão à Assembleia das Nações Unidas. Ele bem se eximiu de fazê-lo. Quanto ao resto do mundo, ele nada soube do acontecimento, tendo as mídias o julgado sem interesse. Simpático, em um meio que perora tão eloquentemente sobre o espírito democrático, o desprezo de nossos representantes por 73 milhões de pessoas!

Ignorância ignorada

Seria um escândalo se isso fosse deliberado e consciente. Mas tudo leva a crer que esse não é o caso. Quando discutimos com uma personalidade que acabou de tomar posição fortemente contra o esperanto, percebemos que na maioria das vezes ela é de boa-fé. Suas

intenções, as mais puras impossível. E ela ignora sua ignorância. Ela não sabe que antes de julgar, seria preciso informar-se a respeito. Ela acredita que sabe tudo o que há para saber.

Como isso é possível? Vimos no Capítulo 2 que o ser humano reluta em perceber os furos que permeiam o tecido de seu conhecimento. Um sutil mecanismo psicológico o leva a substituir uma ignorância, sem que ele se dê conta, por uma impressão de certeza tão forte que ela torna inútil qualquer verificação.

Consideremos, por exemplo, a frase seguinte:

“O esperanto é desprovido de história cultural, de literatura própria, de falantes dos quais ele seria a primeira língua.”⁹

É inexato. O esperanto tem uma literatura notavelmente rica levando-se em conta sua pouca idade. Ele tem uma história cultural: a coletividade que o utiliza é unida por certas referências, certas tradições, assim como por uma bagagem cultural diferente daquela que se encontra em outros lugares, visto que ela implica um conhecimento da história da língua, de sua literatura e da comunidade que a carrega. Além disso, o esperanto produziu ao menos duas formas poéticas que não têm equivalente em nenhuma outra língua; uma delas, na qual as raízes das palavras rimam seguindo um ritmo dado, e as terminações das palavras seguindo um outro ritmo, seria de resto impossível em uma outra língua, visto que ela é função da estruturação do idioma.¹⁰ Enfim, como foi visto, existe um certo número de crianças das quais ele é a primeira língua.

O Sr. Wells, o autor da frase precitada, ignora tudo isso. Mas ele ignora que ignora. Ele não utilizaria aquela linguagem se tivesse a menor dúvida. Ele exprime aquilo que para ele é uma evidência. É provável que a redação da revista compartilhe sua visão, sem isso ela teria feito observar ao leitor que ele se enganava redondamente.

Esse tipo de pseudoconhecimento não deveria nos espantar. É um fenômeno corrente. A ignorância é substituída por uma opinião que não tarda a transformar-se em certeza. O deslizamento, imperceptível, segue o esquema *eu não sei* → *parece que...* → *eu creio que...* → *é evidente que...* Mas como tudo isso se passa no inconsciente, o interessado não desconfia nem um pouco de que ele procede a essas substituições. É então claro para ele que não há nada a verificar.

Uma outra razão pela qual o ser humano, com muita frequência, ignora sua ignorância, é que há um descompasso entre seu discurso e sua vontade. Por que o esperanto é desconhecido a esse ponto? Talvez, em grande parte, porque, quando se diz “a humanidade é uma grande família”, “nós queremos fazer uma Europa unida”, “é bom conduzir os jovens à descoberta de outras culturas” ou “é preciso desenvolver o ensino das línguas para que as populações de todos os países possam compreender-se mutuamente”, se diz aquilo que soa bem, ou aquilo que é preciso dizer naquela circunstância, mas não aquilo que corresponde ao que se deseja no fundo.

Afinal de contas, quem quer os fins quer os meios. Se o meio “esperanto”, cuja superioridade em relação às outras formas contra a deficiência linguística é muito fácil de se verificar, é a esse ponto objeto de preconceitos, sem dúvida não são poucas as pessoas a quem

⁹ Peter Wells, in “Letters to the Editor”, *Time*, 24 de agosto de 1987, p. 3.

¹⁰ Peter Ullman, “Schizschematic Rhyme in Esperanto”, *Papers on Language and Literature*, 1980, 16, pp. 430-438.

isso agrada. Não no nível do discurso, certamente. Quem, em nossa época, ousaria dizer que tem medo de ver os povos se encontrarem, os homens se comunicarem sem problema de um país ao outro, os viajantes descobrirem realmente o que pensam os habitantes do país visitado? Mas a realidade profunda é talvez bem diferente daquilo que nós nos repetimos como encantamentos destinados a nos acalantar e assim a nos manter adormecidos. Quem diz que não estamos muito bem em nossa terra, protegidos por nossas fronteiras linguísticas, uma vez que não podemos mais ser pela distância ou pelas fronteiras administrativas? Quem diz que não sentimos em nossas profundezas que se nós pudermos nos comunicar com toda facilidade com o mundo inteiro, seremos novamente questionados em tantas de nossas certezas que seremos mudados no nível de nosso próprio ser? Responde o discurso usual sobre a bela fraternidade humana realmente àquilo que nós sentimos em nosso coração, em nosso âmago? Se sim, por que situamos fora de nosso campo de visão um meio tão adaptado a esses fins como o esperanto, no momento em que o temos em mãos e que bastam alguns minutos para nos darmos conta de que, de fato, ele é satisfatório?

E se o esperanto for rejeitado *a priori* porque ele é revelador de nossos sentimentos reais sobre a “família humana”?

O adulto brinca geralmente de não ter medo. Mas isso não quer dizer que a cara que ele mostra no exterior corresponda a sua realidade profunda. Os medos enumerados aqui acima são legítimos, e, se fôssemos mais simples, não teríamos vergonha de apontá-los em nós. A maior parte dos povos se sente superior a seus vizinhos. A diferença de línguas presta um grande serviço a esse respeito, pois ela permite não compreender como o outro reage, aquilo que ele diz realmente, sua verdadeira visão do mundo. Não sendo diretamente confrontados, nós estamos protegidos. Podemos nos confortar na ideia de que temos razão, que não há nada a mudar em nossa maneira de pensar ou de viver. Tenhamos o cuidado de não desprezar essa tendência natural. Ela leva em conta legitimamente a nossa fragilidade. Nosso equilíbrio é demasiado instável (mesmo se hesitamos em encarar essa verdade) para que o submetamos às sacudidas que a diversidade das línguas nos permite evitar.

Um jovem japonês (enfim, ele era jovem na época) contou sua volta ao mundo em um livro intitulado “Minhas viagens ao país do esperanto”.¹¹ Esse jovem e um amigo percorreram todas as partes do mundo fazendo-se abrigar, em todo lugar em que passavam, na casa de esperantófonos locais. Que diferença em relação ao turista típico! O turista japonês clássico faz parte de um grupo separado que quase só tem contato com os funcionários do hotel ou das instituições visitadas, sendo toda a conversação amortecida pelo entroncamento do intérprete. Kiotaro Deguti e seu amigo tiveram um contato direto, sem problema de língua, com pessoas de todos os países. Eles foram recebidos nos apartamentos e nas casas delas. Eles conversaram sobre seus modos de vida. O choque foi muito forte, pode-se dizer traumatizante. Encontrar pessoas cuja mentalidade é totalmente diferente, que têm outros costumes, uma outra concepção do mundo, outras evidências, significa questionar-se a si mesmo totalmente. Quem sabe se, na resistência ao esperanto, o desejo de evitar semelhante subversão não ocupa um lugar muito maior do que aparenta à primeira vista?

Uma proporção considerável dos discursos feitos por ocasião das geminações entre cidades de países diferentes, por ocasião de congressos internacionais, e nos encontros esportivos internacionais evocam a família humana. Mas será que existem muitas famílias

¹¹ Kiotaro Deguti, *My Travels in Esperanto-Land* (Kameoka: Oomoto, 1973).

cujos membros não podem comunicar diretamente entre si, ao pé do ouvido? Nas quais, quando um irmão quer dizer alguma coisa a sua irmã, ele recruta um intérprete e fala em um microfone, escutando uma voz masculina lhe sussurrar aquilo que lhe comunica sua interlocutora? Podemos nos dar muito bem em família, assim como podemos nos dar muito mal, mas seja para dar uma ajuda como para atrapalhar, utiliza-se uma língua que permite a todos entender aquilo que se quer dizer. A pretensa família humana só se tornará uma verdadeira família no dia em que as línguas não mais interferirem na comunicação. Dizer o contrário é mentir.

Eis porque, eu creio, o mundo do esperanto representa em pequena escala aquilo que a família humana poderia ser amanhã. Os esperantófonos não são nem piores nem melhores que os outros. Eles brigam e se abraçam como os membros de qualquer grupo humano. A maledicência e a calúnia ladeiam nesse mundo a mais maravilhosa solidariedade. Encontram-se banalidades e clichês da mesma maneira que joias de criatividade luminosa. Enfim, há de tudo. Uma humanidade em miniatura. Mas quaisquer que sejam seus defeitos, ela se destaca do resto do planeta por sua capacidade de comunicar-se independentemente de diferenças culturais. Essa não é uma família ideal, longe disso. Mas não conheço outro meio internacional ao qual se possa aplicar sem falsidade a expressão “família humana”.

Capítulo 10

Pessoas, em suma, perfeitamente normais

A expressão da afetividade

Nós vimos no Capítulo 3 a que ponto a maior parte das pessoas faz ideias errôneas sobre os fenômenos linguísticos. As ideias correntes sobre língua e afetividade confirmam essa dificuldade em entender a natureza da linguagem. Assim, com frequência, no instante em que alguém preconiza o esperanto, ouve-se alguém retorquir que essa língua não poderia responder às necessidades afetivas porque ela é jovem demais. Como exprimir seu medo, sua cólera, seu amor, seu ciúme, sua admiração, suas emoções numa língua que não tem atrás de si séculos e séculos de uso?

Acreditar nisso é fazer pouco caso daquilo que, na realidade, inibe a expressão da afetividade. O erro é significativo: ele revela a que ponto nós somos, por debaixo do verniz da civilização, seres primitivos submetidos às tradições da tribo, ao poder dos ancestrais. Nós acreditamos que as formas impostas por séculos de uso facilitam a expressão, ao passo que elas a complicam. Nós temos mais confiança em nossos ancestrais do que em nós mesmos, nos literatos que forjaram, mas também congelaram, a língua, do que nos gritos que emanam espontaneamente de nossas profundezas.

De fato, cada uma de nossas personalidades resulta da interação entre uma bagagem genética e as influências da sociedade. A convicção segundo a qual somente uma língua multissecular permitiria exprimir adequadamente as reações afetivas testemunha um estranho desequilíbrio entre dois fatores: ela superestima a sociedade, ela subestima o ser natural. Nós reencontramos ali, sem dúvida, uma das causas da desconfiança para com o esperanto. A ideia de que a submissão à autoridade externa e, assim, aos ancestrais, possa ser ponderada pela confiança em nosso bom senso individual, nossa lógica própria, nos mecanismos inatos de nosso sistema nervoso parece estar, para muitos, além dos limites do suportável.

Mas, fiéis a nossos princípios, deixemos aqui as considerações teóricas para observar os fatos. O leitor se lembra sem dúvida daquele norte-americano que, agredido em uma quadra de tênis por uma senhora claramente errada, acabou cedendo a ela apesar da consciência de seu bom direito porque ele não conseguia se exprimir em francês. Em inglês, ele teria podido exprimir sua cólera e sua indignação em termos que teriam tapado o bico de sua interlocutora. O que foi que bloqueou a expressão de sua reação afetiva? As incontáveis incoerências, desvios e restrições que caracterizam a língua francesa. O legado de nossos ancestrais.

Como você quer que eu me zangue em alemão, uma vez que em lugar de deixar minhas frases fluírem, eu devo pensar em jogar o verbo para o fim da frase, descobrir se a palavra forte que me parece adequada deve ser precedida de *der*, *die* ou *das*, e buscar a terminação certa do adjetivo...? Meus afetos encontram a cada instante tantos sentidos obrigatórios e tantos sentidos proibidos que eles se esgotam sem achar o caminho. Resultado concreto: minha cólera cai no vazio.

Você me dirá que esse é um excelente resultado e que eu estou errado em me queixar. Na verdade, há casos em que uma boa cólera se justifica e se revela eficaz, por exemplo, quando exprime uma indignação que pode restabelecer a justiça. Mas admitamos. A língua estrangeira nem por isso perde seus inconvenientes. As dificuldades esboçadas acima para a cólera inibem na mesma medida a palavra consoladora e a declaração de amor.

Nada desse tipo em esperanto. A coerência da gramática e do léxico, e com isso a ausência de sentidos proibidos bloqueando o movimento natural da verbalização, permitem à afetividade exprimir-se com cem vezes mais facilidade do que em qualquer outra língua. O influxo nervoso atinge diretamente o seu alvo. A segurança na expressão é garantida pela assimilação generalizadora.

Embora seja sempre incômodo falar de si, sou forçado a precisar aqui que, havendo deixado a tradução, eu retomei meus estudos de psicologia e adquiri uma formação de psicanalista e de psicoterapeuta. O fato de pertencer à coletividade esperantófona pesou muito nessa mudança de profissão. Era necessário que eu descobrisse de que lado se situava a patologia. Cada vez que eu preconizava a solução “esperanto”, olhavam-me como a um ser bizarro, consideravam-me com condescendência, tratavam-me como anormal. Mas em relação à qualidade da comunicação no mundo do esperanto, os métodos aplicados em outros lugares me pareciam completamente aberrantes: eles custavam infinitamente mais caro para um resultado nitidamente pior. Muito embora eu visse que meus interlocutores fugiam da realidade, que eles recusavam sistematicamente verificar minhas afirmações, eu estava praticamente sempre sozinho em minha opinião. No momento em que estamos sozinhos a afirmar uma verdade negada por todos, somos levados a nos perguntarmos se não estamos sendo vítimas de alucinações e a duvidar de nossa saúde mental. Consultei então um psiquiatra, reputado pela precisão de seu diagnóstico. Confessar a um psiquiatra que se acredita ter razão contra todos é uma experiência humilhante. Termos como “paranoia” ou “megalomania” zombam de você do fundo do seu cérebro.

Felizmente, o excelente homem que eu fui ver era honesto: ele se deu ao trabalho de verificar o que eu dizia. Para minha grande surpresa, e a dele, ele concluiu que a patologia se situava na sociedade e não em mim. Eu fiquei aliviado. Pobre de mim, a dúvida não tardou a empinar o nariz de novo. Afinal de contas, talvez o terapeuta me tivesse dito aquilo unicamente para me dar confiança, uma vez que, na vida diária, eu não tinha nenhum problema em particular. Eis porque eu experimentei a necessidade de ir mais longe: eu queria saber aquilo ao certo. O que melhor, para esse fim, do que uma boa psicanálise, que coloque você em total questionamento e o force a uma análise crítica de suas posições? Esse longo e custoso exercício teve por efeito reforçar minhas certezas. Mas se fosse a sociedade que estivesse mentalmente doente, seria necessário que eu compreendesse por quê. Eu quis assim estudar o funcionamento do psiquismo humano. Esse era o melhor meio de encontrar as respostas que eu buscava.

Quaisquer que fossem minhas motivações pessoais, tornei-me então psicoterapeuta. E eu fui levado naturalmente a praticar a psicoterapia também em esperanto. Isso parece inacreditável? Mas é verdade. No mundo do esperanto, é sabido que essa é a minha profissão. Pessoas que haviam lido alguns de meus artigos ou assistido a uma de minhas conferências nessa língua me procuraram para tratar de problemas psicológicos. É claro, quando se trata de francófonos, nós utilizamos o francês, mas em todos os outros casos, o esperanto revelou-se sempre a língua mais adequada entre o interlocutor e eu. Eu assim me ocupei de pessoas

de língua alemã, servo-croata, inglesa, portuguesa, polonesa e outras. Eu fiz também uma formação de conselheiro conjugal. Como casais binacionais vivem numa situação relacional que exige com frequência mais tolerância e flexibilidade do que um indivíduo médio tem de início, eu fui muito frequentemente levado a fazer em esperanto terapia de casal.

Quer se tratasse de problemas de casal ou de tratamentos psicoterápicos individuais, percebi que a afetividade, e particularmente as nuances, exprimem-se mais facilmente em esperanto do que em qualquer outra língua estrangeira. Eu pratico a psicoterapia também em inglês. Mas, muito embora o começo de minha formação – minha primeira psicanálise – tenha se desenrolado em Nova Iorque, na língua de Shakespeare, eu não sou jamais tão bom nessa língua como em francês ou em esperanto. Minhas intervenções são sempre um pouco mais endurecidas do que deveriam. É no nível das nuances que me falta alguma coisa e isso me cria por vezes grandes inquietações profissionais.

A estruturação do esperanto facilita a expressão das nuances. Por ocasião de uma sessão com uma húngara, eu me recordei de ter lhe perguntado: “Esse rapaz, você diria que o ama?” – “*Mi ametas lin*”, respondeu-me ela. Como traduzir? *Mi amas lin* quer dizer “eu o amo”. Inserindo o monema *-et-* entre a raiz *am-*, “amar”, “amor”, e a terminação *-as*, que faz do conceito um verbo no presente do indicativo, ela introduzia a nuance que se põe em francês quando se diz *chantonner* (cantarolar) em lugar de *chanter* (cantar), *pleuviner* (chuviscar) em lugar de *pleuvoir* (chover), ou *chambrette* (quartinho) em lugar de *chambre* (quarto). O verbo *aimer* (amar) em francês não se presta a esse tipo de modulação.

Ou, para tomar um exemplo mais pessoal datando da época em que eu era tradutor, eu com frequência utilizei em minha linguagem, ou mesmo a meia voz quando eu me permitia falar sozinho para dar vazão a meu mal humor, a palavra em esperanto *tekstaĉo* (pronunciar: tecstátcho, transcrição fonética: [teks'ta:tʃo]). O monema *-aĉ-* quer dizer algo como “maldisposto”, “malvestido”, “representando uma versão alterada ou desprezível daquilo que a coisa é ou deveria ser”. É da mesma ordem que a diferença que há entre *viralata* e *cachorro*, entre *casebre* e *casa*. *Tekstaĉo* designa então um texto mal-acabado, um texto que dá náusea ou causa aborrecimento. Cada uma dessas circunlocuções fica um pouco fora. Tudo o que eu posso dizer é que *teksto* é uma palavra neutra, descritiva, enquanto que *tekstaĉo* é um termo afetivo: ele implica que minha relação com o texto não é feita de admiração e respeito, bem longe disso.

Que meus pacientes me perdoem! Mas a forma do discurso deles, quando me relatam seus tormentos ou suas alegrias, interessa-me sempre no mais alto grau, sem dúvida mais do que imaginam eles próprios, ao se concentrarem no conteúdo. Em uma sessão com uma jovem norueguesa um pouco paranoica eu assim notei quatro modulações interessantes da raiz *rigard-*, “olhar”. Eu as cito aqui na forma que ela utilizou, no passado, que termina em esperanto por *-is*: *ŝi rigardetis*, “ela entreolhava”, “ela olhava de soslaio”; *li rigardadis*, “ele olhava longamente”, “ele encarava”; *li rigardegis*, “ele olhou, com os olhos escancarados” (compare *li kriis*, “ele gritou”, *li kriegis*, “ele urrou”); *li rigardaĉis* (pronuncie “rigardátchis”, [rigar'da:tʃis], “ele olhou com um jeito mesquinho”. Este último termo é particularmente difícil de traduzir, e todas as traduções são precisas demais: pode se tratar de um olhar lúbrico, de um olhar sarcástico, de um olhar perturbador, tudo o que se sabe é que esse é um tipo de olhar que evoca algo baixo ou desagradável para a pessoa olhada. No fundo, a diferença entre *li rigardis* e *li rigardaĉis* é a mesma que entre “ele riu” e “ele riu com escárnio”.

Para mim, não há qualquer dúvida: a gama de nuances que o esperanto permite introduzir na expressão da afetividade, com meios de uma espantosa simplicidade, é bem mais extensa do que aquela que oferece a maioria das línguas. O francês é típico. Ele tem *toussoter, pleuviner, entrevoir, vivoter,...*: isso prova que lhe é familiar o sistema que consiste em introduzir uma nuance respeitando a raiz da palavra a ser matizada. Mas essa possibilidade está restrita a um número muito pequeno de verbos. Impossível aplicá-la a *amar*. E por quê? Porque o francês não é regido pela assimilação generalizadora. As modulações estão sujeitas às autorizações acordadas pelos ancestrais. Longe de estimular a expressão espontânea da afetividade, os séculos de uso a restringem.

Atenção! Eu não estou criticando o francês. Eu adoro minha língua materna e ela me é muito agradável para exprimir minha afetividade. Pode-se amar, amar muito, alguém que seja limitado. O francês é limitado, mas eu o amo. Meu objetivo nesta oportunidade é simplesmente mostrar que nos enganamos se imaginamos que uma língua deve ter uma tradição multissecular para permitir a expressão dos estados afetivos.

Os exemplos precedentes fundam-se no emprego dos monemas que servem para modular a expressão em esperanto, mas a afetividade explora muitas outras possibilidades da língua, o que permite variar o registro. Por exemplo, para ordenar a alguém que se cale, se dirá, num tom neutro: *Silentu!* “Cale-se”; num tom mais enérgico e familiar: *Ej, mutu!*, literalmente: “Ei, fique mudo!”; ou, com um grau ainda superior de enervamento: *Fermu la kranon!* literalmente: “feche a torneira”.

A fórmula nº 2, *mutu*, é simplesmente o emprego da raiz *mut-*, “mudo”, no modo imperativo, que faz dela automaticamente um verbo. A possibilidade de utilizar todo conceito em qualquer função gramatical, simplesmente pelo emprego de uma terminação apropriada, é um dos meios que a afetividade explora quando espontaneamente se exprime em esperanto.

A fórmula nº 3 tira partido do fato de que muitas metáforas são transponíveis de uma cultura a outra. O espírito humano tem um funcionamento muito mais universal do que temos a tendência de acreditar em nossa época (em reação à época precedente, quando se acreditava que todos os conceitos eram universais). Por exemplo, os chineses tomaram emprestado da Europa o significado “comunista” do conceito “vermelho” e nas línguas ocidentais nós assimilamos a expressão chinesa “perder a cara”. Quando Agatha Christie diz que Hercule Poirot não compreenderá a expressão *elbow grease*, “óleo de cotovelo”, ela mostra com isso que conhece mal o funcionamento das línguas, como de resto quando ela faz seu herói dizer *I comprehend*, “eu compreendo”, em lugar de *I understand*. A palavra *comprehend* de fato existe, mas mesmo após somente algumas lições, todos os alunos de inglês sabem que a forma normal de exprimir essa ideia é dizer *I understand*. Por mais divertidos que sejam, os galicismos de Hercule Poirot revelam pura ficção. Não são esses os erros que cometem os francófonos que se exprimem em inglês.

Se então estudarmos o esperanto em campo, como deveria fazer toda pessoa que tem a pretensão de emitir um julgamento sobre essa língua, nós perceberemos que ela se presta particularmente bem à expressão espontânea dos movimentos afetivos. Afinal de contas, nós vimos no Capítulo 7: ela se insere em nossas estruturas mentais em um nível mais profundo que as outras línguas, em uma zona mais próxima dos mecanismos espontâneos da verbalização. Mais próximo do mais íntimo de nosso ser, ela está automaticamente mais próxima de nossa afetividade.

Língua e identidade

No íntimo de nosso ser, há nosso sentimento de identidade. A questão “Quem sou eu?” está de fato no centro de nosso psiquismo. Ela está desde então subjacente em todo o debate sobre as línguas, mesmo se não se está consciente disso.

A partir do momento em que falamos de línguas, falamos de nós mesmos, de nós quando crianças, de nós tendo necessidade de uma identidade que nos valorize. A criança vivencia a diferença como perigosa. Ser diferente é correr o risco de ser descartado, e a rejeição para fora do grupo é a coisa mais angustiante que há. Eis porque as crianças fazem tanta questão de se vestirem como seus colegas, de ter o mesmo tipo de mochila, o mesmo equipamento. O fato de que todo mundo não fala da mesma forma é angustiante: se meu grupo é um grupo “diferente dos outros”, eu corro o risco de ser rejeitado. Descobrir que se fala árabe em meio aos franceses, iídiche em meio aos russos, flamengo em uma Bruxelas francófona, pode causar um medo terrível. Ainda mais porque a rejeição se concretiza com frequência sob a forma de um insulto lançado pelos outros, aqueles que pertencem à maioria e que representam a norma: a maneira normal de falar, a maneira normal de ser.

Por que estes se deixam ir tão facilmente ao insulto? Porque eles vivem a mesma angústia. Gritar: “Árabe sujo!”, “Você fede!” ou “Fora judeuzinho”, é tranquilizar-se. É provar que se pertence ao grupo mais numeroso, ao grupo “normal”, àquele que rejeita e consequentemente não àquele que é rejeitado. É poder dizer: “Ufa! Eu não corro o risco de ser posto no refúgio!”.

Quanto àquele que pertence a uma minoria, o que pode ele fazer? Ele só tem a escolha entre duas soluções. Ou ele se sente inferior e carrega por toda sua vida sua identidade ferida como um empecilho que constrange sua liberdade de movimento e afeta bom número de suas reações, ou ele se afirma contra essa inferioridade exaltando os valores de sua cultura. Ele reforça assim seu sentimento de identidade, esquiva-se de sentir-se perseguido (“Eles me detestam porque eu sou superior a eles”).

Como o sentimento de identidade se constrói na pequena infância, ele carrega as marcas da mentalidade daquela idade. Ora, esta se caracteriza pelos raciocínios do tipo *tudo ou nada*. Na prática, esse funcionamento mental se traduz por uma enorme dificuldade em integrar várias identidades. Para o cérebro da criança, ou se é bretão, ou se é francês. Pôr os dois juntos é uma operação mental muito difícil. O problema é que o modo de pensar infantil persiste durante toda a vida nas áreas angustiantes e naquelas em que não se teve a ocasião de tomar distância das suas reações primárias. Muitos adultos cujo intelecto é totalmente maduro no mundo das coisas ou no campo de suas competências profissionais raciocinam como crianças de cinco anos na área afetiva. Esta é uma constatação, não uma crítica. Não é culpa deles se nada é feito em nossa sociedade para garantir à população o amadurecimento afetivo.

O que quer que seja, é por causa dessa mentalidade infantil que as autoridades da República única e indivisível, durante décadas, proibiram o uso do idioma bretão na escola, mesmo durante o recreio. Eu tenho um amigo que nunca se recuperou da humilhação que essa política representou para ele. Ele chegava na escola do vilarejo vindo de sua fazenda, sem nunca ter falado outra língua que não o bretão. E eis que ele era punido por falar como em sua casa com alguns outros garotos que ele conhecia! A mensagem subjacente: “Você é anormal, você é alguém que não presta, os seus pais são nadica de nada, você pertence ao grupo dos rejeitados” constituiu uma ferida que lhe desperdiçou a vida.

Não há muito tempo que o mundo político francês foi agitado por um projeto de lei sobre a Córsega que definia o povo daquela ilha como “componente do povo francês”. Essa definição provocou enormes turbulências. A ideia de que um povo seja componente de um outro é inaceitável para um cérebro que continua a funcionar, em domínios tão angustiantes quanto o da identidade, como aquele de uma criança de cinco anos.

E, contudo, não há nada de mais normal do que ter ao mesmo tempo várias identidades étnicas ou linguísticas. A gente pode se sentir alsaciano e francês e estar à vontade nesses dois papéis. As duas identidades não se integram forçosamente de forma harmoniosa num primeiro momento, mas os conflitos que elas suscitam levam em geral a um enriquecimento da personalidade: é como se, diferentemente das pessoas que só sabem tocar flauta, a gente fosse virtuose tanto com a flauta quanto com o violão; a gente conhece outras sonoridades, a gente sabe vibrar de outras maneiras.

Qual a relação com nosso assunto? Pura e simplesmente que a prática do esperanto cria também uma identidade. O esperanto difere nesse aspecto das outras línguas estudadas:

“Embora não seja uma língua materna, ele tampouco é uma língua estrangeira. Para um esperantófono maduro ele jamais é sentido como idioma estrangeiro.”⁷⁵

Efetivamente, um sueco ou um indonésio que sabe a sua língua e o inglês sente-se pura e simplesmente sueco ou indonésio. Ele não se sente, também, anglo-saxão. Em compensação, aquele que pratica o esperanto não tarda a descobrir que existe um sentimento de pertencer a algo em particular: uma identidade esperantófona. Ele se sente membro de uma vasta coletividade, de amplitude mundial, respeitosa de todas as culturas e a elas acrescentando seus valores culturais próprios. Mas essa identidade integra-se com uma espantosa facilidade entre as outras. Uma pessoa natural da cidade de Colmar que pratica a língua de Zamenhof sente-se ao mesmo tempo alsaciana, francesa e esperantófona sem que haja a menor contradição entre esses diversos vínculos. A ausência de tensão provavelmente vem do fato de que elas correspondem a níveis diferentes: local, nacional e mundial.

Infelizmente, aquele que não refletiu sobre essas questões, ou que não teve nenhuma razão para analisar suas reações no domínio das identidades e das línguas, continua frequentemente a raciocinar com uma criancinha. Funcionando segundo o sistema do *tudo ou nada*, ele ressentido a identidade “esperanto” como pondo em risco de apagar a outra, a sua, à qual ele se apegava com razão. Em lugar de tomar posição *após* ter examinado os argumentos frente a frente, ele começa por se situar emocionalmente, sem se dar conta disso, e em seguida ele racionaliza: justifica sua escolha inconsciente com uma força tão grande que não se pode permitir a menor reconsideração; ele correria assim o risco de ver que sua posição não se apoia em nada mais do que na emotividade de uma criança, o que sua dignidade de adulto não suportaria.

O mesmo problema apresenta um outro aspecto importante: o indivíduo que se deixa assim dominar por sua reação afetiva primária não imagina que o esperanto possa dar lugar a um sentimento de identidade. Se ele refletisse dois segundos, perceberia que um sentimento de identidade pode se ligar a um clube de futebol, a uma empresa, a um bairro, assim como

⁷⁵ Pierre Janton, “La résistance psychologique aux langues construites, en particulier à l’esperanto”. *Journée d’étude sur l’espéranto* (Paris: Universidade de Paris VIII, Institut de linguistique appliquée e de didactique des langues, 1983), p.70.

a qualquer *hobby* que seja. Quando duas pessoas se descobrem uma e outra filatelistas, elas sentem desde o começo afinidades que facilitam a relação. Não há então qualquer razão para que o gosto pelo esperanto não se traduza também por um sentimento análogo de solidariedade, e assim de identidade. Mas o indivíduo médio reage emocionalmente, antes de analisar. Ele se diz: o esperanto é uma língua sem povo; contrariamente aos outros idiomas, ele não define a qual grupo humano a gente pertence; ele conduz a uma identidade zero, ao nada. Aprender esperanto é renunciar a ser aquilo que sou (francês, americano, espanhol...) para tornar-me um “coisa-nenhuma”, um cosmopolita sem raiz, uma coisa compósita como o monstro de Frankenstein.

Uma vez mais, existe um meio simples de saber se esse raciocínio é correto ou não: observar a realidade. Pessoas que aprenderam o esperanto, existem milhões delas. Terão elas se tornado robôs sem alma, cosmopolitas desenraizados, monstros destruidores de cultura? Muito pelo contrário! Muitos dos defensores dos dialetos regionais são esperantófonos. É totalmente normal se considerarmos que para eles, a existência de vários níveis de identidade é algo que eles experimentam. Se não se tem dificuldade em fazer coexistir uma identidade regional e uma identidade nacional, se achará muito normal integrar mais uma identidade planetária. O autor de um dos manuais mais conhecidos de dialeto suíço-alemão⁷⁶ foi durante anos cronista em esperanto da Rádio Suíça Internacional e redator da *Svisa Esperanto-Revuo*. Um autor bretão, Erwar ar Menga, publicou em esperanto uma tradução de sua narrativa em bretão *Priz an Daspren*⁷⁷. No jornal da cidade de Namur *Vers l'avenir* de 9 de maio de 1984, pode-se ler um artigo em dialeto wallon de Ch. Dodet muito favorável ao esperanto, sob o título “*Inte di nos seuyti dit – L’esperanto*”. E em quantas línguas se encontrará uma antologia de literatura catalã comparável a *Kataluna Antologio*⁷⁸ que foi publicada em esperanto no período entre guerras?

Acreditar que o esperanto mata a ligação à terra natal ou aos valores culturais locais é um terrível contrassenso. Muito frequentemente, as pessoas “desaculturadas”, em nossa época, são as vítimas das línguas dos Estados-Nações. Eu conheço chineses de Cingapura e da Ilha Maurício que não sabem o chinês, porque eles passaram ao inglês, tendo assim sido cortados de suas raízes milenares. Há africanos que só têm desprezo pela língua de seus avôs, porque a vida urbana os obrigou a passar ao francês. Toda investigação séria dentro do mundo do esperanto revelará que fenômenos similares jamais se produzem, muito pelo contrário.

Em um artigo intitulado “Da Malásia à Polônia”, uma chinesa da Malásia explica:

“Um dos resultados de minha estada na Polônia foi que eu tive vontade de aprender a língua de meus pais, o chinês. Embora chinesa, por ser nascida na Malásia, eu não aprendi o chinês, pois há poucas escolas chinesas em meu país (...). É então um dialeto chinês que eu falo (...). O esperanto me levou a ter vergonha de meu analfabetismo na língua de meus ancestrais.”⁷⁹

⁷⁶ Arthur Baur, *Schwyzertütsch – Gräezi mitenand* (Winterthur: Gemsberg-Verlag, 1977).

⁷⁷ Saint-Brieuc: Les Presses Bretonnes, 1982, 111 páginas; ver a esse respeito a crítica muito favorável do professor britânico D. R. Gregor no número de janeiro de 1985 da revista *Esperanto*, p.15.

⁷⁸ *Kataluna Antologio* (Barcelona: Editorial Ibèrica, 1931), 401 páginas.

⁷⁹ Chan Sook Wai, “De Malajzio al Pollando”, *Heroldo de Esperanto*, 22 de junho de 1990, p. 1.

Aqueles que acusam o esperanto de promover a alienação cultural fariam bem em observar os fatos. Da mesma maneira que vale a pena comparar, do ponto de vista eficácia/custo, a comunicação internacional pelo inglês e pelo esperanto, vale igualmente a pena comparar na realidade o impacto cultural de uma e de outra língua sobre as pessoas que as aprendem. É fácil afirmar *a priori*. Ainda assim é preciso ver se a experiência confirma aquilo que se pretende.

Pessoas, afora isso, como todas as outras...

Sem dúvida não é inútil fazer conhecer melhor ao leitor a realidade humana da diáspora esperantófono, entendendo por isso o conjunto dos usuários da língua, espalhados através do mundo. Mas a partir do momento em que nos dedicamos a essa tarefa nos apercebemos de que ela é muito difícil, pois essas pessoas são muito diversas.

Ao término de um estudo consagrado aos esperantófonos britânicos, o sociólogo Forster concluiu que, como grupo humano, eles não se diferenciam em nada do conjunto da população do Reino Unido, senão pelo fato de que há entre eles, proporcionalmente, um pouco mais de vegetarianos e um pouco mais de pessoas que votam nos trabalhistas⁸⁰. Um pesquisador americano, Emmert, descobriu por sua vez, por ocasião de uma pesquisa mais psicológica, que aquilo que diferenciava do conjunto, nos Estados Unidos, as pessoas que se interessavam por uma língua internacional se situava sobre o eixo “esperança”: os indivíduos nos quais o sentimento “esperança” é forte são mais numerosos do que numa amostra aleatória.⁸¹

Por que essas pessoas aprenderam esperanto? O mais fácil é sem dúvida perguntar a elas...

*

Um norte-americano de 27 anos: Eu estava na plataforma de uma estação, numa cidadezinha húngara, no tempo do regime comunista. Meu visto iria expirar em breve, era preciso que eu retornasse a Budapeste, de onde pegaria o avião para voltar para casa, nos Estados Unidos. Eu havia viajado sozinho desde a chegada na Europa e me sentia enfadado. A solidão começava a pesar. O trem havia acabado de entrar na estação e ia partir novamente após uma parada de dez minutos quando um garotão com um jeito de norte-americano chega correndo e me pergunta em inglês: “É aquele o trem para Budapeste?” Eu respondo que sim e subimos os dois. Distraídos em nossa conversa, nós não prestávamos atenção nos nomes das estações, de sorte que quando, em torno das nove horas da noite, nos fizeram descer, não entendemos por quê. Uma olhadela no nome da localidade e em seguida em um mapa nos deu a resposta: estávamos no término da linha, num lugarejo não muito distante da fronteira soviética. Eu tinha entendido mal as explicações que me haviam sido dadas. Nós tentamos nos fazer entender em inglês para saber se havia um trem que partiria de volta em direção à capital. Naquele lugar perdido, ninguém, aparentemente, compreendia nossa língua.

Eu estava esgotado, desanimado, procurando um painel de horários sem encontrá-lo, quando vejo meu companheiro de viagem tirar de sua mochila um livrinho em formato de bolso, folheá-lo e dirigir-se para uma cabine telefônica. Eu vou com ele até lá e o ouço

⁸⁰ Peter G. Forster, *The Esperanto Mouvement* (Haia e Nova Iorque: Mouton, 1982).

⁸¹ B.D. Emmert, “Attitudes towards the world language problem as shown by Q-methodology”, *La Monda Lingva-Problemo* (Haia: Mouton, 1972), 4, 11, pp. 106-116.

conversar numa língua que me pareceu ser romeno. Terminada a conversação, ele me diz: “Nós teremos de passar a noite aqui, não há mais trens”. Eu não estava numa situação muito confortável. Por um lado, eu me sentia culpado por ter embarcado meu companheiro na direção errada, por outro lado eu não tinha como pagar mais uma noite num hotel. “Não se preocupe, tudo vai dar certo”, me diz ele quando eu lhe explico minhas preocupações e ele me leva até um restaurante em frente à estação. Nós estávamos lá havia cinco minutos quando chega um húngaro que nos identifica imediatamente e vem nos apertar as mãos como se fôssemos velhos conhecidos. A conversa inicia-se na língua bizarra anteriormente usada. É ali que eu descubro que é esperanto, nome que eu jamais havia ouvido em minha vida. O húngaro sai para dar alguns telefonemas. Quando ele volta, meu companheiro traduz para mim: “Isso não foi fácil porque ninguém dispõe de muito espaço aqui, mas ele encontrou para nós um quarto na casa de uma viúva; ela normalmente mora com seu filho e sua nora, mas eles estão viajando durante uma semana”. O húngaro que nos havia encontrado no café era o representante local da Associação Universal de Esperanto. Ele só falava esperanto e húngaro. Eu fiquei fascinado pela facilidade com a qual meu amigo e aquele homem conversavam entre si. E também pela eficácia da organização deles: um anuário que cabe no bolso e que nos dá contatos no mundo inteiro sem problema de língua! Seria natural que também eu me interessasse por aquilo, não é?

Uma japonesa de 30 anos: Para mim foi muito simples. Eu tinha uma enorme vontade de viajar, de ver o mundo. Então eu economizei tudo que podia desde meu primeiro dia de trabalho. No ano passado, falei de meu projeto a uma amiga dizendo que iria poder realizar meu sonho este ano. Eu estudei inglês durante dez anos, mas nunca consigo entender o que me dizem nessa língua. Minha amiga me disse: “Aprenda o esperanto, se você se limitar ao inglês, tudo o que você terá como intercâmbio no mundo será com os funcionários das agências de turismo ou dos grandes hotéis. Com o esperanto, você encontrará pessoas cujo trabalho nada tem a ver com os estrangeiros”. Eu segui seu conselho e ele se revelou exato. Antes de partir fiz contato com esperantófonos de todos os lugares onde eu queria fazer escala, e pronto. Visitei a Europa oriental, a Europa ocidental, agora vou partir para o Canadá, os Estados Unidos, depois a América Latina. Farei escala em três cidades australianas onde aceitei falar de minha vida de japonesa nos clubes locais de esperanto, depois será a volta para o Japão. Com a inesquecível recordação de dezenas de contatos fantásticos, muitas vezes com pessoas muito simples, gente normal, ora!

Um polonês de 17 anos: Um dia – eu tinha onze anos – eu estava na casa de meu avô. Ele havia acabado de receber um pacote do Brasil, coberto de selos que me pareceram magníficos. Eu lhe perguntei o que era. Ele me disse que eram livros que um de seus amigos ocidentais havia encomendado para ele a um editor brasileiro, especializado na edição de livros em esperanto.⁸² Ele me explicou o que era essa língua. Os poucos exemplos que ele me deu me entusiasmaram. A partir daquele dia, eu fui à casa dele duas ou três vezes por semana para aprender a língua, o que nós fazíamos brincando. Ele me fazia adivinhar o significado das palavras compostas, ele me ensinava poesias ou canções, ele me fazia resolver enigmas como este:

⁸² *Fonto*, Caixa postal 49, BR-89801-970 Chapecó, SC, Brasil.

Dada a tabela seguinte:

<i>kie</i> “onde”	?	<i>ie</i> “em algum lugar”	<i>nenie</i> “em nenhum lugar”
<i>kio</i> “o que”	<i>tio</i> “isso”	?	<i>nenio</i> “nada”
<i>kiam</i> “quando”	<i>tiam</i> “então”	<i>iam</i> “um dia”	?

encontre como se diz em esperanto “lá”, “alguma coisa” e “nunca”.

Eu achei esses jogos muito mais interessantes do que aquilo que fazíamos na escola. Ao cabo de alguns meses, eu me virava realmente muito bem nessa língua. Com quinze anos, eu me afiliei à Organização Mundial da Juventude Esperantófona.⁸³ Eu nunca viajei ao exterior, mas encontrei repetidas vezes pessoas dos mais diversos países que passavam em nossa casa, e tive a ocasião de participar de acampamentos de jovens esperantófonos, para onde vinham rapazes e moças de países muito diferentes. Eu sempre gostei desses contatos. Eram sopros de ar fresco em um mundo pobre e sufocante. Eu acredito que o esperanto seja a língua dos contatos humanos.

Um francês de 45 anos: Eu um dia ouvi por acaso, no carro, um programa da rádio France Inter, com um curso de esperanto. Isso deve ter sido em 88 ou 89. Aquela língua pareceu-me ao mesmo tempo engraçada e eficaz. Foi isso que me tocou: eu aprendia mais coisas em alguns minutos do que durante meses de cursos de língua quando eu estava no colégio, e ao mesmo tempo aquilo funcionava. Nitidamente com mais prazer e bem melhor rendimento. Eu me inscrevi num curso por correspondência, e depois eu fui à Casa Cultural dos esperantistas franceses, no *château* de Grésillon, perto de Baugé, na região do Maine-et-Loire. Lá havia pessoas de uma dezena de países que participavam de um curso de aperfeiçoamento. A despeito dos sotaques muito diferentes, nós nos compreendíamos muito bem. E, além disso, havia lá uma biblioteca onde eu peguei emprestados alguns livros em esperanto, alguns pouco interessantes, alguns apaixonantes. De fato, eu utilizo a língua sobretudo para correspondência, mas isso me dá muita satisfação.

Um alemão de 70 anos: Quando eu me aposentei, a questão dos passatempos se colocou com redobrada força. Eu tenho a sorte de gozar de excelente saúde, minha mulher também. Em uma revista para a terceira idade, nós vimos um anúncio: propunham-se férias de um tipo original, centradas numa atividade intelectual divertida e culturalmente enriquecedora. Nós nos inscrevemos e nos encontramos com casais de outros países: franceses, italianos, suecos, iugoslavos. Ninguém conhecia a língua dos outros. O professor de esperanto chegou. No fim de quinze dias, nós já conseguíamos nos dizer tanta coisa que estávamos todos entusiasmados. Isso criou laços entre nós, continuamos a praticar a língua lendo e escutando rádio e, quando nos reencontramos no ano seguinte, ficamos espantados de ver que falávamos entre nós como entre compatriotas. Para mim, que sempre fui nulo em línguas, é uma experiência surpreendente. Eu encontro estrangeiros que são estrangeiros e que não são estrangeiros.

⁸³ Tutmonda Esperantista Junulara Organizo, Nieuwe Binnenweg 176, NL-3015 BJ, Roterdã, Holanda.

Uma chinesa de 30 anos: Eu sempre me senti enfiada em minha cidadezinha. Sou operária em uma fábrica de aparelhos elétricos. Eu tinha lido muitos romances, Júlio Verne por exemplo, que se passavam em diferentes cantos do mundo e eu tinha uma grande vontade de conhecer os outros países. Eu comecei a aprender inglês, mas quando eu vi tudo aquilo que seria necessário memorizar para poder utilizar corretamente verbos tão banais quanto “ser”, “ter” e “ir”, eu me senti desencorajada. Após uma embrutecedora jornada de trabalho, não temos tanta energia assim para aprender. Mas no momento em que eu decidi renunciar ao inglês, alguém pôs em nossa fábrica um cartaz anunciando um curso de esperanto. Eu fui lá. No fim de alguns meses, comecei a corresponder por carta e por fita cassete com gente de cinco países. A postagem custava muito caro, mas meus correspondentes foram muito gentis: tiveram a ideia de me pagá-la com cupons de resposta internacional. Escutar a voz deles, sua música e suas narrativas era fantástico: era ter o mundo ao meu alcance. Quando, em 1986, o Congresso Universal de Esperanto se realizou em Pequim, não pude ir, mas um grupo de esperantófonos fazendo uma viagem pela China antes do congresso fez uma etapa em nossa cidade. Eu encontrei ali pessoas que, na época, não teriam tido o direito de entrar em nosso país: coreanos do sul, israelenses... Aquilo que aprendi por meio do esperanto jamais perderei. Um dia, talvez, poderei viajar.

Um italiano de 33 anos: Eu aprendi sozinho. Um dia, estava em um restaurante em Zagreb. À mesa atrás de mim, havia seis pessoas, das quais um “moreno”, um louro grande de tez rosada, uma pequenina animada, um homem de olhos puxados, ou seja, havia naquele grupo algo de heterogêneo que me intrigava. Além do mais, eles falavam em uma língua desconhecida na qual o “sim” se dizia, aparentemente, yes. Eles tinham todos um sotaque diferente, mas estava claro que se compreendiam à perfeição. A partir de um certo momento, impressionado pelas gargalhadas, me dei conta de que eles se contavam histórias engraçadas. Eles riam todos com a mesma vivacidade e no mesmo momento. Isso me espantou porque, pouco tempo antes, eu havia participado de um congresso internacional no qual devíamos explicar uns aos outros aquilo que havia de engraçado na história contada, o que fazia perder todo seu charme. Em resumo, eu lhes perguntei o que eles falavam. Fiquei surpreso quando me disseram que era esperanto. Eu havia ouvido falar dessa língua como uma coisa que havia dado errado. Um deles folheou um pequeno anuário e me deu um endereço na Itália onde eu poderia me documentar. Ele me disse que em livrarias eu correria o risco de não encontrar facilmente manuais dessa língua. No ano seguinte, eu me inscrevia para uma estada de uma semana no Centro Cultural Esperantista de La Chaux-de-Fonds, na Suíça, a cidade mais alta da Europa (existem vilarejos mais altos, mas essa é uma localidade verdadeiramente urbana, a mil metros de altitude). Em um grupo em que havia talvez doze línguas maternas diferentes, eu me integrei muito rápido: constatei que, mesmo se nós cometíamos todos alguns erros, e se tínhamos todos nossos sotaques, nós esquecíamos que não estávamos falando nossa língua materna. Eu tinha a impressão de que o austríaco falava alemão, o finlandês falava finlandês, a japonesa, japonês, a búlgara, búlgaro, mas que por não sei que milagre do tipo Pentecostes eu compreendia todas aquelas línguas e eles compreendiam a minha. Nesse verão, eu retornarei a Zagreb, ao Festival Internacional de Marionetes, no qual trupes de países os mais diversos apresentam espetáculos de marionetes em esperanto diante de um júri de crianças esperantófonas.

Os depoimentos precedentes foram recolhidos de pessoas que praticam o esperanto regularmente. Como a maior parte dos usuários dessa língua, eles são entusiastas. Essa atitude evidentemente não é universal. Encontram-se ocasionalmente pessoas que experimentaram o esperanto sem encontrar nele o que buscavam:

Um belga de 40 anos: Um de meus amigos um dia me arrastou para um curso de esperanto. Eu achei que todos os participantes tinham um jeito bizarro. E a própria língua me pareceu forçada e pouco lógica. Eu fui lá umas três vezes, depois desisti. Nunca me arrependi. Eu me viro suficientemente em inglês para não ter problemas em meus contatos com o exterior. Esse esperanto, isso não funcionará jamais.

*

O esperanto pode ser praticado em todo tipo de lugar. Por exemplo, o Centro Cultural Esperantista de La Chaux-de-Fonds é o equivalente suíço do *château* de Grésillon na região francesa do Maine-et-Loire. Centros desse tipo foram criados em diferentes países. As atividades que eles propõem são muito diversas. Há, é claro, cursos de esperanto, para os iniciantes. Mas as pessoas que já começaram a aprender a língua têm a opção entre múltiplas atividades. No programa do Centro de La Chaux-de-Fonds para o ano passado, havia, por exemplo, um encontro de Baha'is, uma sessão intitulada "Introdução à arte contemporânea", uma semana consagrada ao "Jura no início da primavera" (em esperanto *ekprintempe*, o que não é fácil de traduzir; algo como "no momento em que a primavera eclode"): trata-se de excursões pedestres pelo Jura sob a orientação de um habitante da região dando as explicações em esperanto. Duas outras atividades são dedicadas à natureza: um engenheiro florestal italiano coordena em junho um fim de semana prolongado com o tema da ecologia florestal, com caminhadas nos bosques; e na semana seguinte se realiza um seminário sobre as plantas selvagens, organizado por dois especialistas, um holandês e um alemão. Destacam-se, além disso, quatro semanas consagradas a assuntos literários, três a temas filosóficos ou religiosos, duas à arte da tradução, duas à linguística, uma à música, uma à redação de revistas, mais uma estada para a prática do esqui de fundo. Há também, no verão, um período de divertimento para famílias e crianças. Além disso, jovens podem estagiar "*au pair*" sob a condição de fazerem serviços de arrumação. Um certo número de jovens tem aprendido o esperanto na prática, atuando em grupos como esses.

Mas além dos centros permanentes, há muitas atividades pontuais. Entre as mais conhecidas no mundo do esperanto, pode-se citar o seminário da juventude esperantófona alemã, que tem lugar todo ano durante as férias de fim de ano, e que é geralmente centrado em algum assunto político, econômico ou social; os cursos de verão de San Francisco, que compreendem uma importante parte cultural, inteiramente em esperanto; ou as sessões consagradas à arte ou ao artesanato tradicional japonês, em Kameoka. Essas atividades são anuais. De fato, seria impossível esgotar o assunto, porque a cada dia, desde 1985, há em algum lugar do mundo uma atividade organizada em esperanto. Para apresentar um exemplo entre cem, em Ecaterimburgo, nos Urais, se realizou de 8 a 21 de agosto de 1993 um encontro Europa-Ásia destinado a sensibilizar os participantes das duas partes do mundo sobre aquilo que eles têm em comum e aquilo que os diferencia.

Quanto ao “congresso universal” do qual falava a jovem chinesa agora há pouco, seria mais justo chamá-lo de festival, porque é um quadro vasto que cobre atividades extremamente diferentes: teatro, conferências, debates, cursos, bailes, cabaré, venda de livros, excursões, concursos... Eles são grandes convenções que reúnem entre 2000 e 5000 pessoas de uma centena de países. Muitas organizações internacionais de esperantófonos deles se aproveitam para reunir seus membros. Há no mundo do esperanto toda sorte de ligas, federações e associações de âmbito mundial: ferroviários, enxadristas, matemáticos, ciclistas, juristas, jogadores de go, médicos, deficientes físicos, católicos, protestantes, budistas, escoteiros, radioamadores, profissionais da informática, mineradores, cegos, etc. Bom número dessas sociedades tira proveito do Congresso Universal para organizar encontros de seus membros. São essas atividades incessantes que fazem do esperanto uma língua mais viva que certas línguas que gozam de estatuto oficial, mas que estão morrendo de morte natural por falta de suficiente difusão.

Uma agressividade lamentável, mas compreensível

Para aquele que vive regularmente nesse universo, é profundamente irritante tomar conhecimento de que em tal universidade um assistente de linguística respondeu a um estudante que lhe fazia uma pergunta sobre o esperanto: “Isso não é uma língua, porque ninguém nunca a falou”. Ou, como aconteceu comigo, ser convidado por um professor de universidade para apresentar o esperanto a seus estudantes e, terminada a apresentação, descobrir que ela havia se dado no âmbito de um curso sobre a Utopia!

Por certo, nós ignoramos do que o futuro será feito. Mas classificar prontamente o esperanto entre as utopias é introduzir um preconceito na cabeça de seus ouvintes. É impedir que o percebam tal qual ele é: uma realidade observável sob o ângulo linguístico, sociológico, psicológico e econômico, acerca do qual não é normal fazer um julgamento antes de havê-lo estudado.

Criticam-se por vezes os partidários do esperanto por serem agressivos, e alguns de fato o são. Mas não é fácil ficarmos serenos quando nos deparamos constantemente com afirmações que desmentem toda nossa vivência. As críticas são sentidas como inadmissíveis, perdendo-se de vista que elas são suscitadas por uma socioneurose que se defende como toda neurose, embaralhando a distinção entre o conhecido e o ignorado. Assim, caímos na indignação. Nos dizemos que é escandaloso que tanta gente se pronuncie sobre uma coisa que ignora. Vários de meus conhecidos possuem milhares de recortes de jornais, de notas de conferência, de páginas de livros afirmando as coisas mais aberrantes sobre o esperanto. Embora compreendamos em parte o que se passa, não é fácil dizer-se: é uma sociedade doente a que aí se exprime. Nós nos dizemos em geral, indignados: Se alguém ignora tudo sobre uma área, seja ele linguista, jornalista, literato ou político, que tenha a humildade de reconhecer sua ignorância...

Muitos usuários do esperanto se sentem como Cristovãos Colombos a quem demonstram por $a + b$ que não há terra a oeste dos Açores. Imagine um jardim público, um vasto parque no qual se entra através de um grande portão. Para ir de um extremo a outro da cidade, esse parque é um atalho muito prazeroso. Mas só uma pequena minoria passa por lá. Regularmente, diante do portão, pessoas, das quais um certo número de “especialistas”, fazem discursos e dão entrevistas que são publicadas por jornalistas, os quais muitas vezes acrescentam a elas algumas opiniões pessoais suplementares. Esses discursos e esses textos

são unânimes: o parque é inservível, mal concebido, feito desse ou daquele jeito, desumano, perigoso, artificial, coberto por uma atmosfera irrespirável. Um século depois, pessoas pronunciam-se da mesma forma diante do portão, e suas palavras repercutem de artigo em artigo, de obra em obra. O esperantófono está na situação daquele que frequenta o parque porque lá se sente bem e aprecia muito seus encantos, sem contar que lhe parece preferível pegar um atalho com odores agradáveis do que fazer o longo desvio por ruas empoeiradas por gás de escapamento. Ao ouvir o discurso clássico, ele exclama diante de um grupo de pessoas: “Vocês têm o direito à opinião de vocês, mas, antes de dizer mais alguma coisa, por que vocês não atravessam o portão para dar uma pequena volta pelo jardim e ir ver como aquilo lhes parece? ” A maioria não lhe dá ouvidos. E uns poucos o olham como se ele estivesse acometido de uma doença vergonhosa. Se ficar agressivo, ele merecerá alguma indulgência. Será que nós vamos, por mais um século, proclamar como ridícula a ideia de pegar o atalho, mantendo-nos diante de um portão que não ousamos atravessar?

Uma mentalidade

O leitor achará talvez que falta coerência às considerações acima. Por um lado, elas voltam a dizer que os usuários do esperanto são pessoas como as outras e, por outro lado, elas os apresentam como uma elite incompreendida: a vanguarda de um mundo neurótico.

A incoerência é só aparente. É possível ser como todo mundo, mas estar na vanguarda, devido aos acasos da vida, numa área bem circunscrita.

Os usuários do esperanto são gente normal, mas com alguns traços que os diferenciam do conjunto. E esses poucos traços correspondem a uma mentalidade. Ouve-se com frequência dizer que o esperanto não pode preencher as funções de uma “verdadeira” língua, porque toda língua encarna uma mentalidade, o que não poderia ser o caso de uma língua como essa. Dizer isso é desconhecer o setor da humanidade do qual se fala. Há por certo uma mentalidade própria aos usuários do esperanto. Ela se integra na mentalidade do povo ao qual pertence o indivíduo em questão, mas não inteiramente: ela exclui, daquela, certos aspectos. Um nacionalismo do tipo *Deutschland uber alles* ou qualquer outra forma de pensar que atribua a um povo o direito de dominar os outros não são compatíveis com a condição de pertencente ao mundo esperantófono, da mesma forma que não o é uma total falta de interesse pelo estrangeiro. A língua recrutou seus adeptos entre as pessoas que apresentavam essa mentalidade um pouco especial, e ela a reforçou. Assim, desde há um século, “pessoas corajosas” que não pertencem à elite intelectual ou à elite econômica encontram-se e comunicam-se entre si de povo a povo, com a mesma facilidade com que falam sua língua materna, pelo simples prazer do contato, do diálogo. Sua experiência os une, porque ninguém, fora dessa coletividade, vive esse gênero de relação, utilizando uma língua que estimula o pensamento livre e a criatividade na expressão. Não é o caso aqui de descrever em detalhe a mentalidade que essas redes de contatos forjaram, mas me parece que seus traços próprios podem ser resumidos como segue:

1) Esperança, de uma maneira geral, superior àquela que se encontra na média da população: o usuário do esperanto tem a tendência a ter esperança contra tudo e contra todos.

2) Experiência com a facilidade do diálogo intercultural: essas pessoas sabem que é possível falar cara a cara com pessoas de línguas e de mentalidades bem diferentes. Em outras

palavras, que Babel não é uma maldição à qual é preciso resignar-se recorrendo a paliativos medíocres.

3) Hábito de pensar com o auxílio de conceitos suscetíveis de numerosas modulações, como nós acabamos de ver ao falarmos da afetividade, e arrançados por inclusão (*krajono*, “lápiz”, está incluso em *skribilo*, “objeto que serve para escrever”; *fiŝvendisto*, “peixeiro” e *fiŝkaptisto*, “pescador”, estão inclusos em *fiŝisto*, “pessoa que se ocupa profissionalmente de peixes”).

4) Fé na existência de uma lógica universal: o esperantófono parte do princípio – confirmado por sua experiência – de que, qualquer que seja o ser humano de que se trate, seja ele esquimó ou aborígene australiano, se lhe é explicado que *tie* quer dizer “lá”, *kie* “onde”, *ie* “em algum lugar” e *nenie* “em nenhum lugar”, e visto que *tio* quer dizer “isso”, *kio* “o que”, *io* “alguma coisa” e *nenio* “nada”, basta dizer-lhe que “então” se diz *tiam* para que ele deduza que “quando” se dirá *kiam* e “nunca” *neniam*. Essa certeza implica que os seres humanos são iguais em dignidade, e que o recurso a essa lógica universal é mais respeitoso a todos do que o recurso à memória. Não se trata de denegrir a importância dessa última, mas simplesmente de constatar que uma língua que se aprende mais pela inteligência do que pela memória, como o esperanto, é mais bem adaptada às exigências de uma comunicação democrática de amplitude planetária.

5) Atitude, dentro da relação, podendo resumir-se como segue: “Eu respeito demais a sua língua assim como todas as línguas étnicas para estropiá-las, mas eu respeito demais você, meu interlocutor, para lhe impor minha língua com todas as suas regras e incoerências arbitrárias que nada trazem para a comunicação. Ao mesmo tempo, eu me respeito demais para me submeter a restrições linguísticas que inibem o fluxo fácil de minha fala introduzindo toda sorte de exceções e de ilogismos sem relação com minha cultura e minha mentalidade. Eu sou então feliz por podermos utilizar uma língua terceira que comporta tudo aquilo que é necessário, mas somente aquilo que é suficiente, para que possamos nos comunicar, mas permaneçamos ambos plenamente nós-mesmos.”

6) Confiança no interesse que há em sanar os conflitos pelo diálogo e não pela violência. Essa confiança foi muitas vezes mal interpretada no exterior do mundo do esperanto. Pretendeu-se que Zamenhof e seus partidários acreditassem que se os povos adotassem o esperanto, a paz reinaria automaticamente:

“É essa ideia – que a babelização da humanidade é a fonte de todos os mal-entendidos e de todos os males – que inspirou ainda os criadores e os propagandistas das línguas universais de síntese, o esperanto em particular”.⁸⁴

O autor dessa passagem enganou-se redondamente. Atribuir semelhante convicção aos partidários do esperanto é quase insultá-los. É imputar-lhes uma inteligência nitidamente inferior à média, visto que é claro que muitas regiões unilíngues conhecem a violência, a guerra e o conflito, por exemplo a ex-Iugoslávia, o Camboja ou a América Central. É preciso não confundir o pacifismo imbecil e a alta valorização do diálogo entre partidários situados em pé de igualdade.

⁸⁴⁰ Jacques Cellard, *Le Monde*, 2 de julho de 1984.

7) Baixo grau de conformismo. Na verdade, para decidir aprender esperanto na nossa época, é preciso ser mais desprendido das modas e das correntes de opinião gerais que a maioria das pessoas. A pressão favorável ao inglês e desfavorável ao esperanto, como meios de comunicação internacionais, é extremamente forte em toda parte onde a escolha entre essas duas opções é avaliada.

8) Dois traços bem diferentes daqueles que acabam de ser mencionados podem ser observados em alguns segmentos da coletividade esperantófona: por um lado, um tipo de fanatismo relativamente agressivo, por outro lado um certo desencorajamento; todos os dois estão ligados ao sentimento desagradável de não ser compreendido, de ser tratado de forma injusta. Poderia haver aí a atração de uma tendência ao delírio de perseguição. A experiência repetida da ironia ou da condescendência da parte de incompetentes pode inscrever-se dolorosamente na mentalidade do usuário do esperanto, sobretudo se ele experimentou participar em sua divulgação.

Diversidade do mundo do esperanto

Não seria necessário concluir do que precede que os usuários do esperanto são muito parecidos. Alguns traços encontram-se frequentemente entre eles, mas eles representam pouca coisa em relação ao que os diferencia. Muitos jornalistas, linguistas, políticos, e intelectuais imaginam que há um “movimento” esperantista: pessoas unidas em uma mesma meta e trabalhando para a realização desse objetivo. A realidade é bem diferente. Trata-se de fato, não de um movimento, mas de uma *população* heterogênea, animada por sentimentos e metas muito diferentes, com frequência, contraditórios. Alguns querem guardar o esperanto para si,⁸⁵ conscientes das vantagens que lhes confere um meio de comunicação interpovos superior aos sistemas rivais, enquanto que outros fazem de tudo para difundi-lo tanto quanto possível. Alguns querem fazer evoluir a língua no sentido de uma ocidentalização; outros, pelo contrário, esforçam-se em fazer um idioma tão pouco ocidental quanto possível. Bom número de usuários do esperanto vê nele sobretudo uma ferramenta cômoda, na prática, nas relações com o estrangeiro; mas um número igualmente considerável o percebe essencialmente como um meio de realizar um ideal político-social. Para uma outra categoria ainda, trata-se primordialmente de uma área de atividade cultural, levada muito a sério por uns, tida por outros como um simples *hobby* que dá, somente a esse título, grandes satisfações. Nós o vemos: é um grave erro atribuir aos “esperantistas” uma unidade de visão, como dizem as pessoas externas a essa população (muitos usuários do esperanto execram esse termo, cujas conotações, pensam eles, traem sua identidade). Pode-se estar certo de que a presente obra será recebida de maneira muito diferente nos meios que praticam o esperanto. As reações se estenderão provavelmente do anátema à incondicional aprovação, com diversas posições mais ou menos variadas entre esses dois extremos.

⁸⁵¹ Ver o editorial de Hans Bakker no número de maio de 1993 da revista *Esperanto*.



Figura 9: 91º Congresso Universal de Esperanto (Florença, 2006); esperantistas na Praça de São Pedro; Centro de Esperanto no Chateau Grésillon (França); Instituto Zamenhof (Togo); primeiro Congresso Universal de Esperanto (Boulogne-sur-Mer, 1905); público presente à abertura do último congresso universal; cursos no Afeganistão, na República Tcheca e em Benin.

Capítulo 11

Um projeto piloto

Nosso trabalho de consultores progrediu sensivelmente. Nós mostramos que a comunicação linguística, tal qual ela é geralmente organizada em nossa época, impõe bom número de problemas e que ela suscita toda uma gama de limitações, indo do simplesmente irritante ao profundamente desumano. Nós notamos que, em lugar de pegar o touro pelos chifres, a sociedade lança uma certa penumbra por sobre a área da comunicação linguística e, por conta disso, só propõe paliativos caracterizados pela desproporção: entre o esforço exigido a milhões de alunos ao redor do mundo e seu resultado, profundamente desencorajador; desproporção entre os montantes destinados aos sistemas multilíngues e a qualidade da comunicação à qual eles levam.

Num segundo momento, descobrimos que existe uma solução notável, mas que é objeto de uma verdadeira escotomização por parte dos dirigentes, dos informadores e da maior parte da *intelligentsia*. Concluímos disso que a maneira de agir da sociedade era comparável aos comportamentos que se qualificariam de neuróticos se se tratasse de um indivíduo; as causas, psicológicas e políticas, desse comportamento patológico foram abordadas, da mesma forma que os mecanismos que a neurose põe em ação para defender-se, por exemplo, suscitando toda sorte de racionalizações que são facilmente desmascaradas pela análise serena e rigorosa dos fatos. Enfim, nós acabamos de recolher alguns resumos sobre as pessoas que se aplicaram o remédio e que assim criaram para si um meio que escapa da maldição de Babel. Seu testemunho confirma a qualidade da solução “esperanto”.

O que importa para nosso propósito não são as características dessa população heterogênea, nem suas visões divergentes, mas sua existência. Esta é de uma importância capital, pois a população esperantófona oferece a um pesquisador a referência da qual ele precisa para situar concretamente, uns em relação aos outros, os diversos meios que a humanidade inventou para desafiar a maldição de Babel.

Não se pode fazer nenhum juízo sem referência. Os julgamentos são geralmente formulados com a ajuda de adjetivos. Ora, os adjetivos não correspondem a realidades assimiláveis sem outra explicação. A palavra “pequeno” representa medidas muito diferentes dependendo de se a aplicamos a um elefante ou a uma formiga. E o que quer dizer “fácil” no caso de uma língua? “Fácil” para um sueco pode ser “difícil” para um coreano; aquilo que é fácil no começo pode ser difícil a partir de um certo limiar, e vice-versa. Consultores engajados em otimizar o funcionamento de uma empresa são chamados a recomendar o sistema mais “eficaz” e a abordagem da presente obra é totalmente comparável à deles. Visto que, como todos os outros, o adjetivo “eficaz” supõe uma referência, o mundo do esperanto vai nos fornecer essa referência. Nossa tarefa vai consistir agora em fazer comparações.

Antes de lançar uma inovação em larga escala, ocorre com frequência que se empreenda um projeto piloto. Experimenta-se o novo sistema em um território circunscrito, numa amostra restrita da população, de maneira a ver quais são suas vantagens e seus inconvenientes sem se pôr em risco um grande número de pessoas.

O esperanto pode ser considerado como um projeto piloto posto em prática desde há pouco mais de um século. Ele pode servir de referência, visto que é utilizado em todas as situações nas quais os outros sistemas de comunicação interpovos estão em uso, da comunicação por gestos ao uso exclusivo do inglês, passando pela algaravia desajeitada, a interpretação simultânea e a tradução assistida por computador.

Em todas essas situações, qualquer que seja o critério empregado, ele se revela claramente mais satisfatório.

Similar afirmação tem por que causar ceticismo. Eis porque é prudente verificar por si mesmo. Aquele que procura provas descobre uma coisa assombrosa: lá se vão cem anos que o esperanto é objeto de incontáveis documentos explicando por que ele não merece ser levado em consideração. Mas nem um único desses textos se funda na observação dos fatos.

Se me permito repeti-lo, é que a experiência prova que dizer a verdade uma só vez não basta quando se luta contra um condicionamento neurótico fundado na desinformação. É preciso repeti-la reiteradas vezes para que ela ataque o preconceito. Se a síndrome de Babel é tão tenaz, isso é em grande parte porque as pessoas em sua maioria são ocupadas demais para parar um instante e refletir sobre uma ideia contrária àquilo que, para elas, é uma evidência.

Nossos ministros e outros dirigentes têm de fato a vaga lembrança de que existem milhares de textos decretando que o esperanto é uma besteira, e a memória deles, por mais nebulosa que seja, não os engana: esses textos existem. O erro deles consiste em disso concluir que a coisa foi estudada e que a questão está fechada. A saúde mental da sociedade exige que nós consigamos convencê-los de que toda essa argumentação é um imenso castelo de cartas que desabarará se as pessoas honestas, preocupadas com o bem de seus filhos e tocadas pela compaixão para com os deficientes linguísticos, se unirem enfim para exigir provas.

As autoridades nos devem contas

As autoridades de cada país, os responsáveis em cada organismo internacional merecem ouvir dizer: “O esperanto existe. Ora, vocês organizam a sociedade de tal maneira que ele é praticamente desconhecido. Queiram assumir suas responsabilidades. Vocês optaram pelo emprego somente do inglês, pela interpretação simultânea, pelo bilinguismo, pela pesquisa sobre a máquina de traduzir e toda sorte de outras fórmulas que vocês aplicam desviando recursos da sociedade. Nós temos direito a explicações. Digam-nos então, baseando-se em comparações feitas na prática, em que esses métodos são superiores ao esperanto. Expliquem-nos a sua recusa do esperanto fundamentando a sua posição em números e considerações qualitativas irrefutáveis. ”

O apólogo seguinte ajudará talvez o leitor a melhor tomar consciência da situação. Nossos vizinhos que falam outras línguas estão ali, diante de nós, na outra margem de um rio que é atravessado por uma ponte secular, sólida e bem construída. Infelizmente, essa ponte tem uma reputação ruim, muito embora ninguém saiba o porquê. Nossos dirigentes vêm nela um meio ridículo de encontrar nossos parceiros d'além-rio e se sentiriam desonrados com a ideia de ir inspecioná-la ou – que horror! – de passarem eles mesmos por ela. Eles se sentem em sua recusa apoiados por uma *intelligentsia* que olha a ponte com desprezo, proclamando que se trata de algo artificial, perigoso para a cultura. Tão bem-sucedido foi o condicionamento geral que se um cidadão fala de passar pela ponte, ele vê imediatamente

sorrisos irônicos desenharem-se em torno de si. Dóceis, os habitantes renunciaram há muito tempo aos contatos diretos com as populações da outra margem, o que faz surgir preconceitos. Sendo a travessia dificultada por rochedos e corredeiras, a viagem é limitada a duas categorias de pessoas: os esportistas corajosos, que alcançam a margem oposta a nado à custa de um enorme esforço, e os ricos que podem pagar por carregadores para irem até uma barca situada distante na direção do montante. Não se fala nunca oficialmente da ponte. Em uma assembleia parlamentar ou um conselho de ministros, isso é visto como indecente ou ridículo. Em uma palavra, a ponte é tabu. Há, é bem verdade, alguns extravagantes que atravessam a ponte para visitar os primos d'além-rio, mas quando eles contam sua experiência ninguém lhes dá crédito. Alguns lhes apontam o dedo dizendo que lhes falta um parafuso na cabeça. Eles se riem desses julgamentos, bem contentes em desfrutar de todas as vantagens que lhes proporcionam esses contatos fáceis. Mas, para a grande parte dos outros, o fato de que eles perseveraram a despeito da opinião geral é a prova de que são perturbados.

Ora, eis que um dia uma das pessoas que passaram pela ponte conta sua experiência com entonação tão sincera que seus ouvintes ficam desconcertados. Em uma pequena fração da população, as atitudes modificam-se ligeiramente. O rumor começa a circular de que a ponte é realmente prática. Não seria normal que aquelas pessoas dissessem às autoridades: “Uma vez que se trate da ponte, vocês mudam de assunto dizendo: isso não é sério. Será que vocês poderiam explicar-nos o porquê? De onde vocês tiraram a ideia de que essa ponte não é viável? Vocês nos obrigam a nos extenuarmos nadando ou a fazer grandes desvios e ser explorados por carregadores e pelos proprietários de barcas, mas, se a ponte não apresenta qualquer inconveniente, estão vocês prontos a assumir a responsabilidade por sua atitude? Nós aceitamos que vocês retirem de nossas contas somas assombrosas para organizar os contatos com a outra margem por meio de desvios penosos e dispendiosos, mas com uma condição: que vocês expliquem o que é que impede de passar pela ponte.”

Eis como nós deveríamos falar a nossos dirigentes. Se exigirmos com veemência explicações sobre a recusa do esperanto, eles serão obrigados a estudar como se apresenta a comunicação através dessa língua, para nos provarem que estamos errados. Ao estudarem-na, descobrirão que não têm argumentos sérios, baseados em fatos, para nos confrontar. A contragosto, eles serão então acuados a arranjar um lugar para o esperanto nas escolas e na vida internacional. A humanidade poderá assim se curar enfim da síndrome de Babel.

Dados quantificáveis, elementos qualitativos

Um estudo objetivo impõe-se então. Quem diz objetividade diz, em primeiro lugar, números. Os números a se levar em conta são de ordens bem diversas. Há as durações: tempo necessário, em média, para aprender as línguas no sistema atual, tempo investido na formação dos intérpretes e dos tradutores, tempo exigido para traduzir, revisar, digitar e editar todos os textos que são publicados nas diferentes línguas.

Há os rendimentos “linguísticos”. As diferentes línguas merecem ser comparadas do ponto de vista do rendimento do esforço. Nós vimos no Capítulo 4 um exemplo em que 6 monemas chineses tinham um rendimento equivalente a 20 formas inglesas e a 31 formas francesas. Seria sem dúvida impossível calcular para cada língua a capacidade de comunicação que representa um dado número de elementos memorizados, mas pode-se estabelecer uma relação entre a capacidade de comunicação e o tempo de estudo. Por ocasião de uma experiência conduzida por uma instituição croata, o *Medunarodni Centar za Usluge*

u *Kulturi*, constatou-se que os alunos de alemão haviam tido que estudar essa língua durante três anos (570 horas de curso) para conseguirem fazer na língua de Goethe apresentações contendo a mesma quantidade de informação que as apresentações feitas em esperanto por seus colegas ao final de um curso de 24 horas.

Há custos: custos de todas as formações linguísticas necessárias, do recrutamento do pessoal dos serviços linguísticos, assistência e benefícios destinados aos tradutores e aos intérpretes de conferência, remuneração dos tradutores que trabalham no domicílio ou nas agências de tradução, custo das bibliotecas e do material informático utilizados por essas pessoas, despesas de eletricidade imputáveis à multiplicidade das línguas utilizadas (computadores, máquinas elétricas, circuitos de sala), tarifas de viagens e de hospedagem para os milhares de tradutores e de intérpretes que se deslocam de um ponto a outro do planeta para prestar serviço nas incontáveis reuniões internacionais que utilizam esse sistema dispendioso. Custo da tradução nas agências de imprensa. Custo da tradução de milhares de romances, de obras científicas e técnicas, de histórias em quadrinho, de obras espirituais ou literárias nas dezenas e dezenas de línguas, enquanto que se todo mundo aprendesse esperanto na escola (um ano escolar!), como preconizava o Secretário Geral da Sociedade das Nações, a maioria desses livros só seria traduzida em esperanto, o que aumentaria enormemente as tiragens, reduziria as tarifas e colocaria a produção literária ou científica do mundo ao alcance da totalidade das populações escolarizadas. É claro, certas obras que se revestem de uma importância toda particular de um ponto de vista literário ou filosófico continuariam a ser traduzidas nas diferentes línguas. Isso apresentaria um interesse cultural incontestável. Mas não há qualquer razão de fazer isso para obras eminentemente transitórias como são os romances de espionagem ou manuais técnicos que se tornam ultrapassados no prazo de vinte anos.

Quanto aos elementos qualitativos, eles merecem também ser levados em conta. Há de fato custos que seria impossível calcular, e esses são os mais importantes: os custos humanos. O sofrimento, a frustração, a injustiça, ou, numa outra ordem de ideias, a fadiga nervosa. Outros imponderáveis deveriam ser incluídos na análise. Eu tenho uma pequena docência adjunta na Faculdade de Psicologia e das Ciências da Educação da Universidade de Genebra. Com muita frequência, quando eu recomendo a um de meus alunos ler tal livro ou tal artigo publicado em inglês (para não falar do alemão), a primeira pergunta que ele me faz é: “Esse texto foi publicado em francês?” Quando eu respondo negativamente, ele se decepciona e sua expressão diz muito sobre seu domínio das línguas. (Atenção! Eu não o critico. Por que diabos deveria ele estar à vontade em línguas difíceis para exercer as funções de psicólogo ou qualquer outra profissão cujas bases se adquirem na universidade? É o sistema que eu incrimino, não suas vítimas). De resto, o tempo perdido por conta dos mal-entendidos, assim como os estragos causados pela má compreensão de um manual de instruções ou de instruções de segurança, merecem igualmente ser lembrados.

A satisfação é também um elemento qualitativo que não deve ser negligenciado. Não faz ela parte da qualidade de vida? Para dez pessoas de países diferentes que devem negociar ou discutir uma questão, qual é a situação que traz mais prazer: a interpretação simultânea, o emprego exclusivo do inglês, o emprego geral do inglês com a interpretação por cochicho por um dos participantes, o esperanto? Uma questão desse tipo deve receber uma resposta baseada na observação das reuniões que utilizam respectivamente esses diversos sistemas ou, melhor ainda, numa pesquisa conduzida com pessoas que têm experiência com as diferentes

fórmulas. O conforto, o prazer, a espontaneidade, o sentimento de justiça, a igualdade de chances na tomada da palavra, a facilidade de elocução, todos esses elementos revestem-se de uma importância capital para uma comunicação humana digna desse nome.

Não há razão sem comparação

É impossível para um homem só fazer o inventário de todos os fatores a tomar em consideração, mas um grupo de trabalho honesto deverá ser bem-sucedido. Os relatórios do Corpo Comum de Inspeção das Nações Unidas mostram o caminho. Seu único erro está em ter acreditado que se pode julgar sem referência.

Em uma pesquisa agrônômica, utiliza-se a nova semente ou o novo método em um terreno, e aplica-se o antigo sistema em um outro pedaço de terra em todos aspectos comparável. Não se é permitido julgar sem comparar os resultados obtidos nos dois casos. Quando se estuda a eficácia de um medicamento, no estágio de ensaios clínicos, administra-se o novo medicamento a um grupo de doentes e, a um outro grupo, dá-se um placebo. De novo, compara-se. Se o Corpo Comum de Inspeção tivesse cumprido corretamente sua tarefa, ele teria tomado como referência o mundo do esperanto.

É por isso que o custo gigantesco da tradução só se torna realmente perceptível se se fazem comparações. Vejamos, por exemplo, o que se passa quando se trata de comunicar o conteúdo de um documento de 25 páginas A4 com espaço simples entre linhas (14.000 palavras) a todos os Estados Membros das Nações Unidas. A tabela 7 do relatório do Corpo Comum de Inspeção sobre a tradução⁸⁶ nos permite calcular o custo para cada língua (valores de 1978, que devem ter sensivelmente aumentado desde então; trata-se da tradução de um original inglês):

	US\$
árabe	3220
chinês	4480
francês	2240
russo	2436
espanhol	2240
alemão	5320
total	19936

Quase vinte mil dólares para tornar 25 páginas de texto acessíveis a todos os membros, não é um pouco excessivo? Vocês leram corretamente: só vinte-e-cinco páginas!

Mas o peso do sistema e seu caráter escandaloso aparecem com um relevo particular quando se constata que para comunicar a mesma quantidade de informação a todas as sociedades que a ela são afiliadas, a Associação Universal de Esperanto gasta zero dólar e zero cent: o documento é redigido em esperanto e distribuído, no mundo inteiro, tal qual.

Um outro dado contabilizável pode ser calculado: o atraso. Também aqui, o mesmo relatório nos fornece os elementos de informação desejados, visto que sua tabela 9 apresenta os valores médios de produção dos tradutores e revisores para as diferentes línguas. Para o documento de 25 páginas que nós tomamos como exemplo (original inglês), a ONU terá necessidade da quantidade seguinte de dias de trabalho:

⁸⁶Evaluation of the Translation Process in the United Nations Systems (Genebra: Corpo Comum de Inspeção, Palais des Nations, 1980, documento JIU/REP/80/7).

tradutor árabe	10,0 dias	revisor árabe	3,7 dias
tradutor chinês	16,6 dias	revisor chinês	5,7 dias
tradutor francês	9,0 dias	revisor francês	3,2 dias
tradutor russo	8,0 dias	revisor russo	2,9 dias
tradutor espanhol	7,5 dias	revisor espanhol	2,7 dias
tradutor alemão	12,8 dias	revisor alemão	4,7 dias
Total da tradução:	63,9 dias	Total da revisão	22,9 dias
		Datilografia:	12 dias
		Total geral:	
		tradução	63,9 dias
		revisão	22,9 dias
		datilografia	12,0 dias
		98,8 dias	

É claro, o texto não será distribuído ao final de uma centena de dias, visto que o trabalho se faz simultaneamente nas diferentes línguas. Esse cálculo visa unicamente dar uma ideia da quantidade de trabalho que é nele investida para um resultado pouco elogiável: comunicar 25 páginas de texto a todos os membros de uma sociedade (os Estados Membros das Nações Unidas estão exatamente na mesma situação, do ponto de vista administrativo, que as sociedades nacionais de futebol membros de uma federação mundial). Quase cem dias de trabalho para transmitir a informação contida em 25 páginas a todos os membros, não é isso um desperdício de tempo aberrante? Mas voltando ao atraso, ele será de 24 dias se o texto não for urgente (o serviço mais lento, o chinês, necessitará de 16,6 + 5,7 dias, aos quais é preciso somar-se a datilografia, que não mais deve ser tão lenta depois da introdução da editoração chinesa por computador). Assim, se o texto não é urgente, ele será entregue a um único tradutor. Se for urgente, ele será dividido em várias partes distribuídas entre vários tradutores e o revisor começará a revisá-lo desde o segundo dia. O atraso será então de cerca de seis dias.

E o que dá nossa situação-referência? Qual é o atraso na Associação Universal de Esperanto? Ele é de zero hora e zero minuto, pois o texto não precisa ser traduzido.

Ora, o resultado é melhor com o esperanto. Por um lado, este elimina toda discriminação, enquanto que no sistema da ONU alguns países recebem os textos em sua língua, e outros em uma língua estrangeira. Por outro lado, ele evita os riscos de erro tanto no estágio da tradução quanto na digitação (que, não esqueçamos, na ONU deve ser refeita independentemente sete vezes).

Os números reproduzidos acima representam os gastos efetuados naquele momento, em tempo e em dinheiro. Mas negligenciar o investimento anterior seria distorcer a apresentação. Na realidade, o sistema aplicado pela Associação Universal de Esperanto só é possível porque os destinatários do documento se deram ao trabalho de aprender a língua de Zamenhof. O investimento deles nesse aprendizado se limitou a 180 horas em média. Em contrapartida, os indonésios, finlandeses, etíopes, brasileiros e outras nacionalidades que recebem os documentos das Nações Unidas em inglês passaram 8 a 10 vezes mais tempo

aprendendo essa língua. E isso não é tudo, na situação atual, os esperantófonos não fizeram os contribuintes pagarem um único tostão para se familiarizarem com a língua utilizada, eles o fizeram por conta própria, ao passo que a organização do ensino do inglês na Etiópia, na Hungria, na Finlândia e por todo o mundo custa quantias fantásticas que deveriam ser incorporadas no cálculo para que as duas situações fossem verdadeiramente comparáveis.

O que diria uma associação de consumidores?

Existem em muitos países associações de consumidores que testam segundo diversos critérios os produtos ou serviços em competição a fim de discernir o mais objetivamente possível como eles se situam uns em relação aos outros. Seria agradável poder aplicar seus métodos aos diferentes sistemas adotados pelos seres humanos para se compreenderem em um mundo composto por um grande número de entidades linguísticas mais ou menos estanques. Infelizmente, para fazer isso de forma científica, seria necessário dispor de uma montanha de dados que pobres consultores como nós não têm nenhuma chance de encontrar durante seus momentos de lazer, uma vez que não existe qualquer patrocinador generoso disposto a financiá-los.

Mas nada impede de substituir os dados exatos por estimativas. Não é o que fazem os estatísticos quando não possuem informações precisas? Por que não faríamos nós como eles? O simples fato de dar uma apresentação concreta à comparação é um passo adiante em relação à total ausência de estudos comparativos, por culpa de nossos líderes. Àqueles que criticarem em nossos dados sua falta de solidez, nos será fácil retorquir: não é escandaloso que há décadas os países sacrifiquem montantes consideráveis com essa Babel, sem terem os dados necessários a uma comparação objetiva, sem se perguntarem qual é a opção mais vantajosa em todos os aspectos? Isso que fazem com os bilhões devorados todos os anos pela comunicação linguística, eles não ousariam fazer para um único projeto de obras públicas custando não mais do que alguns milhões: neste caso eles fariam uma licitação e escolheriam a proposta mais interessante. Se nós estamos em relação à questão reduzidos à subjetividade, é porque eles não fizeram seu trabalho. Nosso estudo talvez seja baseado em estimativas contestáveis, mas ele tem o mérito de existir. Ele é intelectual e moralmente mais justificável do que as decisões cheias de consequências que nossos dirigentes tomam levianamente, sem estudar as diversas possibilidades que o gênio criativo da humanidade pôs à sua disposição.

Como é impossível incluir tudo na comparação, nos limitaremos a quatro fórmulas:

- 1) sistema da ONU (número limitado de línguas, interpretação simultânea e tradução de documentos);
- 2) sistema das multinacionais (uso só do inglês);
- 3) sistema da União Europeia (língua de cada Estado Membro é aceita; interpretação simultânea e tradução dos documentos);
- 4) esperanto.

Quanto aos critérios, parece-me que os seguintes dão um quadro bastante justo das opções:

- a) duração da aprendizagem prévia efetuada pelo participante, isto é, o tempo requerido para que ele possua a língua da qual ele terá necessidade;
- b) investimentos prévios do Estado (particularmente o ensino de línguas);

- c) investimentos prévios que a instituição deve efetuar para garantir a comunicação (formação e recrutamento dos profissionais linguísticos, serviço de digitação – custos de pessoal, de material, de móveis – para cada língua, parte das despesas administrativas devidas à existência de serviços linguísticos, equipamento de salas para a interpretação simultânea, serviço de apoio aos tradutores: bibliotecas, serviço de referências, serviço de terminologia, arquivos informatizados, etc.);
- d) desigualdade ou discriminação;
- e) custo da comunicação durante a sessão (sobretudo, interpretação simultânea);
- f) custo da produção de documentos nas diversas línguas utilizadas;
- g) perdas de informação;
- h) gasto de energia nervosa resultante dos fatores que contrariam o fluxo espontâneo da expressão (trata-se da dificuldade maior ou menor que têm as pessoas envolvidas em exprimirem-se na língua que utilizam);
- i) dificuldade de compreensão na leitura;
- j) irritação durante a sessão (muitas pessoas acham desagradável usar fones de ouvido durante o dia todo ou acompanhar um debate numa língua mal dominada);
- k) aumento provável dos inconvenientes no curso dos próximos dez anos.

Mesmo se considerarmos esse exercício como um jogo, não tardaremos a perceber que ele não é fácil. Para o critério h) por exemplo, é desnecessário dizer que no sistema da ONU não há gasto de energia nervosa particular para um norte-americano, um sírio ou um argentino, visto que todos eles têm o direito de falar sua língua materna. Em compensação, um japonês, um finlandês, um etíope ou um mongol, que devem se exprimir numa língua cujo espírito é muito diferente da à qual estão habituados, podem ser vítimas de graves limitações quando buscam formular seu pensamento. Nesse caso, tentei estimar uma média.

Uma vez que nós não dispomos de dados reais, eu proponho dar uma nota como é feito para se julgar uma competição de ginástica ou de patinação artística, nas quais é difícil basear-se em fatos objetivamente registrados. Podemos aplicar uma escala de dez pontos:

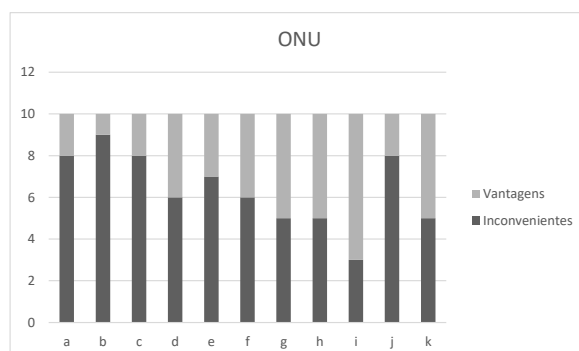
0	nulo	4	moderado	8	enorme
1	ínfimo	5	médio	9	gigantesco
2	desprezível	6	importante	10	assombroso
3	fraco	7	considerável		

A análise dos inconvenientes observáveis nos quatro sistemas conduz à tabela seguinte:

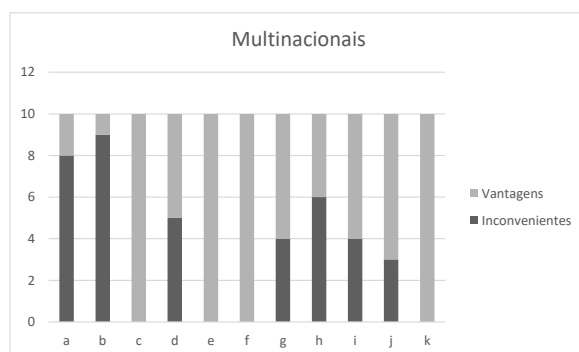
	ONU	Multi-nacionais	UE	Organizações esperantófonas
a) duração do aprendizado prévio (participante)	8	8	0	3
b) investimento prévio dos Estados	9	9	5	0
c) investimento prévio do organismo	8	0	10	0
d) desigualdade ou discriminação	6	5	0	0
e) custo da interpretação	7	0	10	0
f) custo da produção de documentos	6	0	10	0
g) perda ou distorção da informação	5	4	6	0
h) gasto de energia nervosa	5	6	0	1
i) dificuldade de compreensão na leitura	3	4	0	1
j) irritação ou incômodo durante a sessão	8	3	8	0
k) aumento provável dos inconvenientes em dez anos	5	0	10	0
Nível total dos inconvenientes	70	39	59	5

Visto que nossos critérios representam inconvenientes, demonstra-se claramente que o esperanto é, de muito longe, a fórmula mais vantajosa. É impossível incorporar todos os fatores pertinentes nessa tabela. Se o sistema da União Europeia aqui ganha da fórmula da ONU, isso se dá unicamente porque ele está limitado a um certo número de países, e assim de línguas. Uma organização mundial não teria como utilizar a língua de cada Estado-Membro. A União Europeia deverá rever sua política linguística. O acréscimo das línguas de países da Europa oriental tornou-a dificilmente aplicável. O que será quando outros mais aderirem à União? Se respeitados os princípios democráticos atuais segundo os quais cada povo incluído na União tem o direito de receber os textos em sua ou suas línguas oficiais, será necessário organizar a tradução em quase trinta línguas. Os serviços linguísticos então absorveriam mais de nove décimos do orçamento. A síndrome de Babel suga as forças vitais, como um câncer que drena em seu benefício todos os recursos do organismo. Se a UE se desenvolver sem modificar sua política linguística, ela morrerá. Pode-se então prever que, como se recusará a morrer, ela será forçada seja a adotar uma solução discriminatória – algumas línguas grandes receberiam um estatuto especial, o que seria contrário ao espírito da construção europeia – seja a adotar uma língua transnacional, na prática: o esperanto.

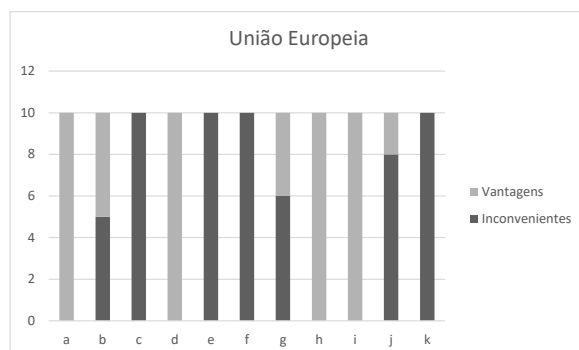
Quando buscam um candidato para uma vaga, muitas empresas aplicam testes nos postulantes. Estabelece-se então o que se chama um perfil psicológico, o que significa que se reportam os resultados em um gráfico de maneira a ver numa olhadela que candidato se aproxima mais do perfil desejado. O perfil dos quatro sistemas que comparamos segue abaixo. Não seria racional presumir que a solução “esperanto” merece ser, senão adotada já, ao menos estudada, por mostrar o perfil mais interessante? Deixo que o leitor julgue.



7 línguas de trabalho; tradução e interpretação simultânea



Uma única língua de trabalho, geralmente o inglês



Todas as línguas dos Estados-Membros são línguas de trabalho; tradução e interpretação simultânea



Uma única língua de trabalho: o esperanto

Figura 10: Quadro comparativo dos quatro principais sistemas de comunicação

Norte-Sul: uma pequena ajuda no desenvolvimento

Se compararmos os desempenhos respectivos do esperanto e dos outros sistemas aplicados na comunicação internacional ou interétnica, não tardamos a constatar que o primeiro apresenta, de muito longe, o mínimo de inconvenientes e o máximo de vantagens. Nós acabamos de vê-lo nas organizações internacionais. Mas as vantagens ultrapassam largamente esse quadro restrito. Seria infelizmente impossível mostrá-lo aqui em detalhe, tão numerosas são essas vantagens. Eu me limitarei então a dois exemplos.

Aqueles que sabem ler e escrever em nossa época são, em sua maioria, se assim se pode dizer, “analfabetos mundiais”, no sentido de que sua alfabetização só lhes abre o acesso a uma única cultura, a deles. Face a um texto de interesse mundial, mas publicado em uma das grandes línguas do ocidente, eles não têm melhor sorte que os iletrados. Exatamente como a maior parte dos ocidentais diante de um jornal árabe ou japonês. Ora, bastaria um curso de esperanto organizado em todas as escolas primárias do mundo para que esse analfabetismo se dissolvesse como neve sob o sol. Certamente, as publicações que aparecem nas línguas de cada povo continuariam inacessíveis aos outros, mas para tudo aquilo que é de interesse mundial, os editores teriam ao alcance das mãos um imenso mercado. Muitos textos disporiam de leitores em todo o planeta, ao lado do que o mercado de publicações em inglês, que pode parecer enorme nos dias de hoje, pareceria minúsculo. Ora, a introdução do esperanto nas escolas não subverteria enormemente os currículos, visto que um ano escolar basta para levar os alunos ao nível desejado. Uma iniciativa nesse sentido, coordenada entre os Estados, permitiria abordar os problemas do desenvolvimento em condições bem mais favoráveis que aquelas que são dadas, hoje em dia, aos povos em falta de bem-estar material.

Quando abordamos a questão da máquina de traduzir, nós vimos que um dos erros de nossa sociedade consistia em crer que a solução dos problemas reside nas coisas. Nos esforçamos no plano do ter enquanto que as soluções são da alçada do ser. A ajuda ao desenvolvimento é um bom exemplo disso. Quando se fala dela no Ocidente, ou mais exatamente no Norte, as pessoas pensam em “doações”, “créditos”, “material”, “alimento”: coisas que nós temos e que seria necessário que as populações do Sul recebessem.

A impressão que eu tive em minhas estadas no Terceiro Mundo vai num sentido bem diferente. O que poderia desbloquear a situação – além de fatores como a estabilidade de preços dos produtos de base – é, primordialmente, a educação. Ora, a educação passa pela linguagem. Se essa verdade elementar é a tal ponto negligenciada, é porque nossas sociedades sofrem da síndrome de Babel, que, como nós o vimos, lança um nevoeiro por sobre tudo aquilo que concerne a comunicação linguística. Mas que nossos dirigentes sejam pouco conscientes da importância desse fator em nada muda o problema. Os fatos estão aí. Não se melhora o nível social e o nível de bem-estar sem melhorar o nível econômico, e não se melhora o nível econômico sem dispor de pessoas competentes, particularmente nas profissões técnicas. E como se adquire competência, senão fazendo cursos ou tendo uma aprendizagem junto a alguém competente que transmita seu saber e sua habilidade? Isso significa alguém que disponha de um meio de fazer-se compreender um pouco menos primitivo que os cinco dedos de cada mão.

Um conhecido meu um dia aceitou o convite de uma ONG que lhe propunha passar um ano no Irã para ensinar jovens do país a utilizar e consertar as máquinas de sua especialidade. Essa atividade de ensino foi para ele uma tortura, pois ele se dirigia à classe através de um intérprete que, com frequência, ignorava os termos técnicos ou compreendia mal as

explicações. O intérprete, um literato, sabia inglês literário melhor do que meu amigo o inglês técnico, mas jamais tinha visto uma máquina de perto e se sentia muito desprovido de recursos para traduzir as explicações necessárias em *farsi* (persa), única língua inteligível aos alunos. Se um dos jovens não entendia, o intérprete tinha com frequência muita dificuldade em identificar a dúvida para pedir uma explicação complementar.

É evidente que se o técnico e os alunos tivessem todos feito um ano escolar de esperanto, a comunicação teria sido direta. O ensino teria se desenrolado como em nosso país, onde mestre e alunos falam a mesma língua. De fato, a experiência nos ensina que um conhecimento elementar de esperanto se amplifica bem rápido quando ele é falado durante todo o dia. A gramática volta rapidamente à memória e, graças ao sistema de derivação léxica, que usa plenamente as possibilidades da assimilação generalizadora, rapidamente o vocabulário torna-se uma bola de neve. No exemplo do ensino técnico, outro fator teria um papel capital: a motivação. Tanto os alunos quanto o professor têm todo o interesse em se compreenderem o melhor possível. Como estão juntos oito horas por dia, eles estão imersos na língua, que se insere cada vez mais profundamente em seus reflexos. As inúmeras frustrações da situação atual seriam assim evitadas, para o bem do desenvolvimento.

Dir-se-á que, no exemplo citado, o mestre e seus alunos estavam também imersos oito horas por dia no mesmo ambiente linguístico. Se isso não foi suficiente, por que o esperanto se sairia melhor? A resposta é simples: por que cada frase em esperanto reforça os reflexos originários da assimilação generalizadora, o que não é o caso das outras línguas. Além disso, o mestre não tinha, na ocasião, qualquer razão para aprender o idioma persa, uma vez que no ano seguinte seria do indonésio que ele teria necessidade, e do nepalês um ano depois. Quanto ao inglês, os alunos não poderiam realmente aprendê-lo, porque ele é excessivamente difícil. Lembre-se do que foi dito nos Capítulos 3 e 4. É verdade que em tais situações os protagonistas chegam a usar um tipo de inglês crioulezado ou de *basic English*. Essas línguas não apresentam nenhuma vantagem em relação ao esperanto. É preciso mais tempo para poder manejá-las e as dificuldades da pronúncia inglesa por si só justificam que se busque um sistema mais eficaz na prática.

O que quer que seja, é talvez principalmente no nível da escrita que o esperanto poderia trazer uma enorme contribuição para a educação, e assim indiretamente, para a melhoria do nível de vida nos países não industrializados. Ler o inglês é um luxo para um técnico brasileiro, birmanês ou eritreio. E isso será sempre um luxo pelas razões que nós vimos no Capítulo 4. Em contrapartida, um ano de esperanto na escola lhes permite ler tudo o que é publicado nessa língua. Isso significa que se os Estados se coordenassem para organizar esse ensino, como preconizava o Secretariado da Sociedade das Nações, todos os manuais de divulgação, todos os livros técnicos de bolso, todas as obras fundamentais de uma disciplina qualquer poderiam ser produzidas em quantidades muito grandes. Sua tiragem seria bem superior àquela dos livros atuais nas línguas nacionais, inclusive em inglês, o que reduziria os custos os poria ao alcance de todos os trabalhadores do nível considerado.

Para tomar um exemplo concreto, ter-se-ia atualmente necessidade de um bom manual sobre as técnicas de laboratório médico aplicáveis nas situações de grande privação, em zonas rurais, por exemplo. Encontram-se manuais desse gênero em inglês e em francês. Mas eles de nada servem ao responsável por um pequeno laboratório rural que não aprendeu essas línguas. Ora, os países em desenvolvimento em sua maioria não podem nem levar o pessoal interessado ao nível linguístico necessário em inglês ou em francês, nem produzir

essas obras nas línguas locais. Os custos de tradução e de impressão são muito mais pesados em tiragens pequenas, sem contar que, com a rapidíssima evolução da ciência, uma tiragem só tem uma validade limitada no tempo: atualizações são periodicamente indispensáveis. O esperanto resolveria facilmente esse problema simplesmente por conta do fato da amplitude do mercado mundial. Se a mesma obra pudesse ser vendida a numerosos interessados na China, na Índia e na Tanzânia, assim como em Bangladesh, na Zâmbia, em Honduras ou em Moçambique, seu preço de custo seria levado a um nível bem razoável, o que é impensável na situação atual, em que esse mercado não existe porque as pessoas e as instituições que teriam necessidade da literatura técnica no Terceiro Mundo não dominam as línguas nas quais ela é publicada. Ver-se-ia sem dúvida uma organização como a Unesco subvencionar a publicação de tais manuais. Com uma edição unilíngue para o mundo inteiro, suas alocações de fundos seriam sensivelmente reduzidas. Um melhor uso seria assim feito dos recursos financeiros da sociedade.

Quem quer o fim quer os meios. A proposta de organizar o ensino do esperanto durante um ano nas escolas do mundo inteiro é perfeitamente razoável. Ela nem mesmo é original, visto que foi formulada oficialmente já em 1922. É muito fácil verificar como o esperanto funciona e quanto tempo é preciso, em média, para aprendê-lo. Nessas condições, os Estados que se recusam a avaliar a referida proposta mostram com isso que não querem realmente ver o Sul se desenvolver. Eles podem até querer destinar uma assistência material ou financeira. Mas eles não têm a vontade real de tirar as populações do mundo em desenvolvimento do “analfabetismo mundial” no qual elas estão atoladas e que impede a criação da classe de técnicos bem formados sem a qual o desenvolvimento é impossível.

A constituição de tal classe de agentes competentes teria uma importância social considerável. Ela reequilibraria sociedades divididas entre um pequeno segmento de famílias muito ricas cujos pimpolhos vão fazer estudos nos países anglo-saxões e a imensa massa de deserdados que não têm nenhuma chance de melhorar sua situação. Os países outrora subdesenvolvidos que conseguiram decolar, como os “tigres asiáticos”, são aqueles que souberam dotar-se de uma classe média. O esperanto favoreceria a constituição de uma tal classe em numerosos outros países.

Sem dúvida é preciso acrescentar que os países do Norte desfrutam da cumplicidade da elite dos países do Sul. A pequenina camada da população que lá domina o inglês ou o francês dispõe por conta disso de um enorme poder sobre as grandes massas encerradas em suas línguas locais, sem janela diretamente aberta para o mundo exterior. Por que renunciaria ela a esse poder? Então não é ela que exigirá a introdução do esperanto. A única solução é que as pessoas de boa vontade, no Norte e no Sul, façam pressão sobre seus dirigentes para que eles enfim peguem o touro pelos chifres. Se estes não querem fazê-lo, que ao menos a hipocrisia deles – ou a paralisia devida à síndrome de Babel – apareça em plena luz. Com que direito se privam as populações do mundo inteiro de um meio eficaz de comunicação sem jamais produzir um único fato justificando essa recusa? Seria saudável para todo mundo que nos explicassem isso enfim.

Países multilíngues

O segundo exemplo diz respeito aos Estados multilíngues. Em muitos países, como os Camarões e a Índia, o número de línguas faladas é considerável. Até o presente, a maior parte desses países tentou resolver o problema adotando a língua do antigo colonizador. Mas

isso provoca reações negativas bem compreensíveis. É como se uma submissão imposta a força se mantivesse após a partida da potência colonial. Daí a reivindicação de substituir a língua europeia por uma língua local. Infelizmente, é raro que as coisas se passem bem em relação a isso, pois a língua local proposta é aquela de uma etnia ou de um povo ao qual os demais não têm nenhuma vontade de atribuir o poder adicional que sempre acompanha uma predominância cultural. A Índia fornece um típico exemplo disso. Reportemo-nos ao mês de setembro de 1990, e vamos a Dehra Dun, no norte, em frente a uma prestigiosa escola: Doon School, fundada em 1935. Escutemos os manifestantes que se acotovelam diante da entrada. “Abaixo o inglês!”, “Renunciem ao inglês!”, “Na Índia, as línguas da Índia!”, “Desmantulemos o sistema das castas linguísticas!” As pessoas estão visivelmente agitadas. Ora, manifestações como essa têm lugar simultaneamente em 24 cidades. Os sentimentos anti-ingleses existem desde há muito tempo, mas eles se difundem cada vez mais. “Nós não arrancamos nossa liberdade dos britânicos de pele branca para sermos dominados por anglófonos de pele escura”, declara Swami Agnivesh, dirigente do Arya Samaj, um dos grupos que lutam para eliminar a língua inglesa do país.

Mulayam Singh Yadav, primeiro ministro de Uttar Pradesh, tomou a frente em uma dessas campanhas. Em sua administração o hindi substituiu o inglês na correspondência desde março de 1990. Em agosto desse mesmo ano, ele se reuniu com colegas de Estados onde o hindi é muito difundido para redigir um texto denunciando o uso do inglês e pedindo insistentemente ao Presidente, ao Primeiro Ministro da União Indiana e aos ministros federais renunciar à língua do antigo colonizador. “90% dos indianos são colocados em uma situação desvantajosa em virtude do uso dessa língua estrangeira”, declarou Mulayam Singh Yadav.

Sim, mas vejamos. A Índia equivale a um vasto continente e a rede escolar de lá utiliza 67 línguas. É muito, se considerarmos que toda a Europa consegue instruir seus colegiais com somente 32 línguas. Por que o hindi em vez de um dos 66 outros idiomas? A contragosto, e reconhecendo totalmente que se trata de uma solução ruim – há algo de alienante, culturalmente falando, em se exprimir na língua de uma potência de mentalidade totalmente diferente – a Índia continua então a utilizar largamente o inglês. É a língua interindiana mais utilizada no Parlamento, no ensino superior, no comércio e na indústria, e nos órgãos judiciais. É claro que a resistência ao uso generalizado do hindi procede da mesma fonte que a resistência ao inglês: é a língua de uma outra cultura, de uma outra mentalidade, de um outro povo. “Por que substituir o imperialismo inglês por um imperialismo hindi?” perguntam-se as pessoas no resto do país. As paixões estão vivas. Em agosto de 1990, um deputado tâmil, C. K. Kuppaswamy, rasgou publicamente, durante uma sessão do Parlamento, uma carta que o Primeiro Ministro da União havia enviado em hindi aos primeiros ministros de todos os Estados que compõem o país. Os parlamentares não partiram para as vias de fato, mas faltou pouco.

Embora o esperanto tenha alguns falantes na Índia, graças principalmente ao apoio que lhe havia sido dado pelo escritor bengali Rabindranath Tagore, eles estão perdidos na enorme massa da população, e, dispersos e pobres, não estão em condições de exercer o menor impacto sobre a opinião dos políticos. É uma pena. Aquele que viu como funciona o esperanto, e em particular a rapidez com a qual ele poderia ser aprendido por pessoas de todas as línguas e de todas as culturas, não pode se impedir de dizer-se que ele traria à Índia uma solução realmente satisfatória para aquilo que, sem ele, será sempre a quadratura do círculo: como se compreender mutuamente sem se enfeudar em uma dada cultura?



Figura 11: Diversidade de línguas na Índia: cartazes em hindi, bengali, urdu e kanada (fotos: cpn e The McGuires).

Mas vistamos novamente nossos adornos de consultores. Nós fizemos um giro pelo problema. Mostramos aquilo que vai mal e aquilo que funciona bem. Nossa tarefa consiste agora em formular algumas propostas concretas.

Capítulo 12

Algumas propostas razoáveis

Ousar verificar, ousar dizer a verdade

Como agir, levando em conta tudo o que nós vimos até aqui? Talvez seja necessário começar por denunciar a distância entre o discurso oficial e a realidade. A diversidade linguística é objeto de belas peças de eloquência e de simpáticos editoriais. Mas a política aplicada na prática consiste em aplainá-la sob o rolo compressor do inglês. Um exemplo entre mil: as camisetas e os agasalhos que trazem inscrições. Como esses artigos estão na moda, pode-se constatar a agonia da variedade cultural do mundo passeando-se por uma praia: basta notar a proporção respectiva de inscrições em inglês e nas outras línguas. Essas últimas mal estão representadas. O inglês está ainda mais presente nos torsos do que nas salas de aula francesas, onde 93% dos alunos do segundo grau o estudam. Ora, a tendência vai no sentido de um reforço dessa onipresença anglo-saxônica e assim da uniformidade cultural. Na Suíça, há vinte anos as conversas entre compatriotas de línguas diferentes se desenrolavam geralmente em francês. Hoje em dia, na geração jovem, a língua adotada é geralmente o inglês. Em Genebra um grupo de pais luta para substituir o alemão pelo inglês como primeira língua estrangeira ensinada na escola. Em países nos quais o francês foi durante muito tempo a língua estrangeira escolhida, como na Itália, na Grécia, no Irã ou no Laos, ele cede seu lugar ao inglês numa velocidade estonteante. Mas, em face dessa deplorável evolução, os políticos permanecem fiéis ao seu cacoete secular: em lugar de observar e de agir, eles falam. Fazem a apologia do multilinguismo, particularmente na Europa, onde ele representa, nos dizem, uma riqueza inalienável. Mas como eles não tratam do problema da comunicação, só deixam para os pais e para os alunos desejosos em participar da vida internacional uma única solução: aprender inglês. O conhecimento mútuo das culturas fica assim relegado aos belos discursos. Na prática, tornam-no cada vez mais impossível.

É urgente substituir os mitos pelo real. É preciso ousar encarar a dificuldade das línguas, a impossibilidade de realizar as esperanças postas no ensino delas, os defeitos dos sistemas de tradução e de interpretação. Ousar fazer os cálculos que testemunham a má gestão. Ousar tomar posição sobre a discriminação da qual o esperanto é objeto. O tabu que rechaça o esperanto para a obscuridade, com a cumplicidade inadmissível dos Estados, leva a privar nossas crianças de um meio prático de se comunicar por sobre as barreiras linguísticas, sob pretexto de fazê-las aceder a uma cultura à qual, de todo modo, elas não acedem. Com que direito priva-se a sociedade de uma maravilha que, adotada, modificaria de cabo a rabo as relações no mundo? Não é a comunicação linguística, no corpo social, o equivalente do influxo nervoso no organismo psíquico?

Para tocar piano, ou violão, é preciso uma boa coordenação entre a mão direita, a mão esquerda e os ouvidos, assim como com os olhos se o músico lê uma partitura. Uma pessoa para quem a informação só se transmitisse de um órgão a outro com considerável atraso ou por meio de um gasto de energia fantástico seria considerada doente, doente demais, de fato, para poder fazer música. Tal é a condição da humanidade. Patológica. Ora, o remédio – uma

língua interpovos que segue de forma ótima o movimento natural do sistema nervoso – está disponível desde há um século e não é difícil de testar como as coisas se passam lá onde ela é adotada. Como se poderia justificar sua rejeição *a priori*?

O prazer da descoberta mútua

Professores, educadores e instâncias culturais proclamam, cada um mais que o outro, a importância que há em se permitir aos jovens descobrirem mutuamente suas culturas e suas mentalidades. Daí o interesse das visitas recíprocas e da correspondência entre crianças ou adolescentes de países diferentes. A experiência prova que o esperanto se reveste de muitas vantagens em relação às línguas nacionais para essas atividades. Elas podem começar em uma idade muito mais tenra e beneficiarem-se largamente do caráter direto e cômodo da comunicação. Descobrimos que há uma maneira diferente de pensar, de viver, de agir, as crianças aprendem a relativizar seus próprios costumes, o que lhes dá uma visão mais exata de seu povo e do resto do mundo. A esse respeito, o depoimento seguinte talvez interesse ao leitor. Ele parte de uma professora japonesa e eu o tomo emprestado de uma revista em esperanto publicada em seu país:

“Novembro de 1987. Eu recebo uma carta de uma colega sueca [que, como eu, pratica o esperanto]. Ela propõe que organizemos um intercâmbio entre seus alunos e os meus. Ela trabalha numa classe formada por 18 crianças de 8-9 anos. (...) Eu então pergunto a meus alunos, 41 crianças de 9-10 anos, se eles aceitam jogar o jogo. Como eu esperava, é com grande entusiasmo que eles respondem afirmativamente. Havendo obtido a autorização do diretor da escola, escrevo para a Suécia para comunicar minha concordância. [O intercâmbio se organiza, os alunos dos dois países estão muito interessados pelas remessas recebidas da outra turma, os desenhos dos suequinhos são afixados na classe japonesa, e aqueles dos japonesinhos na classe sueca]. Breve as trocas tomam feições pessoais: “Eu gostaria muito de jogar futebol contigo”, “Querida Jennie, você tem o mesmo nome que minha boneca preferida, eu tenho muita vontade de ver você”, (...) Tendo alguns suecos explicado o horário semanal deles, os japoneses por sua vez lhes comunicam os seus. Nós decidimos gravar uma fita cassete: cada um de meus alunos fala algumas frases, e depois todos cantam em coro. Eu junto à fita uma dúzia de fotos mostrando a vida da classe. Os suecos enviam em resposta um álbum contendo 36 fotos (...).

O ritmo das trocas é bastante lento. Ainda assim eu fiquei surpresa em ver a que ponto os dois grupos de crianças se influenciaram. Por exemplo, quase todos meus alunos ornaram sua carta com um quadro decorativo que eles mesmos desenharam. Os suecos, que não o haviam feito no primeiro envio, começaram a fazê-lo a partir do segundo. Quando uma criança japonesa escreveu uma carta pessoal a um garoto sueco, este sempre respondeu pessoalmente: uma correspondência “particular” assim se iniciou paralelamente à correspondência coletiva. Quando dois de meus alunos escreveram uma estória de fantasmas, um dos suecos respondeu com uma narrativa do mesmo tipo, acompanhada por um desenho. No Japão, as crianças têm o hábito de desenhar o sol em vermelho. No começo, todos os sóis suecos eram amarelos. Mas no segundo envio já um sol era vermelho. Agora, são meus alunos que desenharam sóis amarelos.

As crianças japonesas passaram a considerar a Suécia com grande simpatia. Vários pegaram emprestados livros sobre esse país na biblioteca da escola. Muitos acompanharam com particular atenção os resultados esportivos suecos nos Jogos Olímpicos de Inverno que então se desenrolavam. (...)

Meus alunos perceberam com interesse que os suecos usam o mesmo sistema de medidas que eles, o sistema métrico. Como quase toda criança sueca fez perguntas sobre os terremotos, meus alunos se deram conta de que isso era algo de especial, caracterizando nosso país. Em sua primeira carta, minha colega sueca havia dito: eles compreenderão que são tão parecidos e tão diferentes de um país a outro. Eu jamais teria acreditado que essa compreensão viria tão rápido! ”⁸⁷ (Esse artigo é enfeitado por numerosas fotos, assim como pelas grades de horário das duas turmas.)

Cada coisa em seu lugar

Recolocando o inglês em seu lugar – língua nacional, e não internacional – dar-se-ia o estímulo para a descoberta maravilhada das culturas, como se pode observar no mundo do esperanto, e se interromperia um processo de abastardamento do inglês, o que seria um sinal de respeito bem-vindo pelos povos anglo-saxões. Visto que o sistema atual não leva somente a desconhecer as culturas não anglófonas, ele provoca também uma degradação da língua inglesa da qual não nos deveríamos orgulhar.

O mal, disse o escritor israelense David Shahr, é quando uma coisa não está em seu lugar: café em minha xícara é um bem; café sobre minha calça é um mal, não é nem mesmo café, é uma mancha. Esse raciocínio mantém toda sua validade no domínio da comunicação linguística. As relações humanas comportam três grandes níveis geográficos, cada um correspondendo a um escalão do sentimento de identidade: primeiro a região, depois uma entidade cultural frequentemente identificada com o país, mas que com frequência o ultrapassa (a francofonia, por exemplo), e por último o nível internacional. Para que as coisas estejam em seus lugares, é bom que cada nível tenha seu meio de comunicação: linguajar, dialeto ou língua regional; língua da entidade cultural mais vasta; língua internacional. O sistema atual, centrado no emprego internacional do inglês, mistura os dois últimos níveis e isso distorce todo o jogo das relações culturais, para não falar do aspecto econômico do problema. Ora, essa solução insana não é obrigatória, como mostra a experiência dos usuários do esperanto. Aquele que domina o occitan, o francês e o esperanto tem uma vida cultural mais rica e um sentimento de identidade mais completo que aquele que só pode utilizar o francês e vestígios de inglês escolar que nunca atingiram o centro de sua personalidade. Ou que aquele para quem a frequência do uso do inglês, por exemplo por razões profissionais, levou a uma verdadeira desaculturação.

Recoloquemos então as línguas em seus lugares. “O esperanto? Ele é nulo, nulo, nulo”, exclamou um dia um candidato ao Parlamento Europeu respondendo a uma pergunta durante um comício. Admitamos. *Nulo* quer dizer *zero*. Mas não é o zero uma invenção genial que permitiu colocar os algarismos em seus lugares, cada um na casa decimal que lhe corresponde? Um mundo com algarismos árabicos funciona muito melhor do que um mundo

⁸⁷Sumiko Gotoo, “*La ruĝa suno fairiĝis flava*” [O sol vermelho tornou-se amarelo], Oomoto, janeiro de 1989, pp. 11-14.

com algarismos romanos. O esperanto não tem pretensão às grandezas culturais que o curso dos séculos incorporou às línguas étnicas. Ele é um simples intermediário. Em relação às línguas que têm uma consistência, ele talvez não seja mais do que um zero. Mas antes de descartá-lo, não seria necessário verificar se não é precisamente esse zero que falta ao ordenamento linguístico de nosso planeta?

A verificação é possível, na escala limitada do projeto piloto, visto que não há qualquer dificuldade em se ver como as coisas se passam nos meios em que a comunicação internacional se faz pelo inglês, naqueles em que ela se faz pela interpretação e pela tradução, e naqueles em que ela se faz pelo esperanto. A questão se põe: como se dá que depois de um século que a língua de Zamenhof existe não se tenha encontrado um único autor para invalidar o testemunho de seus usuários?

Muitas vezes, parece-me, quando alguém conta com entusiasmo uma vivência que experimentou como magnífica, ele é escutado com benevolência. Aceita-se partilhar de seu deslumbramento. Por vezes, arvora-se um sorrisinho, se o contador for bom de papo, mas é o sorriso indulgente de quem se deixa comover. O esperantófono raramente passa por essa experiência. Seu testemunho não é ouvido. Mal ele pronuncia a palavra esperanto e já recebe na cara objeções, afirmações mordazes que negam sua vivência. O interlocutor não escuta aquilo que ele diz. Ele sabe mais, de antemão. O esperantófono sente-se assim negado em sua identidade. Se ele se magoa com isso, é criticado por sua suscetibilidade. Assim, mesmo numa reação afetiva normal, ele é considerado como estando errado. Ele se sente um pouco como a vítima de um erro judiciário, pois a condenação nunca está amparada numa investigação, nem num estudo do caso.

Quando Marco Polo retornou a seu país, puseram-no na prisão. Os esperantófonos detidos nos campos hitleristas ou stalinistas⁸⁸ tiveram uma sorte parecida. Com toda certeza, não é admissível para as sociedades fechadas ouvir falar maravilhas que não se enquadram nas teorias em vigor.

Nas sociedades não-ditatoriais, as coisas não vão assim tão longe, graças a Deus! Mas por que é que se recusam tão frequentemente a pura e simplesmente escutar os depoimentos? Por que se trata como mentiroso aquele que tenta explicar, antes mesmo de dar uma olhadela nos elementos de prova que ele fornece?

Olhar de frente quer também dizer: verificar. Tudo aquilo que figura neste livro é susceptível de verificação. Que se verifique então, nas altas esferas se possível.

Mas estejamos prevenidos. Não aceitemos investigações tendenciosas ou pesquisas parciais. Numa neurose individual, a resistência usa todos os recursos. Não há nenhuma razão para que Babel, neurose social, tenha mais escrúpulos. Exijamos então que toda argumentação seja amparada na observação de fatos circunstanciados e reprodutíveis. Não seria nada mal se, por uma vez, se aplicassem ao setor da comunicação linguística os critérios que se utilizam em toda pesquisa científica.

Uma pequena mudança nos programas escolares

Uma vez realizadas as verificações necessárias, se elas confirmarem a conclusão à qual chegamos em nosso trabalho de consultores – a saber: o esperanto é, de muito longe, o

⁸⁸Ver o estudo já citado do historiador alemão Ulrich Lins, *Die Gefährliche Sprache* (A Língua Perigosa), Gerlingen: Bleicher, 1988, assim como: Alexander Soljenitsin, *Arhipelag Gulag* (Paris: YMCA-Press, 1973, tomo I), p. 70.

melhor sistema de comunicação já experimentado em nosso planeta – valeria a pena retomar a proposta feita na página 44 do relatório da Sociedade das Nações: organizar o ensino dessa língua nas escolas.

As crianças perderiam alguma coisa com isso? Não, por uma razão bem simples, mas geralmente desconhecida: **o esperanto é a melhor propedêutica que há no estudo de línguas estrangeiras**. Mas antes de analisar essa particularidade mais de perto, vejamos por que o esperanto desarranjaria pouco o ensino tal qual ele é organizado hoje em dia.

A exemplo da língua mais falada no mundo, o chinês, o esperanto se apresenta essencialmente como um código. Poderíamos quase dizer que ele é uma língua sem gramática, que se limita inteiramente ao vocabulário. Compõe-se de monemas sempre invariáveis. O contraste é grande com as línguas ocidentais. Para poder dizer “*j’aime*” (eu amo), um estrangeiro deve aprender que em francês os verbos se repartem em quatro grupos, que *aimer* pertence ao primeiro grupo, que no presente do indicativo os verbos em *-er* se conjugam de tais e tais maneiras, que o pronome *je* torna-se *j’* diante de uma vogal, em suma, ele deve pôr na cabeça toda uma série de noções gramaticais, aprender de cor um modelo de conjugação, e fazer convergir esse conjunto de conhecimentos até a única resposta correta. (Que essa assimilação de regras de gramática seja consciente ou não – ela não o é na criança pequena, ou, no estrangeiro, em certos casos de imersão total – nada muda: ela deve ser feita para que se possa exprimir corretamente, e isso toma tempo).

Em esperanto, basta ter aprendido três “monemas”: *mi*, que designa a pessoa que se exprime, e assim “eu”, “me”; *am* a raiz que corresponde ao conceito de amor; e *as*, que indica que esse conceito é utilizado como verbo e considerado na realidade do tempo atual, isto é, na terminologia ocidental, no presente do indicativo. Os três postos juntos dão *mi amas*, “eu amo”. Se queremos dizer “amor”, retomamos a mesma raiz *am* e lhe juntamos o monema *o*, que indica que a noção toma um valor de substantivo: “amor” se diz *amo*. Da mesma forma, *amema*, “quem tem a tendência a amar”, “quem ama facilmente”, “cuja primeira reação é com frequência amar” não é nem uma palavra nova que é preciso aprender para juntar ao seu vocabulário, nem o resultado de uma regra de gramática do tipo “para indicar a tendência, emprega-se o sufixo *ema*”. Trata-se simplesmente de associar uns aos outros os diversos elementos do código: *a* no fim da palavra indica a função adjetiva; *em* é uma raiz que quer dizer “que tem a tendência a” (o sentido é mais vasto, como de resto aquele de *-a* acima, mas não há equivalente em francês exato); *am* indica que se trata de amor. Em lugar de *amema*, pode-se, aliás, dizer *ema ami*, “inclinado a amar”, o que mostra bem que *ema* é um elemento de vocabulário, não de gramática. É claro, é preciso habituar-se a formular seu pensamento seguindo princípios estranhos aos costumes linguísticos ocidentais, mas a experiência prova que se chega a isso bem rápido. As crianças e adolescentes, em particular, assimilam o caminho a seguir num piscar de olhos.

Uma experiência pedagógica foi feita com crianças de 11 anos nos confins da Eslovênia e da Áustria. Alunos de duas localidades fronteiriças, geograficamente próximas, mas culturalmente distantes, Deutschlandsberg na Áustria e Radlje ob Dravi na Eslovênia, seguiram um curso coordenado de esperanto dado do lado esloveno pelo Sr. Zlatko Tišljár, do Instituto da Cultura de Maribor (Eslovênia), e pelo Sr. Siegfried Robia do lado austríaco.

“A experiência demonstrou que no fim de 24 horas de ensino as crianças de duas culturas diferentes podiam conversar sobre os assuntos da vida cotidiana”.⁸⁹

Para dizer a verdade, o rendimento do sistema de estruturação do esperanto é tão maravilhoso que já se pode exprimir uma enorme quantidade de coisas por meio de algumas centenas de monemas. A revista para jovens *Kontakto* publica em cada número textos indicados por uma menção que especifica o nível de dificuldade. O nível 1 corresponde aos artigos ou notícias que não utilizam mais de 520 elementos. Ora, aquele que lê esses artigos de nível 1 fica espantado ao constatar a variedade dos assuntos, a qualidade do estilo, a expressividade dos textos. Podem-se realmente exprimir ideias muito diversas com esses 520 monemas que constituem a base do esperanto.

Façamos um pequeno cálculo. Um ano escolar de 38 semanas de cinco dias dá no total 190 dias. Para que os alunos adquiram aquela base, basta ensinar-lhes sejam três, sejam dois monemas por dia de aula. O que é que representa aprender duas ou três novas “palavras” por dia para crianças ou adolescentes, cuja lógica é geralmente implacável e a memória excelente? Em dois minutos, o professor as escreveu no quadro e explicou o significado delas. Mais oito minutos para formar algumas frases nas quais se reinserem os elementos anteriormente aprendidos, para aprender as estruturas e exercitar o que se aprendeu e pronto. Em dez minutos por dia durante 38 semanas, nós podemos mudar a face do mundo por muitas gerações! De fato, esse ensino poderia ser integrado no curso de língua materna, a título de referência linguística, como veremos em breve.

Para situar essas considerações no seu justo lugar, é preciso lembrar-se do que foi dito a respeito do curso de mecânica dado para jovens iranianos: uma vez que se está numa dada situação, o vocabulário do esperanto se torna uma bola de neve. É isso que justifica limitar o ensino às bases precitadas. Além disso, existem romances e coletâneas de novelas que, partindo desse vocabulário elementar, ampliam de forma imperceptível o léxico. Se, em uma passagem de 100 palavras, o leitor compreende imediatamente 98 delas, o contexto o leva de tal forma que ele adivinha o significado das duas palavras encontradas pela primeira vez. Basta revê-las por repetidas vezes nas páginas seguintes para que elas se inscrevam definitivamente na memória. Os livros em questão são expressamente concebidos segundo esse sistema. O aluno é levado pelo suspense da narrativa, ele quer saber como ela termina e o contexto dispensa quase totalmente a consulta ao dicionário. Quando chega ao final do livro, ele adquiriu, sem esforço, 500 novos monemas. Seu vocabulário, nesse momento, equivale a cerca de 8000 palavras da língua materna: o léxico de um tradutor eletrônico de bolso. (A título de comparação, o apogeu cultural do latim apresentou-se em uma época em que o vocabulário era ainda muito limitado: cerca de 2500 palavras do tempo de Cícero). Bastaria que as escolas recomendassem a leitura de tais livros aos alunos para que eles chegassem rapidamente a um conhecimento perfeito do esperanto atual. Quando se pensa na singeleza do esforço exigido e nas consequências enormes que ele traria para o conjunto do mundo, e em particular para o desenvolvimento dos países não-industrializados, fica-se boquiaberto diante da indiferença dos ministérios e dos dirigentes ou formadores de opinião que se empertigam nas altas esferas de nossas sociedades.

⁸⁹“24 Stunden Esperanto für 11 jährige Schüler aus der Steirmark und Slowenien”, Weststeirische Rundschau, 27 de março de 1993, p. 16.

Alguns dirão que essa proposta só é válida para os países nos quais as crianças já conhecem o alfabeto latino. Mas isso representa uma enorme parte do mundo: toda a América, toda a África subsaariana exceto a Etiópia, toda a Oceania, uma considerável parte da Ásia: Turquia, Indonésia, Malásia, Vietnã, Filipinas, China (desde há quarenta anos, o ensino da escrita na China começa pelo alfabeto latino, só se passa aos caracteres chineses quando nosso alfabeto está aprendido, razão pela qual nos livros infantis chineses encontra-se com frequência uma palavra em caracteres latinos no meio de um texto ideográfico), a Europa (exceto a Grécia, a Sérvia, a Bulgária, a Rússia, a Belarus e a Ucrânia). No Japão, a quase totalidade da população começa a aprender o alfabeto latino em torno da idade de dez, onze anos, com os primeiros cursos de inglês. Os resultados do ensino dessa língua são deploráveis, exceto, justamente, no plano da escrita. Seria totalmente razoável, no Japão, fazer um ano de esperanto antes de passar ao inglês. De fato, a questão da escrita só se coloca nos países árabes, no Irã, no Afeganistão, no subcontinente indiano, na Tailândia, em uma parte da antiga Indochina e os países da ex-União Soviética. Nesses países, os dez minutos propostos serão insuficientes, visto que os alunos deverão aprender um outro alfabeto que não aquele da língua materna deles. Mas a igualdade absoluta é pura e simplesmente impossível. O esperanto não é uma solução perfeita, ele é simplesmente a “menos ruim” daquelas que se apresentam em um mundo no qual cada povo fala uma língua muito difícil de adquirir pelos outros.

Talvez o leitor tenha percebido uma contradição entre os dados apresentados aqui e aqueles do Capítulo 7. Dez minutos durante 190 dias dão cerca de 32 horas. Ora, o número citado no fim das pesquisas feitas na Universidade de Paderborn sobre o tempo necessário em média para aprender era de 160 horas no caso do esperanto, ou seja, cinco vezes mais!

Essa discrepância se deve simplesmente à diferença dos níveis visados. As 160 horas levam praticamente ao índice 100 do qual nós falamos no começo. Mas seria provavelmente excessivo querer atingi-lo no estágio atual. Em vez de rearranjar todo o sistema de ensino, poderíamos nos contentar com o básico, que, no caso do esperanto, já permitiria exprimir uma quantidade fantástica de ideias e de sentimentos. As 190 vezes dez minutos aqui consideradas não bastam para conhecer o nome de todos os vegetais, de todos os animais ou de todas as frutas, nem da terminologia técnica, política e econômica da qual necessita um adulto culto. Mas, em razão da natureza da língua, a bola de neve é tão fácil de se pôr a rolar que muitos alunos desenvolveriam seus conhecimentos seja por meio de cursos facultativos, seja pela leitura pessoal, seja pela participação em clubes de esperanto, seja pela prática, se o uso da língua se expandir em consequência desse ensino coordenado.

O melhor trampolim para o estudo das línguas

Dito isso, retornemos à função propedêutica do esperanto. O que é que isso quer dizer na prática? Que um ano escolar de esperanto antes do estudo de uma outra língua faz ganhar no mínimo um ano a esta. A experiência foi suficientemente feita no Reino Unido, na Finlândia, na Alemanha e em outros países para que não reste mais dúvida. Os alunos que fazem um ano de esperanto e cinco anos de inglês são tão bons ou melhores em inglês que aqueles que fizeram seis anos de inglês. Eu digo “inglês”, mas poderia dizer “alemão”, “latim” ou “russo”. O relatório do grupo de trabalho criado pelo Ministério Finlandês da Educação para estudar o valor pedagógico do esperanto o confirma claramente:

“Os resultados de experiências pedagógicas mostram, entre outras coisas, que um curso de esperanto organizado dentro de uma ótica propedêutica melhora consideravelmente o sucesso dos alunos no estudo das línguas estrangeiras”.⁹⁰

Eu sou pessoalmente um exemplo vivo dessa realidade. O esperanto foi minha primeira língua estrangeira. Ele me deu o gosto pelas línguas, representou para mim um tipo de curso de linguística geral concreta, me descondicionou dos hábitos arbitrários de minha língua materna sem que eu tivesse que me recondicionar de imediato segundo os hábitos arbitrários de um povo estrangeiro. Em outras palavras, ele me deu um avanço em relação a meus colegas que nunca mais perdi.

O esperanto motiva a aprender as línguas estrangeiras porque ele põe em contato com o mundo exterior. Por que eu obtive um diploma de chinês? Porque aos quinze anos eu correspondi em esperanto com um adolescente chinês que me iniciou em sua cultura e me deu vontade de aprender sua língua. Eu encontrei um dia em Primošten, na Iugoslávia, um jovem pedreiro parisiense que falava croata. Surpreso, perguntei-lhe se ele era de origem iugoslava. “Não, de jeito nenhum”, respondeu-me, “eu sou 100% francês. Eu tinha aprendido esperanto e vim para cá quando os estudantes de Zagreb organizaram um acampamento de esperanto. Gostei do país, gostei da gente, e retornei a esse acampamento vários anos em seguida. Um dia eu me senti tão próximo desse povo que senti a necessidade de aprender sua língua”. Sob uma forma muito diferente essa é uma experiência comparável àquela que eu tive com o chinês.

Os incontáveis detratores do esperanto que o acusam de desviar os jovens das vantagens culturais inerentes ao estudo das línguas estrangeiras fariam bem em estudar a realidade antes de se lançarem às afirmações peremptórias. Esses são uns orgulhosos: eles acreditam que sua lógica é superior à simples observação do real. De fato, o conhecimento das línguas é mais vasto e mais profundo em uma amostra de pessoas que, por causa dos acasos da vida, aprenderam esperanto na infância do que numa amostra aleatória de população. A descoberta do esperanto representa uma abertura para o mundo que com frequência se traduz concretamente pela vontade de aprender essa ou aquela língua.

Independentemente das experiências às quais eu fiz alusão acima, todo pedagogo compreenderá, ao ver como a língua de Zamenhof é estruturada, seu papel facilitador para a assimilação dos outros idiomas. O esperanto aplanar admiravelmente o terreno. Ele é como a ginástica que se faz antes de uma temporada de esqui, como os exercícios de escala antes de um concerto. Ele prepara, abrandar, reforça.

Eis aqui um exemplo. Existem quatro a seis formas de traduzir, na maior parte das línguas, a frase “*vous l’aimez plus que moi*” (você a ama mais que eu), se só se leva em conta o aspecto gramatical da frase (com o aspecto semântico – a distinção entre “*aimer d’amour*”, inglês *to love*, e “*aimer par goût*”, inglês *to like* – seria preciso dobrar o número de possibilidades). O aluno de esperanto terá sido obrigado a distinguir as seis fórmulas, como segue:

⁹⁰Opetusministeriöm Työryhmien Muistioita, Opetusministeriöm Esperantotyöryhmän Muistio, Helsinque: Ministério da Educação, 1984, p. 28. Ver igualmente Helmar Frank, “*Die Wesensmerkmale des Paderborner Modell für den Sprachorientierungsunterricht*” in T. Carlevaro e G. Lobin, red., Einführung in die Interlinguistik (Alsbach: Leuchtturm-Verlag, 1979).

- 1) você ama mais esse homem do que você me ama: *vi amas lin pli ol min*;
- 2) você ama mais esse homem do que eu o amo: *vi amas lin pli ol mi*;
- 3) você ama mais essa mulher do que você me ama: *vi amas sin pli ol min*;
- 4) você ama mais essa mulher do que eu a amo: *vi amas sin pli ol mi*;
- 5) você ama mais esse animal ou essa coisa do que você me ama: *vi amas ĝin pli ol min*;
- 6) você ama mais esse animal ou essa coisa do que eu o/a amo: *vi amas ĝin pli ol mi*;

Em esperanto, o sistema é simples e regular: o sujeito do amor é designado por um pronome terminando em *-i*, o objeto do amor por um pronome terminando em *-in*. Além do mais, ele é uma língua na qual não há gênero, mas na qual o pronome varia na terceira pessoa conforme se trate de um homem, de uma mulher ou de uma coisa. (Para simplificar, eu classifiquei os animais com as coisas; de fato, pode-se lhes atribuir o pronome masculino ou feminino se queremos indicar que damos importância a seu sexo). Essa ausência de gênero se encontra em inglês, mas na língua de Shakespeare o aluno tem uma tarefa mais complicada, visto que ele tem que aprender variações irregulares, por exemplo *I* → *me*, *she* → *her*. O esperanto torna a precisão gramatical transparente, mas não obriga nada além daquilo que é necessário à clareza. Ele é baseado no princípio do “necessário e suficiente”.

De fato, a aprendizagem de uma língua nova compreende um aspecto intelectual, um aspecto motor e um aspecto afetivo.

No plano intelectual, duas operações são sempre indispensáveis, descondicionar-se e recondicionar-se: desembaraçar-se dos reflexos da língua materna, e adquirir aqueles que caracterizam a expressão na língua estrangeira.

No plano motor, a mesma coisa: os movimentos da língua, dos lábios, do velo do palato e outros órgãos fonadores variam de uma língua para outra. É preciso então se desfazer dos hábitos motores ancorados no sistema nervoso desde a primeira infância para aprender um estilo de movimentos até ali desconhecidos.

No plano afetivo, uma atitude positiva revela-se indispensável: sentir-se bem nessas operações delicadas de recondicionamento, experimentar um sentimento de segurança, não se sentir inferior ou ridículo, assumir um novo personagem e ao mesmo tempo permanecer você mesmo.

O ensino atual não leva suficientemente em conta essas realidades psicológicas.

Intelectualmente, faz-se passar o aluno diretamente de um sistema complexo, rígido e arbitrário a outro sistema igualmente complexo, rígido e arbitrário, sem nada fazer para facilitar de maneira concreta a articulação entre os dois sistemas. A mesma observação vale para o plano motor.

Afetivamente, as primeiras aprendizagens linguísticas se fazem com frequência em um ambiente tal que o interessado aprende para o resto de sua vida a se submeter a um novo idioma. A lembrança do estudo de uma língua é a lembrança de uma multidão de restrições que não têm nenhuma razão de ser do ponto de vista da comunicação, de sorte que os progressos eram lentos e a experiência do fracasso era frequente.

A passagem pelo esperanto remedia esses inconvenientes. O descondicionamento intelectual faz-se suavemente, pois o aluno pode quase sempre seguir as estruturas de sua língua materna. Para fazer a expressão “eu lhe agradeço”, o francófono começará por dizer *mi lin dankas*, o anglófono *mi dankas lin*, o germanófono *mi dankas al li*: cada um traduz

literalmente a fórmula à qual ele está habituado. Todas essas expressões são corretas e usuais em esperanto. O aluno descobre assim progressivamente que a formulação do pensamento pode seguir outros caminhos além daqueles da língua materna: ele se distancia desta sem passar pela experiência pedagogicamente desfavorável do erro.

O mesmo se dá no plano da fonética. A acentuação tônica regular (sempre na penúltima sílaba) não corresponde necessariamente aos seus hábitos, mas ele tem o direito de pronunciar o *r* seguindo o modelo francês, inglês ou italiano e há uma grande latitude quanto à realização dos fonemas vocálicos, em número de cinco somente. Ele se exercita então em uma outra forma de pronunciar, mas em condições nas quais as restrições são pouco numerosas e não correm o risco de desencorajar. Além disso, há algo de muito tranquilizador em saber que, nessa língua, todo falante tem um sotaque estrangeiro.

A coerência total da gramática e do léxico e, logo, a ausência de caprichos arbitrários têm três importantes repercussões afetivas. Primeiramente, o aluno progride depressa: ele atinge rapidamente um bom nível de expressão, o que lhe dá segurança; e ele sente uma grande satisfação em ter sem demora acesso a textos variados e interessantes, que provêm do mundo inteiro. Em seguida, ele tem o sentimento de ser respeitado: a língua é feita para a expressão natural do pensamento e do sentimento; ela não é um conjunto de caminhos predefinidos fora dos quais a gente não tem o direito de vagar. Há o sentimento de que, por uma vez, a língua é feita para o homem e não o homem para a língua: ela é adaptada às necessidades, não é ele que tem de se dobrar a regras desprovidas de sentido compreensível. Enfim, o direito de inventar palavras combinando livremente os monemas aprendidos estimula a criatividade da linguagem em um sentido muitas vezes humorístico; essa experiência é frequentemente vivida como uma libertação, como a realização de um desejo profundo que não encontra facilmente vazão em outros lugares.

Assim, o estudante para quem o esperanto é a primeira língua estrangeira encontra o mundo das línguas como um aprendizado rico em satisfações afetivas, estéticas e intelectuais. Ele descobre concretamente que uma mesma ideia pode exprimir-se por meios linguísticos muito diversos, e isso sem ter constantemente a experiência desencorajadora do erro. Ele adquire um meio de analisar as relações semânticas entre noções aparentadas e as relações gramaticais entre os elementos de um enunciado. Ele aprende a relativizar os conceitos de sua língua materna. Ele exercita seus órgãos fonadores em uma pronúncia diferente, mas sem, por conta disso, ter que imitar um modelo totalmente estrangeiro. A aprendizagem das outras línguas se limitará para ele à adoção de novos códigos: a fase “descondicionamento em relação à língua materna” terá sido feita em condições ótimas. Ele sabe, é certo, que as outras línguas exigem esforços mais intensos, mas essa primeira aprendizagem bem-sucedida lhe dá confiança. Ele entra na competição com o sentimento de estar bem treinado. Sua ginástica linguística lhe deu força e flexibilidade. Ele sente isso. E isso muda tudo.

Uma ajuda preciosa para o estudo da língua materna

Como se vê, a introdução do esperanto nos programas escolares, se seu ensino for feito durante o quarto ou o quinto anos do primeiro grau (nos quais ele poderia estar integrado no curso de língua materna), em nada faria perder aos alunos, em última análise. Em contrapartida, ele lhes terá feito ganhar alguma coisa: uma língua que lhes assegurará contatos com o mundo inteiro. Se esse ensino for coordenado entre vários Estados – pensa-se naturalmente naqueles da União Europeia, para começar – ele daria a toda uma jovem

geração um meio cômodo de se comunicar por sobre as barreiras linguísticas, sem prejuízo das grandes vantagens culturais que há, para cada aluno, em aprender em seguida essa ou aquela língua nacional correspondendo a seus gostos. O enorme desequilíbrio atual, com 90% dos alunos “escolhendo” o inglês, se corrigiria rapidamente para o grande bem do conhecimento mútuo das culturas.

A ideia, lançada acima, de integrar o ensino do esperanto naquele da língua materna pede algumas palavras de explicação. Sendo um curso de esperanto um tipo de curso de linguística concreta, ele assegura um distanciamento em relação à língua materna que é dos mais salutar para bem compreender esta. Mas, sobretudo, ele fornece mil ocasiões de exercitar a classe em exprimir-se. Em francês, *les feux rougeoient* (os semáforos ‘vermelham’) e *les prairies verdoient* (as pradarias verdejam), mas as outras cores não têm direito a um verbo. Pedir à classe para traduzir *la maro blues*, literalmente “o mar azula”, é estimular a exploração das fontes do francês na busca da expressão mais adequada. A experiência prova de fato que as crianças compreendem muito facilmente essas expressões. O sentimento de desafio que suscita a inexistência da palavra correspondente na língua materna incita a encontrar a circunlocução mais exata e estilisticamente mais bela. Na maior parte das línguas, a versão é um exercício da língua que se aprende. A versão esperanto-língua materna é diferente. Como, na maioria das vezes, não há qualquer dificuldade em compreender, esse é de fato um exercício da língua materna.

Parece então inteligente, uma vez conhecida e comprovada a verdade, introduzir o esperanto no sistema de ensino, antes do começo da aprendizagem das outras línguas. Na prática, o que é que isso implica? Antes de tudo, formar professores.

Poderia haver nestes uma certa reticência no começo, sobretudo se a proposta é reciclar professores de língua. Mas eles não tardarão a se dar conta de que é muito mais agradável ensinar esperanto do que qualquer outra língua, viva ou morta. Sente-se mais prazer em ensinar regras regulares do que em ter que constantemente chamar a atenção da classe sobre as exceções. Em seguida, as crianças em geral gostam de aprender o esperanto, e é mais simpático dar aos alunos algo de que eles gostam do que forçá-los a repisar complicações que, para eles, não têm sentido.

Não se trata aqui de considerações teóricas, mas de fatos verificáveis. Nunca se parou de ensinar esperanto a crianças, desde 1916, em um ou outro país, a título oficial ou a título privado. Pode-se então ter em relação a esse assunto, como área de ensino, um julgamento independente das circunstâncias de tempo e de lugar. A unanimidade das conclusões tiradas dessas experiências não é nada menos do que impressionante: esse ensino agrada. Por quê? Por inúmeras razões.

Antes de tudo, há um grande prazer em formar por si mesmo palavras expressivas, divertidas ou originais, e as crianças não perdem a oportunidade. Eu me recordo daquele aluno que, para designar a espécie de pódio sobre o qual se movimentava um policial controlando o tráfego, havia generalizado o sufixo *-ingo* de *kandelingo*, “candelabro”, *plumingo*, “porta-pena”, *cigaringo*, “charuteira” para formar a palavra *gendarmingo* (*gendarmo* = policial).

Em seguida, o sistema da assimilação generalizadora é um modo fundamental de funcionamento de nosso sistema nervoso. Uma vez que podemos utilizá-lo, sentimo-nos naturais, à vontade, enquanto que a cada alteração à força que nele é feita se desencadeia uma frustração. O fato de que se reduz o risco de erro não tem como desagradar aos alunos.

Por fim, os progressos são rápidos. Em torno de onze ou doze anos, muitas crianças gostam dos códigos secretos, das línguas misteriosas, das formas de falar diferentes. O esperanto lhes satisfaz plenamente a esse respeito porque elas progridem muito depressa, e chegam então rapidamente a utilizá-lo entre si. Além disso, a rapidez dos progressos permite utilizar em classe, após algumas semanas somente, livros ou brochuras editadas em países longínquos. Esse contato direto com o vasto mundo entusiasma muitos alunos.

O prazer das crianças repercute-se no ensino. Os dois depoimentos seguintes são ainda mais interessantes por partirem de professores que tiveram fortes reticências em ensinar o esperanto a seus alunos. Trata-se de um ensino experimental dado em uma escola primária de Waianae (Havaí). Sendo a população muito misturada, havaiana da cepa, norte-americana, japonesa, chinesa, polinésia, filipina, o papel do professor não é particularmente fácil naquela região. O Sr. Lent comenta como segue a reação de seus alunos:

“Foi para mim um verdadeiro choque ver meus alunos profundamente interessados por esse ensino. Como muitos colegas, eu me dizia: “Eles nem sabem ler ou escrever o inglês, qual é o sentido de ensinar-lhes o esperanto?” O primeiro dia, e cada dia subsequente, se revelaram extremamente satisfatórios para os alunos e para mim mesmo e eu não tardei a perder minhas hesitações em prosseguir o programa até o fim. O fato de que essa disciplina sai do corriqueiro representou um atrativo incontestável para todos. Eles manifestaram o tipo de interesse que eu jamais vi anteriormente a não ser quando se aplicavam em resolver um enigma cativante (*when they were engaged in solving a fascinating puzzle*).

Quanto a seu colega, Sr. Azevedo, ele diz:

“Eu devo dizer com toda franqueza que não foi sem reticência que eu acolhi a ideia de ensinar esperanto em minha classe. Essa disciplina parecia totalmente inútil para crianças que tinham já necessidade de todo o tempo disponível para aprender bem o inglês. Nós fizemos a experiência e eu devo confessar que os resultados foram surpreendentes (...). Mesmo se esse esperanto não conseguir jamais se tornar uma língua mundial, ele ensinou a meus alunos várias coisas importantes (...). O esperanto os ajudou muito a compreender as estruturas de frase de nossa própria língua, ele os ajudou a sentir a diferença entre substantivo e verbo, entre sujeito e objeto. Contribuiu também para aumentar o vocabulário inglês deles; de fato, para alguns dos alunos mais atrasados, ele lhes enriqueceu o vocabulário numa notável medida.”

Duas formas de inteligência

Além disso, o esperanto representa uma disciplina única no sentido de que faz trabalhar tanto a inteligência convergente quanto a inteligência divergente. Esses conceitos, que eu tomo emprestados do Prof. Massarenti⁹¹, merecem algumas palavras de explicação.

⁹¹Leonardo Massarenti, *Créativité et pédagogie de la troisième dimension* (Genebra: Université, Faculté de Psychologie et des Sciences de l'éducation, 1980), pp. 10-14.

Nós nos servimos da inteligência divergente quando, a partir de uma questão, nosso pensamento tenta achar um grande número de respostas entre as quais nós poderemos escolher: o pensamento expande-se como um fogo de artifício que explode em leque a partir do ponto único em que o foguete foi lançado. Nós recorremos a essa forma de pensamento, por exemplo, quando escrevemos uma carta, quando decidimos aquilo que vamos comer na próxima refeição ou quando refletimos sobre as diversas possíveis estratégias de marketing. Todo tipo de solução pode apresentar-se e seria absurdo que só uma fosse a correta.

Nós utilizamos nossa inteligência convergente quando refletimos, partindo de uma série de dados, convergindo em direção à única solução correta do problema que nos é submetido. Um exemplo típico dessa forma de pensamento é o problema matemático clássico, que só autoriza uma única solução, à qual se chega por dedução, tratando corretamente as informações fornecidas no início. Uma questão como: “A que hora o trem Paris-Bordeaux cruzará o Bordeaux-Paris levando-se em conta os seguintes dados:” só admite uma solução correta. Ela solicita então a inteligência convergente. Em contrapartida, a questão: “Será que eu devo pôr papel de parede em meu quarto ou repintá-lo?” Se eu puser papel de parede, em qual estilo? Se eu repintar, que tinta escolher?” pode receber milhares de respostas igualmente válidas. Ela mobiliza a inteligência divergente. Diga-se de passagem, a escola, em sua concepção atual, tende a favorecer largamente o processo convergente, enquanto que, na vida quotidiana, a outra forma de inteligência é igualmente necessária.

Em esperanto, utilizamos o pensamento divergente quando nos treinamos em exprimir a mesma ideia por meio das fórmulas as mais diversas. Um dia, por ocasião de um curso dado durante as férias de verão, meus alunos acharam um conjunto de 70 maneiras de exprimir em esperanto a ideia “eu o acho bobo”. Talvez essa frase seja particularmente estimulante porque, conscientemente ou não, eles a aplicavam ao seu professor. Mas o que quer que seja, eles haviam para isso recorrido ao pensamento divergente, ou, se você preferir, à criatividade deles. A inteligência divergente se exercita muito mais em esperanto do que nas outras línguas, porque a combinatória é nele ilimitada. Para dizer que um objeto “queima”, pode-se dizer *brulas*, mas também *fajras* ou *flamas*, que representam o emprego verbal dos conceitos “fogo” e “flama”, respectivamente; a terminação *-as* basta para fazer do conceito um verbo no presente do indicativo. Para dizer “eu irei ao hotel de táxi”, pode-se certamente traduzir literalmente e dizer *mi iros al la hotelo per taksio* (ou *en taksio*), mas essa nada mais é do que uma possibilidade dentre um leque de fórmulas, tais como: *mi taksios hotelen*, *mi alhotelos taksie*, *mi pertaksie iros hotelen*, etc.

Quanto à inteligência convergente, ela é frequentemente solicitada quando se aprende o esperanto, visto que se é constantemente levado a exprimir uma ideia *deduzindo* a palavra desejada a partir de elementos previamente aprendidos. É assim que, como vimos no Capítulo 7, a palavra “cura” representa a localização de quatro elementos: “o fato de” (*o*) “tornar” (*ig*) “saudável” (*san*) “de novo” (*re*) → *resanigo*. É graças a essa mesma forma de inteligência que o aluno acha como dizer “nunca”, *neniam*, fazendo convergir seu pensamento na direção do ponto onde a série dos *neni-* (*nenio*, “nada”; *nenie*, “em nenhum lugar”; *neniu* “ninguém”...) cruza a série dos *-am* (*kiam*, “quando”; *ĉiam*, “sempre”; *iam*, “um dia”...). É também ela que conduzirá à formação de um advérbio como *entuziasmige*, “de uma maneira entusiasmante”.

Eixo horizontal, eixo vertical. Hemisfério esquerdo, hemisfério direito

Para formar palavras como aquelas que acabam de ser citadas, o francês não exercita o pensamento convergente, nem o pensamento divergente: ele não utiliza a inteligência, mas a memória e a obediência; a derivação *brillant* → *brillamment* não autoriza uma formação do tipo *enthousiasmant* → *enthousiasmamment*. O termo *autoriza* é aqui um termo adequado: trata-se de fato de uma autorização, em uma língua na qual as decisões são tomadas por uma autoridade, a Academia Francesa, a qual decide se *nénufar* é tão correta quanto *nénuphar*.

Essa concepção da linguagem tinha, na origem, uma função de discriminação social. A Academia debateu um dia a questão de saber se o francês iria manter a ortografia culta ou seguir o modelo do italiano e do espanhol. Lá onde nós sobrecarregamos nossas palavras de *y* e de *h*, nossas irmãs as outras línguas românicas adotaram uma escrita bem mais funcional e – mas aqui é um gosto pessoal – esteticamente mais satisfatória, em minha muito modesta opinião (eu gosto daquilo que é sóbrio). Compare o italiano *fisica*, o espanhol *física* ao francês *physique*, o italiano e o espanhol *ritmo* ao francês *rythme*, filologicamente incorreta (a forma justa seria *rhythme*, cf. inglês *rhythm*). Como resultado do debate consagrado às duas ortografias possíveis, a Academia optou pela ortografia culta “a fim de distinguir as pessoas instruídas da plebe e das simples mulheres”.

Essa função de distinção social sem dúvida perdeu-se de vista e é provável que toda a francofonia continue simplesmente no embalo, sem mais compreender claramente por que a ortografia é o que é. Trata-se de um mecanismo psicológico bem conhecido. Mantemos um comportamento muito tempo depois de termos esquecido como foi que nós chegamos a adotá-lo. Decisões tomadas outrora são ainda aplicadas mesmo quando suas justificativas se tornaram inconscientes, e então talvez também obsoletas. Assim, um povo pode tornar-se democrático em suas concepções, proclamar um ideal de liberdade, de igualdade e de fraternidade, mas ter da linguagem uma visão “antigo regime”, em que a liberdade é nula, a igualdade é substituída por uma corrida de obstáculos e a fraternidade muito negligenciada. A maneira pela qual os francófonos concebem a língua segue um eixo vertical. É uma relação pai-filho, mestre-aluno, academia-povo. Uma visão semelhante sem dúvida teve um grande papel no momento em que a questão do esperanto foi debatida na Sociedade das Nações. De fato, é difícil, para essa mentalidade, imaginar que uma língua possa servir exclusivamente de ponte entre os povos e assim resultar de uma convenção entre iguais contemporâneos. Como todas as pontes, o esperanto se situa num plano horizontal: ele corresponde a uma relação amigo-amigo, irmão-irmão, parceiro-parceiro.

Mas retornemos às nossas duas formas de inteligência. Visto que o pensamento convergente faz trabalhar (nos destros) o hemisfério cerebral esquerdo e o pensamento divergente o hemisfério cerebral direito, o esperanto apresenta a particularidade de estimular a ação coordenada dos dois hemisférios cerebrais. Poucas disciplinas ensinadas na escola antes da adolescência podem fazê-lo numa medida tão extensa.

Uma outra maneira de exprimir a mesma ideia consistiria em dizer que o esperanto integra o polo “rigor” e o polo “liberdade”. Com frequência a relação entre rigor e liberdade é mal compreendida. Muitas pessoas acham que esses dois termos se excluem. De fato, se cada um está em seu lugar, é o rigor que permite a liberdade. Como foi que os homens conseguiram andar na lua? Como adquiriram eles uma tal *liberdade* em relação à restrição da gravidade terrestre? Estudando com *rigor* leis rigorosas a ponto de serem implacáveis: leis físicas, químicas, matemáticas, astronômicas... Tomando consciência dessas leis e de seu

caráter implacável, eles puderam valer-se delas com toda segurança. “Implacável” talvez queira dizer “terrível” naquele sentido de que isso não dá escapatória, mas, por conta disso mesmo, isso quer dizer também “absolutamente confiável”. Se as leis astronômicas fossem fantasiosas, ninguém jamais teria podido passear em nosso satélite.

Cada frase em esperanto é um modelo de boa coordenação entre rigor e liberdade. Por ser o sentido dos elementos da linguagem implacável, não admitindo qualquer exceção, é que somos livres para exprimir nosso pensamento como bem entendermos. Se, para dizer que uma casa “queima”, eu posso dizer não somente *brulas*, mas também *flamas* ou *fajras* (lembre-se que *aj* se pronuncia com o ditongo *ai* de *pai* e de *cai*), é porque o sentido da terminação *-as* é 100% confiável: a liberdade resulta desse rigor absoluto. A partir do momento em que eu junto *-as* a uma raiz, eu utilizo o conceito como um verbo no presente do indicativo. Felizmente, as restrições não necessitam ser numerosas, visto que a validade delas é geral. O rigor é implacável, mas ele o é na dose justa que é necessária para permitir uma imensa liberdade, com toda segurança, e assim estimular a criatividade na expressão.

Como o rigor depende do cérebro esquerdo (em um destro) e a criatividade do cérebro direito, um curso de esperanto é um exercício de bom funcionamento humano indo muito mais longe do que se poderia crer à primeira vista. É sobretudo verdadeiro no caso das crianças. Para os adultos, tudo depende da flexibilidade psicológica deles: para alguns, um tal curso seria uma verdadeira terapia, um treinamento de sua liberdade a respeito de um superego irracional; para outros, o recondicionamento em relação à língua materna poderá ser vivenciado como penoso. Mas nas crianças, o aporte positivo predomina na grande maioria dos casos. Não se trata de ver nisso uma panaceia. Mas se pode afirmar que seu ensino para as crianças de dez a doze anos pode trazer uma contribuição modesta, mas real, à saúde mental das gerações que dele se beneficiarem.

Quando todas essas verdades forem conhecidas, não se terá sem dúvida dificuldade em fazer os professores aceitarem a reciclagem necessária. Acrescentemos que o problema dos manuais será rapidamente resolvido. Os métodos de esperanto não faltam. Os serviços da Educação Nacional não terão nenhuma dificuldade em fazer uma escolha inteligente entre as obras existentes.

Uma declaração de intenção

Mas a ação a empreender não poderia se limitar ao sistema de ensino. Podem-se fazer muitas outras coisas para desbloquear completamente a situação. Por exemplo, trabalhar para obter uma declaração que seria feita pelas instâncias competentes da União Europeia ou da ONU, e segundo a qual ao final de um prazo a determinar (dez anos? quinze anos? vinte anos?) a documentação nas reuniões que respondessem a um certo critério seria distribuída exclusivamente em esperanto, e a interpretação só seria garantida nessa língua. Dito de outra forma, no Parlamento Europeu, cada delegado teria o direito de se exprimir em sua língua, como hoje em dia, mas suas falas só seriam traduzidas em esperanto. Poder-se-ia igualmente ter em vista uma etapa intermediária com bilinguismo inglês/esperanto.

Esse simples sistema já representaria um enorme ganho de eficácia (eliminar a interpretação em cadeia, do tipo tradução em grego da interpretação francesa de um discurso em português) e não importaria grandes problemas às delegações: pessoas desse nível não teriam qualquer dificuldade em adquirir um conhecimento passivo da língua de Zamenhof. É infinitamente mais fácil compreender do que se exprimir, em qualquer língua que seja, e o

esperanto não é exceção. Além disso, é provável que todas as delegações fariam um esforço para incluir um ou dois membros que tivessem um bom domínio ativo do esperanto.

Pode-se estar certo de que uma vez tomada uma decisão nesse sentido, o olhar sobre o esperanto mudaria no conjunto da sociedade. Editores, instituições que organizam cursos de língua, secretárias multilíngues, juristas especializados no direito internacional, toda sorte de pessoas se poria a aprender a língua ou a participar de sua difusão simplesmente para melhorar suas chances de carreira ou de retorno econômico. Sem dúvida se veriam revistas ou jornais apresentarem em cada número uma lição de esperanto, não raro de uma maneira bem-humorada. Rádios e TVs provavelmente fariam a mesma coisa. Esses simples fatos aumentariam rapidamente a população esperantófona, em vista da facilidade de assimilação da língua. Haveria, sem dúvida, uma febre em torno do esperanto como há uma febre em torno da informática.

Automaticamente, o esperanto receberia um impulso fantástico nos países que mais sofrem com os problemas de língua: Japão e China, onde ele já está solidamente implantado, mas não o suficiente para que isso mude a face do mundo. Na África subsaariana, haveria sem dúvida uma tomada de consciência sobre o absurdo que há em obrigar os alunos a aprender o inglês, o francês ou o português para não conseguirem se entender. Uma reestruturação do ensino, dando lugar à língua local, ao esperanto e a uma grande língua africana ou europeia, conforme a situação, que difere enormemente de um país para outro ou entre zonas urbanas e rurais, conseguiria resolver em um lapso de tempo relativamente curto os problemas de comunicação desse continente.

Em suma, pouco a pouco, a má gestão atual seria substituída por um sistema eficaz economicamente, psicologicamente satisfatório e que cause menos risco para a diversidade cultural do mundo que a propagação atual dos valores e da mentalidade anglo-saxônicos.

Utopia?

Excessivamente otimista esse roteiro? Utópico? “Isso não tem nenhuma chance, você toma seus desejos por realidade”, é o que provavelmente me diriam. É possível que eu esteja enganado. Eu exprimo aqui aquilo em que acredito, o que sinto, o que espero. Mas eu acredito menos nos raciocínios *a priori* do que no estudo dos fatos, o que quer dizer, nessa oportunidade, que sei que não sei como as coisas evoluirão. Talvez o homem seja muito mais masoquista do que eu imagino. Talvez a ideia de fazer facilmente, a baixo custo, algo eficaz segundo um processo agradável não tenha nenhuma chance quando a outra solução possível consiste em fazer imensos esforços para chegar a uma solução capenga, ineficaz e terrivelmente custosa, difundindo por toda parte injustiças e frustrações.

As pessoas que classificam o esperanto entre as utopias falam como se conhecessem o futuro. Elas assumem uma posição de profeta. É o direito delas. Mas previram elas a crise do petróleo da década de 70? Não? Contudo todos os dados estavam ali, visíveis para todos. Predisseram a eleição de um papa polonês? Se sim, elas se saíram melhor do que todos os jornalistas especializados nos assuntos do Vaticano, que escreveram pilhas de artigos sobre os papáveis, sem jamais adivinhar quem seria eleito. Disseram elas, no início de novembro de 1989, que o muro de Berlim iria desmoronar, que a Europa Oriental abandonaria o comunismo, que a União Soviética passaria para a economia de mercado e cessaria de existir como entidade política? Falaram elas, por volta de março-abril de 1990, da vindoura guerra do Golfo ou, em julho de 1991, da guerra civil na Bósnia? Se não previram esses

acontecimentos, fariam bem em pensar duas vezes antes de se meterem a predizer aquilo que será ou não possível amanhã.

Há nos fenômenos sociais uma massa crítica que faz reverter de uma tendência a outra. O esperanto apresenta todos os sinais de uma evolução em direção a essa massa crítica. Sua progressão em todas as frentes é tal que é totalmente verossímil que ele se aproxima do limiar em que tudo se reverterá. Se esse é o caso, será divertido ouvir inúmeras pessoas terem como ponto de honra dizer aos usuários do esperanto que elas sempre foram favoráveis à língua de Zamenhof e que nunca entenderam por que tantos tontos gastaram, por tanto tempo, tanta energia para negar a evidência.

Não condenemos aqueles que agirem assim. É pura e simplesmente humano. Um consultor não faz um julgamento sobre as pessoas. Ele não despreza nem rejeita. Ele se limita a recolher fatos, a mostrar encadeamentos lógicos, a verificá-los pela experiência prática e a fazer destacar em que tal opção difere de tal outra. Ele também pode definir o cenário mais provável.

Um consultor do nosso tipo que tivesse estudado os dois sistemas rivais que foram, em uma época, os algarismos romanos e os algarismos arábicos teria sem dúvida preconizado a adoção destes últimos. Tente então multiplicar XC por XLIV ou mesmo, visto que a adição é nitidamente mais simples, fazer a soma IX + MCMXL + D + VIII. Você terá muita dificuldade, por nada mais que o fato de que o lugar dos elementos não corresponde à casa decimal à qual eles pertencem. De fato, só matemáticos seriam capazes de efetuar essas operações. Por demonstrarem uma coerência muito maior e por disporem do zero, os algarismos arábicos são mais democráticos: eles põem as operações fundamentais ao alcance das crianças, dos operários e dos comerciantes pouco escolarizados. Entretanto foram necessários vários séculos, depois de seu aparecimento na Europa, para que tomassem o lugar dos algarismos romanos. A oposição que eles suscitaram foi feroz e foram até mesmo proibidos em alguns países. Mas qualquer que tenha sido a resistência dos poderosos e dos tradicionalistas, eles venceram. Eu creio que um consultor da época teria sido capaz de prevê-lo. Quando um sistema é nitidamente superior a um outro, ele acaba por prevalecer. Há muitos pontos em comum entre esperanto e algarismos arábicos de um lado, e entre o emprego internacional das línguas étnicas e algarismos romanos de outro lado. Sendo totalmente conscientes de nossa ignorância sobre o futuro, podemos então nos basear no que precede para concluir que não é tolice prever que um dia virá em que a comunicação internacional se fará em esperanto.

Mas para isso, serão necessárias decisões, e não cabe ao consultor decidir. A bola está com aqueles que têm o poder. E com a população, que, nos países democráticos, tem sua palavra a dizer. Eis porque eu convido os leitores que têm simpatia pelo que aqui foi dito a fazer conhecer esse livro em seu entorno. Não valeria a pena exigir de nossas autoridades que por uma vez, no domínio das línguas, elas decidissem com conhecimento de causa?

